

ORDEM FRANCISCANA  
SECULAR DO BRASIL

TEMPO  
DE FORMAÇÃO  
PARA A VIDA  
FRANCISCANA  
SECULAR

2ª EDIÇÃO REVISADA



Porto Alegre, 2008

Copyright © 2019 by Ordem Franciscana Secular do Brasil  
Rua Adro de São Francisco, s/n, Saúde,  
Zona Portuária, Rio de Janeiro – RJ  
CEP 20081-290 - Fone: 55 (21) 2240-4565  
E-mail: ofsbr@terra.com.br  
Site: www.ofs.org.br

*Todos os direitos reservados. A reprodução não-autorizada desta publicação,  
por qualquer meio, seja ela total ou parcial, constitui violação da Lei Federal nº 5.988/73.*

***Equipe de Coordenação:***

José Carlos de Andrade, OFS  
Ministro Nacional

Terezinha Alves de Mello, OFS  
Vice Ministra Nacional – Área Centro

Maria Aparecida Crepaldi, OFS  
Coordenadora de Formação

***Design Gráfico (Capa / miolo):***  
José Mesquita

***Produção Gráfica e Impressão:***  
Evangraf - (51) 3336.2466

***Montagem e revisão:***

Maria Aparecida Crepaldi, OFS  
Coordenadora de Formação

Terezinha Alves de Mello, OFS  
Vice Ministra Nacional – Área Centro

Denize Aparecida Marum Gusmão, OFS  
Vice Ministra Nacional

Frei Francisco Ferreira Sobrinho Segundo, OFMConv  
Assistente Nacional

Frei Almir Ribeiro Guimarães, OFM

*Assistente Regional e Membro da Comissão de Formação Permanente*

João Antonio Bruno Netto, OFS

*Membro da Fraternidade Santa Clara de São Paulo/SP*

Sonia Gomes da Silva, OFS

*Membro da Fraternidade Santa Clara de São Paulo/SP*

***Colaboradores:*** Contribuíram para esta edição alguns membros Coordenadores(as) Regionais de Formação; Assistentes Espirituais Nacionais, Regionais e Locais e membros de outras Entidades da Família Franciscana. Deixamos de elencar os nomes, tendo em vista o tempo decorrido e o fato de muitos textos terem sido alterados. Agradecemos imensamente em nome da OFS do Brasil e oferecemos ao Senhor fruto de seus trabalhos, pedindo que os recompense por sua generosidade e espírito de serviço à causa do Reino de Deus.

# Índice

APRESENTAÇÃO.....	5
SIGLAS E ABREVIATURAS.....	7
<b>I TEMAS INTRODUTÓRIOS .....</b>	<b>11</b>
1 Os objetivos do Tempo de Formação .....	12
2 As Regras da Ordem Franciscana Secular e a Vida de Penitência.....	15
3 As Constituições Gerais da OFS.....	23
4 as Fontes Franciscanas e Clarianas .....	28
<b>II TEMAS PRINCIPAIS .....</b>	<b>39</b>
DIMENSÃO HUMANA.....	40
5 A pessoa humana em si mesma .....	41
6 A pessoa humana e suas dimensões.....	53
7 A pessoa humana em busca da maturidade.....	63
8 A pessoa humana e a sociedade .....	72
9 A pessoa humana e o trabalho.....	80
10 A pessoa humana na família.....	87
11 A pessoa humana e a natureza .....	93
DIMENSÃO CRISTÃ E FRANCISCANA.....	101
12 Os sacramentos da iniciação cristã: Batismo, Confirmação e Eucaristia .....	102
13 A história da salvação: parte I .....	115
14 A história da salvação: parte II .....	123
15 A história da salvação: parte III .....	129
16 A história da salvação novo testamento: parte IV .....	136
17 História da salvação: parte V.....	143
18 A história da salvação: parte VI.....	150
19 O caminho de conversão .....	159

20	Cristo: Sacerdote, Profeta e Rei .....	166
21	A vida eclesial .....	172
22	A doutrina social da igreja .....	180
23	Leitura orante da Bíblia .....	187
24	Dimensão trinitária da espiritualidade franciscana .....	192
25	Maria Santíssima .....	200
26	Oração e contemplação .....	209
27	Francisco, o homem eucarístico .....	219
28	A pobreza franciscana secular .....	223
29	Os conselhos evangélicos .....	233
30	O ofício divino e o pai nosso .....	239
31	Mensageiros de paz .....	246
32	A secularidade .....	252
33	A profissão na ordem franciscana secular .....	256
34	Rito da profissão definitiva .....	264

### **III TEMAS COMPLEMENTARES ..... 271**

35	A vida de Santa Clara: Parte I .....	273
36	A vida de Santa Clara: Parte II .....	278
37	A vida de Santa Clara: Parte III .....	282
38	A vida de Santa Clara: Parte IV .....	287
39	O Crucifixo de São Damião .....	292
40	A bênção de São Francisco e a saudação franciscana de paz e bem.....	299
41	Principais festas da Ordem Franciscana Secular .....	304
42	Os sistemas políticos e econômicos .....	314

# Apresentação

**A** formação é como que a alma da Fraternidade. É no âmbito da fraternidade que se gera e se forma cada vocação, porém, cada franciscano secular deve também se interessar e cultivar sua própria vocação. A formação, de fato, é uma ajuda para que cada um possa reencontrar a novidade e a vitalidade da própria vocação, no seguimento de Cristo, ao modo de Francisco e Clara. Este processo formativo, na verdade, se caracteriza como uma caminhada de crescimento humano, cristão e franciscano, no qual, impulsionados pela dinâmica do Evangelho, todos devem conformar o seu modo de ser, pensar e de agir ao de Cristo, mediante uma radical e profunda transformação interior, que o próprio Evangelho designa pelo nome de “conversão”, a qual, devido à fragilidade humana, deve ser realizada todos os dias de nossa vida. O objetivo da formação é a maturação da vocação, a experiência de vida evangélica em fraternidade e o melhor conhecimento da Ordem, daí a importância das reuniões de estudo e de oração, com experiências concretas de serviço e de apostolado. A formação, pois, quer ser uma valiosa ajuda no processo de conversão permanente e contínua de cada franciscano secular. A Fraternidade tem o dever de dedicar especial atenção à formação inicial e permanente, para que cada um possa amadurecer sua própria vocação e enraizar o seu sentido de pertença. Desde o ingresso na Fraternidade se inicia o processo de formação e ele deve durar por toda a vida. Neste processo o Espírito Santo é, sem dúvida, o principal agente de formação. Todavia, existem outros colaboradores de Deus e também responsáveis pela formação: o próprio formando, a Fraternidade como um todo, o Conselho com o seu Ministro, os Mestres de formação e o Assistente Espiritual. Amadurecer continuamente para dar frutos, deve ser, pois, a obrigação de cada franciscano secular que se coloca neste processo de formação. A imagem evangélica da videira e dos ramos mostra-nos um aspecto fundamental da vida e da missão de cada franciscano secular,

neste processo formativo: *a chamada para crescer, amadurecer continuamente, dar cada vez mais fruto*. E a vitalidade dos ramos depende da sua ligação à videira, que é Jesus Cristo (*Christifideles Laici*). E é nesta ligação a Cristo que reside o fundamento do apostolado dos leigos (*Apostolicam Actuositaten*). Toda a espiritualidade franciscana adquirida nas várias etapas do processo de formação se orienta para este apostolado e produção de frutos, no meio do mundo, da família, do trabalho e do lazer. O objetivo da presente obra é justamente servir de valiosa ajuda a todos os leigos seculares neste processo de formação, apresentando temas que os ajudarão a assimilar o carisma franciscano e os incentivarão à leitura e meditação das Sagradas Escrituras, à oração individual e comunitária, ao conhecimento da pessoa e dos escritos de São Francisco e Santa Clara, à espiritualidade franciscana, ao estudo da Regra e das Constituições Gerais. *Na ação formativa, certas convicções tornam-se particularmente necessárias e fecundas. Antes de mais, a convicção de que não se dá formação verdadeira e eficaz se cada qual não assumir e não desenvolver por si mesmo a responsabilidade da formação, pois, esta se configura essencialmente como “autoformação”. A convicção além disso, de que cada um de nós é o termo e, simultaneamente, o princípio da formação: quanto mais somos formados, mais sentimos a exigência de continuar a melhorar a formação; assim como, quanto mais somos formados, mais nos tornamos capazes de formar os outros (Christifideles Laici)*. Que todos os franciscanos seculares, tanto formadores quanto formandos, se empenhem e estudem este livro com amor e profunda dedicação. Que ele alcance o mesmo êxito e objetivo do primeiro volume sobre a Formação para Iniciandos à Vida Franciscana Secular. Um agradecimento muito especial à Equipe de Coordenação, Montagem e Revisão e a todos os que direta ou indiretamente colaboraram para que esta obra se tornasse uma realidade. Por derradeiro, colocamos e confiamos a presente obra nas mãos e sob o amparo da Virgem Maria, Protetora da Ordem Franciscana.

*José Carlos de Andrade, OFS*  
*Ministro Nacional*

# Siglas e Abreviações

## DOCUMENTOS DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR

Regra da OFS .....	Regra da Ordem Franciscana Secular
CCGG .....	Constituições Gerais da OFS
Ritual da OFS .....	Ritual da Ordem Franciscana Secular

## FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS

*Editora Vozes e Família Franciscana – FFB – Petrópolis – 2004*

Test.....	Testamento de São Francisco
Fior .....	I Fioretti
1Cel.....	Tomás de Celano, Vida 1
2Cel.....	Tomás de Celano, Vida II
3Cel.....	Tratado dos Milagres, de Tomás de Celano
EP.....	Espelho da Perfeição
LM .....	Legenda Maior, de São Boaventura
AP .....	Anônimo Perusino
LTC .....	Legenda dos Três Companheiros
RB .....	Regra Bulada
RnB .....	Regra Não Bulada
Ad .....	Admoestações
Ant.....	Carta a Sto. Antônio
2C1 .....	Carta aos Clérigos (2ª Recensão)
Cnt .....	Cântico do Irmão Sol
1Ct .....	Carta aos Custódios (1ª Recensão)
1 Fi .....	Carta aos fiéis ( 1ª Recensão)
2Fi .....	Carta aos fiéis (2ª Recensão)
Ord .....	Carta a toda Ordem

## DOCUMENTOS DA IGREJA

SC.....	Sacrosanctum Concilium
LG .....	Lumem Gentium
EN.....	Evangelii Nuntiandi
Pb.....	Documento de Puebla
CIC.....	Catecismo da Igreja Católica
CDC.....	Código do Direito Canônico





1

# Temas Introdutórios







# 1

## OS OBJETIVOS DO TEMPO DE FORMAÇÃO

### EXPOSIÇÃO

A incorporação na Fraternidade se realiza mediante um período de iniciação, um tempo de formação de, ao menos, um ano e pela Profissão da Regra. Em tal itinerário gradual está empenhada toda a Fraternidade, também no seu modo de viver. Quanto à idade para a Profissão e ao sinal distintivo franciscano, é assunto a ser regulado pelos Estatutos (Regra da OFS, 23).

No Tempo de Formação, o formando obtém os meios para medir em si mesmo, se as informações colhidas no decorrer da formação inicial estão lhe mostrando a validade da vocação franciscana secular. Com duração de dois anos (Estatuto Nacional, artigo 4º § 3º), prorrogável no máximo, por mais um ano (CCGG artigo 41,3), tem como objetivo “a maturação da vocação, a experiência da vida evangélica em Fraternidade, o melhor conhecimento da Ordem” (CCGG 40,1) que devem levar à Profissão da Regra.

“Os candidatos sejam orientados para a leitura e para a meditação das Sagradas Escrituras, para o conhecimento da pessoa e dos escritos de São Francisco e para a espiritualidade franciscana, para o estudo da Regra e das Constituições. Sejam educados no amor à Igreja e na aceitação do seu magistério. Os leigos exercitem-se a viver numa forma evangélica o compromisso temporal no mundo” (CCGG 40,2).

O mestre de formação e toda a Fraternidade devem ajudar a amadurecer sua escolha de vida, que na OFS se confirmará com a Profissão.

A formação neste tempo tende a encaminhar os candidatos e as candidatas para atingir a sua maturidade humana, cristã e franciscana. “Esta formação seja vivida com frequentes reuniões de estudo e de oração e com experiências concretas de serviço e de apostolado” (CCGG 40,1). “A participação nas reuniões da Fraternidade local é um pressuposto irrenunciável para serem iniciados na oração comunitária e na vida de fraternidade” (CCGG 40,3).

É o ser humano que, «na plenitude de sua humanidade» se torna cristão; e deseja viver o seu “humanismo cristão” no espírito de Francisco, abraçando a Regra da OFS.

## 1 OS TEMAS DO TEMPO DE FORMAÇÃO

1.1 Os temas da dimensão humana contribuem para que recebam as orientações sobre a dignidade da pessoa humana e sua vocação, conforme dispõe a Igreja e os documentos da OFS: “Cristo *que do novo Adão, revelando o mistério do Pai e do seu amor, desvenda, também, plenamente o homem ao homem; e o faz perceber sua altíssima vocação*». E, “*Aquele que segue o Cristo, Homem perfeito, se torna ele mesmo mais homem*” (GS 22, 41).

1.2 Os temas das dimensões cristã e franciscana complementam o indispensável conhecimento para trilhar o caminho da vocação franciscana secular.

A dimensão cristã e o substancial enriquecimento da dimensão humana em cada uma de suas expressões: indivíduo, família, trabalho e sociedade. Na dimensão cristã, destaca-se o caminho de conversão:

- ✓ Como “irmãos e irmãs da penitência”, conformem a própria vida ao modo do caminho da conversão (Regra da OFS 7).
- ✓ Cada homem criado por Deus é chamado a ser renascido d’água e do Espírito (Jo 3,5) e tornar-se filho de Deus (Jo 1,12): “Em Cristo uma nova criatura” (2Cor 5,17).
- ✓ É o homem novo criado segundo Deus, na justiça e santidade da verdade (Ef 4,24), que vive de uma vida nova (Rm 5,4).

- ✓ O homem faz a passagem da imagem de Deus, própria de cada homem, à semelhança de filho de Deus em Cristo, própria do cristão. (Ad 5).

Para percorrer o caminho da transformação de si mesmo é necessário:

- ✓ Crescer continuamente na conversão, na escuta da palavra, na celebração da Eucaristia e recorrer ao sacramento da Reconciliação (cf. Regra da OFS 4, 5, 6 e 7)
- ✓ Comprometer-se na atualização e no crescimento espiritual;
- ✓ Estimular-se a uma presença ativa e qualificada na sociedade e na Igreja local (Regra da OFS 5, 10 e 14).

**1.3 Na dimensão franciscana** deve-se notar que o Franciscanismo é uma maneira de viver o cristianismo, não a sua substituição. A vocação franciscana é uma clara, livre e responsável escolha evangélica, para ser vivida e testemunhada na Igreja e no mundo com o sentido forte e alegre dos filhos de Deus, encarnada por São Francisco. Por causa da sua vocação “os irmãos e as irmãs, impulsionados pelo Espírito a atingir a perfeição da caridade no próprio estado secular, são empenhados pela Profissão a viver o Evangelho à maneira de São Francisco e mediante esta Regra confirmada pela Igreja” (Regra da OFS 2). Para vivê-la, é necessário:

- Conhecer os Escritos de São Francisco para viver o carisma;
- Estudar a espiritualidade e a história franciscana para a inserção nas mesmas;
- Estudar a Regra e as Constituições Gerais para dar mais fundamento à vida diária.

Destacamos a responsabilidade do formando neste processo de formação inicial que é a base de sustentação de toda sua futura vida franciscana secular. Por isso deverá estar atento aos objetivos descritos,

bem como aos seus mais profundos anseios para atingir sua maturidade humana, cristã e franciscana. Lembrados de que “os irmãos são responsáveis pela própria formação para desenvolver a vocação recebida do Senhor de modo sempre mais perfeito” (CCGG 37, 3).

São esses os objetivos mencionados pelos Subsídios de Formação do Conselho Internacional da Ordem Franciscana Secular (CIOFS), para cumprir o que determinam as Constituições Gerais em seu artigo 29,1: “As Fraternidades Locais se agrupam em Fraternidades de diversos níveis: regional, nacional, internacional, segundo critérios eclesiais, territoriais ou de outra natureza. Elas são coordenadas e coligadas de acordo com a Regra e as Constituições. Esta é uma exigência da comunhão entre as Fraternidades, da organizada colaboração entre elas e da unidade da OFS”. Para cumprir essas exigências o Conselho Nacional da Ordem Franciscana Secular do Brasil elaborou livros destinados à formação do franciscano secular.

Este livro se destina a todos os (as) formandos (as) e formadores (as), bem como aos nossos (as) Assistentes e irmãos professores e irmãs professoras que cuidam de sua auto formação e que formam juntamente com o Espírito Santo e todo o Conselho da Fraternidade Local, o conjunto dos (as) formadores (as) da Ordem Franciscana Secular.

## REFLEXÃO

1. Partilhem com o grupo este texto e verifiquem se existem outros objetivos a acrescentar.
2. Quais os desafios que exigirão maior esforço, para atingir esses objetivos?

## VIVÊNCIA

Caminhe neste tempo de formação com muita alegria, descobrindo uma nova forma de vida que lhe dará a plena maturidade humana, cristã e franciscana.



## 2

# AS REGRAS DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR E A VIDA DE PENITÊNCIA

## EXPOSIÇÃO

### 1. AS REGRAS DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR

O número três da nossa Regra diz: “A presente Regra, após o “*Memoriale Propositi*” (1221) e após as Regras aprovadas pelos Sumos Pontífices Nicolau IV e Leão XIII, adapta a Ordem Franciscana Secular às exigências e expectativas da santa Igreja nestes tempos de acentuadas mudanças. A sua interpretação compete à Santa Sé e a aplicação será feita pelas Constituições Gerais e por Estatutos particulares.”

Francisco e seus companheiros, com seu impulso de renovação evangélica conferiram ao movimento penitencial uma nova vitalidade. Com este novo vigor a Igreja nos pontificados de Inocêncio III e Honório III, por iniciativa principalmente do Cardeal Hugolino, procura comunicar ao movimento penitencial uma coerência maior e até uma personalidade canônica definida. Surgiu, o “*Memoriale Propositi*”, que orientou todos os penitentes até 1284.

#### 1.1 “*Memoriale Propositi*”

Esta Regra é considerada obra do Cardeal Hugolino e inicia assim: Começa a Regra e a vida dos Irmãos e Irmãs da Penitência. Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Este é o memorial sobre a vida dos Irmãos e Irmãs da Penitência que continuam vivendo em suas próprias casas. Foi iniciado no ano do Senhor de 1221, durante o reinado do senhor Papa Gregário IX, em 20 de maio, na primeira indicação<sup>1</sup>.

Esta primeira regra foi dividida em treze capítulos.

## 1.2 A Regra de Nicolau IV

Esta Regra foi composta por Frei Caro de Florença em 1284, e aprovada em 1289, pelo Papa Nicolau IV com a Bula Supra Montem; nela o Papa reconhecia São Francisco como fundador da Ordem da Penitência e impunha que “todos os visitantes e formadores” deviam ser dos Irmãos Menores; a Ordem da Penitência ficava, pois, sob a direção da Ordem Primeira. Ela começa assim: Nicolau, bispo, servo dos servos de Deus. Aos diletos em Cristo, filhos e filhas, aos Irmãos e Irmãs da Ordem da Penitência, assim como aos futuros, saudação e bênção apostólica, Esta Regra foi dividida em vinte capítulos.

E termina assim: Dada em Rieti, no dia 18 de agosto de 1289, segundo ano de nosso Pontificado.

No século XIV (alguns historiadores dizem que em 1305) a Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência passou a ser chamada de Ordem Terceira de São Francisco ou Ordem Terceira Franciscana.

## 1.3 A Regra de Leão XIII

Leão XIII colocou na Ordem Terceira suas preferências e esperanças para a regeneração da sociedade e com a Constituição Apostólica “Misericors Dei Filius em 03 de maio de 1884.

Esta Regra foi dividida em três capítulos, seguidos de outros três em forma de apêndice, com as indulgências e privilégios dos terceiros. Ela mantém da antiga regra, em forma resumida, o que pode amoldar-se à vida de todo cristão fervoroso, e modifica ou completa aquilo que nela parecia antiquado ou excessivamente rígido.

---

1 Primeira indicação é o primeiro ano de um grupo de quinze anos, este modo de contar o tempo por indicações é muito antigo e significa originariamente uma contagem de anos por grupos de quinze anos fiscais. Ela é mais antiga que a contagem a partir do nascimento de Cristo e se manteve ainda por muito tempo ao lado daquela contagem.

## 1.4 A Regra de Paulo VI

Esta Regra começou a ser elaborada em 1966 com o trabalho feito sob a coordenação do Conselho Internacional e com a colaboração dos irmãos e irmãs das Fraternidades espalhadas nos diversos países e em 24 de junho de 1978 ela foi promulgada por Paulo VI com o Breve Apostólico “Seraphicus Patriarcha” pelo qual a Santa Sé aprova e confirma a Regra da Ordem Franciscana Secular (REGRA DA OFS).

Esta Regra é dividida em prólogo e três capítulos: o Prólogo da Regra renovada da OFS divide-se em duas partes: “Dos que fazem penitência” e “Dos que não fazem penitência”.

A palavra *prólogo* significa que precede, ou próêmio ou ainda prefácio ou palavras introdutórias. Elas introduzem o quê? Os três Capítulos da Regra:

- ✓ Capítulo I – A Ordem Franciscana Secular (OFS), do número 1 ao 3.
- ✓ Capítulo II – A Forma de Vida, do número 4 ao 19.
- ✓ Capítulo III – A vida em Fraternidade, do número 20 ao 26.

É importante notar que o Prólogo faz parte da Regra. Ele é constituído de palavras do próprio São Francisco, pois se trata da Carta aos Fiéis, em sua primeira recensão, a mais breve. Em primeira recensão porque, mais tarde, ela recebeu do próprio São Francisco uma redação mais extensa, provavelmente então já dirigida aos Irmãos e Irmãs da Penitência, que procuravam seguir a vida evangélica vivida por São Francisco e indicada por ele aos leigos que junto a ele procuravam uma orientação. Podemos até dizer que a primeira versão da Carta aos Fiéis, colocada agora como Prólogo da Regra renovada, deve iluminar todo o seu conteúdo.

O Prólogo mostra a todos os fiéis e particularmente aos franciscanos seculares em que consiste viver como Irmãos e Irmãs da Penitência, em que consiste a vida de penitência ou de conversão evangélica que deve ser recomeçada todos os dias.

## 2. 1 VIDA DE PENITÊNCIA

### 2.1. Levar uma vida de penitência

O tema da vida de penitência constitui a identidade dos franciscanos e franciscanas, sejam eles e elas seculares ou religiosos.

O Prólogo da Regra da OFS intitula-se assim: Exortação de São Francisco aos irmãos e irmãs sobre a penitência. Ele se subdivide em dois parágrafos: *Dos que fazem penitência e Dos que não fazem penitência*. O Prólogo faz parte da Forma de Vida dos Irmãos e Irmãs Franciscanos Seculares. Diria mais: constitui a própria alma dos três capítulos da Regra, que o seguem.

### 2.2 Vida de Penitência

“Foi assim que o Senhor me concedeu a mim, Frei Francisco iniciar uma vida de penitência” (Test).

Com estas palavras Francisco inicia o seu Testamento, como a dizer que foi este o dom que o Senhor lhe concedeu. Se esta é a vida que o Senhor inspirou a Francisco, esta vida de penitência será também na forma de vida segundo o Santo Evangelho, à maneira de São Francisco, o elemento fundamental para os irmãos e irmãs da penitência, ou os franciscanos e franciscanas seculares.

Por isso, queremos refletir sobre o sentido bíblico e franciscano de penitência. O que significa e em que consistiria esta vida de penitência, conforme São Francisco.

### 2.3 O sentido bíblico de penitência

Infelizmente, a palavra penitência, através da história, expressa quase só o aspecto externo de mortificação, como jejuns, vigílias, abstinência de determinados alimentos, ou a aplicação de sofrimentos corporais como flagelações e cilícios.

Sabemos que este não é o sentido principal do termo penitência no sentido bíblico e franciscano. É apenas um sentido secundário do exercício da penitência ou da conversão evangélica, que exige renúncia e mortificação, que passa pelo mistério da cruz.

O Antigo Testamento e o Novo usam três termos que, praticamente, se equiparam: metanóia em grego, que é traduzido para o latim como poenitentia e convertio”, penitência e conversão.

No grego, a palavra metanóia significa uma mudança de atitude abraçada anteriormente, tanto no bem como no mal.

Converter-se ou fazer penitência significa, pois, um comportamento ou uma atitude que corrige a atitude anterior no relacionamento pessoal com Deus. Converter-se ou fazer penitência significa, assim, voltar para Deus. Este voltar e voltar-se para Deus comporta também uma mudança de costumes, uma vontade de observar no futuro a vontade de Deus. Esta atitude interna expressava-se também externamente, usando sinais de luto, como rasgar as vestes, vestir-se de saco e de cilício, jejuar etc.

Na pregação de João Batista e nos ensinamentos de Cristo, conversão ou penitência exige uma adesão a Deus. É tornar-se discípulo de Cristo, crendo no Evangelho (Mc 16,16). Esta adesão ao Pai através de Jesus Cristo exige fundamentalmente que o ser humano reconheça ser pecador, que lhe desagrada o seu estado presente, e deseje o perdão. No fundo, a penitência consiste em deixar o mal e aderir ao bem. Enfim, no sentido bíblico de conversão ou penitência, podemos verificar três aspectos: o teocêntrico (voltar-se para Deus); o ético (deixar o mal e fazer o bem) e o afetivo (o amor a Deus). No fundo, fazer penitência ou converter-se consiste em amar a Deus sobre todas as coisas e o próximo como a si mesmo. Esta compreensão evangélica de penitência está muito bem expressa no número 7 da Regra da OFS: Como “irmãos e irmãs da penitência” em virtude de sua vocação, impulsionados pela dinâmica do Evangelho, conformem o seu modo de pensar e de agir ao de Cristo, mediante uma radical transformação interior que o próprio Evangelho designa pelo nome de “conversão”, a qual, devido à fragilidade humana, deve ser realizada todos os dias.

## 2.4 O sentido de “vida de penitência” para Francisco

Este sentido bíblico de penitência ou de conversão evangélica foi plenamente redescoberto, aceito e vivido por São Francisco.

Isso aparece claramente no seu Testamento, nas biografias, nos seus Escritos, sobretudo na Carta aos Fiéis.

No testamento aparece como o início de uma vida de penitência que marcou profundamente a sua vida. O início da vida de penitência consiste numa reviravolta que faz passar a pessoa de uma vida instintiva, baseada no próprio eu, para uma vida inteiramente submetida e abandonada à vontade de Deus e ao seu domínio.

No início do Testamento, Francisco mostra como aconteceram duas etapas bem distintas em sua vida: aquela do próprio eu, do pecado, da desobediência a Deus ou do pensamento não voltado para Deus, e aquela etapa do “fazer penitência”, que consiste na obediência à inspiração de Deus que o impulsiona. Passou de uma vida voltada para os interesses do mundo, do viver no mundo, para uma vida “fora do mundo”. Ele passa para uma vida religiosa, para uma vida de penitente, numa das formas reconhecidas como tais pela Igreja.

Perguntados sobre quem eles eram, os primeiros companheiros de Francisco “com simplicidade confessavam que eram homens de penitência, oriundos da cidade de Assis” (LTC 37).

Basta olhar para o índice analítico das Fontes Franciscanas para ver como a penitência está no centro de sua vida, da vida dos Frades Menores e de todos os cristãos.

Ouvindo do sacerdote que os discípulos “deviam pregar o Reino de Deus e a penitência, entusiasmou-se imediatamente no espírito de Deus: ‘É isso que eu quero, é isso que procuro, é isso que eu desejo fazer de todo o coração’ (1Cel 22)». E a pregação do Evangelho exige a conversão e crer no Evangelho. A penitência é conversão e aceitação do Reino de Deus.

“Depois disso, começou a pregar a todos a penitência” (1Cel 23).

[...] chegando a oito o número de irmãos, São Francisco chamou-os todos a si e, tendo-lhes falado muitas coisas sobre o Reino de Deus, o desprezo do mundo, a abnegação da própria vontade e a mortificação do corpo, separou-os dois a dois pelas quatro partes do mundo, e lhes disse: “Ide caríssimos por todas as partes do mundo anunciando aos

homens a paz e a penitência para a remissão dos pecados, sede pacientes na tribulação, confiando que o Senhor vai cumprir o que propôs e prometeu” (1Cel 29).

A penitência consistia na prática daquelas coisas de que Francisco lhes havia falado.

O Papa Inocêncio III encorajou Francisco e seus companheiros, dizendo: Ide com o Senhor, irmãos, e conforme o Senhor se dignar inspirar-vos, pregai a todos a penitência” (1Cel 33)

Fica claro o pensamento de Francisco sobre a vida de penitência: “Fazer penitência”, no sentido evangélico, consiste no encaminhamento carismático de sua nova existência, puro dom de Deus; é também a atitude fundamental que ele pressupõe em todos os seus seguidores presentes e futuros. O “fazer penitência” ou levar uma vida de penitência, consistia numa decisiva orientação de sua vida para Deus. Tratava-se de uma efetiva conversão a Deus no espírito de obediência incondicional que coloca a pessoa humana, em constante superação de si mesma, numa dependência imediata de Deus. O “fazer penitência” torna-se para ele o caminho para Reino de Deus, que ele deseja anunciar a todo o mundo.

## REFLEXÃO ~~~~~

1. Com quais palavras Francisco inicia seu Testamento?
2. Qual o sentido bíblico da penitência ou conversão?
3. Para Francisco, qual o sentido de vida de penitência?

## VIVÊNCIA ~~~~~

1. Fazer uma mortificação que o (a) ajude progredir na vida de penitência.
2. Ler e refletir atentamente o Prólogo da Regra.

## BIBLIOGRAFIA

PLENTZ, Frei Urbano (OFM); CAMPOS, Celina Braga de. A história da OFS. *In*: BECKHAUSER, Frei Alberto (OFM). História franciscana. **Revista Paz e Bem**, mar./abr. 1999 a jul./ago. 2000.

SCHNITKER, Frei Fernando (OFM). **OFS: espírito e vida**. 3. ed. Lagoa Seca: PB CEFEPAL - Regional Nordeste II, 1994.



### 3

## AS CONSTITUIÇÕES GERAIS DA OFS

### PROMULGAÇÃO DAS NOVAS CONSTITUIÇÕES GERAIS

Roma, 6 de fevereiro de 2001

Circ. 21/96-02

Aos Conselhos Nacionais da OFS

Aos Conselheiros Internacionais da OFS

Objeto: Promulgação das Constituições Gerais emendadas e aprovadas pelo Decreto da Congregação IVCSVA de 8 de dezembro de 2000

Caríssimos,

As Constituições Gerais da Ordem Franciscana Secular, destinadas a dar aplicação à Regra renovada de 1978, foram aprovadas pela Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e as Sociedades de Vida Apostólica com o Decreto de 8 de setembro de 1990, com validade por um sexênio, para que pudessem ser experimentadas. Em tempo hábil, a Presidência do CIOFS, por intermédio da Conferência dos Ministros Gerais da Primeira Ordem e da TOR, solicitou a prorrogação do período de experimentação, considerado o intervalo que era necessário para proceder à tradução nas outras línguas oficiais da Fraternidade Internacional e, sucessivamente, nas línguas dos diversos Países. A Congregação aquiesceu a tal pedido e concedeu urna prorrogação de três anos.

Durante esse espaço de tempo, as Constituições foram estudadas e postas em prática pelas Fraternidades da OFS em todos os níveis e,

a pouco e pouco, imprimiram em nós as características da *secularidade, unidade e autonomia* de nossa Ordem. Nem tudo foi fácil e alguns aspectos devem ainda ser plenamente assimilados a fim de que, na aurora do Terceiro Milênio, a OFS se torne realmente “uma milícia que pode estar na vanguarda da Igreja e do mundo para a construção de uma sociedade mais humana e mais cristã”, como desejava em 1990, o Card. Hamer, Prefeito da Congregação IVCSVA.

Da experimentação surgiu a validade substancial das Constituições Gerais de 1990 e só alguns de seus aspectos se revelaram necessitados de revisão, O trabalho necessário foi tempestivamente providenciado pela Presidência do CIOFS e foi desenvolvido por meio de ampla consulta, que envolveu todas as Fraternidades Nacionais e os Conselheiros Internacionais, para além da própria Presidência, e alguns especialistas pertencentes à OFS, ou designados pelos Ministros Gerais Franciscanos.

No Capítulo Geral de Madrid (23-31 de outubro de 1999) foi proposto um texto que recolhia, coordenando-as, as sugestões e os pedidos recebidos, apresentando também propostas alternativas quando não fora possível encontrar uma formulação única entre aquelas que as Fraternidades Nacionais tinham encaminhado, o texto apresentado ao Capítulo se inspirava nos seguintes critérios:

- ✓ adesão ao direito comum e ao direito próprio da OFS,
- ✓ respeito pelo texto já aprovado em 1990 pela Santa Sé,
- ✓ flexibilidade organizativa,
- ✓ adaptação cultural e linguística.

O Capítulo Geral dedicou um exame atento e aprofundado ao texto que lhe foi proposto e também às intervenções, orais ou escritas, feitas durante os trabalhos capitulares, o resultado das discussões e das votações, feitas artigo por artigo e sobre cada uma das emendas, foi apresentado em 21 de dezembro de 1999 à Conferência dos Ministros Gerais Franciscanos que, depois de uma posterior verificação ao cuidado de canonistas das quatro Cúrias, o enviou em 1º de agosto de 2000

à Congregação IVCSVA para aprovação. Esta o aprovou, com Decreto datado 8 de dezembro de 2000, Solenidade da Imaculada Conceição da Santíssima Virgem Maria.

Portanto, irmãos e irmãs da OFS, em 6 de fevereiro de 2001 se promulgam as Constituições Gerais aprovadas, que por consequência deverão ser observadas a partir de 6 de março de 2001. Cabe a cada um de nós fazer com que se tornem “espírito e vida”, instrumento de reforço e de crescimento de nossa Ordem para fazer-se ao largo (“Duc in altum”), para caminhar adiante com esperança, segundo a exortação dirigida a todos os cristãos pelo Santo Padre com a Carta Apostólica “Novo Milênio Ineunte” ao término do grande Jubileu do ano 2000. Também nós franciscanos seculares somos chamados a ser testemunhas, isto é, mártires no sentido original da palavra, de Cristo no Novo Milênio.

Não por acaso escolhemos a data de 6 de fevereiro para a promulgação das Constituições Gerais emendadas. É esta a data em que se comemoram os Protomártires, testemunhas por excelência, do Japão, isto é, os 17 terceiros franciscanos crucificados em Nagasaki junto a Pedro Batista, a Paulo Mikí e aos outros seus companheiros. Bem pouco sabemos destes nossos irmãos de longe, senão a irrenunciável vontade de permanecerem firmes na fé, de não poupar a própria vida pelo testemunho do Evangelho, a qualquer custo.

Também no último século tivemos leigos franciscanos que manifestaram, até ao sacrifício da vida, a fidelidade ao Batismo e a resistência ao mal, ancorados na fé. Recordamos o nosso coirmão Ceferino Giménez Malla, vítima da perseguição contra a religião durante a guerra civil espanhola (1936/ 1939), que foi beatificado em 4 de maio de 1997. Recordamos o Servo de Deus Frantisek Nosek, homem político na Boêmia e franciscano secular, outra vítima da violência comunista. Recordamos Juvenal Kabera, Ministro da Fraternidade OFS de Kigali, trucidado durante o massacre da guerra tribal em Ruanda. São só alguns exemplos, mas também para eles vale quanto o Santo Padre recentemente afirmou: “Foi sobretudo graças ao corajoso testemunho dos fiéis leigos, frequentemente até o martírio, que a fé não foi excluída da vida de povos inteiros”.

Talvez a nós, não será pedido o martírio de sangue, mas, certamente nos é solicitado o testemunho de coerência e de firmeza no cumprimento das promessas batismais, renovadas e reafirmadas com a Profissão na OFS. Em virtude da Profissão, da Regra e da aplicação que dela nos apresentam, as Constituições Gerais devem representar, para cada um de nós, um ponto de referência da experiência cotidiana, a partir de uma **vocação** específica e de uma precisa **identidade**. Sobre esta base é necessário que reelaboremos nossa existência e que encontremos um projeto de vida (a radicalidade evangélica franciscana) e um lugar de comunhão eclesial (a Fraternidade), nos quais seja possível ler “o porquê, e o como viver, amar e sofrer” (CCGG 10).

Este é o desejo com o qual a Presidência do CIOFS, tendo recebido as Constituições Gerais aprovadas, as propaga a toda a Ordem, para que, como a Regra, sejam estudadas, amadas e vividas.

**Emanuela De Nunzio**

*Ministra Geral da OFS (Período de 1990 a 2002)*

## REFLEXÃO

---

1. O que mais lhe chamou a atenção no texto de Promulgação das Novas Constituições Gerais? Por que?
2. O que tem a ver a radicalidade da vida evangélica franciscana com a identidade dos (as) franciscanos (as) seculares?

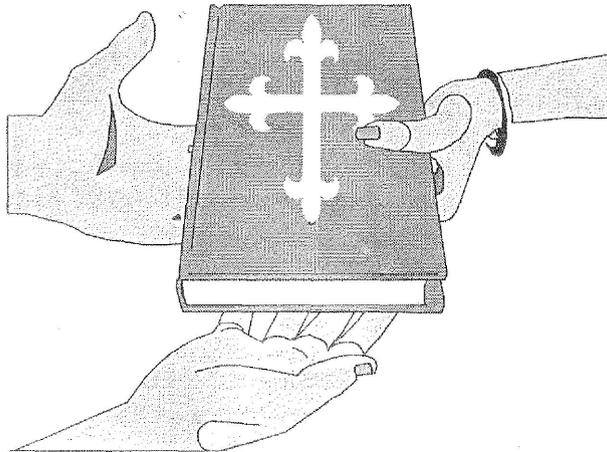
## VIVÊNCIA

---

Os (as) que desejam abraçar a vocação franciscana secular, são chamados (as) a estudar, amar e viver as Constituições Gerais da OFS. Procure planejar desde já, o cumprimento desta meta em sua auto- formação.

## BIBLIOGRAFIA

ORDEM FRANCISCANA SECULAR. **Documentos**. 4. ed. Rio de Janeiro: Loyola, 2003.





## 4

# AS FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS

### EXPOSIÇÃO

As Fontes Franciscanas e Clarianas foram publicadas no Brasil sob diversas formas, inclusive numa publicação da Família Franciscana do Brasil (FFB) e da Editora Vozes. Para nós franciscanos seculares os escritos e biografias de São Francisco e Santa Clara possuem um valor especial, e serão usadas em todas as etapas de nossa formação.

No livro editado pela FFB que contém as Fontes Franciscanas e Clarianas encontramos na:

Primeira parte: Fontes relativas a São Francisco

I – Os Escritos de São Francisco

II – As biografias

III – Compilações, florilégios

IV – Crônicas

V – Outros documentos

VI – Anexos

Segunda parte: Fontes relativas a Santa Clara

I – Escritos

Cartas, Regra, Testamento, Bênção.

II – Biografias

Bula de Canonização; Legenda Versificada; Legenda de Santa Clara, Processo de Canonização.

Os Escritos de São Francisco não devem ser entendidos como um programa apresentado por ele, como definições do que ele pensava e queria que os outros pensassem. Não temos que entendê-lo abstratamente, porque ele não é um intelectual. O que escreveu é o transbordamento do que ele sentia diante de Deus e das pessoas. A Deus ele celebra, aos homens, ele exorta.

Nesses escritos, nós auscultamos, apalpamos, entramos em contato com sua experiência viva, com a sua personalidade, com as suas intenções. É assim que encontramos nele uma resposta de vida.

Mas é claro que não podemos ficar só com os Escritos. Todas as Fontes, mesmo exigindo uma leitura atenta e crítica, são necessárias para entendê-lo no seu tempo, na sua terra, um tempo e uma terra que ele viveu intensamente seus. E todos os estudos que nos ajudem a conhecer o homem medieval também são fundamentais” (Frei José Carlos Pedroso, OFM Cap.).

Os Escritos de São Francisco constituem a principal fonte franciscana e são de fundamental importância para o conhecimento e desenvolvimento da vocação franciscana e devem ser lidos, rezados, estudados e meditados, para alimentar nossa espiritualidade, ampliar nossos conhecimentos, fortalecer nossa vocação e fidelidade ao carisma do nosso Pai Seráfico.

Francisco dispôs de secretários e colaboradores para escrever. De próprio punho, hoje, temos apenas três escritos, todos destinados a Frei Leão, que os guardou até o fim da vida. O bilhete a Frei Leão está exposto na Catedral de Espoleto; a Bênção a Frei Leão e os Louvores ao Deus Altíssimo, estão nos dois lados de um mesmo pergaminho, exposto na Basílica de São Francisco de Assis.

Nas Fontes Franciscanas e Clarianas estão as cinco cartas de Santa Clara em que ela derrama sua alma e se apresenta como uma grande escritora. Nelas, Clara se mostra carinhosa, irmã, serve, e Jesus Cristo é sempre o objeto de suas reflexões e fonte de seus afetos. De todos os documentos referentes a Santa Clara o Processo de Canonização é o que dá mais detalhes sobre a vida de tão extraordinária santa.

## 1. OS ESCRITOS DE SÃO FRANCISCO

**1.1 Admoestações.** Provavelmente são textos que só foram falados por São Francisco e que foram preservados, porque alguém tomou nota e preservou. São um bom resumo da proposta espiritual de São Francisco.

**1.2 O Cântico do Irmão Sol.** Leiam 1Cel 80,3-4, 2Cel 165, LM ,6 e EP 115 até o 120 para conhecer as origens deste Cântico belíssimo.

**1.3 Bilhete para Frei Leão** (Louvores ao Deus altíssimo com a Bênção a Frei Leão). É um pergaminho de 10x14 centímetros com a letra original de São Francisco. É interessante ler 2Cel 49 e LM 9,9 para conhecer sua história. A bênção, é uma adaptação de Nm 6, 24-26. Esse texto é uma das expressões mais bonitas e arrebatadas das orações de louvor de São Francisco e de seu amor ao Deus Trindade.

**1.4 Carta a Santo Antônio de Pádua.** Santo Antônio deve ter pedido esta carta a São Francisco antes de ir para a França. Para entendê-la é conveniente ler 2Cel 163, Ad 7 e também a RB 5.

**1.5 Carta aos clérigos (1ª. revisão).** Nessa carta Francisco fala da reverência e dos cuidados que se deve ter com o santíssimo corpo e sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo.

**1.6 Carta aos clérigos (2ª revisão).** Trata do mesmo assunto da primeira carta.

**1.7 Carta aos custódios (1ª revisão).** Custódios, nesse tempo, eram todos os superiores da Ordem dos Frades Menores. O assunto nela tratado é a Eucaristia.

**1.8 Carta aos custódios (2ª revisão).** É dirigida a todos os superiores da Ordem e também fala da Eucaristia.

**1.9 Carta aos fiéis (1ª revisão).** É um belíssimo e simples documento que fala dos que fazem penitência e dos que não fazem penitência. Na verdade, não é uma carta, mas um «louvor» a Deus pelos que fazem penitência: os que chamamos de Irmãos e Irmãs da Penitência.

**1.10 Carta aos fiéis (2ª revisão).** Bem mais longa, esta nos faz pensar em como a *Regra primitiva* dos Frades Menores foi se transformando na RNB. Há trechos que foram colocados após a primeira redação para esclarecer quanto aos erros dos cátaros, que deviam influenciar muitos irmãos.

**1.11 Carta a Frei Leão.** É bem ao estilo de Francisco, numa linguagem bastante incorreta. Mas fala ao coração, “como uma mãe”.

**1.12 Carta a um ministro.** Não se sabe quem é o ministro que recebeu a carta. É um belíssimo escrito sobre a misericórdia que nos faz conhecer bem de perto São Francisco.

**1.13 Carta a toda a Ordem.** É um precioso documento sobre a Eucaristia.

**1.14 Carta aos governantes dos povos.** Francisco a escreveu quando voltou do Egito, Muito doente e quase cego, sabendo que não podia mais fazer pregações por toda parte, decidiu começar um apostolado novo, por escrito. Impressionado com os muezins<sup>1</sup> muçulmanos que convidavam o povo cinco vezes por dia para a “salat”<sup>2</sup>. Francisco solicita aos governantes que se façam patrocinadores dos louvores de Deus por um anúncio vespertino.

**1.15 Exortação ao louvor de Deus.** -São pequenas frases de louvores a Deus.

---

2 <sup>1</sup> Muezin é o homem que cantando, faz o chamamento dos fiéis muçulmanos para a salat. Salat são as preces que os muçulmanos fazem cinco vezes ao dia, entre a aurora e o pôr-do-sol.

**1.16 Paráfrase ao Pai Nosso.** Não é uma exposição sobre o Pai Nosso; é uma oração ampliada, em que ele vai acrescentando tudo o que tem no coração.

**1.17 Forma de vida para Santa Clara.** Foi dada por Francisco logo no começo da fundação das Irmãs Pobres e diz que as Irmãs deviam viver o Santo Evangelho integrando-se na vida da Trindade. Francisco promete cuidar delas como de seus irmãos.

**1.18 Fragmentos da Regra não Bulada.** Certamente são citações da Regra de São Francisco anteriores à Regra Bulada, mas também não constam exatamente da Regra não Bulada.

**1.19 Louvores a serem ditos em todas as Horas Canônicas.** Francisco os rezava antes das Horas Canônicas. A oração final é certamente original dele.

**1.20 Ofício da Paixão do Senhor.** (Este título não foi dado por São Francisco, não sabemos se foi dado um título e se foi, qual). É uma preciosa coleção de quinze Salmos e uma antífona de Nossa Senhora que São Francisco fez para celebrar todos os dias, paralelamente ao Ofício Divino. Nele Francisco celebra também a Páscoa e todo o mistério de Jesus. Treze dos Salmos são elaboração dele, usando principalmente trechos de Salmos bíblicos. A Legenda de Santa Clara diz que ela “aprendeu o Ofício da Cruz feito por São Francisco e o recitava com igual afeto”. É um dos melhores escritos para demonstrar a identificação de Francisco com Jesus Cristo.

**1.21 Oração diante do Crucifixo.** É conhecido o texto italiano como original. Hoje se pensa, geralmente, que ele já estava fazendo essa oração no tempo anterior a São Damião; e foi a resposta espontânea que lhe veio aos lábios ao ouvir Jesus.

**1.22 Regra Bulada.** É a Forma de Vida que vale desde 1223 para todos os Frades Menores. Existe o pergaminho original da bula, que inclui a Regra, e está guardado em Assis.

**1.23 Regra não Bulada.** É um documento vivo, ardoroso, cheio de orações e de citações bíblicas. É imprescindível para se conhecer o pensamento de Francisco e de seus primeiros companheiros sobre a Ordem que estava começando.

**1.24 Regra para os eremitérios.** É um magnífico documento sobre a vida fraterna e a vida de oração.

**1.25 Saudação à Bem-aventurada Virgem Maria,** Leiam 2Cel 128 e 2EP 55 que falam do amor e da grande devoção de São Francisco por Nossa Senhora. A ideia que Nossa Senhora é uma “Virgem feita Igreja” baseia-se na teologia patrística, que alimentava a liturgia conhecida e vivida por São Francisco.

**1.26 Saudação às virtudes.** É típico de São Francisco chamar as virtudes de irmãos ou senhoras e mais típico ainda o seu uso das palavras corpo, carne, espírito e mundo.

**1.27 Testamento.** Expressa de maneira muito candente o pensamento de São Francisco sobre a sua própria vida e a que Deus lhe havia inspirado para os Frades Menores.

**1.28 Última vontade escrita para Santa Clara.** Deve ter sido escrita nos últimos dias de vida de São Francisco. É uma forte exortação à vida de pobreza.

**1.29 Palavras de Exortação: “Ouvi, pobrezinhas”.** São Francisco as escreveu para Santa Clara e suas Irmãs logo depois de compor o Cântico do Irmão Sol.

## 2 NOTÍCIAS DE OUTROS TEXTOS

2.1 **Bênção a Frei Bernardo.** Uma bênção dada por São Francisco, no leito de morte, ao seu primeiro frade, Bernardo de Quintavalle. Ver 2EP 107 e 2Cel 48.

2.2 **Bênção enviada por escrito a Santa Clara.** Ver 2EP 108.

2.3 **Carta escrita aos cidadãos de Bolonha.** São Francisco escreveu esta carta predizendo um terremoto.

2.4 **Carta sobre o jejum, escrita para Santa Clara.** Sabemos que essa carta existiu porque Santa Clara fala nela em sua 3In.

2.5 **Carta escrita à senhora Jacoba.** Ver 3Cel 37 e 2EP 112.

2.6 **Carta enviada aos irmãos da França.** Francisco escreve aos ministros e aos frades da França exortando-os a louvarem a Santíssima Trindade.

2.7 **Testamento de Sena.** Ver 2EP 87

2.8 **A verdadeira e perfeita alegria.** Ver 2Cel 125 e Ad 5.

## 3 AS BIOGRAFIAS DE SÃO FRANCISCO

Temos hoje dez biografias de São Francisco. Fazer uma biografia quer dizer escrever (gráfein) a vida (bios) de alguém. É uma prática muito antiga, pois vários povos julgaram importante que as gerações futuras conhecessem como tinha sido a vida de pessoas ilustres.

O cristianismo conheceu quase desde os primeiros séculos as hagiografias, ou vida dos santos. Os hagiógrafos queriam edificar as pessoas e a maioria das vezes não se preocupavam em pesquisar os fatos e buscar a comprovação dos mesmos. Importava era que o leitor decidisse imitar as virtudes do santo.

As biografias de São Francisco sofreram as influências dos escritores do seu tempo e os motivos que os levaram a escrever. Cada autor foi marcado por sua própria história, pelos fatos que estavam acontecendo quando escreveu, e pela finalidade que teve ao escrever seu livro. Em alguns casos, a pesquisa feita pelos autores consistiu em narrar fatos que eles mesmos presenciaram ou foram presenciados por pessoas com quem puderam conversar. Em outros casos, a pesquisa limitou-se a ajuntar em compilações o que já tinha sido contado por outros. E interessante ler todas as biografias tendo o cuidado de ler a introdução contida no livro das Fontes Franciscanas e Clarianas.

## 4 OS ESCRITOS SANTA CLARA

Clara uma mulher singular, bem à frente do seu tempo, e bem disse dela Tomás de Celano: neste lugar viveu a Senhora Clara, oriunda da cidade de Assis, pedra preciosíssima e fortíssima, fundamento de outras pedras sobrepostas. Na verdade, depois do início da Ordem dos Irmãos, depois que a dita senhora se converteu a Deus pelas admoestações do santo homem, ela foi posta como proveito para muitas e como exemplo para inúmeras. Nobre pela estirpe, mas mais nobre pela graça; virgem no corpo, castíssima no espírito; jovem na idade, mas madura no espírito; firme no propósito e ardentíssima no desejo do amor divino; dotada de sabedoria e de especial humildade: clara de nome, mais clara pela vida, claríssima pelos costumes (1Cel 18).

**4.1 Cartas.** Existem cinco cartas de Santa Clara: Quatro dirigidas a Inês de Praga e uma a Ermentrudes de Bruges. As cartas são o ponto alto dos seus escritos, pois nelas mostra sua grande capacidade de escritora. Seu tema é sempre Jesus Cristo.

**4.2 Regra.** Foi aprovada pelo Papa Inocêncio IV em 9 de agosto de 1253 e era o ponto de chegada de uma longa experiência de vida, iniciada em 1212 com algumas orientações dadas por São Francisco como “forma de vida”.

**4.3 Testamento.** Nele Clara celebra o Senhor por sua vida e por sua vocação e exorta as Irmãs a serem fiéis.

**4.4. Bênção.** A bênção complementa os valores originais de Clara já expressos na Regra e no Testamento. Temos diversas variantes do texto.

## 5 AS BIOGRAFIAS DE SANTA CLARA

**5.1 Bula de Canonização.** É um documento solene e elegante, que faz um bom resumo da biografia de Santa Clara.

**5.2 Legenda versificada.** É um poema épico com 1.725 versos, divididos em 49 capítulos. Foi escrita antes da sua canonização.

**5.3 Legenda de Santa Clara,** escrita em 1255, talvez por Tomás de Celano, por ocasião de sua canonização.

**5.4 Processo de Canonização.** Este documento tem um valor extraordinário para nos dar a conhecer o ambiente em que Clara viveu e os testemunhos de quinze Irmãs e cinco leigos que depuseram em seu Processo de Canonização, foi feito logo depois e sua morte.

## REFLEXÃO

---

1. Qual a importância de se conhecer os escritos de São Francisco
2. Devemos ler e meditar estes escritos? Por que?

## VIVÊNCIA

---

1. Dividir entre os integrantes do grupo alguns dos Escritos de São Francisco para lerem e apresentarem o que mais tocou o coração.

## **BIBLIOGRAFIA**

FAMÍLIA FRANCISCANA DO BRASIL. **Fontes Franciscanas e Clarianas**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

PEDROSO, Frei José Carlos (OFM Cap.). **As Fontes Franciscanas**. Piracicaba: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1998.





II

# Temas Principais





# Dimensão Humana





## 5

# A PESSOA HUMANA EM SI MESMA

### EXPOSIÇÃO

“Por ser à imagem de Deus, o indivíduo humano tem a dignidade de pessoa: ele não é apenas alguma coisa, mas alguém. É capaz de conhecer-se, de possuir-se e de doar-se livremente e entrar em comunhão com outras pessoas, e é chamado, por graça, a uma aliança com seu Criador, a lhe oferecer uma resposta de fé e de amor que ninguém pode dar em seu lugar” (CIC 357).

“Deus criou tudo para o homem, mas o homem foi criado para servir e amar a Deus e oferecer-lhe toda a criação”.

Quem é, pois, o ser que vai vir à existência cercado de tal consideração? É o homem, grande e admirável figura viva, mais precioso aos olhos de Deus do que a criação inteira: é o homem, é para ele que existem o céu e a terra e o mar e a totalidade da criação, e é à salvação dele que Deus atribuiu tanta importância que nem sequer poupou seu Filho único em seu favor. Pois Deus não cessou de tudo empreender para fazer o homem subir até ele e fazê-lo sentar-se à sua direita” (CIC 358).

As pessoas foram criadas para a plena felicidade, contudo, toda a humanidade é pecadora.

“A realidade do pecado, e mais particularmente a do pecado das origens, só se entende à luz da Revelação divina. Sem o conhecimento de Deus que ela nos dá, não se pode reconhecer com clareza o pecado, e somos tentados a explicá-lo unicamente como uma falta de crescimento, como uma fraqueza psicológica, um erro, a consequência necessária de uma estrutura social inadequada, etc. Somente à luz do

desígnio de Deus sobre o homem compreende-se que o pecado é um abuso da liberdade que Deus dá às pessoas criadas para que possam amá-lo e amar-se mutuamente” (CIC 387).

“Na realidade o mistério do homem só se torna claro, verdadeiramente no mistério do Verbo Encarnado” (CIC 359; GS 22,1).

O desejo de Deus está inscrito no coração do homem...; ... e somente em Deus o homem há de encontrar a verdade e a felicidade que não cessa de procurar:

O aspecto mais sublime da dignidade humana está nesta vocação do homem à comunhão com Deus. Este convite que Deus dirige ao homem, de dialogar com ele, começa com a existência humana. Pois se o homem existe, é porque Deus o criou por amor e, por amor, não cessa de dar-lhe o ser, e o homem só vive plenamente, segundo a verdade, se reconhecer livremente este amor e se entregar ao seu Criador. (CIC 27; GS 19,1).

Todas as pessoas humanas têm expectativas de felicidade. Esta é uma das lições de vida mais difíceis de aprender. Na medida em que esperamos que nossa felicidade venha de coisas externas ou de outras pessoas, nossos sonhos estarão condenados à morte. A felicidade se constrói a partir do coração.

Como um lembrete para cada um de nós, deveríamos colocar esta frase em um espelho que vemos diariamente: *“Você está vendo a pessoa que é responsável pela sua felicidade.”*

Chegamos a este mundo cheios de perguntas, e as respostas que recebemos, desde muito cedo, ficaram gravadas em nossa memória. Essas fitas tocam dentro de nós o dia inteiro e a noite toda, mesmo quando dormimos.

Uma das perguntas que mais nos fazemos é: o que vai me fazer feliz? A maioria das respostas que recebemos quando crianças não foram transmitidas a nível verbal. Aprendemos mais através do que vemos, não do que escutamos. Se observamos nossos pais se preocupando, aprendemos a nos preocupar. ...essas fitas de nossos pais fazem parte de nossas vidas. Temos sempre que revê-las e reformulá-las.

Uma das fitas que mais tocam dentro de nós é a da comparação: “Ele se parece com o pai”. “Ela é igualzinha à mãe”. Os pontos mais importantes de comparação são estes: aparência, inteligência, comportamento e realizações. Fomos ensinados a nos comparar com os outros. E quanto a isto, todos os profissionais concordam: *a comparação é a morte da verdadeira autoestima.*

## 1. OS CAMINHOS PARA A FELICIDADE

Os caminhos para a felicidade são práticas de exercícios, pouco a pouco. A vida é um processo gradual de crescimento. Viver é crescer, e o crescimento é sempre gradual.

A palavra *beatus* significa “feliz”. A beatitude é um desafio e uma realização. Ela oferece (indiretamente), a verdadeira felicidade a quem assume o desafio e consegue vencê-lo no dia a dia. Para isso podemos apontar algumas premissas importantes:

### 1.1. Precisamos nos aceitar como somos.

“Deus criou o homem à sua imagem, à imagem de Deus o criou, homem e mulher os criou» (Gn 1,27). A auto aceitação é muito importante, permite ir ao encontro das outras pessoas e essas pessoas estão sempre prontas a receber amor. São autênticas e convivem bem consigo mesmas; conseguem livrar-se do passado, ou de aspectos negativos, têm senso de humor com frequência e atendem suas próprias necessidades. A auto aceitação imuniza contra pressões psicológicas ou espirituais.

As pessoas que se aceitam têm um bom contato com a realidade, isto é, desfrutam a vida como ela é realmente e não ficam lamentando por não ser diferente. A auto aceitação nos desafia a nos respeitarmos, a nos expressarmos aberta e honestamente.

Contudo, para viver a vocação franciscana secular, é preciso meditar profundamente nestas palavras de Cristo: “Se alguém quer vir após mim, renuncie a si mesmo, tome a sua cruz cada dia e siga-me” (Lc, 9,23). É este o único caminho dos que desejam viver na verdade, ter paz para levá-la ao mundo, fazendo o bem.

A espiritualidade do franciscano secular é um projeto de vida centrado na pessoa de Cristo e no seu seguimento, mais do que um programa detalhado a pôr-se em prática (cf. Regra da OFS 5; CCGG 9,1).

## **1.2 Precisamos assumir total responsabilidade por nossa vida.**

Esta é uma parte importante do processo de crescimento e desenvolvimento. Isso deve ser ensinado às crianças desde cedo, para que assumam gradualmente à medida que crescem. A penalidade para quem se recusa a assumi-la é ficar preso a uma infância eterna.

A vida é um processo permanente. Estamos todos participando de uma viagem em direção à plenitude da vida. Fomos feitos para apreciar esta viagem. As duas bases dessa caminhada são: uma auto aceitação total – a valorização de nossa pessoa como ser único, e a disposição para assumirmos total responsabilidade por todos os passos (inclusive os maus) que damos ao longo do caminho.

“Unindo-se à obediência redentora de Jesus que depôs sua vontade nas mãos do Pai, cumpram fielmente as obrigações próprias da condição de cada um nas diversas situações de vida, e sigam o Cristo, pobre e crucificado, testemunhando-o, mesmo nas dificuldades e perseguições” (Regra da OFS 10). Este é um dos aspectos da Regra que revelam nossa responsabilidade no dia a dia.

“Cristo pobre e crucificado, vencedor da morte e ressuscitado, máxima manifestação do amor de Deus ao homem, é o livro no qual os irmãos, à imitação de Francisco, aprendem o porquê e o como viver, amar e sofrer.”

N’Ele descobrem o valor das contradições pela causa da Justiça e o sentido das dificuldades e das cruces da vida de cada dia. Com ele, podem aceitar a vontade do Pai, mesmo nas circunstâncias mais difíceis, e viver o espírito franciscano de paz, no repúdio de toda doutrina contrária à dignidade do homem” (CCGG 10). O testemunho de vida do franciscano secular está intimamente ligado à responsabilidade assumida diante de Deus, de si mesmo e de todos os seus irmãos e irmãs do Universo.

### 1. 3 Precisamos satisfazer nossas necessidades físicas, mentais e espirituais.

Como seres humanos, não fomos feitos da mesma massa dos anjos, nem somos seres puramente espirituais. Também não somos seres meramente materiais. A questão não é assim tão simples. Na verdade, somos estruturas únicas e magníficas, compostas de três partes interligadas: corpo, mente e espírito. Essa interligação se torna confusa às vezes. Queremos descomplicar esse imenso mistério humano. Relutamos em admitir que nosso corpo possa influenciar nosso pensamento e nossas escolhas. Relutamos também em admitir que a mente e o espírito possam expressar intuítos secretos através de nosso pobre corpo. Às vezes negamos esse tipo de unicidade e essa inter-relação.

Ainda assim, é verdade que a mente confusa e o espírito carente podem nos deixar doentes fisicamente. Achamos estranha a ideia de que uma simples dor de cabeça possa ser o resultado de uma preocupação “negada” ou de uma ideia irracional de nossa mente. Mas, gostemos ou não, é verdade que somos *seres únicos com três partes intimamente ligadas* O corpo afeta a mente e o espírito. A mente afeta o espírito e o corpo. E o espírito afeta o corpo e a mente. Quando cuidamos de nosso corpo, estamos cuidando indiretamente da mente e do espírito; quando cuidamos do equilíbrio da mente, estamos cuidando indiretamente do corpo e do espírito. Quando cuidamos do espírito, estamos cuidando da mente e do corpo. Esse cuidado será sempre necessário para uma vida plena e feliz.

Quando estamos sobrecarregados fisicamente, ficamos irritados. Quando não nos exercitamos fisicamente, ficamos deprimidos emocionalmente e perdemos a capacidade de pensar claramente. Sob estresse prolongado, até o espírito torna-se embotado. É essencial atendermos nossas necessidades físicas de descanso, exercício e nutrição. Sem esse cuidado, a qualidade de vida fica muito comprometida, torna-se monótona.

“As práticas penitenciais, como o jejum e a abstinência, tradicionais entre os penitentes franciscanos, sejam conhecidas, apreciadas e vividas segundo as indicações gerais da Igreja” (CCGG, 13,3). E aí, então o jejum faz mal? De modo algum, se ele for equilibrado e tivermos um pouco de conhecimento de nós mesmos. Relembramos aqui a atitude de São Francisco, com um irmão que exagerou no jejum: “Certa noite, um dos frades começou a gritar durante o descanso dos outros: ‘Estou morrendo, irmãos,’ estou morrendo de fome!’ O valeroso pastor levantou-se imediatamente a acudir sua ovelhinha doente com o devido remédio. Mandou preparar a mesa, embora cheia de iguarias rudes, onde havia água no lugar de vinho, como era frequente. Ele mesmo começou a comer e, por caridade, para que o frade não ficasse envergonhado, convidou também os outros irmãos. Depois de terem tomado o alimento no temor do Senhor, para que nada ficasse faltando nas obrigações da caridade, contou-lhes o pai uma parábola sobre a virtude da discricção. Disse que sempre se deve oferecer o sacrifício a Deus temperado com sal, e admoestou atentamente que cada um deve considerar suas próprias forças quando pensa em prestar obséquio a Deus. Afirmou que tanto era pecado deixar de dar o que era devido ao corpo quanto dar-lhe o supérfluo por gula. E acrescentou: “Deveis saber, caríssimos, que fiz o que fiz por cortesia e não por gosto, porque assim mandava a caridade fraterna. Tomem o exemplo da caridade, não o da comida, porque esta serve à gula, aquela ao espírito” (2Cel 22).

Nossa vida de cada dia muitas vezes nos priva desses cuidados, contudo, devemos saber o que é correto e vivendo uma vida de penitência, adequar sempre nossas necessidades a uma vida simples, que revele aos outros nossa alegria interior, fruto da comunhão com Deus, que só podemos obter, se conhecermos ao Cristo e a nós mesmos, de modo a oferecer-lhe o que de melhor estiver ao nosso alcance, restituindo ao Senhor com lucro os generosos bens que Dele recebemos.

## 1.4 Precisamos nos expandir, saindo de nossas zonas de conforto.

“Sepultados e ressuscitados com Cristo no Batismo, que os torna membros vivos da Igreja, e a ela mais fortemente ligados pela Profissão, tornem-se testemunhas e instrumentos de sua missão entre os homens, anunciando Cristo pela vida e pela palavra. Inspirados por São Francisco e com ele chamados a restaurar a Igreja, empenhem-se em viver em comunhão plena com o Papa, os Bispos e os Sacerdotes, promovendo um confiante e aberto diálogo de fecundidade e de riqueza apostólica” (Regra da OFS 6).

Para sermos testemunhas e instrumentos de Jesus Cristo, precisamos vencer-nos em muitas coisas. Não conseguimos tudo de uma vez, mas se perseverarmos, nos expandindo sempre em algo mais, fazendo o que nunca fizemos antes, sentiremos uma crescente sensação de paz e tranquilidade. Exemplos disso são: quando conseguimos vencer nossa timidez para falar em público; quando conseguimos nos comunicar com alguém importante e vencer o medo; quando deixamos a nós mesmos para nos revestirmos de Cristo, etc.

Esse crescimento é sempre um processo gradual, uma ponte que se atravessa devagar, não uma curva fechada, que se faz de uma só vez. Contudo, para vencer é preciso ter espírito de luta, acreditando que um mundo maior e uma vida mais plena esperam por você.

## 1.5 Precisamos buscar o crescimento, não o perfeccionismo.

“Como ‘irmãos e irmãs da penitência’, em virtude de sua vocação, impulsionados pela dinâmica do Evangelho, conformem o seu modo de pensar e de agir ao de Cristo, mediante uma radical transformação interior que o próprio Evangelho designa pelo nome de `conversão’[...]”

Neste caminho de renovação, o sacramento da Reconciliação é sinal privilegiado da misericórdia do Pai e fonte de graça (Regra da OFS 7).

Os fracassos são apenas experiências de aprendizagem. O único fracasso verdadeiro é aquele com o qual nada se aprende.

Somos todos, criaturas imperfeitas, que devemos nos esforçar para crescer sempre mais. Contudo, nunca chegaremos à perfeição, por isso cremos na Misericórdia infinita do Pai.

Quando alguém é obsessivo para alcançar a perfeição, além de sofrer muito, fica doente. Não é surpresa saber que a maior incidência de depressão entre as pessoas pertence aos perfeccionistas. No fundo é um processo de autodestruição. A pessoa saudável é livre e escolhe livremente. O perfeccionista não é livre. Precisa ser bem sucedido, ser perfeito. É uma escravidão, um aprisionamento do espírito.

É preciso aceitar pacificamente nossa condição humana, sujeita a erros, a fraquezas e enganos. Somos dotados de instintos limitados e do precioso dom da inteligência, temos de prosseguir com nossas experiências de ensaio e erro. Devemos juntar nossos esforços conjuntos para melhorar.

Todos os erros são educativos. Assim como a confissão é boa para a alma, também a aceitação da nossa própria insensatez e fragilidade nos faz bem ao espírito. De acordo com um velho provérbio, “Se aprendermos a rir de nós mesmos, nunca deixaremos de nos divertir”. As possibilidades são infinitas.

## **1.6 Precisamos aprender a nos comunicar de maneira efetiva.**

Inspirados no exemplo e nos escritos de São Francisco, e, sobretudo, com a graça do Espírito, os irmãos vivam com fé, cada dia, o grande dom que Cristo nos concedeu: a revelação do Pai. Deem testemunho desta fé diante dos homens:

- ✓ na vida de família;
- ✓ no trabalho;
- ✓ nas alegrias e nos sofrimentos;
- ✓ no encontro com os homens, todos irmãos no mesmo Pai;
- ✓ na sua presença e participação na vida social;

- ✓ no relacionamento fraterno com todas as criaturas” (CCGG, 12.1).
- ✓ o relacionamento consigo mesmo, com Deus e com todas as criaturas é para todos os franciscanos a grande estratégia, para podermos revelar ao mundo o Pai, por meio do conhecimento de Nosso Senhor Jesus Cristo e de seu fiel seguimento.
- ✓ quando, em qualquer circunstância, uma pessoa se abre à outra e é ouvida, sente uma sensação de alívio e alegria: “Graças a Deus! Finalmente alguém sabe como me sinto”.
- ✓ precisamos nos livrar de nossos medos e estabelecer com todos que convivem conosco em todos os campos de atividade, uma comunicação verdadeira, que seja aquela considerada a energia vital do amor. No seu significado original, refere-se ao ato de compartilhar.
- ✓ a amizade mais profunda é a partilha do próprio íntimo das pessoas. Quando não se tem medo do outro, falamos de nossos medos, fraquezas e lutas. Há uma confiança recíproca, condição essencial para evangelizar, como nos ensinou São Francisco de Assis.
- ✓ quando nos comunicamos com amor, podemos nos considerar um presente ofertado, ou considerar o outro como um presente. Essa troca deve acontecer em todos os ambientes que frequentamos, com maior ou menor intensidade, dependendo do amor que oferecemos e da intimidade do relacionamento.
- ✓ é muito importante saber ouvir. Tornar-se um bom ouvinte requer empenho e prática; mas, acima de tudo, é necessário paciência, uma empatia verdadeira e o desejo de saber, como é o ser, realmente, da outra pessoa.
- ✓ a comunicação é vital em nossa vida, a partir de nossa oração. Contudo, surgem momentos de dificuldades. “Os vencedores nunca desistem. Os que desistem nunca vencem”. Esta verdade se aplica à comunicação. Um desentendimento, uma discussão, um julgamento precipitado, podem interromper o fluxo de uma boa comunicação. Mas é preciso sempre recomeçar. O amor não pode ser mesquinho, e a comunicação, se não for um ato de

amor, nada será. A decisão de perseverar e de continuar tentando, faz parte do compromisso com o amor.

- ✓ “Nossos segredos nos deixam doentes”. Quanto mais nos doarmos com liberdade, e mais recebermos com gratidão, mais saudáveis nos tornaremos.

## 1.7 Precisamos aprender a desfrutar as coisas boas da vida.

É vontade de Deus que desfrutemos todas as coisas boas que Ele nos oferece. Somos peregrinos a caminho de um lugar sagrado e feliz; a casa de nosso Pai.

Muitas vezes agimos como tolos peregrinos. Independente do que queremos fazer ou do lugar onde queremos chegar, ficamos tão preocupados, que perdemos muito da beleza ao longo do caminho. Perdemos a arte de desfrutar. Diz o Talmude, (livro de sabedoria judaica): “O prazer é uma arte que Deus nos deu para cultivarmos”.

“Um coração alegre serve de remédio, mas um espírito abatido seca os ossos” (Provérbios 17, 22).

Vejamos neste exemplo, como São Francisco nos ensina a desfrutar de nossa vida com Nosso Senhor: “Mas na santa caridade, que é Deus, peço a todos..., que, afastando todo impedimento e, pondo de lado toda preocupação e todo afã, do modo que melhor puderem, devem servir, amar, adorar e honrar o Senhor Deus, com coração puro e mente pura, o que ele mesmo pede acima de todas as coisas” (RnB 22, 26).

O bom humor é vital para nosso crescimento humano e espiritual. Cultivá-lo é uma sabedoria e partilhá-lo, uma felicidade. Todos se aproximam dos bem humorados e quando se afastam, estão mais felizes, pois receberam de presente a alegria do/a irmão/irmã.

## CONCLUSÃO

Podemos dizer que este tema poderia resultar em muitos livros. Por isso é necessário meditá-lo profundamente e voltar a esta leitura individualmente muitas vezes no tempo de formação e depois da profissão.

O franciscano secular, ao cuidar de sua auto formação, deve interessar-se sempre mais em conhecer-se para crescer também no plano humano.

Podemos concluir que, para Francisco e seus seguidores, o homem é uma obra maravilhosa por duas grandes razões: primeiro porque nele se expressam diversos aspectos da comunicação do Deus-Bondade; segundo, porque o homem está à altura de ser uma resposta plena a todo esse amor.

Mas ainda é preciso lembrar a fundamental admiração de Francisco e Clara por Jesus Cristo feito pobre para lembrarmos que, na visão deles, nenhuma criatura humana deixa de ser maravilhosa: mesmo que seja frágil, pequena, desprezada por todos os outros.

Creio que foi com otimismo que Francisco, mesmo falando da humildade, disse: *Quanto é o homem diante de Deus tanto é e não mais (Ad 19,2).*

## REFLEXÃO ~~~~~

1. Verifique em si mesmo, três qualidades e três defeitos.
2. Aplique-se em superar ou livrar-se desses defeitos, apontando os remédios.
3. Vencida essa etapa, no decorrer de sua vida, repita este exercício citando outras qualidades e outros defeitos (repetindo o que eventualmente não conseguiu vencer).

**Exemplo:**

QUALIDADES	DEFEITOS	REMÉDIO
Paciência	Egoísta	Prática da caridade
Discrição	Pré-julga ou julga as pessoas	Decidir radicalmente não julgar ninguém.

## VIVÊNCIA

---

1. Praticar a simplicidade e buscar seu próprio crescimento como pessoa humana

## BIBLIOGRAFIA

POWELL, John. **Felicidade**: um trabalho interior. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Crescer, 1992.

PEDROSO, José Carlos Correa. **Projeto franciscano de vida**. Piracicaba, SP: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1998.

## APROFUNDANDO TEXTO

Admoestações de São Francisco n° 6; Rom. 6,4;  
CCGG, 14,1; 17,1; 99,1 e 100,1.





## 6

# A PESSOA HUMANA E SUAS DIMENSÕES

### EXPOSIÇÃO

“A pessoa humana, criada à imagem de Deus, é um ser ao mesmo tempo corporal e espiritual. O relato bíblico exprime esta realidade com uma linguagem simbólica, ao afirmar que ‘O Senhor modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente’ (Gn 2,7). Portanto, o homem em sua totalidade é *querido* por Deus” (CIC 362).

“O corpo do homem participa da dignidade da “imagem de Deus”: ele é corpo humano precisamente porque é animado pela alma espiritual, e é a pessoa humana inteira que está destinada a tornar-se no Corpo de Cristo, o Templo do Espírito Santo” (CIC 364).

A pessoa humana inteira é chamada à realização plena. Quando o corpo está com saúde e disposição, o crescimento integral fica facilitado. Por isso, precisamos cuidar da saúde, trabalhar e descansar, controlar o comer e o beber, higiene, contato com a natureza, etc.

Criada por dom gratuito de Deus, a pessoa humana tanto mais se realizará quanto mais se entregar a Deus e aos outros, Do mesmo modo como Deus fez o mundo e a ele se entregou. Para entregar-se é preciso descobrir-se e possuir-se. Para descobrir-se é preciso relacionar-se, comunicar-se, conviver. Supõe a descoberta, também, do outro. Doar-se é amar e amar com atos implica em fazer, construir. O fazer eficaz supõe o saber como e o situar-se, ou seja, conhecer, assumir a realidade e história concreta em que está inserido, não fugindo ao compromisso com elas.

É necessário, por outro lado, transcender a si mesmo e a história, para encontrar sua origem e seu fim.

A tudo isso o homem e a mulher sentem-se inclinados e chamados a:

- ✓ ser – possuir – doar-se no amor;
- ✓ conviver – comunicar-se;
- ✓ situar-se – comprometer-se historicamente;
- ✓ transcender-se;
- ✓ fazer – construir.

Eles são indivíduos e pessoas, seres sociais, políticos, abertos ao Absoluto, criativos e criadores. Buscam responder às questões: Quem sou eu?

Quem é o outro? Onde estou e que faço aqui? De onde venho e por que existo? Como fazer?

Estas perguntas e características correspondem a distintas dimensões de seu ser. Dimensões essas apenas pedagogicamente separáveis, uma vez que se entrelaçam na misteriosa unidade do ser-pessoa. São elas: dimensão psico-afetiva, sexual, social, política, técnica (prática) e mística.

## 1 DIMENSÃO PSICO-AFETIVA

É onde respondemos «quem sou eu?». É o esforço de tornar-se pessoa, descobrir-se, possuir-se, aceitar-se, trabalhar-se, tudo isso para que a pessoa se conheça melhor. Essa dimensão exige trabalhar também o auto-conhecimento: interesses, aspirações, história, valores, sentimentos, limitações. Também exige a auto-crítica: revisão de vida, busca permanente de superação e mudança de atitudes, conversão. Exige, ainda, a auto realização: sentir-se amado (a), capaz de amar, de ser terno (a), saber construir seu futuro e sua realização.

Para que tudo isso aconteça é preciso formar o coração (a afetividade), formar a mente (a inteligência) e formar a vontade.

**1.1 Formar o coração** (ou a afetividade), é desenvolver a capacidade de amar e cultivar amizades; é passar de um amor interesseiro para um amor gratuito, que se doa aos outros. É orientar nossos sentimentos e afetos, nossos impulsos, cultivando sentimentos nobres e elevados, cultivando um verdadeiro amor ou verdadeiras amizades. É crescer no amor, até se transformar em caridade e doação ao próximo, sem medir sacrifícios. É a afetividade que nos leva a experimentar emoções, as emoções da vida, o prazer, o amor, e nos orienta em direção ao outro.

**1.2. Formar a mente** (ou a inteligência): é desenvolver a capacidade de pensar com a própria cabeça, refletir, meditar. Visa aumentar nossos conhecimentos, criando o hábito da leitura, da reflexão.

Este é o modo de proceder dos franciscanos: o que entra na cabeça (na mente), deve passar para o coração e ir para as mãos. 'Em outras palavras, o que conhecemos (cabeça), devemos amar (coração) e traduzir em obras (mãos).

**1.3 Formar a vontade:** é desenvolver a capacidade de opção, de escolha; é desenvolver a capacidade de decisão e perseverança para enfrentar a realidade da vida. As pessoas de vontade fraca desanimam facilmente diante das dificuldades. A pessoa de firme vontade se esforça com perseverança, para viver bem e fazer o bem, mesmo nas dificuldades. A pessoa de firme vontade luta e assim vai conseguindo vitória sobre vitória, tornando-se uma pessoa forte, de valor, ornada de qualidades e virtudes, porque lutou e foi vencendo, A pessoa de vontade forte é capaz de enfrentar a correnteza da vida, sem se deixar arrastar.

## 2 A DIMENSÃO SEXUAL

O homem e a mulher são criados, isto é, queridos por Deus: por um lado, em perfeita igualdade como pessoas humanas e, por outro, em seu ser respectivo de homem e de mulher. "Ser homem" e "ser mulher" é uma realidade boa e querida por Deus: o homem e a mulher

têm uma dignidade inamissível (não sujeita a perder-se), que lhes vem diretamente de Deus, seu Criador. O homem e a mulher são criados em idêntica dignidade, “à imagem de Deus”. Em seu “ser-homem” e seu “ser-mulher” refletem a sabedoria e a bondade do Criador (CIC 369).

A sexualidade afeta todos os aspectos da pessoa humana, em sua unidade de corpo e alma. Diz respeito particularmente à afetividade, à capacidade de amar e de procriar e, de uma maneira mais geral, à aptidão a criar vínculos de comunhão com os outros (CIC 2332).

A sexualidade está ordenada para o amor conjugal entre o homem e a mulher. No casamento, a intimidade corporal dos esposos se torna um sinal e um penhor de comunhão espiritual. Entre os batizados, os vínculos do matrimônio são santificados pelo sacramento (CIC 2360).

“A sexualidade, mediante a qual o homem e a mulher se doam um ao outro com os atos próprios e exclusivos dos esposos, não é em absoluto algo puramente biológico, mas diz respeito ao núcleo íntimo da pessoa humana como tal, Ela só se realiza de maneira verdadeiramente humana se for parte integral do amor com o qual homem e mulher se empenham totalmente um para com o outro até a morte” (CIC 2361).

“Os atos com os quais os cônjuges se unem íntima e castamente são honestos e dignos. Quando realizados de maneira verdadeiramente humana, significam e favorecem a mútua doação pela qual os esposos se enriquecem com o coração alegre e agradecido.

A sexualidade é fonte de alegria e de prazer (CIC 2362):

O próprio Criador... estabeleceu que nesta função (isto é, de geração) os esposos sentissem prazer e satisfação do corpo e do espírito. Portanto, os esposos não fazem nada de mal em procurar este prazer ou em gozá-lo. Eles aceitam o que o Criador lhes destinou. Contudo, os esposos devem saber manter-se nos limites de uma moderação justa. (Pio XII, discurso de 29.10.1951).

A castidade significa a integração correta da sexualidade na pessoa e, com isso, a unidade interior do homem em seu ser corporal e espiritual. A sexualidade, na qual se exprime a pertença do homem ao mundo corporal e biológico, torna-se pessoal e verdadeiramente humana

quando é integrada na relação de pessoa a pessoa, na doação mútua integral e temporalmente ilimitada do homem e da mulher (CIC 2337).

A castidade significa a integração da sexualidade na pessoa. Inclui a aprendizagem do domínio pessoal (CIC 2395).

A castidade comporta uma *aprendizagem do domínio de si*, que é uma pedagogia da liberdade humana. A alternativa é clara: ou o homem comanda suas paixões e obtém a paz, ou se deixa subjugar por elas e se torna infeliz. A dignidade do homem exige que ele possa agir de acordo com uma opção consciente e livre, isto é, movido e levado por convicção pessoal e não por força de um impulso interno cego ou debaixo de mera coação externa. O homem consegue esta dignidade quando, libertado de todo cativo das paixões, caminha para o seu fim pela escolha livre do bem e procura eficazmente os meios aptos com diligente aplicação (CIC 2339).

O domínio de si mesmo é um *trabalho a longo prazo*. Nunca deve ser considerado definitivamente adquirido. Supõe um esforço a ser retomado em todas as idades da vida. O esforço necessário pode ser mais intenso em certas épocas, por exemplo, quando se forma a personalidade, durante a infância e a adolescência (CIC 2342),

A castidade representa uma tarefa eminentemente pessoal. Mas implica também um *esforço cultural*, porque “o homem desenvolve-se em todas as suas qualidades mediante a comunicação com os outros”. A castidade supõe o respeito pelos direitos da pessoa, particularmente o de receber uma informação e uma educação que respeitem as dimensões morais e espirituais da vida humana (CIC 2344).

A castidade há de distinguir as pessoas de acordo com seus diferentes estados de vida: umas na virgindade ou no celibato consagrado, maneira eminente de se dedicar mais facilmente a Deus com um coração indiviso; outras, da maneira como a lei moral determina, conforme forem casados ou celibatários. As pessoas casadas são convidadas a viver a castidade conjugal; os outros praticam a castidade na continência:

“Existem três formas da virtude da castidade: a primeira dos esposos; a segunda, da viuvez; a terceira da virgindade. Nós não

louvamos uma delas excluindo as outras. Nisso a disciplina da Igreja é rica” (CIC 2349).

### 3 DIMENSÃO SOCIAL

É a capacidade de descobrir o outro (a) e superar os bloqueios de comunicação para conhecer o outro (a), gerar afeição e cooperação, confrontar ideias e dons. Nesta dimensão estabelecemos os nossos relacionamentos. Ela pode ser experimentada nos grupos de convivência social, e mais ainda na família, na Fraternidade, lugares da convivência com o diferente, espaço de diálogo permanente.

A pessoa humana só poderá realizar-se vivendo em relação com os outros, em sociedade, vivendo unidos aos outros homens. Ela não pode viver desligada, separada do resto do mundo (GS 12).

**3.1 Relação consigo mesmo:** Visa tornar a pessoa humana amiga de si mesmo, conhecer-se e amar-se, ter um conceito positivo de si mesma. Sem isto, é impossível a pessoa humana ter uma posição positiva diante dos outros, do mundo e de Deus. Quem não ama a si mesmo, é incapaz de amar os outros, o mundo e Deus. “O segundo mandamento é: amarás o teu próximo como a ti mesmo” (Mt 22, 39).

**3.2 Relação com os outros seres humanos:** É a relação de pessoa a pessoa, relação de amizade, de fraternidade. Visa formar a pessoa humana para o diálogo e para a vida social, para viver como irmãos e amigos.

**3.3 Relação com a criação:** É a relação com as criaturas, com os seres animados e inanimados. A pessoa humana recebeu de Deus a missão de “dominar” as coisas criadas e de “cultivar” o jardim do mundo. Isto não quer dizer que ela pode “usar e abusar” das coisas criadas. A formação para a relação com a natureza visa formar a pessoa humana para o trabalho, a fim de humanizar a natureza, sem destruí-la (CR, 43).

## 4 DIMENSÃO POLÍTICA

Responde à pergunta “onde estou e o que faço aqui?”. Descobrir o mundo e fazer-se sujeito da história, com senso crítico, capacidade de analisar e participar. A conscientização nos leva ao compromisso com a política, com a cidadania, com os direitos humanos, com a defesa da vida, do trabalho, da ecologia, etc.

## 5 DIMENSÃO TÉCNICA (PRÁTICA)

Procura responder ao nosso “como fazer?”. É preparar-se para a ação de planejar, executar, revisar, criar, encantar, festejar, seja na vida pessoal, na coordenação e serviço à Fraternidade ou na organização da vida e do trabalho.

É necessário que aprendamos a colocar nossa preparação técnica a serviço da Fraternidade e mais ainda que busquemos aprender “como fazer” aquilo que é necessário ser feito para o bom andamento da vida da Fraternidade. Muitas vezes podemos usar nossa preparação técnica profissional no serviço da formação, da animação das reuniões, no planejamento das atividades etc.

## 6 DIMENSÃO MÍSTICA

Responde à pergunta “de onde vim e para onde vou?”. • A pessoa humana, por sua natureza, como ser inteligente, está aberta a uma realidade que a supera, que está acima do ser humano e da criação. A Bíblia nos revela que esta realidade que está acima de nós é um Ser pessoal, é Deus. Vivendo numa sociedade voltada mais para o material do que para o espiritual, torna-se urgente uma mais intensa formação para a mística que deve formar em nós o sentido de um Deus Pessoal e Amigo: um Deus que dialoga e que estabelece relações pessoais conosco, fazendo-nos mergulhar em sua bondade e em seu amor. Ajuda-nos a perceber o que nos move e nos anima, sentir a presença de Deus na história, assumir a presença do Deus que salva em Jesus, conhecer o conteúdo da fé em fraternidade.

A formação deve ensinar à pessoa como realizar ou como tornar concreta esta relação com Deus na oração, na observância dos mandamentos, no amor a Ele e ao próximo, enfim, como viver sua fé, praticar as virtudes e as boas obras.

Esta formação visa estabelecer a ligação entre religião e vida, entre fé e vida: é fazer da oração e da contemplação a alma do próprio ser e do próprio agir (Regra OFS 8); é conformar o nosso modo de pensar e agir ao de Cristo, levando a uma constante transformação interior, à conversão (Regra da OFS 7); é superar uma religiosidade individualista e acomodada, assumindo uma religiosidade comunitária, fraterna e comprometida com a realidade onde vivemos. “A espiritualidade do franciscano secular é um projeto de vida centrado na pessoa de Cristo e no seu seguimento, mais do que um programa detalhado a pôr-se em prática” (Regra da OFS 4 e CCGG 9),

O livro Cântico dos Cânticos repete várias vezes: “*O meu Amado é meu e eu sou Dele!*” [...] O meu Amado fala e me diz: “*Levante-se minha amada, formosa minha, venha a mim! Veja: o inverno já passou! Olhe: a chuva já se foi! As flores desabrocham na terra, o tempo da poda vem vindo, e o canto da rola já se ouve em nosso campo. Despontam figos da figueira e a vinha florida exala perfume. Levante-se minha amada, formosa minha, venha a mim!* (Cant 2,813).

Com os olhos abertos pelo Espírito do Senhor, conseguiremos ler nas expressões ... que estão no Cântico dos Cânticos, à luz da famosa página do capítulo 25 de São Mateus: Quando, como o menor dos irmãos de Jesus, estive passando fome, Deus o meu Amado, estava declarando o seu amor por mim. Quando tantas pessoas estão sem casa, sem a dignidade de uma roupa decente, sem o respeito pela sua raça. Deus, o meu Amado, está perguntando ansioso se, de verdade, eu também sou Dele.

Quando a maioria tenta me convencer de que as pessoas têm que ser avaliadas por seu dinheiro, por seu sucesso, ou execradas por suas “culpas”, se eu souber deixar tudo para construir um mundo melhor, nem que seja dando alguns minutos de minha inteira e amorosa aten-

ção a quem precisa, estarei podendo repetir com muita propriedade: *“O meu Amado é meu, e eu sou Dele”*.

## CONCLUSÃO

A pessoa humana nunca está pronta e acabada. Menos ainda o cristão, que se sabe chamado a ser “perfeito como o Pai Celeste é perfeito” (Mt 5,48). Há uma tarefa permanente a realizar-se “até atingirmos o estado de homem feito, à estatura da maturidade de Cristo” (Ef 4,13). É a tarefa de formação da própria pessoa, como processo permanente. Essa formação deve responder a cada uma das dimensões do ser humano, para que venha a desenvolver-se integralmente como tal. Para que a pessoa seja ética, democrática, comprometida, participativa, saiba amar, conviver, relacionar-se, que tenha fé, esperança e, principalmente, que seja feliz e realizada. Em resumo: que seja “plenamente aquilo a que é chamada”.

A nossa Regra, no número 5 nos ensina que o Espírito Santo nos conduz na caminhada humana e nos ajuda a integrar harmoniosamente nossas dimensões: “Os franciscanos seculares, portanto, procurem a pessoa vivente e operante do Cristo nos irmãos, na Sagrada Escritura, na Igreja e nas ações litúrgicas. A fé de São Francisco, que ditou estas palavras: “Nada vejo corporalmente neste mundo do altíssimo Filho de Deus, senão o seu santíssimo Corpo e o santíssimo Sangue”, seja para eles a inspiração e o caminho da sua vida eucarística”.

## REFLEXÃO

---

1. Criada por dom gratuito de Deus, a pessoa humana tanto mais se realizará quanto mais se entregar a Deus e aos outros. Você concorda com essa afirmação? Por que?
2. O que precisamos fazer para desenvolver nossa inteligência, nosso coração e nossa vontade?

## VIVÊNCIA

1. Quais dons você vê nas pessoas com as quais você convive.
2. Descubra o que você precisa fazer para ter mais saúde e pratique o que for necessário para obtê-la em todas as dimensões.
3. Você conhece os seus dons? Quais são? Veja como poderá colocá-los a serviço da Fraternidade.

## BIBLIOGRAFIA

Catecismo da Igreja Católica

EQUIPE DE FORMAÇÃO da Região Sul 3 da OFS do Brasil. Formar para uma Nova Sociedade. Caxias do Sul (RS): Editora São Miguel, 1992.





## 7

# A PESSOA HUMANA EM BUSCA DA MATURIDADE

## EXPOSIÇÃO

Hoje se fala muito em maturidade, em ser adulto. A maturidade é a base de uma vida feliz. A pessoa imatura não conquista uma liberdade interior. Permanece numa atitude infantil, coloca suas satisfações, acima dos valores.

Pessoa madura não é aquela que para, após ter conseguido algumas realizações, estaciona na vida, mas aquela que sempre estimula seu desenvolvimento.

“Chamados, juntamente com todos os homens de boa vontade, a construir um mundo mais fraterno e evangélico para a realização do Reino de Deus e conscientes de que ‘quem segue a Cristo, Homem perfeito, também se torna mais homem’, assumam as próprias responsabilidades com competência e em espírito cristão de serviço” (Regra da OFS 14).

## 1 A BUSCA DA MATURIDADE

### 1.1. O ser humano adquire a maturidade ultrapassando etapas em sua vida:

- ✓ nasce ignorante e adquire conhecimentos necessários à sua vida;
- ✓ nasce irresponsável e aos poucos vai aprendendo que pode e deve assumir responsabilidades em relação a si e à sociedade;
- ✓ nasce solitário, aprende a comunicar-se e vai construindo seu relacionamento familiar, social e religioso;

- ✓ nasce egoísta, quer tudo para si e depois vai aprendendo a partilhar, repartir sua vida com outras pessoas;
- ✓ nasce sem a fé em Cristo, mas é capaz de conhecê-la, por meio do conhecimento do mistério de Cristo, do descobrimento da vocação a que foi chamado, de fortalecê-la pela vivência do Evangelho, celebrado na liturgia e vivido na Igreja.

## 1.2 Constata-se a maturidade das pessoas por meio dos seguintes aspectos:

*a) Aceitação de si mesmo* – Só as pessoas maduras aceitam suas limitações e concordam com a participação dos outros para atingirem seus objetivos. Para eu me aceitar, é preciso que me conheça por dentro e por fora. Esse conhecimento implica: autoanálise, autoaceitação, autoestima elevada, amar a própria história e amar a vida.

*b) Respeito ao próximo* As pessoas maduras não exploram, nem se deixam explorar. Elas procuram subir pelo caminho seguro da honestidade e não às custas dos outros. “Assim como o Pai vê em cada ser humano os traços de seu Filho Primogênito entre muitos irmãos, os franciscanos seculares acolham todos os homens com espírito humilde e benevolente, como um dom do Senhor e imagem de Cristo. O sentido da fraternidade os tornará dispostos a igualar-se com alegria a todos os homens, especialmente aos mais pequeninos, para os quais procurarão criar condições de vida dignas de criaturas remidas por Cristo” (Regra da OFS 13).

*c) Aceitação da responsabilidade* A pessoa madura tem consciência do que está fazendo e assume com garra o que diz e faz. Não é covarde, invejosa, nem ciumenta. A honestidade de sua pessoa e de seus atos provém da Verdade, à qual aderiu por convicção. Age com serenidade, segurança e perseverança. Custe o que custar, a pessoa madura não desiste de seus propósitos. E ela assim age, não por autoafirmação, mas por convicção.

- ✓ Autoafirmação: é imaturidade e conduz para a rigidez e é contrária ao sentido da vida.
- ✓ Convicção: confirma-se pela flexibilidade e suavidade. Como toda verdade superior, progride melhor, quando leva em conta os erros e os reconhece como tais e se corrige.

Isto é altamente humano e grandioso.

“Estejam presentes pelo testemunho da própria vida humana, bem como por iniciativas corajosas, quer individuais, quer comunitárias, na promoção da justiça, particularmente no âmbito da vida pública, comprometendo-se com opções concretas e coerentes com sua fé” (Regra da OFS 15).

*d) Confiança* – A pessoa humana madura tem confiança em si mesma e, por isso, não tem dificuldade em aceitar a colaboração dos outros. Só os inseguros, os invejosos, os ciumentos e possessivos sentem a ascensão dos outros como ameaça. O indivíduo maduro fica satisfeito quando contribui para o progresso das outras pessoas. “O amor alegra-se com a verdade” (1 Cor 13,6).

“Também na dor, Francisco experimentou a confiança e a alegria, haurindo-as:

- ✓ na experiência da paternidade de Deus;
- ✓ na fé inabalável de ressuscitar com Cristo para a vida eterna;
- ✓ na experiência de poder encontrar e louvar o Criador na fraternidade universal com todas as criaturas.

Por isso, em conformidade com o Evangelho, os franciscanos seculares digam o seu sim à esperança e à alegria de viver. Ofereçam uma contribuição contra as múltiplas angústias e o pessimismo, preparando um futuro melhor” (cf. Regra da OFS 19, CCGG, 26.1).

*e) Paciência* A pessoa humana madura é paciente. Procura refletir o suficiente para encontrar soluções adequadas aos problemas.

“Na Fraternidade, os irmãos promovam o mútuo entendimento e procurem que o ambiente das reuniões seja acolhedor e reflita a alegria. Encorajem-se reciprocamente no bem” (CCGG, 26.2).

*f) Capacidade de superar sofrimentos* - A “prova de fogo” da maturidade emocional é demonstrada como se suporta o sofrimento.

A pessoa madura não sucumbe diante dos contratemplos e dos reveses da vida, Não lamenta o passado, porém, reergue-se diante dos sofrimentos, com ânimo e coragem. Aceita livremente os acontecimentos inevitáveis e, até mesmo, descobre um significado para as situações que indicam um limite da sua liberdade, tais como: acidentes, doenças, dor, sofrimento e até a própria morte.

A verdadeira vida voltada para os valores, não está em fugir das dificuldades, mas sim em aceitá-las serenamente e descobrir um significado para elas. As dificuldades não podem ser sinônimos de ruptura com a vida, mas algo acessório, acidental.

“Avançando na idade, aprendam os irmãos a aceitar a doença e as crescentes dificuldades e a dar à própria vida um sentido mais profundo, no progressivo desprendimento e encaminhamento à Terra Prometida. Estejam firmemente convencidos de que a comunidade dos crentes em Cristo e dos que se amam n’Ele, prosseguirá na vida eterna, na comunhão dos santos (cf. Regra da OFS 19).

Os franciscanos seculares se empenhem em criar em seu ambiente, sobretudo nas fraternidades, um clima de fé e de esperança, de modo que a irmã morte seja vista como passagem para o Pai e todos possam preparar-se para ela com serenidade”(CCGG 27, 1 e 2).

*g) Equilíbrio entre o corpo, a mente e o espírito* A pessoa humana madura é equilibrada. Sabe dosar. É capaz de trabalhar arduamente, mas também é capaz de esquecer as pressões dos negócios e gozar o seu lazer.

“O tempo livre e o lazer têm um valor próprio e são necessários ao desenvolvimento da pessoa. Os franciscanos seculares cuidem que

haja uma equilibrada relação entre trabalho e repouso e procurem realizar formas qualificadas de ocupação do tempo livre” (CCGG, 21, 2).

*h) Objetividade* – A pessoa madura sabe agir com imparcialidade. Ao tomar uma decisão com relação a outros, procura analisar os fatos, isenta de subjetivismo, vendo-os tais quais eles são na realidade, nem mais, nem menos. Não os vê com lente de aumento.

*i) Senso de humor* – O equilíbrio emocional possibilita ver a vida sob o ângulo mais positivo. A vida moderna, cheia de tensões, exige o desenvolvimento de nosso senso de humor, como terapia anti-angústia.

Senso de humor não é a capacidade de rir de programas de TV, ou de ter jeito para contar gracinhas, piadas, ou ainda gostar de pregar peças nos outros. O bom humor e a alegria não se prendem à saúde, ao tempo, ou às circunstâncias: tem sua fonte no centro da alma. É uma atitude diante da vida e diante de si mesmo, que às vezes está além do riso.

O bom humor exige, antes, qualidades do espírito, compreensão dos valores autênticos, otimismo, confiança. É sorrir com a pequenez da condição humana. É ter olhos para a comicidade que frequentemente se esconde sob a aparência de tragédia.

Ter senso de humor é não dramatizar as próprias deficiências.

Para a pessoa bem humorada, os problemas pesam menos, pois ela os vê sob vários ângulos e os desconcentra de seus aspectos angustiantes,

“Como portadores de paz e lembrando-se de que ela deve ser construída incessantemente, procurem os caminhos da unidade e dos entendimentos fraternos mediante o diálogo, confiantes na presença do germe divino que existe no homem e na força transformadora do amor e do perdão” (Regra da OFS 19).

O senso de humor requer várias qualidades:

- ✓ Flexibilidade – é a capacidade de examinar cada caso que se apresenta, em todas as suas implicações e detalhes.
- ✓ Agilidade mental– consiste em passar de um pensamento para outro, conforme as circunstâncias.
- ✓ Julgar os fatos com liberdade – é a liberdade interior para julgar, sem preconceitos, todos os valores da própria época, do lugar em que se vive e do grupo que nos cerca.

Ver além das aparências – consiste na rejeição de que todos sejam o que, em princípio, aparentam ser.

- ✓ Ter espírito esportivo – é a aceitação da vida como um jogo tragicômico no qual algumas vezes ocorre a vitória, em outras o fracasso, mas do qual é divertido participar.
- ✓ Saber viver os momentos festivos da vida.
- ✓ Viver com humildade – é a capacidade de confessar-se pequeno para si mesmo e de reconhecer que sabemos muito pouco. O que aprendemos, nunca esgotamos durante toda nossa vida.
- ✓ Espiritualidade – O bom humor supõe também a fé e o amor de Deus, que traz a paz aos corações. Bom humor é caridade, é polidez de coração. É fruto do amor e da verdadeira felicidade.

É muito importante e necessário o cultivo das festas familiares e na fraternidade: datas relevantes, aniversários, dia das mães, dias dos pais, batizados, primeira Eucaristia, Crisma. Natal, Ano Novo, Páscoa, etc... Tais festas e comemorações trazem distinção ao ambiente familiar e fomentam a união. Graças a elas, quantas preocupações diminuem, quantos atritos desaparecem, quanto veneno se dilui e quanta amargura se transforma em doçura.

A alegria é contagiante. Deus - é fonte de alegria. Ele não está nos limites, nas deficiências, nas pessoas irrealizadas, tristes, azedas, de mal com a vida, pessimistas, negativas. Deus não é um tapa-buraco, quebrador de galhos, remediador de defeitos. Deus está no centro, na alegria, na saúde, na pessoa realizada, pura de coração.

## 2 OS MAIORES INIMIGOS DO CRESCIMENTO DA PESSOA HUMANA

A pessoa humana sempre foi perseguida por quatro grandes e perigosos inimigos. Tais inimigos sempre a atordoaram e já levaram muitas vítimas para sanatórios, manicômios e até mesmo para os cemitérios. São eles: o complexo de inferioridade, sentimento de culpa, desconfiança e medo.

**2.1 Complexo de inferioridade** – é sentir-se menos que os outros. É sentir-se incapaz, no próprio ser e agir. É o fim da identidade.

Remédio - estudo, autoconhecimento, força de vontade, treinamento das capacidades, cultivo pessoal, otimismo: “Eu quero, eu posso, eu consigo”. Isto é muito importante no plano humano, mental e espiritual de toda pessoa.

**2.2 Sentimento de culpa** - é a cobrança dos erros do passado. Isto é doentio. O sentimento de culpa leva ao desespero, à depressão. É bem diferente do arrependimento. Este é do campo da fé, leva à conversão, à transformação, ao amadurecimento da pessoa. O sentimento de culpa leva ao aniquilamento.

Remédio – arrependimento sincero, uma boa confissão, cultivo da alegria, lazer, otimismo, esperança, pensamento positivo, fé.

**2.3 Desconfiança** – é o estado emocional doentio de não confiar em si mesmo, nas pessoas, na Vida. A desconfiança brota da insegurança, originada na falta de confiança. O desconfiado cria tensões em si e nos outros. Contagia.

Remédio – Estar em paz consigo mesmo, com as outras pessoas, com o mundo, com a Vida e com Deus. Aceitar-se como realmente é. Confiar na Divina Providência (Mt. 6, 24, ss.).

**2.4 Medo insano** – é o pior inimigo da pessoa humana. Mata aos poucos. É a soma dos anteriores: complexo de inferioridade, sentimento de culpa e desconfiança.

O medo trava toda a caminhada da pessoa: responsabilidade, crescimento, liberdade, saúde física, psíquica e espiritual. O medo é a porta aberta para todos os tipos de doenças da alma. É um grande mal. Um perigo para a vida. Contagia.

Existe o medo positivo, que nos faz ser prudentes, ter o necessário cuidado conforme as circunstâncias e sabemos que é um dom da Sabedoria viver no santo temor de Deus. Mas este santo temor não prejudica em nada a confiança na misericórdia divina, antes leva a pessoa a colocar-se com humildade diante do Pai e ser completamente liberta de suas dificuldades.

Remédio – Curar o egoísmo e apoiar-se em Deus, cultivar pensamentos positivos, enfrentar a realidade com coragem, comunicar-se com outras pessoas, procedimentos corretos, perdão (grande remédio), amar e deixar-se amar.

## CONCLUSÃO

Este texto tem o objetivo de ajudar na caminhada de encontro consigo mesmo, de abrir a porta da esperança na trajetória da fé e do amor, para o encontro com a vida, com Deus.

Atire-se e mergulhe no profundo oceano do amor: “Deus é amor” (130, 4,8).

## REFLEXÃO

---

1. Com muita sinceridade, diga a si mesmo como se sente diante desse texto.
2. Procure analisar sua caminhada e ver que manifestações de imaturidade devem ser vencidas.

## VIVÊNCIA

---

1. Faça uma visita a alguém que possa estar necessitando de sua presença e procure doar-se no que for conveniente.

## BLOGRAFIA

BRANDÃO, Marilene. **Psicologia e formação religiosa**. São Paulo: Edições Paulinas, 1985.

LEPP, Ignace. **Higiene da alma**. São Paulo: Editora Herder, 1966.

LOPEZ, Salvador. **Psicologia e vida consagrada**. São Paulo: Edições Paulinas, 1984.

ROGERS, Gari R. **Tornar-se pessoa**. São Paulo: Martins Fontes, 1961.

TELES, Antônio Xavier. **Psicologia Moderna**. São Paulo: Ática, 1974.

## APROFUNDANDO O TEXTO

DICIONÁRIO de Espiritualidade. **Verbetes maturidade espiritual**. São Paulo: Paulinas, 1989.





## 8

# A PESSOA HUMANA E A SOCIEDADE

## EXPOSIÇÃO

Ao afirmar que a pessoa humana é um ser social, queremos dizer que é próprio dela viver em sociedade ou viver junto com outros. Viver em sociedade constitui uma característica fundamental da pessoa humana.

Desde os tempos mais antigos, as pessoas se reuniam em grupos para caçar e descobrir um melhor modo de sobreviver. Além de sobreviver, a pessoa precisa desenvolver-se. Em companhia de outras, a pessoa humana desenvolve os sentimentos de amizade, amor, simpatia, empatia, estima, colaboração etc. Em companhia de pessoas humanas é que nos tornamos mais humanos.

“A pessoa humana tem necessidade de vida social. Esta não constitui para ela algo acrescentado, mas é uma exigência de sua natureza. Mediante o intercâmbio com os outros, a reciprocidade dos serviços e o diálogo com seus irmãos, o ser humano desenvolve as próprias virtualidades; responde, assim, à sua vocação” (CIC 1879).

“Deus não criou o homem solitário. Desde o início, ‘Deus os criou varão e mulher’ (Gn, 1,27). Esta união constituiu a primeira forma de comunhão de pessoas. O homem é, com efeito, por sua natureza íntima, um ser social. Sem relações com os outros, não pode nem viver, nem desenvolver suas qualidades” (GS 12).

## 1 ORGANIZAÇÃO DA SOCIEDADE

Com as palavras do Concílio Vaticano II (GS 12), percebemos que a pessoa humana só poderá realizar-se vivendo em comunhão, em sociedade com outras pessoas. A partir da necessidade que o ser humano

tem de conviver com os outros, surgem: a família, o grupo e a sociedade organizada.

### 1.1 Família:

“A família é a *célula originária da vida social*. É a sociedade natural na qual o homem e a mulher são chamados ao dom de si no amor e no dom da vida. A autoridade, a estabilidade e a vida de relações dentro dela constituem os fundamentos da liberdade, da segurança e da fraternidade no conjunto social. A família é a comunidade na qual desde a infância, se podem assimilar os valores morais, tais como honrar a Deus e usar corretamente a liberdade. A vida em família é iniciação para a vida em sociedade” (CIC 2207).

A família é o primeiro, o mais importante e fundamental grupo social a que pertencemos. Nela nascemos e nela aprendemos a viver em sociedade. A família é o grupo social formado pelo pai, pela mãe e pelos filhos.

### 1.2 Grupos:

A necessidade de viver com os outros leva-nos a conhecer outras pessoas: parentes, amigos, os amigos dos pais, os vizinhos.

É o grupo formado por pessoas com relação de parentesco, de vizinhança e de amizade. Sentimos a necessidade de participar de grupos um pouco maiores: o time de futebol, a escola, a igreja, etc.. Estes são: o grupo recreativo, o grupo escolar, o grupo religioso, etc..

### 1.3 Sociedade organizada:

Devido à necessidade de viver com os outros, e para que todos os grupos (famílias, instituições e população) pudessem viver em paz, na justiça e na ordem, as pessoas criaram uma “sociedade organizada”: o bairro, o Município, o Estado, a Nação. Esta comunidade maior ou essa “sociedade organizada” é a “sociedade política” que tem por fim garantir a paz, a justiça, a ordem, o progresso. A sociedade política se incumbe do bem-comum, necessário a todas as pessoas e grupos. O centro da sociedade política é o Estado.

“A pessoa humana é e deve ser o princípio, sujeito e fim de todas as instituições sociais” (CIC 11892).

Vejamos o que as nossas CCGG nos artigos 19 e 20, dizem a respeito da nossa vida em sociedade.

Art.19,1: “Os franciscanos seculares ajam sempre como fermento no ambiente em que vivem mediante o testemunho do amor fraterno e de claras motivações cristãs” (cf. Regra da OFS 14).

Art.19,2: “Em espírito de minoridade escolham um relacionamento preferencial com os pobres e os marginalizados, sejam eles simples indivíduos ou categorias de pessoas ou um povo inteiro; colaborem para a superação da marginalização e daquelas formas de pobreza que são fruto de ineficiência e de injustiça”.

Art.20 “Empenhados na edificação do Reino de Deus nas realidades e atividades temporais, os franciscanos seculares, por vocação, vivem como realidade inseparável a própria pertença à Igreja e à sociedade” (cf. Regra da OFS 14).

## 2 O ESTADO

O Estado é formado por todos aqueles que possuem poder e autoridade na sociedade política e pelas organizações e serviços em favor do bem-comum.

### 2.1 Direitos e deveres do Estado:

O dever fundamental do Estado consiste em promover e assegurar o bem comum a todos os cidadãos; promover e assegurar todas aquelas condições concretas, materiais e espirituais, de que todos os seres humanos necessitam, para realizar-se como pessoa humana. Por isso, é dever do Estado garantir os direitos à educação, moradia, trabalho, justo salário, saúde, higiene, lazer etc.

Como membros do Estado, temos também deveres: pagar os impostos, votar, prestar serviço militar, respeito e obediência às autoridades etc.

## 2.2 Direitos e deveres do povo:

Todas as pessoas têm direitos e deveres. Temos o direito de ganhar o suficiente sem precisar fazer horas extras, de reclamar das más condições de trabalho, de exigir melhores escolas e transportes, segurança, saúde etc... Todos nós temos o dever de trabalhar, de socorrer o próximo, de defender o fraco e injustiçado, de participar da política, de reconhecer os que foram legitimamente eleitos etc.

O Estado, por sua vez, não pode criar deveres que firam os direitos do povo, como seja: proibir sindicatos de lutar em favor do trabalhador; cobrar impostos acima das possibilidades de pagamento; impedir aos cidadãos de escolherem seus legítimos representantes, etc.

## 3 O BEM COMUM

“Em conformidade com a natureza social do homem, o bem de cada um está necessariamente relacionado com o bem comum. Este só pode ser definido em referência à pessoa humana; Não vivais isolados, retirados em vós mesmos, como se já estivésseis justificados, mas reuni-vos para procurar juntos, o que é o interesse comum” (CIC 1905).

“Por bem comum preciso entender “o conjunto daquelas condições da vida social que permitem aos grupos e a cada um de seus membros atingirem de maneira mais completa e desembaraçadamente a própria perfeição” o bem comum interessa à vida de todos. Exige prudência da parte de cada um e mais ainda da parte dos que exercem a autoridade” (CIC 1906).

O bem-comum é o bem de todos. São todas aquelas condições concretas, materiais e espirituais, necessárias para que as pessoas que formam a sociedade possam viver de acordo com a dignidade humana.

O bem-comum é o conjunto de tudo que a pessoa precisa para viver como ser humano. Por exemplo: ter casa decente, boa alimentação, roupa, escola, trabalho com justo salário, transporte, tempo livre para descanso, assistência médica e dentária etc.

São responsáveis pelo bem-comum cada um de nós e todas as organizações: a família, a escola, o centro comunitário, o sindicato, o par-

tido político, o Governo, o Estado. O papel do Governo é animar todas as pessoas, organizações e instituições a participarem nas decisões que favorecem o bem comum, o bem de todos. O Governo não pode favorecer certos grupos ou instituições só porque são do seu partido.

São excluídos do bem comum os marginalizados. Não há bem comum onde existe gente marginalizada, colocada à margem da sociedade, como se não pertencessem à sociedade.

Ser marginalizado é receber salário injusto, é não poder frequentar a escola, é morar em barracos caindo aos pedaços, é passar fome, é não ter um pedaço de terra para morar e plantar, é não participar das decisões da sociedade. Ser marginalizado é, principalmente, não querer se libertar dessas condições ou situações.

As causas da marginalização são muitas. Quando as grandes decisões são tomadas para beneficiar os grupos dominantes, sem levar em conta os interesses do povo, está se criando uma situação de marginalização do povo.

A Regra da OFS ensina uma maneira de “construir um mundo mais fraterno e evangélico para a realização do Reino de Deus, exercendo com competência e em espírito cristão de serviço as próprias responsabilidades” (Regra da OFS 14). Elas existem nos vários estados de vida e nas diversas circunstâncias: as responsabilidades dos jovens no estudo e no trabalho; dos casados, no respeito à vida, nos deveres de esposos e de pais; dos cidadãos, no dever do voto), dos impostos. O compromisso na construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Nas responsabilidades profissionais, muitas vezes, o interesse individual está acima do bem comum. Precisamos ser competentes profissionais nas mais diversas atividades, não importando o que se faça. Seja o motorista, o eletricista, o pedreiro, o agricultor, a professora, a enfermeira, o médico, o político, o juiz de futebol etc. sejam competentes. E se alguém se sentir chamado a participar da pastoral da Igreja, também se prepare para que possa exercer com competência o ministério.

Os franciscanos seculares são chamados a ser profissionais no serviço. Todo conhecimento, toda capacidade são exercidos em espírito de serviço. A competência deixa de ser riqueza para transformar-se em

pobreza, em generosidade. Diz São Francisco: “Os irmãos que receberam a graça de trabalhar, trabalhem, sem, contudo, perder o espírito de devoção e santa oração» (RB 5,2). Colocando suas capacidades e seus conhecimentos a serviço do próximo, a exemplo de Jesus Cristo e de São Francisco, os franciscanos seculares estão contribuindo para que “cada um se torne ele próprio mais homem”. Assim está construindo um mundo mais fraterno e evangélico: assim está se realizando o Reino de Deus.

As CCGG nos artigos 20,2 e 22,2 e 3 nos diz:

20,2: “Como primeira e fundamental contribuição para a edificação de um mundo mais justo e fraterno, empenhem-se no cumprimento dos deveres próprios do trabalho e na correspondente preparação profissional. Com o mesmo espírito de serviço assumam as próprias responsabilidades sociais e civis e os franciscanos seculares ‘estejam presentes no campo da vida pública; colaborem quanto lhes seja possível, na elaboração de leis e normativas justas. (Regra da OFS 15).

22,2: “No campo da promoção humana e da justiça, as Fraternidades devem empenhar-se com “iniciativas corajosas”, em sintonia com a vocação franciscana e com as diretrizes da Igreja. Tomem posições claras quanto à pessoa humana e ferida na sua dignidade em virtude de opressão ou indiferença, qualquer que seja sua forma. Ofereçam seu serviço fraterno às vítimas da injustiça”.

22,3: “A renúncia ao uso da violência, característica dos discípulos de Francisco, não significa renúncia à ação, os irmãos, porém, cuidem que as suas intervenções sejam sempre inspiradas no amor cristão”.

O convite que nos fazem a Regra e as CCGG, é para promovermos o próximo, descobrindo e reconhecendo suas qualidades. Permitir que o próximo usufrua dos seus direitos. “Praticar a justiça no âmbito da vida familiar e da vida pública”.

Não Basta o testemunho de vida na promoção da justiça. São pedidas iniciativas corajosas. Estas iniciativas podem ser individuais e comunitárias.

As iniciativas individuais são ações de cada franciscano secular, dependendo dos dons do Espírito Santo que cada um recebeu. São denúncias de injustiças no âmbito familiar, na organização do trabalho, na legislação, na política e quem sabe, na Igreja.

As iniciativas comunitárias são ações comunitárias tomadas pelas Fraternidades como um todo ou em grupos. Toda iniciativa dos irmãos e irmãs no âmbito da promoção da justiça, seja em particular, seja comunitariamente, seja como grupos na Fraternidade, seja em outras organizações existentes, como a Justiça e Paz ou os Direitos Humanos, deve ser acolhida, apoiada e apreciada por todos os irmãos e irmãs.

A Regra fala muito claramente das opções concretas. O franciscano secular não pode ficar de braços cruzados diante da injustiça. As opções concretas deverão passar pela transformação das estruturas sociais injustas, como pede o Papa João Paulo II. O franciscano secular deve contribuir onde e como puder para que, aos poucos, diminua o desequilíbrio social, onde os poucos ricos se tornam cada vez mais ricos e os muitos pobres se tornam cada vez mais pobres.

A promoção da justiça também no âmbito da vida pública faz parte da forma de vida que o franciscano secular professa.

## REFLEXÃO

---

1. Os direitos da pessoa são anteriores aos direitos do Estado? Se isto for plenamente aplicado, quais serão as consequências?
2. Leia e comente os números 14 e 15 da Regra da OFS.
3. Chamados, juntamente com todos os homens de boa vontade, a construir um mundo mais fraterno e evangélico para a realização do Reino de Deus e conscientes de que “quem segue a Cristo, Homem perfeito, também se torna, mais homem”, assumam as próprias responsabilidades com competência e em espírito cristão de serviço.

4. Estejam presentes pelo testemunho da própria vida humana, bem como por iniciativas corajosas, quer individuais, quer comunitárias, na promoção da justiça, particularmente no âmbito da vida pública, comprometendo-se com opções concretas e coerentes com sua fé.

## VIVÊNCIA

---

1. O que posso fazer para promover a justiça no âmbito da vida pública?
2. Descubra quais as habilidades profissionais do seu grupo e como elas contribuem para a construção de um mundo mais justo e fraterno.

## BIBLIOGRAFIA

BECKHÄUSER, Frei Alberto (OFM). **Comentário espiritual à Regra da Ordem Franciscana Secular**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

EQUIPE de Formação da Região Sul 3 da OFS do Brasil. **Formar para uma nova sociedade**. Caxias do Sul, RS: São Miguel, [2000?].





## 9

# A PESSOA HUMANA E O TRABALHO

## EXPOSIÇÃO

Trabalho humano que pode ser manual, intelectual, espiritual, é a expressão mais natural de todo ser humano que é levado a procurar e produzir os meios necessários para viver. É um potente educador dos homens, pois desenvolve suas qualidades e aptidões contribuindo para o bem comum. Nunca e ninguém pode considerar o trabalho como um rebaixamento, mas como uma elevação, que realiza a vida do homem. Quem não quer trabalhar não se realiza como ser humano, nem como cristão.

## 1 O MUNDO DO TRABALHO

Trabalho é o centro, tanto na vida de cada pessoa, de cada família, como na organização e funcionamento de toda sociedade. Ele ocupa a maioria do tempo e determina, em grande parte, a vida das pessoas. Envolve questões econômicas, políticas sociais, culturais e antropológicas.

Em nosso país, como em muitos outros da América Latina e do mundo, a questão do trabalho apresenta aspectos dramáticos. São os problemas do desemprego, do subemprego, das condições concretas do trabalho, dos acidentes, dos salários de miséria, etc. Pela exploração e opressão o mundo do trabalho tornou-se para muitos um mundo de sofrimentos, injustiças e violências.

## 2 O MERCADO INFORMAL

Trabalho informal é o não declarado, nem registrado, sem existência legal ou oficial. O trabalho informal (sem carteira assinada) não tem proteção trabalhista, nem previdenciária. Não tem condições de negociação ou barganha; fica à mercê do “empregador”. A expansão do mercado informal ou paralelo, ocorre nos períodos de crise ou estagnação. Não havendo outros meios de subsistência, as pessoas se submetem a este tipo de subemprego.

## 3 DISCRIMINAÇÃO DO TRABALHO FEMININO

Há ainda muitos lugares no Brasil e no mundo, em que os direitos trabalhistas das mulheres não são reconhecidos, em decorrência do desconhecimento desses direitos por elas mesmas e da situação cultural de ambientes onde não há, por parte do governo, a efetiva fiscalização sobre a garantia desses direitos.

As mulheres sofrem vários tipos de discriminações e injustiças tais como: salários desiguais no mesmo trabalho que o homem, brincadeiras de mau gosto, testes de gravidez, demissões por gravidez, atestado de esterilidade e até, às vezes, chantagem sexual por parte de capatazes e/ou patrões para conseguir promoções, melhorias salariais ou apenas garantia do emprego.

## 4 MODERNIZAÇÃO E TÉCNOLOGIA

As transformações no mundo de hoje são rápidas e profundas. Elas mudam a vida das pessoas e de toda sociedade. O crescimento econômico e a mecanização no campo provocam o êxodo rural e a explosão urbana. A modernização e as novas tecnologias marginalizam cada vez mais um número crescente de pobres.

A introdução de novas tecnologias pode fazer decrescer o desgaste físico, a insalubridade e a periculosidade. No entanto, aumentam a tensão mental dos trabalhadores, substituem a qualificação profissional pela arte das máquinas. Os salários não acompanham o aumento de produtividade, responsabilidade e desgaste mental. A autonomia e

a criatividade do trabalho são diminuídas. A curto prazo, à medida em que a automação vai substituindo os homens, diminui a quantidade de trabalho disponível, aumentando o desemprego.

## 5 A LUTA DOS TRABALHADORES

A reflexão da *Laborem Exercens* sobre o valor da luta dos trabalhadores contra a “exploração inaudita” que sofriam, retrata a luta dos trabalhadores brasileiros neste século. Contudo, é animada e sustentada pela solidariedade que nasce do trabalho e pela esperança de ver triunfar um dia, os direitos do trabalho sobre o capital.

## 6 A REALIDADE DO TRABALHO

Esta realidade pode constituir uma perspectiva global de leitura das manifestações de Deus na história de seu povo. Nos momentos mais dolorosos da experiência de trabalho como: escravidão no Egito e exílio na Babilônia o povo Israelita constituído por pastores e camponeses, experimentou o poder de Deus.

Foi também em um país de camponeses, lavradores e trabalhadores braçais que Jesus viveu e anunciou o Reino.

Colaborar com Deus, pelo trabalho na transformação da terra é, ser, com Deus, co-autor do destino humano. A obra da história humana vista à luz da fé, é resultado de duas mãos: a de Deus e a do homem.

## 7 A PALAVRA DA IGREJA

A encíclica *Rerum Novarum* (Das Coisas Novas) foi promulgada em 15/05/1891 pelo Papa Leão XIII. O tema é a “condição dos operários”. Denuncia o jugo quase servil que foi imposto à infinita multidão dos operários por um pequeno número de ricos e opulentos que concentravam em suas mãos a indústria e o comércio. O Papa denuncia como indigno e inumano “usar o homem como vil instrumento de lucro valorizando-o somente pelo que vale a força dos seus braços”. E solenemente lembra aos ricos e patrões que explorar a pobreza e a miséria e especular com a indigência, são atitudes que contrariam as

leis divinas e humanas. Defraudar o preço devido ao trabalho é crime que clama ao céu por vingança.

Eis que o salário roubado aos operários clama contra você e seu clamor chegou aos ouvidos do Deus dos exércitos (Tg 5,4).

A *Rerum Novarum* defende rigorosamente o direito de associação dos trabalhadores.

Em 1931 o Papa Pio XI, escreve a 2ª grande encíclica social: *Quadragesimo Anno* - Registra o crescimento da civilização industrial, levando a ela a reflexão cristã. Preocupa-se com a ordem social e econômica no seu conjunto, cuja regra suprema é a justiça social (que é o amor fraterno).

O Papa João Paulo II em visita ao Brasil em 1980 chama a atenção dos empresários para a situação dos trabalhadores brasileiros. Em outubro de 1991 João Paulo II volta ao assunto preocupado com a crescente miséria do povo brasileiro.

O Papa escreveu em 1981 uma carta aos cristãos do mundo inteiro, animando os trabalhadores e apontando um caminho de esperança. Ele diz: “Para realizar a justiça social, é preciso que haja sempre novos movimentos de solidariedade dos homens do trabalho e de solidariedade com os homens do trabalho” (*Laborem Exercens*).

## 8 O PENSAMENTO DE FRANCISCO DE ASSIS

Há dois aspectos importantes na maneira de Francisco apreciar o trabalho. Primeiro aspecto: Ele queria imitar Jesus Cristo, ora, se Jesus trabalhou com as próprias mãos, como Filho do carpinteiro, também ele queria trabalhar para imitá-lo e queria que também os irmãos trabalhassem com as próprias mãos. Isso lhe bastava. Outro aspecto: Francisco considerava o trabalho uma graça. Daí ele dizer na Regra dos frades: “Os irmãos, aos quais o Senhor deu a graça de trabalhar, trabalhem com fidelidade e devoção, de maneira que afugentem o ócio, inimigo da alma, e não percam o espírito de oração e piedade, ao qual devem servir todas as coisas temporais.” (2 Rg 5,1).

Dentro da perspectiva de São Francisco, o trabalho pode ser visto em quatro dimensões:

- a) O trabalho é dom, não é castigo. É presente de Deus. Se é dom, sejamos gratos por ele;
- b) Pelo trabalho, o homem se torna participante da obra de Deus;
- c) O trabalho em relação com a obra da Redenção. O Filho de Deus quis trabalhar com as próprias mãos, assim, Cristo deu novo sentido a todo trabalho humano;
- d) Dimensão do trabalho humano, como serviço à comunidade humana. Se o trabalho de Cristo foi redentor, então o trabalho dos cristãos realizado em comunhão com Cristo, torna-se também redentor.

Visto desta forma, o trabalho não será pesado, não será escravidão, mas um ocupar-se alegre, participando da ação redentora de Cristo. Ele chega mesmo a transformar-se numa oração-devoção, numa ação de graças a Deus e ao próximo.

## 9 REGRA DA OFS

Confirmando o pensamento de Francisco, diz o artigo 16: “Estimem o trabalho como um dom e como participação na criação, na redenção e no serviço da comunidade humana”.

## 10 CONSTITUIÇÕES GERAIS DA OFS

“Empenhados na edificação do Reino de Deus nas realidades e atividades temporais, os franciscanos seculares, por vocação, vivem como realidade separável a própria pertença à Igreja e à sociedade.” (Regra da OFS 14).

Como primeira e fundamental contribuição para a edificação de um mundo mais justo e fraterno, empenhem-se no cumprimento dos deveres próprios do trabalho e na correspondente preparação profissional. Com o mesmo espírito de serviço assumam as próprias responsabilidades sociais e civis” (CCGG, 20,1 e2).

“Para São Francisco, o trabalho é dom e trabalhar é graça. O trabalho de cada dia é não só meio de sustento, mas ocasião de ser-

viço a Deus e ao próximo e forma de desenvolver a própria personalidade. Na convicção de que o trabalho é um direito e um dever e de que toda espécie de ocupação merece respeito, empenhem-se os irmãos em colaborar para que todos tenham a possibilidade de trabalhar e os processos de trabalho sejam sempre mais humanos (Regra da OFS 16).

O tempo livre e o lazer têm um valor próprio e são necessários ao desenvolvimento da pessoa. Os franciscanos seculares cuidem que haja uma equilibrada relação entre trabalho e repouso e procurem realizar formas qualificadas de ocupação no tempo livre” (CCGG, 21, 1 e 2).

## REFLEXÃO

---

1. O que apontam os sinais dos tempos em relação ao mundo do trabalho? Não há emprego para toda a humanidade, mas será que falta trabalho?
2. O que cada um de nós poderia fazer para ajudar o processo de inclusão na sociedade de tantas pessoas que já não conseguem mais um salário digno e estável?

## VIVÊNCIA

---

1. Viva a experiência do trabalho como dom de Deus, na forma recomendada por nossa Regra e Constituições, fazendo com que seus colegas vejam seu modo positivo e alegre de participar do serviço que presta à sociedade, a sua família, à comunidade e à fraternidade.

## BIBLIOGRAFIA

BATISTINI, Frei Francisco. **Fé e compromisso**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

BECKHÄUSER, Frei Alberto (OFM). **Comentário espiritual à Regra da Ordem Franciscana Secular**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PLENTZ, Frei Urbano, OFM. **A secularidade franciscana**. Belo Horizonte. (Cadernos Franciscanos do Centro de Formação).

## APROFUNDAR O TEXTO

Ver Encíclicas: *Gaudium et Spes* e *Laborem Exercens*.





## 10

# A PESSOA HUMANA NA FAMÍLIA

### EXPOSIÇÃO

“A comunidade conjugal está fundada no consentimento dos esposos. O casamento e a família estão ordenados para o bem dos esposos, a procriação e a educação dos filhos. O amor dos esposos e a geração dos filhos instituem entre os membros de uma mesma família relações pessoais e responsabilidades primordiais” (CIC 2201).

A pessoa humana é por natureza um ser voltado para a família, como para a religiosidade. É na família que a pessoa humana encontra o equilíbrio ético e moral, que se desenvolverá por toda a sua existência. Se a estrutura ética e moral da família é abalada, é bem provável que o homem seja abalado em toda a sua vida, esbarrando-se no desespero e na solidão. Para recuperar o equilíbrio deverá passar por provas que o faça entrar em si mesmo e buscar respostas em Deus, que habita em cada ser humano.

“A família cristã é uma comunhão de pessoas, vestígio e imagem da comunhão do Pai, do filho e do Espírito Santo. Sua atividade procriadora e educadora é o reflexo da obra criadora do Pai. Ela é chamada a partilhar da oração e do sacrifício de Cristo. A oração cotidiana e a leitura da Palavra de Deus fortificam nela a caridade. A família cristã é evangelizadora e missionária” (CIC 2205).

Por ocupar um lugar único na criação, como imagem de Deus, a função da pessoa humana na família é ser criadora. Criadora de que? A esta indagação a nossa mente poderá encontrar uma diversidade de respostas. E veremos que a pessoa humana como ser pensante, cria, ou melhor, recria e essa recriação está imersa na criação do Pai Eterno,

por isso, Deus não abandona a pessoa humana, Ele está sempre ao seu lado, para ser a força, a esperança e o amor.

A família é a *célula originária da vida social*. É a sociedade natural na qual o homem e a mulher são chamados ao dom de si no amor e no dom da vida (CIC 2207).

A família é o lugar privilegiado para conhecer e buscar a Deus, para a prática do amor, perdão e aceitação do outro. Nela vamos assimilar os valores morais, usar corretamente a liberdade e aprender os fundamentos da vida em sociedade. Esta sociedade será tanto quanto melhor quanto mais for ajudada e defendida por medidas sociais adequadas (CIC 2209).

Devido a importância da família para a vida e o bem estar da sociedade o poder civil considere como dever grave: 'reconhecer e proteger a verdadeira natureza do casamento e da família, defender a moralidade pública e favorecer a prosperidade dos lares.'

A comunidade política tem o dever de honrar a família, de assisti-la e de lhe garantir sobretudo:

- o direito de se constituir, de ter filhos e de educá-los de acordo com suas próprias convicções morais e religiosas;
- à proteção da estabilidade do vínculo conjugal e da instituição familiar; a liberdade de professar a própria fé, de transmiti-la, de educar nela os filhos, com os meios e as instituições necessárias;
- o direito à propriedade privada, à liberdade de empreendimento, ao trabalho, à moradia, à emigração;
- de acordo com as instituições dos países, o direito à assistência médica, -à assistência aos idosos, aos abonos familiares;
- à proteção da segurança e da saúde, sobretudo em relação aos perigos, como drogas, pornografia, alcoolismo etc.;
- à liberdade de formar associações com outras famílias e, assim, serem respeitadas junto às autoridades civis (CIC 2210-11).

Já dissemos que a família é a célula principal da sociedade. Podemos dizer que essa mesma família é também a célula do Reino de Deus

que é no mundo a Igreja, sem família não há Igreja. A Encíclica, *Lumen Gentium*, diz que este Reino manifesta-se lucidamente aos homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo. Esta presença de Cristo e suas obras na família humana, devem ser constantes. A pessoa humana que procura viver o plano de Deus em sua vida, através do sagrado matrimônio, tem o dever de, no seu estado de vida revelar aos filhos o Reino de Deus que está em cada um de nós. Quanto maior a fé tanto maior é a responsabilidade com o anúncio do Reino.

Falar da pessoa humana na família é falar de uma vida conjugal, baseada principalmente no alicerce da fidelidade e do amor, porque o matrimônio é um elemento absolutamente cristão que atinge totalmente a sua essência, por corresponder a uma vocação específica da maioria dos fiéis. Sendo vocação específica da pessoa humana cristã, o matrimônio é um caminho para a santidade e para a transformação do mundo. O sagrado matrimônio faz do homem e da mulher um todo para tudo, mesmo num mundo ameaçado pela desagregação do pecado, ele continua sendo a manifestação concreta do amor de Cristo por sua Igreja.

“A paternidade divina é a fonte da paternidade humana; é fundamento da honra devida aos pais, o respeito dos filhos, menores ou adultos, pelo pai e pela mãe alimenta-se da afeição natural nascida do vínculo que os une e é exigido pelo preceito divino” (CIC 2214). “Honra teu pai de todo o coração e não esqueças as dores de tua mãe. Lembra-te que foste gerado por eles, o que lhes darás pelo que te deram?” (Eclo 7, 27-28).

Quando o respeito, a docilidade e a obediência amorosa imperam na vida familiar, pais e filhos antecipar-se-ão em atender os desejos uns dos outros, solicitarão conselhos e orientações e aceitarão as justas admoestações, partilharão alegrias e dificuldades. Os pais são responsáveis pelos filhos e estes em especial na velhice cuidarão de prover as necessidades materiais, dos pais e também de amenizar as doenças, angústias e solidão próprias da velhice.

A nossa Regra no número 17 diz: “Em sua família vivam o espírito franciscano de paz, de fidelidade e de respeito à vida, esforçando-se para fazer dela o sinal de um mundo já renovado em Cristo.”

Os esposos, em particular, vivendo as graças do matrimônio, testemunhem, no mundo, o amor de Cristo por sua Igreja. Mediante uma educação cristã simples e aberta de seus filhos, atentos à vocação de cada um, caminhem alegremente com eles em seu itinerário humano e espiritual.”

As nossas Constituições Gerais nos artigos 24 e 25 explicitam a Regra recomendando que:

“Os franciscanos seculares considerem a família como o âmbito prioritário para viver o próprio compromisso cristão e a vocação franciscana e nela deem espaço à oração, à Palavra de Deus e à catequese cristã, empenhando-se no respeito à vida, desde a concepção e em qualquer situação, até a morte”.

Os casados encontram na Regra da OFS um válido auxílio no seu caminho de vida cristã, conscientes de que, no sacramento do Matrimônio, o seu mútuo amor participa do amor que Cristo tem pela sua Igreja. O amor dos esposos e a afirmação do valor da fidelidade são um profundo testemunho para a própria família, para a Igreja e para o mundo (Regra da OFS 17).

Os irmãos colaborem com os esforços que se envidam na Igreja e na sociedade para afirmar o valor da fidelidade e do respeito pela vida e para dar resposta aos problemas sociais da família.

Na Fraternidade:

- ✓ seja tema de diálogo e de partilha de experiência a espiritualidade;
- ✓ familiar e conjugal e a abordagem cristã dos problemas familiares;
- ✓ partilhem-se os momentos importantes da vida familiar dos coirmãos e demonstre-se atenção fraterna com aqueles - solteiros, viúvos, pais sós, separados, divorciados - que vivem em situações e condições difíceis;
- ✓ criem-se condições para o diálogo entre os grupos de gerações diversas (Cf Regra da OFS 19).
- ✓ favoreça-se a formação de grupos de casais e de grupos familiares.

Convencidos da necessidade de educar ‘os filhos de modo que despertem o seu interesse para a comunidade e adquiram a consciência de serem membros vivos e ativos do povo de Deus’ e do fascínio que São Francisco pode exercer sobre eles, seja favorecida a formação de grupos de crianças que, com a ajuda de uma pedagogia e de uma organização adaptada à idade delas, sejam iniciadas no conhecimento e no amor da vida franciscana”.

## REFLEXÃO

1. Leia e compartilhe com o grupo o texto de Ef 5, 21-33 e 6, 1-4.
2. A Igreja diz que “A comunidade política tem o dever de honrar a família, de assisti-la” e elenca uma série de direitos das famílias. Releia estes direitos e veja se eles estão sendo oferecidos às famílias brasileiras.
3. O que sua Fraternidade faz para ajudar a cumprir o que se pede no número 17 da nossa Regra. Cite ações concretas.

## VIVÊNCIA

1. Procure observar como está sua família e descubra os maiores valores e virtudes nela vividos.
2. Escolha um valor ou virtude que ainda falta em você e o ponha em prática esta semana nas suas relações familiares.
3. Como se colocar diante de familiares que estão em segunda união?
4. Como a espiritualidade franciscana pode influenciar a vida de nossas famílias?

## BIBLIOGRAFIA

Catecismo da Igreja Católica.  
Documento de Puebla.

## APROFUNDANDO O TEXTO

Livro *“Família e Evangelização”*. Frei Almir Ribeiro Guimarães (OFM). Petrópolis, RJ: Vozes.

Revista Paz e Bem, jan./abr. 2001.

Ver Encíclicas: *Gaudium et Spes* e *Familiaris Consortio*





## 11

# A PESSOA HUMANA E A NATUREZA

## EXPOSIÇÃO

Estamos diante de um momento crítico na história da Terra, numa época em que a humanidade deve escolher o seu futuro. À medida que o mundo torna-se cada vez mais interdependente e frágil, o futuro enfrenta, ao mesmo tempo, grandes perigos e grandes promessas. Para seguir adiante, devemos reconhecer que, no meio da uma magnífica diversidade de culturas e formas de vida, somos uma família humana e uma comunidade terrestre com um destino comum. Devemos somar forças para gerar uma sociedade sustentável global baseada no respeito pela natureza, nos direitos humanos universais, na justiça econômica e numa cultura da paz. Para chegar a este propósito, é imperativo que nós, os povos da Terra, declaremos nossa responsabilidade uns para com os outros, com a grande comunidade da vida, e com as futuras gerações.

## A SITUAÇÃO GLOBAL

Os padrões dominantes de produção e consumo estão causando devastação ambiental, redução dos recursos e uma massiva extinção de espécies. Comunidades estão sendo arruinadas. Os benefícios do desenvolvimento não estão sendo divididos equitativamente e o fosso entre ricos e pobres está aumentando. A injustiça, a pobreza, a ignorância e os conflitos violentos têm aumentado e são causa de grande sofrimento. O crescimento sem precedentes da população humana tem sobrecarregado os sistemas ecológico e social. As bases da segurança global estão ameaçadas. Essas tendências são perigosas, mas não inevitáveis (texto da Carta da Terra).

O ser humano apoia-se na natureza, interage com ela e depende dela para sobreviver. A história da humanidade está cheia de exemplos de civilizações que surgiram na dependência dos recursos naturais de determinada região, como também desapareceram quando se esgotaram tais recursos. Todo um sistema socioeconômico e político de determinado povo, é resultado direto desta interação pessoa humana-natureza. Não há como separar estas relações. Isto no passado nunca foi tão crítico, pois a relação do ser humano com seu meio era mais igualitária. O homem caçava para comer e às vezes era a própria caça. Este ciclo, morte e vida, sempre foi equilibrado. Um organismo morto é decomposto em seus elementos básicos e serve de alimento para outros seres vivos, por exemplo: as plantas, que por sua vez alimentam outros seres vivos e assim por diante. Isto é o objetivo do estudo da ecologia natural (o estudo da interdependência dos seres vivos e inanimados entre si).

Um ramo da ecologia que surgiu concomitante com a ecologia natural foi a ecologia social. Esta é o resultado do estudo da ação do ser humano em seu meio.

Na terra criada pelas mãos amorosas de Deus não havia males. “E Deus viu tudo quanto havia feito e achou que era bom” (Gn 1,31).

A natureza e todos os seus elementos foram criados em harmonia e em perfeito equilíbrio. Esse equilíbrio compreende: os elementos físicos, vegetais, animais e atividade humana.

O equilíbrio ecológico consiste na conservação e no melhoramento de todos esses elementos, para tornar possível o desenvolvimento da vida sobre a terra. Romper esse equilíbrio é colocar em perigo, e mesmo tornar impossível, a sobrevivência humana.

O equilíbrio da natureza pode facilmente ser arruinado pela ação humana. Os mais diversos motivos contribuem para isso: o prazer da caça, a necessidade do uso de inseticidas, a ambição da riqueza, a busca de produção e progresso a qualquer custo, utilizando a ciência e a técnica. Disso resulta: a agressão à natureza, a contaminação do meio ambiente e a destruição das reservas da flora, da fauna e de todo o ambiente. Surge, assim, o desequilíbrio ecológico.

## 1 FRANCISCO O HOMEM UNIVERSAL

São Francisco de Assis, o maior revolucionário espiritual da história ocidental, propôs uma maneira cristã de ver a natureza e do ser humano se relacionar com ela. Tentou substituir a ideia de que a pessoa humana domina a natureza, fazendo dela o que bem quer, pela ideia de igualdade entre todas as criaturas, inclusive o ser humano.

“A verdadeira piedade que, segundo o Apóstolo, é útil para *tudo* (Tm 4,8), de tal modo encheu o coração de Francisco e lhe penetrara as vísceras que parecia ter reivindicado todo o homem de Deus como seu domínio. Ela é aquela [virtude], que pela devoção o elevava a Deus, pela compaixão o transformava em Cristo, pela condescendência o inclinava ao próximo e pela reconciliação universal com cada um dos seres o tornava nova imagem do estado da inocência” (São Boaventura, LM VIII, 1).

Francisco era terno com os pobres, com os irmãos e com a natureza. “Por isso andava com reverência sobre as pedras, pensando naquele que foi chamado de Pedra. Aos frades que cortavam lenha proibia arrancar a árvore inteira, para que tivesse esperança de brotar outra vez. Recolhia dos caminhos os vermezinhas, para que não fossem pisados, e mandava dar mel e o melhor vinho às abelhas, para não morrerem de fome no frio do inverno. Exultava em todas as obras das mãos do Senhor e via nelas a razão e a causa da vida” (2Cel 165).

A maneira como Francisco se relaciona com todos os seres e com a natureza nos encanta. São encantadoras sua sensibilidade, ternura e compaixão para com as criaturas. Sente profunda admiração por todas as coisas criadas. Olha para o ambiente no qual o ser humano está imerso, “contempla a beleza das flores, percebe a suavidade de seus perfumes” (1Cel 81), e seu coração se enche de alegria e canta feliz.

## 2 FUNDAMENTO DO AMOR E RESPEITO POR TODAS AS CRIATURAS

“Tenham, além disso, respeito pelas outras criaturas, animadas e inanimadas, que do Altíssimo recebem significação e procurem com

afinco, passar da tentação de sua exploração ao conceito franciscano da fraternidade universal” (Regra da OFS 18).

São Francisco se distinguia pelo respeito que cultivava em relação às pessoas e às coisas que ele admirava e apreciava. Com que respeito ele pronunciava o nome de Deus, usando de superlativos para exaltar sua grandeza e bondade! Notável o seu comportamento cavalheiresco para com Jesus Cristo e sua Santíssima Mãe. O respeito para com o Santíssimo, as santas palavras, a Igreja, Maria, os Santos, para com a pessoa humana, os animais, as plantas e todos os seres inanimados.

Francisco encontra em Deus mesmo o motivo do respeito para com as criaturas. Em Deus Francisco encontra o fundamento do seu amor e do seu respeito pelos animais, as plantas e toda a natureza, porque Deus é a fonte de toda a criação.

A natureza toda é expressão da majestade, do poder e da bondade de Deus. Por terem sua origem em Deus, elas de certa maneira, se tornam irmãs e irmãos do homem, ou, como diz a Regra, “recebem significação do Altíssimo” (Regra da OFS 18).

O ser humano não é dono, mas administrador das coisas. Mas por causa do pecado, sempre de novo ele tem a tentação de se apropriar das coisas. No fundo, consiste nisso o pecado. O ser humano é egoísta. Pensam do apenas em si, ele explora. Em vez de servir à natureza, em vez de ser fonte de bênção, ele acaba explorando e, com isso, machucando a natureza.

No fundo, o problema ecológico é uma questão de ação de graças um problema eucarístico. A pessoa humana é chamada a dar graças a Deus, aos seres humanos e a toda a natureza criada. Quando ela se nega a fazê-lo, está se negando a servir à natureza: aos animais, às plantas, à água, ao ar, à terra, e assim por diante. E desta forma, a natureza machucada, não mais consegue servir ao ser humano. Se, como Francisco, soubermos ter esta atitude de serviço, a natureza se mostrará generosa para com a humanidade.

A fraternidade universal brota dessa compreensão de que todas as coisas criadas possuem, como a pessoa humana, a mesma origem em Deus. O conceito franciscano de fraternidade universal não é um sen-

timento vago de simpatia para com a natureza criada. A fraternidade universal, tem sua fonte em Deus e passa pelo mistério da encarnação. O Filho de Deus, assumindo a forma humana, quis solidarizar-se com todo o mundo criado. Na pessoa humana encontra-se recapitulada toda a criação: o reino mineral, o reino vegetal e o reino animal. Mais ainda, pelo mistério de sua Paixão e Morte, Jesus Cristo quis redimir, também, todo o mundo criado, conforme nos ensina São Paulo. Finalmente, no mistério da Eucaristia, Jesus continua assumindo e transformando toda a natureza pela ação de graças. Em cada celebração eucarística, a Igreja dá graças pelos frutos da terra e do trabalho do homem a serem transformados em pão da vida e cálice da salvação.

Nossa atitude para com todos os seres animados e inanimados será não de exploração, mas de uso para que haja mais vida e amor neste mundo. Será de serviço obediente para que a natureza possa desempenhar aquela função querida por Deus, será de respeito, pois em cada criatura,, encontraremos vestígios de Deus criador e cheio de bondade para com as suas criaturas. Será de respeito ainda, porque o Filho de Deus, em Jesus Cristo, quis tocar este mundo encarando-se nele.

### 3 SÃO FRANCISCO - PADROEIRO DA ECOLOGIA

Francisco nunca poderia imaginar que um dia viria a ser proclamado Padroeiro da Ecologia. Em nossos dias, quando o relacionamento do ser humano com a natureza se torna um grande problema, então surge a figura de Francisco, viva e atual, para nos ensinar como conviver com a natureza e com todos os seres animados e inanimados.

O Papa João Paulo II, através de uma Carta Apostólica, proclamou São Francisco de Assis “Padroeiro da Ecologia”, no dia 29 de novembro de 1979. Neste documento, o Papa apresenta os motivos que o levaram a proclamar São Francisco Padroeiro da Ecologia: o respeito à natureza como um presente que Deus fez aos homens; a extraordinária sensibilidade com que apreciava todas as obras do Criador; as criaturas lhe davam ensejo para louvar o Criador, rendendo-lhe louvor, glória e honra; criou o Cântico das Criaturas (também conhecido como o Cântico do Irmão Sol), chamando-as de irmão e irmã e por elas louva o Senhor.

“Seguindo o exemplo de São Francisco, patrono dos ecologistas, promovam ativamente iniciativas que salvaguardem a criação, colaborando com os esforços que se fazem para evitar a poluição e a degradação da natureza, e para criar condições de vida e de ambiente que não sejam uma ameaça para o homem” (CCGG 18.4).

“Também na dor, Francisco experimentou a confiança e a alegria, haurindo-as na experiência de poder encontrar e louvar o Criador na fraternidade universal com todas as criaturas” (CCGG 26,1).

## REFLEXÃO ~~~~~

1. Leia com calma este Cântico e penetre profundamente na espiritualidade da fraternidade universal do carisma franciscano.

### CÂNTICO DO IRMÃO SOL

Altíssimo, onipotente, bom Senhor, teus são o louvor. a glória e a honra

e toda bênção.

Somente a ti, ó Altíssimo, eles convêm,

e homem algum é digno de mencionar-te.

Louvido sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas, especialmente o Senhor irmão Sol,

○ qual é dia, e por ele nos iluminas.

E ele é belo e radiante

com grande esplendor,

de ti, Altíssimo, traz o significado

Louvido sejas, meu Senhor, pela irmã lua e pelas estrelas, no céu as formaste claras

preciosas e belas.

Louvido sejas, meu Senhor,

pelo irmão vento,

e pelo ar e pelas nuvens

e pelo sereno e por todo tempo,

pelo qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvido sejas, meu Senhor, pela irmã água,

que é muito útil e humilde

e preciosa e casta.

Louvido sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo,

pelo qual iluminas a noite.

e ele é belo e agradável  
e robusto e forte.  
Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã nossa a mãe Terra,  
que nos sustenta e governa,  
e produz diversos frutos com coloridas flores e ervas.  
Louvado sejas, meu Senhor,  
por aqueles que perdoam por teu amor,  
e suportam enfermidade e tribulação.  
Bem aventurados aqueles que as suportarem em paz,  
porque por ti, Altíssimo, serão coroados.  
Louvado sejas, meu. Senhor,  
pela irmã nossa, a morte corporal,  
da qual nenhum homem vivente pode escapar.  
Ai daqueles que morrerem em pecado mortal:  
Bem aventurados os que ela encontrar na tua santíssima  
vontade, porque a morte segunda não lhes fará mal!  
Louvai e bendizei ao meu Senhor,  
erendei-lhe graças,  
eservi-o com grande humildade.

## VIVÊNCIA



1. Viva uma atitude respeitosa com todas as criaturas e experimente as respostas no seu dia a dia.

## BIBLIOGRAFIA

EQUIPE DA CODHJUPE da OFS do Brasil. **Desafios Franciscanos**, 1996. (Cartilha de Formação). 1996.

EQUIPE DE FORMAÇÃO da Região Sul 3 da OFS do Brasil. **Formar para uma nova sociedade**. Caxias do Sul, RS: Editora São Miguel, 1992.

BECKHAUSER, Frei Alberto (OFM). **Comentário espiritual à Regra da Ordem Franciscano Secular**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

REGIÃO CENTRO. **Seguindo Francisco de Assis**. Anápolis, GO: Editora Glória, 2000.

SALLES, Miriam. **A carta da terra**. 2003.

LOUVADO SEJAS, MEU SENHOR.

pela Lua e as Estrelas

pelas Nuvens e sereno

pelo irmão Sol

pelo irmão Vento

pelo irmão  
Fogo

pela irmã  
e Mãe  
Terra





# Dimensão Cristã e Franciscana





## 12

# OS SACRAMENTOS DA INICIAÇÃO CRISTÃ: Batismo, Confirmação e Eucaristia

## EXPOSIÇÃO

### 1 OS SACRAMENTOS, CELEBRAÇÃO DA FÉ

“Os sacramentos são sinais eficazes da graça, instituídos por Cristo e confiados à Igreja, por meio dos quais nos é dispensada a vida divina. Os ritos visíveis sob os quais os sacramentos são celebrados significam e realizam as graças próprias de cada sacramento. Produzem frutos naqueles que os recebem com as disposições exigidas” (CIC 1131).

Só se pode celebrar o que se valoriza, algo em que se acredita. Na Liturgia, em geral, a Igreja celebra a pessoa de Jesus Cristo, com tudo aquilo que Ele significa. A Igreja crê que com esta comemoração, chamada mistério do culto, é o próprio Jesus Cristo que se torna presente e atuante hoje na assembleia celebrante.

Os sacramentos comemoram os conteúdos da nossa fé e são expressões da mesma fé. Os sacramentos celebram os Mistérios da fé cristã. Não como meras verdades, mas como mistérios que se tornam presentes.

Na celebração de qualquer sacramento, está presente e é atuante a Santíssima Trindade. A própria assembleia mergulha no mistério da Unidade e da Trindade divina já em sua abertura, já no símbolo da unidade na pluralidade da própria assembleia. Toda celebração se volta para o Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Louva o Pai, comemora o Filho e invoca o Espírito Santo.

Expressa-se e vive-se a fé no Deus Criador e, com isso, na criação do mundo e do ser humano. Torna-se presente a fé no mistério da Encarnação do Filho de Deus. Acredita-se e se vive o mistério do pecado e da redenção da humanidade em Cristo Jesus. Vive-se a fé na ação do Espírito Santo, na Igreja, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição da carne e na vida eterna.

Em cada celebração sacramental realça-se um determinado aspecto da nossa fé.

No Batismo celebra-se a própria fé em Jesus Cristo como Salvador. Constitui a primeira celebração da fé em Jesus Cristo, na qual somos justificados. Aparece de modo muito forte a fé em Deus Criador e Pai. Podemos até dizer que o Batismo é, por excelência, o sacramento do Pai.

A Confirmação, por sua vez, é o Sacramento do Espírito Santo.

A Eucaristia é o sacramento de Jesus Cristo por excelência. Nela está presente todo o mistério de Cristo. É o mistério de toda a nossa fé. É o sacramento da vida eterna feliz em Deus, no amor, por Cristo e em Cristo. Claro que todos os sacramentos são sacramentos de Cristo. Em todos eles age também o Espírito Santo e é glorificado o Pai. Todos os sacramentos mergulham a assembleia celebrante no mistério da Santíssima Trindade.

Na Penitência, vivemos a fé no mistério do mal e do pecado e no perdão em Cristo Jesus. Acreditamos na reconciliação trazida por Cristo ao mundo e dela participamos.

A Unção dos Enfermos coloca a pessoa humana diante de sua condição de criatura frágil e mortal, na esperança da vida plena em Cristo Jesus.

Já o Sacramento da Ordem só pode ser compreendido e vivido na crença na obra salvadora de Jesus Cristo e da Igreja através dos sacramentos da salvação.

O Matrimônio leva a viver o sentido maior do amor humano entre um homem e uma mulher como participação e reflexo do amor de Deus e fonte de vida. Coloca o amor humano como linguagem de comunhão com o próprio Deus.

Assim, os sacramentos celebram a fé e são expressões de nossa fé em Deus Uno e Trino presente e agindo na história da humanidade e de cada pessoa humana. Levam-nos a manifestar e professar a nossa fé em Deus Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

Os sacramentos da iniciação cristã são o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia. São chamados sacramentos da iniciação cristã, porque por eles “são lançados os fundamentos de toda vida cristã” (CIC 1212).

Tendo acreditado em Cristo, a pessoa nasce para a vida nova em Cristo morto e ressuscitado, no Batismo, é ungida pelo Espírito Santo na Crisma, e participa do banquete da vida e do amor pela Eucaristia.

Mas não podemos falar dos sacramentos da iniciação cristã sem dizer algo sobre o catecumenato, muito praticado nos primeiros séculos da Igreja.

O catecumenato propriamente dito é o período que precede imediatamente à celebração dos sacramentos da iniciação cristã. “Sendo iniciação à fé e à vida cristã, deve dispor para o acolhimento do dom de Deus no Batismo, na Confirmação e na Eucaristia.

O catecumenato, ou formação dos catecúmenos, tem por finalidade permitir a estes últimos, em resposta à iniciativa divina e em união com a comunidade eclesial, que levem a conversão e a fé à maturidade” (CIC 1248).

Logo no início da Igreja, quando as pessoas, a partir da pregação dos Apóstolos, acreditavam em Jesus Cristo, eram imediatamente batizadas e recebiam o Espírito de Pentecostes. Como vemos, no discurso de Pedro no dia de Pentecostes, na conversão de Saulo, na conversão do ministro da rainha da Etiópia, de Cornélio e outros, tínhamos a busca da fé, o anúncio do evangelho, ou seja, da pessoa e da mensagem de Jesus Cristo, uma resposta de fé, o batismo e, como consequência, uma vida de acordo com a fé, no seguimento de Jesus Cristo.

Mais tarde, quando se apresentavam pessoas vindas do mundo pagão, que não conheciam a história da salvação, sentiu-se a necessidade de estender-se mais este processo. Foi, então, organizado o catecumenato. A palavra catecumenato vem de catequese. Era o tempo que ia do primeiro contato com a pessoa de Jesus Cristo até a celebração

dos sacramentos da iniciação cristã. Tinha normalmente a duração de três anos.

Constava de um conjunto de elementos: a proposta da doutrina de Cristo, ou seja, a catequese como tal, ritos que expressavam a resposta de fé e a ação transformadora de Deus no processo de conversão, manifestadas em orações, na mudança do comportamento moral e nas práticas de vida cristã.

Entravam, então, no período de preparação próxima para os sacramentos da iniciação cristã. Era o tempo da iluminação, que durava, em geral, o tempo da Quaresma. Realizavam-se as entregas dos Evangelhos, do Símbolo da fé e da Oração do Senhor, que depois eram restituídos em atos culturais.

Feita esta caminhada, os eleitos podiam participar da celebração dos três sacramentos da iniciação cristã: o Batismo, a Confirmação e a Eucaristia. Em geral, isso se dava na Vigília da Páscoa, em que a comunidade cristã, celebrando a festa da Páscoa de Cristo e dos cristãos, sobretudo o batismo, gravava novos filhos e filhas para Deus e para a Igreja.

## 2 BATISMO

“O santo Batismo é o fundamento de toda a vida cristã, a porta da vida no Espírito e a porta que abre o acesso aos demais sacramentos. Pelo Batismo somos libertados do pecado e regenerados como filhos de Deus, e feitos participantes de sua missão. ‘O Batismo é o sacramento da regeneração pela água na Palavra.’” (CIC 1213).

“Ele é denominado *Batismo* com base no rito central pelo qual é realizado: batizar: (baptizein’, em grego) significa “mergulhar”, “imersão”; o “mergulho” na água simboliza o sepultamento do catecúmeno na morte de Cristo, da qual Ele ressuscita como “nova criatura”” (2Cor 5, 17; Cl 6,15; CIC 1214)

O batismo é o sacramento em que a pessoa nasce da água e do Espírito Santo para a vida nova em Cristo (Jo 3,5-7). É o sacramento que introduz a pessoa na comunidade dos fiéis. Por meio dele fazemos parte da Igreja. Mas o batismo é apenas o ponto de partida da vida cristã. O cristão só consegue a plenitude da vida quando pratica a fé e

se engaja ativamente na comunidade cristã, participando da vida e da missão da Igreja (1Cor 12,13-14).

No batismo recebemos o Espírito Santo e Deus nos adota como filhos. Mas o batismo implica também numa missão: testemunhar e anunciar o Reino de Deus. No modo de testemunhar o Reino devemos imitar Jesus dizendo não a todas as formas de idolatria. Dizer não ao abuso de posse, de prazer e de poder (Rm 6,12-14).

Sinais e símbolos usados no batismo: (CIC 1235 e ss)

**2.1 O sinal da cruz** é marca de Cristo naquele que vai lhe pertencer e significa a graça da redenção que Cristo nos proporcionou por sua cruz.

**2.2 O anúncio da palavra** ilumina com a verdade revelada os candidatos e a assembleia, e suscita a resposta da fé, inseparável do Batismo.

**2.3 Exorcismos**, por eles o candidato renuncia explicitamente a satanás e assim preparado, pode confessar a fé da Igreja, à qual será “confiado” pelo Batismo.

**2.4 Água batismal** – “Desde a origem do mundo, a água, esta criatura humilde e admirável, é a fonte da vida e da fecundidade. A Sagrada Escritura a vê como ‘incubada’ pelo Espírito de Deus.

Já na origem do mundo, vosso Espírito pairava sobre as águas para que elas recebessem a força de santificar” (CIC 1218).

Água é vida. O batismo é a vida nova em Cristo (1Pd 3,21). A água também simboliza o dom do Espírito Santo (Jo 7,38-39).

**2.5 O Batismo** propriamente dito é o rito essencial do sacramento, que significa e realiza a morte do pecado e a entrada na vida da Santíssima Trindade por meio da configuração ao mistério pascal de Cristo. O Batismo é realizado da maneira mais significativa pela tríplice imersão na água batismal, mas pode ser conferido derramando

água três vezes na cabeça do candidato.

**2.6 A Unção com o santo crisma**, óleo perfumado consagrado pelo Bispo, significa o dom do Espírito Santo ao novo batizado.

**2.7 A Veste branca** simboliza que o batizado “vestiu-se de Cristo” ressuscitou com Cristo. O branco é sinal de vitória. Pelo batismo vencemos o mal, o pecado e a morte. Renascemos para viver a paz e a fraternidade. A cor branca é sinal de pureza (Ap 4, 4; 7,13-14).

**2.8 A Vela** acesa no círio pascal, significa que Cristo iluminou o neófito. Em Cristo, os batizados são “a luz do mundo” (Mt 5, 14). O gesto de acender urna vela no Círio Pascal simboliza a união do batizado com Cristo Jesus.

**2.9 O Pai nosso** – o novo batizado agora é filho de Deus no filho único. Pode rezar a oração dos filhos de Deus.

**2.10 A primeira comunhão eucarística** – uma vez feito filho de Deus, revestido da veste nupcial o neófito (aquele/a que acabou de receber o batismo), é admitido “ao festim das bodas do Cordeiro” e recebe o alimento da vida nova, o corpo e Sangue de Cristo.

**2.11 A bênção solene** conclui a celebração do Batismo. Por ocasião do batismo de crianças, a bênção da mãe ocupa um lugar especial.

## 4 CONFIRMAÇÃO

“Com efeito, ‘pelo sacramento da Confirmação [os fiéis] são vinculados mais perfeitamente à Igreja, enriquecidos de força especial do Espírito Santo, e assim mais estritamente obrigados à fé que, como verdadeiras testemunhas de Cristo, devem difundir e defender tanto por palavras como por obras’ (CIC 1285).

O que a Tradição e o Magistério da Igreja nos transmitem com certeza é que se trata do sacramento do Espírito Santo, o Dom de Deus.

“Ora, esta plenitude do Espírito não devia ser apenas a do Messias: devia ser comunicada a todo o povo messiânico.” Por várias vezes Cristo prometeu esta efusão do Espírito, promessa que realizou primeiramente no dia da Páscoa e em seguida, de maneira mais marcante, no dia de Pentecostes” (CIC 1287. “Desde então, os apóstolos para cumprir a vontade de Cristo, comunicaram aos neófitos, pela imposição das mãos, o dom do Espírito que leva a graça do Batismo à sua consumação” (CIC 1288).

Bem cedo, para melhor significar o dom do Espírito Santo, acrescentou-se à imposição das mãos uma unção com óleo perfumado (crisma). Esta unção ilustra o nome de “cristão”, que significa “ungido” e que deriva a sua origem do próprio nome de Cristo, ele que “Deus ungiu com o Espírito Santo” (At 10,38, CIC 1289).

No rito latino, “o sacramento da Confirmação é conferido pela unção do santo crisma na fronte, feita com a imposição da mão, e por estas palavras: ‘N, recebe, por este sinal, o Espírito Santo, o dom de Deus’” (CIC 1300). O ministro ordinário da Confirmação é o Bispo.

Assim, quando a Igreja relaciona o sacramento da Confirmação de modo especial com o Espírito Santo, mostra que por esse sacramento se verifica uma presença e uma ação especial do Espírito Santo na Igreja e na vida de cada cristão e cada cristã. Para viver esse sacramento é preciso, pois, aprofundar o conhecimento da função do Divino Espírito Santo no plano de Deus da salvação, manifestada na história da salvação. Ele nos enraíza mais profundamente na filiação divina; une-nos mais solidamente a Cristo, aumenta em nós os dons do Espírito Santo e torna mais perfeita nossa vinculação com a Igreja.

A exemplo de Cristo e em Cristo, todos os cristãos são os unguídos do Senhor. Cristo e os cristãos são os crismados, isto é, os unguídos pelo Espírito de Deus.

Gesto e Símbolo da Confirmação.

**4.1 Unção** “A unção, no simbolismo bíblico e antigo, é rica de significados: o óleo é sinal de abundância e de alegria, ele purifica (unção antes e depois do banho) e torna ágil, (unção dos atletas e lu-

tadores), é sinal de cura, pois ameniza as contusões e as feridas, e faz irradiar beleza, saúde e força” (CIC 1293). A unção é o sinal de uma consagração.

**4.2 Imposição das mãos.** É um gesto simbólico, mediante o qual se quer comunicar o Espírito Santo à pessoa que está sendo confirmada (At 8,17).

**4.3 Fórmula.** “N..., recebe por este sinal, o Espírito Santo, o Dom de Deus”.

## 5 EUCARISTIA

“A Eucaristia ‘é fonte e ápice de toda a vida cristã’. «Os demais sacramentos, assim como todos os ministérios eclesiais e tarefas apostólicas, se ligam à sagrada Eucaristia e a ela se ordenam.” Pois a santíssima. Eucaristia, contém todo o bem espiritual da Igreja, a saber, o próprio Cristo, nossa Páscoa (CIC 1324).

A riqueza inesgotável deste sacramento exprime-se nos diversos nomes que lhe são dados. Cada uma destas designações evoca alguns de seus aspectos” Ele é chamado: (CIC 1328 e ss).

**5.1 Eucaristia,** porque é ação de graças a Deus.

**5.2 Ceia do Senhor,** pois se trata da *ceia* que o Senhor fez com seus discípulos na véspera de sua paixão, e da antecipação da *ceia das bodas do Cordeiro* na Jerusalém celeste.

**5.3 Fração do Pão,** porque este rito próprio da refeição judaica, foi utilizado por Jesus quando abençoava e distribuía o pão como presidente da mesa, sobretudo por ocasião da Última Ceia.

**5.4 Assembleia Eucarística,** porque é celebrada na assembleia dos fiéis, expressão visível da Igreja.

### 5.5 Memorial da Paixão e da Ressurreição do Senhor.

5.6 **Santo Sacrifício**, porque atualiza o único sacrifício de Cristo Salvador e inclui a oferenda da Igreja; ou também *santo sacrificio da Missa, sacrificio de louvor* (Hb 13,15), *sacrificio espiritual, sacrificio puro e santo*, pois realiza e supera todos os sacrifícios da Antiga aliança.

5.7 **Santa e divina liturgia**, porque toda a liturgia da Igreja encontra seu centro e sua expressão mais densa na celebração deste sacramento; é no mesmo sentido que se chama também celebração dos *Santos Mistérios*.

5.8 **Santíssimo Sacramento**, porque é o sacramento dos sacramentos. Com esta denominação designam-se as espécies eucarísticas guardadas no tabernáculo.

5.9. **Comunhão**, porque é por este sacramento que nos unimos a Cristo, que nos torna participantes de seu Corpo e de seu Sangue para formarmos um só corpo. Temos ainda: *pão dos anjos, pão do céu, remédio da imortalidade, viático*.

5.10 **Santa Missa**, porque a liturgia na qual se realizou o mistério da salvação termina com o envio dos fiéis para que cumpram a vontade de Deus em sua vida cotidiana.

A Eucaristia é o mistério maior de nossa fé, mas também é o mistério do amor, pois através deste sacramento Jesus se entrega a nós e nos convida a fazer o mesmo. A Eucaristia é o ápice de nossa religião, é o centro e o ponto culminante da vida da comunidade (Jo 6,48-51).

Na Eucaristia, a partilha do pão e do vinho significa a refeição em comum. Esta refeição em comum significa a comunhão com Cristo e a comunhão entre os participantes da refeição (Mt 26,26-28; Mc 14,22-25).

Este sacramento, como todos os outros, exige da pessoa um compromisso sério com Jesus e com o próximo (1Cor 10,14-17). Comungar

do Corpo e Sangue de Jesus Cristo implica em comungar da vida do próximo e deixar que o próximo comungue de nossa vida.

“A Eucaristia cria em nós corações novos, transformados pelo amor, fazendo a nossa convivência neste mundo, mais humana, mais digna e mais cristã” (João Paulo II).

## 6 NOSSA REGRA NOSSAS CCGG

Os franciscanos seculares, portanto, procurem a pessoa vivente e operante do Cristo nos irmãos, na Sagrada Escritura, na Igreja e nas ações litúrgicas. A fé de São Francisco, que ditou estas palavras: “Nada vejo corporalmente neste mundo do altíssimo Filho de Deus, senão o seu santíssimo Corpo e o santíssimo Sangue”, seja para eles a inspiração e o caminho da sua vida eucarística (Regra da OFS 5).

“Assim como Jesus foi o verdadeiro adorador do Pai, façam da oração e da contemplação a alma do próprio ser e do próprio agir.”

Participem da vida sacramental da Igreja, principalmente da Eucaristia, e se associem à oração litúrgica em uma das formas propostas pela mesma Igreja, revivendo assim os mistérios da vida de Cristo (Regra da OFS 8).

A Eucaristia é o centro da vida da Igreja. Nela, Cristo nos une a si e entre nós como um único corpo. Por isso, seja a Eucaristia o centro da vida da Fraternidade; participem os irmãos da Eucaristia com a maior frequência possível, lembrando do respeito e do amor de São Francisco que na Eucaristia viveu todos os mistérios da vida de Cristo (Regra 8 e CCGG 14.2).

## 7. O SACRAMENTO DO CAMINHO

Todos os sacramentos vitalizam divinamente a vida do ser humano. Consagram-na no seu todo, como o Batismo e a Crisma, sustentam estados de vida, como a Ordem e o Matrimônio, ou renovam situações particulares, como a Penitência e a Unção dos Enfermos.

A Eucaristia, por sua vez, é a celebração da vida nas pausas do caminho, para que todo o caminho se torne eucaristia. Podemos dizer

que a Eucaristia é um sacramento de iniciação permanente à vida cristã.

A Eucaristia é o sacramento da vida por excelência. Ela celebra e, assim; torna presente todo o mistério da fé, todo o mistério de Cristo, a Páscoa de Cristo e da Igreja.

Jesus mesmo é quem garante: “Assim como vive o Pai, que me enviou, e eu vivo pelo Pai, assim também quem comer de minha carne viverá por mim. Este é o pão que desceu do céu. Não é como o pão que vossos pais comeram e ainda assim morreram. Quem come deste pão, viverá eternamente” (Jo 6,56-58).

Pela Eucaristia, toda a vida humana adquire em Cristo um caráter pascal. Torna-se uma permanente passagem para a vida plena em Cristo Jesus. Realiza-se o êxodo.

No caminho para a Terra prometida, somos alimentados pelo pão do céu, o pão da vida, Cristo Jesus.

Assim, a Eucaristia não está vinculada a um determinado momento da vida. Ela perpassa toda a vida. É celebrada na experiência da Páscoa semanal e, mesmo, diária. Faz com que todos os momentos da vida se tornem pascais, se transformem em ação de graças.

Ação de graças e Ceia do Senhor, eis os dois aspectos básicos do Sacramento da Eucaristia.

Como Ceia do Senhor, ela é expressão de festa. Apresenta-se como banquete do amor fraterno e da vida feliz, que permanecem para sempre. E também alimento para o caminho até a realização plena dessa vida feliz em Deus.

Como ação de graças, já realiza a vocação última do ser humano. Diz São Paulo: “Em todas as circunstâncias dai graças, porque esta é a vosso respeito a vontade de Deus em Jesus Cristo” (1Ts 5,18).

O Sacramento da Eucaristia faz com que, marcando os diversos passos, todo o caminho da vida cristã se transforme numa grande ação de graças. Deus comunica sua vida aos seres humanos, seus filhos e filhas, e estes, por sua vez, se dão a Deus num grande abraço de amor. Realiza-se o mistério de ação de graças da Santíssima Trindade: comunhão de amor e de vida.

A partir da Eucaristia celebrada, toda a vida cristã, vivida no amor, também se transforma numa ação de graças. Será, a exemplo de Cristo, corpo dado e sangue derramado para a vida dos irmãos e irmãs. A vida de cada cristã e cada cristão transforma-se numa fonte de graça e de bênção para o próximo, pelo serviço fraterno, pelo lava-pés. Não só. Será uma bênção também para toda a natureza criada.

A vida cristã assim vivida será objeto de celebração na seguinte pausa do caminho, como ação de graças. Será um sacrifício de louvor a Deus porque reconhece que tudo dele provém e tudo para ele é orientado por Cristo, com Cristo e em Cristo.

Há um momento em que a Eucaristia é, de modo todo especial, o alimento para o caminho. É na passagem deste mundo para o Pai. Por isso, esta última participação no Sacramento da Eucaristia é chamada viático, que significa alimento para o caminho. O próprio Cristo é quem garante: “Quem come minha carne e bebe o meu sangue possui a vida eterna e eu o ressuscitarei no último dia” (Jo 6,54).

## REFLEXÃO

---

1. Leia RB 2,2-3 e comente as exigências feitas aos candidatos a Ordem.
2. Leia Ad 1,10-21 e descubra o pensamento de São Francisco sobre o Sacramento da Eucaristia. Somos fiéis ao seu pensamento?

## VIVÊNCIA

---

1. Você participa assiduamente do Sacramento da Eucaristia? O que isto representa para sua vida interior e para as pessoas que lhe são próximas.
2. Procure participar de uma Pastoral em sua Paróquia, apresentando-se como franciscano (a) secular e dê o seu testemunho.

## BIBLIOGRAFIA

BECKHAUSER, Alberto. **Os sacramentos na vida diária**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

FONTES Franciscanas. **Escritos e biografias de São Francisco**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983.

OS SACRAMENTOS. **Coleção iniciação à teologia**. São Paulo: Paulinas, 1980.





## 13

# A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO: parte 1

### INTRODUÇÃO GERAL

Na História da Salvação veremos que Deus chama suas criaturas à existência. Para nós o primeiro chamado de Deus é à vida. Deus nos criou para vivermos com dignidade, para sermos “santos e irrepreensíveis” (Ef 1,4) diante Dele. Deus sempre chama. Chamou Abraão, Moisés, os profetas, Maria e Jesus que nos mostrou o rosto do Pai. Os apóstolos foram chamados por Jesus para dar continuidade à sua missão. Hoje Deus continua chamando através dos acontecimentos da vida, da sede de justiça e da ausência de fraternidade, espelhados na fome, no abandono e no sofrimento. Deus chamou ao longo da história muitos homens e mulheres para formar o Povo de Deus e entre eles Francisco de Assis.

A nossa Regra e as Constituições Gerais insistem em nos chamar a uma vivência evangélica à maneira de São Francisco. Vejamos o que nos dizem:

“Entre as famílias espirituais, suscitadas pelo Espírito Santo na Igreja, a Família Franciscana reúne todos aqueles membros do Povo de Deus, leigos, religiosos e sacerdotes, que se sentem chamados ao seguimento do Cristo, à maneira de São Francisco de Assis. Por modos e formas diversas, mas em recíproca comunhão vital, eles querem tornar presente o carisma do comum Pai Seráfico na vida e na missão da Igreja” (Regra da OFS, 1).

“A Regra e a vida dos franciscanos seculares é esta: observar o Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo o exemplo de São Francisco de Assis, que fez do Cristo o inspirador e o centro da sua vida com Deus e com os homens.”

Cristo, dom do Amor do Pai, é o caminho para Ele, é a verdade na qual o Espírito Santo nos introduz, é a vida que Ele veio dar em superabundância.

Os franciscanos seculares se empenhem, sobretudo na leitura assídua do Evangelho, passando do Evangelho à vida e da vida ao Evangelho” (Regra da OFS, 4).

Procurem aprofundar, à luz da fé, os valores e as opções da vida evangélica, segundo a Regra da OFS:

- a) num itinerário continuamente renovado de conversão e de formação (cf. Regra da OFS 7);
- b) abertos às exigências que vêm da sociedade e das realidades eclesiais, passando do Evangelho à vida e da vida ao Evangelho” (cf. Regra da OFS 4);
- c) na dimensão pessoal e comunitária deste itinerário (cf. CCGG 8, 2).

A espiritualidade do franciscano secular é um projeto de vida centrado na pessoa de Cristo e no seu seguimento, mais do que um programa detalhado a pôr-se em prática (cf. Regra da OFS 5).

O franciscano secular, empenhado em seguir o exemplo e os ensinamentos de Cristo, tem o dever de estudar individual e assiduamente o Evangelho e a Sagrada Escritura. A fraternidade e os seus responsáveis promovam o amor à Palavra evangélica e ajudem os irmãos a conhecê-la e a compreendê-la, do modo como, com a assistência do Espírito Santo, ela é anunciada pela Igreja” (Regra da OFS 4 e CCGG 9).

## 1 A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO (Parte 1)

### Exposição

A História da Salvação se entrelaça com a história da humanidade. A história universal tem íntima relação com a história da Salvação. A auto oferta de Deus, em que Ele se comunica por amor, à totalidade do homem, é por definição a salvação do homem. A História dessa auto oferta de Deus, por Ele proposta livremente, acolhida ou rejeitada pela humanidade é, em consequência, a História da Salvação.

A Bíblia fala de pessoas, lugares e fatos da vida muitos dos quais desconhecemos ou cujo significado não sabemos. Por isso é bom entendermos como vivia e pensava o povo em cada época. A Bíblia tem o objetivo de: contar a história do povo israelita e como seu *Deus* estava presente nos acontecimentos, na vida e na história do povo. E como Deus, por amor, enviou seu Filho Unigênito para redimir a humanidade pecadora.

A História da Salvação nasce de experiências concretas em ocasiões de acontecimentos que o povo julgava importantes. Muitas vezes são experiências de uma família ou clã, são chamadas de perícopes (partes do texto bíblico que conta um acontecimento. Um bom exemplo é a história de Agar em Gn 21-1-21). Tais perícopes fazem parte da memória mais antiga do povo. Nelas sempre há uma lição, uma moral da história. Essas experiências vividas pelo povo não eram escritas e sim contadas de uma geração para outra, por isso chamada de tradição oral. Cada geração contava a experiência original numa forma que ajudava a entender melhor sua realidade.

Muitas dessas tradições foram escritas aos poucos; assim nasceram as primeiras redações (é o relato por escrito das tradições orais). Mas as interpretações desses acontecimentos sobre a ação de Deus, no meio do povo, refletiam a experiência e a visão que tinham de Deus no momento de escrever.

Assim foram se constituindo os 5 primeiros livros da Bíblia (Pentateuco) de 4 conjuntos de tradições escritas:

- 1) A tradição Javista, do século 10, na qual Deus é chamado de Javé e que favorece mais a Davi e os camponeses, Teria sido escrito no século IX em Judá.
- 2) A tradição Eloísta, do século 9, na qual Deus é chamado de Elohim e que favorece os profetas e as tribos do reino do norte.
- 3) A tradição Sacerdotal do século 6, onde os sacerdotes mostram aos israelitas, dispersos pelo exílio, como reencontrar a sua identidade como povo de Deus, a partir duma reflexão sobre as suas raízes históricas desde o tempo dos patriarcas.

- 4) A tradição Deuteronomista do século 7, que tem as suas fontes numa coletânea de tradições, na época da monarquia, sobre a história da formação do povo de Deus.

A redação final do Antigo Testamento foi feita depois do ano 550 antes de Cristo. Foram reunidas perícopes, versões, e tradições vindas de todas as fontes para apresentar a história de maneira mais unificada.

O Novo Testamento também passou por um processo de redação a partir de várias fontes.

A Bíblia apresenta a caminhada do povo de Israel, e a descoberta de como Deus está presente história do seu povo.

## A CRIAÇÃO DO MUNDO

No livro do Gênesis, como seu próprio nome indica, (gênese = começo), se relata as origens do mundo e o início da ação de Deus entre os homens.

O Gênesis inaugura uma história que se prolonga até os dias de hoje e diz respeito, juntamente com o povo judaico e a Igreja de Cristo, à humanidade inteira (Gn 1,1 – 31 e 2, 1-4).

A Criação é o efeito da palavra divina. Deus criou o mundo unicamente para manifestar e comunicar a sua infinita bondade. Tudo o que existe nasceu do Amor de Deus. Toda criação revela a bondade e a glória de Deus. Por um ato de sua vontade onipotente, Deus criou o mundo; e no seu amor de Pai conserva e governa tudo o que existe (Gn 2).

O mundo não é eterno, não existiu sempre. Ele teve início, como a Sagrada Escritura diz e a ciência nos ensina.

O mundo não apareceu por si, porque toda a matéria e, sobretudo, a vida que existe carece de uma causa, de um autor. Também o mundo com sua grandeza, suas maravilhas e com tudo que existe precisa de alguém que existia antes dele, que existia desde toda a eternidade, antes de todos os tempos. Foi Deus quem criou o mundo no princípio. A Bíblia nos conta que Deus criou o mundo em seis dias; é uma lin-

guagem, uma descrição popular e bem compreensível para o povo do tempo em que foi escrita a Bíblia. Os dias da Bíblia podem ser entendidos como grandes períodos de tempo, em que Deus criou o mundo.

A criação é o fundamento de todos os desígnios salvíficos de Deus. O começo da história da salvação que culmina em Cristo.

## 2 A CRIAÇÃO DA PESSOA HUMANA

Deus criou a Pessoa Humana à sua imagem, à imagem e semelhança de Deus o criou, homem e mulher os criou (Gn 1, 27). Deus formou o homem com o pó da terra e lhe insuflou nas narinas o hálito da vida (Gn 2,7). Da costela do homem Deus formou a mulher (Gn 2, 22).

A Pessoa Humana foi criada para amar, conhecer, servir a Deus e viver em comunhão com Ele numa felicidade eterna. Ela ocupa um lugar único na criação. Deus a estabeleceu na sua amizade. De todas as criaturas visíveis, só a pessoa humana é capaz de conhecer e amar seu Criador; ela é a única criatura na terra que Deus quis em si mesma; só ela é chamada a compartilhar pelo conhecimento e o amor, a vida de Deus.

Foi para este fim que o ser humano foi criado, e onde reside a razão fundamental da sua dignidade. Por ser a imagem de Deus, o indivíduo humano tem a dignidade de pessoa: ele não é alguma coisa, mas *alguém*. É capaz de conhecer-se, de possuir-se e de doar-se livremente e entrar em comunhão com outras pessoas, onde é chamado, por graça, a uma aliança com seu Criador, a oferecer-lhe uma resposta de fé e de amor, que ninguém mais pode dar em seu lugar.

Deus criou tudo para a pessoa humana, mas o ser humano foi criado para servir e amar a Deus e para oferecer-lhe toda a Criação.

Na realidade o mistério do ser humano só se torna claro verdadeiramente no mistério do verbo encarnado.

Graças à origem comum, o gênero humano forma uma unidade. Pois Deus de um só fez toda a raça humana (At 17,26). Esta lei de solidariedade humana e de caridade, sem excluir a rica variedade das pessoas, das culturas e dos povos, nos garante que todos os homens são verdadeiramente irmãos.

### 3 A QUEDA E PROMESSA DA SALVAÇÃO

Deus é a Bondade, por isso todas as suas obras são boas. Todavia, ninguém escapa à experiência do sofrimento, dos males existentes na natureza que aparecem como ligados às limitações próprias das criaturas, sobretudo à questão do mal moral (2Tim 3,16).

O mistério da iniquidade só se explica à luz do mistério da piedade (1Tim 3.16). A revelação do amor divino em Cristo manifestou ao mesmo tempo a extensão do mal e a superabundância da graça. Precisamos, pois, abordar a questão da origem do mal fixando o olhar da nossa fé em Cristo que é o vencedor do mal.

O pecado está presente na história da pessoa humana: seria inútil tentar ignorá-lo ou dar a esta realidade obscura outros nomes. Para tentarmos compreender o que é o pecado, é preciso antes de tudo reconhecer a ligação profunda do ser humano com Deus, pois fora desta relação o mal do pecado não é desmascarado na sua verdadeira identidade de recusa e de oposição a Deus, embora continue pesando sobre a vida da pessoa humana e sobre a história.

Com o progresso da revelação é esclarecida também a realidade do pecado. Embora o povo de Deus do Antigo Testamento tenha abordado a dor da condição humana à luz da história da queda narrada no Gênesis, não era capaz de entender o significado último desta história, que só se manifesta plenamente à luz da morte e da ressurreição de Jesus Cristo. É preciso conhecer a Cristo como fonte da graça para conhecer Adão como fonte do pecado. É o Espírito Paráclito, enviado por Cristo ressuscitado, que veio estabelecer a culpabilidade do mundo a respeito do pecado (Jo 16, 8), ao revelar Aquele que é o redentor do mundo.

O relato sobre a queda e a introdução do pecado (Sn 3), utiliza uma linguagem feita de imagens, mas afirma um acontecimento primordial, um fato que ocorreu no início da história da humanidade. A revelação dá-nos a certeza de fé, de que toda a história humana está mareada pelo pecado original cometido livremente pelos nossos primeiros pais.

Pelo seu pecado, Adão na qualidade de primeiro homem, perdeu a santidade e a justiça originais que havia recebido de Deus não somente para si, mas para todos os seres humanos.

À sua descendência, Adão e Eva transmitiram a natureza humana ferida pelo pecado, portanto privada da santidade e da justiça originais.

A vitória sobre o pecado, conseguida por Cristo, deu-nos a redenção e bens maiores, do que aqueles que o pecado nos havia tirado: Onde abundou o pecado, a graça superabundou (Rm 5, 20).

Depois da queda, a pessoa humana não foi abandonada por Deus, ao contrário, Deus a chama e lhe anuncia de modo misterioso a vitória sobre o mal e o soerguimento da queda. Esta passagem do Gênesis foi chamada de Proto Evangelho, por ser o primeiro anúncio do Messias Redentor, a do combate entre a serpente e a mulher e a vitória final de um descendente dela (Gn 3,15).

A Tradição cristã vê nesta passagem o anúncio do “novo Adão”, o qual pela sua obediência até a morte de cruz (Fl 2,8), repara com superabundância de graça, o pecado de Adão.

## REFLEXÃO

1. Por que Deus se auto ofertou à humanidade?
2. Como você acolhe essa auto oferta de Deus?

## VIVÊNCIA

1. Leia e reflita a Admoestação 05 de São Francisco de Assis  
Que ninguém se ensoberbeça, mas antes se glorie na cruz do Senhor.  
Presta atenção, ó homem, à grande excelência em que te colocou o Senhor Deus, porque te criou e te formou à imagem do seu dileto Filho segundo o corpo e à sua semelhança segundo o Espírito (Gn 1,26).  
E toda as criaturas que há sob o céu, à sua maneira, servem, reconhecem e obedecem ao seu Criador me-

lhora do que tu. E também não foram os demônios que o crucificaram, mas tu, com eles, o crucificaste e ainda o crucificas, deleitando-te em vícios e pecados. Portanto, a partir de que podes gloriar-te? Pois, se fosses tão sutil e sábio, a ponto de teres toda a ciência (1Cor 13,2) e saberes interpretar todos os gêneros de línguas (1Cor 12,28) e perscrutares com sutileza a respeito das coisas celestes, em nada disso te podes gloriar; porque um só demônio conhecia das coisas celestes e agora conhece das terrenas mais do que todos os homens, mesmo que existisse alguém que recebesse do Senhor um conhecimento especial da mais alta sabedoria. Igualmente, se fosses mais belo e rico do que todos e também operasses maravilhas, de maneira a afugentares os demônios, tudo isto te é contrário, e nada te pertence, e em nada dessas coisas podes gloriar-te; mas nisto podemos gloriar-nos: em nossas fraquezas (cf. 2Cor 12,5) e em carregar cada dia a santa cruz de Nosso Senhor Jesus Cristo (Jo 19,17; Lc 9,23; 14,27).





## 14

# A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO: parte 2

## EXPOSIÇÃO

### 1 O CHAMADO DE ABRAÃO

No devido tempo, Deus chamou Abraão para fazer dele pai de um grande povo, (Gn 12,1-3) os israelitas, seu povo escolhido, que Ele instruiu e conduziu por meio de Moisés e dos profetas, para que conservassem a fé e a esperança no Deus único, vivo e verdadeiro. Por causa de sua fé, Abraão foi denominado o “Pai dos crentes” tanto pela tradição judaica como pela cristã.

Em torno do patriarca, reconstituir-se-ia, no decurso da história, a unidade da humanidade, rompida pela iniquidade dos homens, história essa, da qual o episódio da Torre de Babel constituiu uma das ilustrações (Gn 11,1-9). Deus mostrou ainda que através de Abraão e sua descendência, o conjunto das nações seriam abençoadas. A história do patriarca e do seu povo começa por uma promessa de benção, que cabe à humanidade aceitar. Esta promessa encontra-se em (Gn 18,18; 22,18; 26,4; 28,14).

Abraão gerou Isaac, Isaac gerou Jacó. Eles são chamados os patriarcas do Antigo Testamento. Jacó teve 12 filhos, que deram seus nomes as doze tribos de Israel. Israel é o nome dado por Deus a Jacó (Gn 35,10) razão por que os descendentes de Jacó também são chamados Israelitas.

## 2 A ESCRAVIDÃO NO EGITO

Nas épocas de grande seca, grupos de camponeses e de criadores de gado se refugiavam no Egito, vindos de Canaã e de outros lugares. No Egito sempre havia água nas margens do rio Nilo. Muitos clãs entraram no Egito à procura de sobrevivência. Os egípcios permitiam a entrada desses migrantes, mas lhes exigiam trabalhos forçados nas obras do faraó (Ex 1,4-22).

Na memória das origens do povo de Deus destaca-se uma vitória: os hebreus forçados a trabalhar para o faraó (Ex 1,11) conseguiram se libertar da escravidão (Ex 14, 5).

Os hebreus descobriram que seu Deus era um Deus libertador (Ex 3, 17). Era um Deus que acompanhava seu povo, mesmo quando o povo agia contra a vontade dos poderosos.

Mais tarde, todo o povo de Deus assumiu esta vitória como o fato fundamental da história de todos (Ex 3, 745).

## 3 DEUS SUSCITA A LIBERTAÇÃO

No Egito, onde os israelitas moraram 400 anos, tornaram-se um povo numeroso. Mas foram escravizados e oprimidos pelos egípcios. Deus chamou Moisés para libertar o seu povo da escravidão do Egito. Quarenta anos peregrinaram pelo deserto, onde Deus lhes deu os 10 mandamentos e fez uma aliança com eles. Depois entraram na Terra Prometida: Canaã, hoje Palestina. Assim Deus não abandona os homens ao poder do pecado, procura o diálogo com eles, faz uma aliança, desperta neles a fé no seu poder e amor, começa a libertação do pecado e de suas consequências (Puebla 187).

Na formação do povo de Israel, o grupo de Moisés, embora pequeno, se destaca por um papel fundamental. Este grupo enfrentou o maior poder da época, o faraó do Egito, e com seu Deus a seu lado, se libertou da escravidão.

Na Bíblia a celebração deste acontecimento alimenta a fé e a coragem do povo oprimido ao longo dos séculos. A liderança dessa libertação foi atribuída a Moisés (Ex 3, 9-10) mas, quem libertou o grupo foi o

Deus Javé (Ex 15, 21). Em Êxodo 3, descobrimos como era o relacionamento entre Javé e Moisés.

Depois da saída do Egito, a consciência do povo clareou; e uma explicação sobre a ação de Deus nesse acontecimento foi se elaborando aos poucos. Deus está presente na história de seu povo. O Deus Javé agiu através do seu líder, Moisés, na organização que levou o grupo a fugir da escravidão.

A experiência de Moisés e do seu grupo, os preparou para descobrir Javé, o Deus libertador, que mais tarde passou a ser, aos poucos, o Deus de todos os grupos que iam se juntar e formar a confederação das tribos na Terra Prometida.

#### 4 A PÁSCOA

Deus ordenou que a primeira Páscoa fosse comemorada solenemente. (Ex 12). Nos anos subsequentes o povo teria que sacrificar um cordeiro e comê-lo com pão ázimo e ervas amargas (uma lembrança da saída precipitada do Egito, quando não houve tempo para fermentar o pão), em agradecimento pela liberdade, que era dom de Deus. Esta festa anual da Páscoa tornou-se um fato de importância na vida de Israel. Aos poucos o ritual tornou-se mais Rico; e através da reflexão também veio a ser considerada não somente ação de graças pela bondade de Deus no passado, mas também profecia do futuro; pois, assim como, uma vez, Deus tinha livrado o povo do cativo, assim também Ele os conduziria, há seu tempo, a um novo Êxodo, na era futura do Messias. “A Páscoa foi, portanto, não só uma lembrança, mas uma profecia”, escreveu D. Gaillard. Os atos divinos no passado eram uma garantia do cumprimento das promessas messiânicas para o futuro.

No tempo de Jesus, a refeição pascal não se realizava mais de pé e às pressas (Ex 12,11), mas ao redor de uma mesa festiva, em grande contraste com aquela noite de fuga, 1200 anos antes. A atmosfera estava agora impregnada de paz e alegria espiritual, embora essa paz, fosse também periodicamente quebrada pelas tensões de tempos de revolta ou de guerra. Mas o sentido real da celebração permaneceu o mesmo através dos séculos: sacrifício e banquete sacrificial de ação de graças.

Agora podemos ver por que Jesus escolheu este rito como prenúncio e sacramento de seu sacrifício. Esta festa familiar, celebrada pelo povo escolhido, tinha todas as qualidades para poder ser transformada na grande festa da comunidade cristã. Estimulando a caridade e unindo estreitamente os corações dos que se alimentam do Pão repartido e do Vinho partilhado.

A primeira “passagem” do Senhor foi comemorada com a Ceia Pascal; a segunda, o sacrifício do Cristo, nossa Páscoa, torna-se presente na Missa, a Ceia Pascal do Novo Testamento. No sentido de “passagem”, a significação de Jesus torna-se clara: «Isto é o meu corpo que é dado por vós» (Lc 22,19), para que possais passar da morte no pecado para a vida em Deus. Nesse contexto, torna-se claro que o novo sacrifício seria também de banquete sacrifica! “Se não comerdes a carne do Filho do Homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a Vida em vós” (Jo 6,53).

Como vimos acima, celebrando a ceia Pascal com seus discípulos na noite de quinta-feira santa, Jesus antecipou, por um dia, a Páscoa oficial dos judeus. Na sexta-feira santa, à mesma hora em que os cordeiros pascais estavam sendo sacrificados no templo, o Cordeiro de Deus, nosso Cordeiro Pascal, consumou seu sacrifício na Cruz (Jo 19, 35-36). Encontravam-se, nesse momento, símbolo e realidade.

A Antiga Aliança entre Deus e o povo escolhido foi ratificada pelo sangue de muitas vítimas (Ex 24,3-8). A Nova Aliança, já anunciada por Jeremias (Jr 31,31), era agora ratificada pelo sangue de uma Vítima perfeita (Lc 22,20), não mais pelo sangue de touros e de bodes (Hb 10,4). O cordeiro figurativo, portanto, foi assim substituído pelo verdadeiro. O sacrifício tornou-se perfeito (Hb 10,10).

Esse mesmo sacrifício, prefigurado na Páscoa dos judeus, plenamente realizado no Calvário, é renovado em todas as Missas. Todas as vezes que nós, cristãos, o povo escolhido da Nova Aliança, comemos o pão e bebemos o cálice, celebramos o mistério pascal, “anunciando a morte do Senhor, até que Ele venha” (1Cor 11,26). Como diz São João Crisóstomo, em cada Missa “é o Cristo que aqui e agora celebra a Páscoa com seus discípulos e a mesa do altar não é senão a mesa da Última Ceia”.

## 5 DEUS FEZ ALIANÇA COM SEU POVO

Desfeita a unidade do gênero humano pelo pecado, Deus procura antes de tudo salvar a humanidade. A aliança com Noé (Gn 9,8-17) depois do dilúvio exprime o amor de Deus para com os homens agrupados segundo seus países, cada um segundo a sua língua, e segundo os seus clãs (Gn 10,5).

A aliança com Noé permanece em vigor até a proclamação universal do Evangelho. A Bíblia venera algumas figuras, tais como Abel o justo, o rei sacerdote Melquisedec, figura de Cristo, ou os justos Noé, Daniel e Jó. Assim a escritura exprime o grau elevado de santidade que pode atingir os que vivem segundo a Aliança de Noé, na expectativa de que Deus reúna todos os seus filhos dispersos (Jo 11,52).

Para congregar esses filhos, Deus elegeu Abrão, chamando-o para fora do seu país, da sua parentela e da sua casa (Gn 12,1), para fazer dele Abraão, isto é Pai de uma multidão de nações (Gn 17,5). Em ti serão abençoadas todas as nações da terra (Gn 12,3).

O povo originado de Abraão será o depositário da promessa feita aos patriarcas, o povo da eleição, chamado a preparar o conagraçamento, de todos os filhos de Deus na unidade da Igreja, será a raiz sobre a qual serão enxertados os pagãos tornados crentes.

Depois dos patriarcas, Deus formou Israel como seu povo, salvando-o da escravidão do Egito. Fez com ele a Aliança do Sinai e deu-lhe, através de Moisés, a sua lei, para que o reconhecesse e o servisse como único Deus vivo e verdadeiro, Pai providente e Juiz justo, e para que esperasse o Salvador prometido.

Através dos profetas, Deus forma o seu povo na esperança da salvação, na expectativa de uma Aliança nova e eterna destinada a toda a humanidade, e que será impressa nos corações. Os profetas anunciam a redenção radical do Povo de Deus, a purificação de todas as suas infidelidades, uma salvação que incluirá todas as nações. Os pobres e os humildes do Senhor serão os principais portadores desta esperança. As mulheres santas como Sara, Raquel, Míriam, Débora, Ana, Judite e Ester, mantiveram viva a esperança da Salvação de Israel. Delas todas, a figura mais pura é a de Maria.

## REFLEXÃO ~~~~~

1. Por que Abraão é chamado “Pai dos crentes?”
2. Quais as escravidões que existem hoje e como podemos nos libertar delas?

## VIVÊNCIA ~~~~~

1. Procure dedicar-se à missão de evangelizar, à luz do Espírito Santo.
2. Escreva um ato de fé ou uma oração de adoração a Jesus Eucarístico ou copie uma da espiritualidade franciscana que você conheça.





## 15

# A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO: Parte 3

## EXPOSIÇÃO

### 1 DEUS GUIA E ALIMENTA O SEU POVO

As principais dificuldades que o povo enfrentou no deserto foram a sede e a fome. O deserto aparece como o lugar privilegiado da prova e das murmurações (Ex 14,11; 15,24; 16,2; 17,1-7) e (Nm 11, 1-4; 14,1-4; 16, 3-14; 20, 2-5; 21,5), de onde se pode sair vitorioso tão somente pela fé e pela esperança (SI 77; Hb 3,7-19).

Durante a passagem no deserto onde a fome e sede eram constantes, o maná aparece como alimento maravilhoso, sinal da solicitude de Deus. Ele provém de Deus (Ex 16 e Dt 8,3) como prova, porque Moisés está sofrendo dificuldades de manter a aliança, esse maná passa a exigir a obediência à lei do sábado. Quando terminar o tempo do deserto, tempo de prova, o maná dará lugar aos produtos da Terra Prometida.

No livro dos Números, estão registradas as reflexões de Israel sobre a caminhada no deserto: através das provações da fome (capítulo 11); da sede (capítulo 20), da guerra (capítulo 14) e da fé (capítulo 17). Ainda vemos a força que Deus dá a Israel e a possibilidade de vencer a sede e os inimigos.

### 2 A CONQUISTA DA TERRA PROMETIDA

Não sabemos com certeza qual o caminho percorrido pelos hebreus no deserto do Sinai. No capítulo 33 do livro dos Números há uma lista de vários lugares, que por ora não temos condições de identificar.

Josué assumiu a liderança de Israel no momento da entrada na Terra Prometida. Depois da travessia do Jordão, estavam diante da cidade fortificada de Jerico. Toda a terra que Deus lhes prometera estava para ser conquistada. Na época, Canaã estava dividida em numerosos reinos independentes, cada qual centralizado numa cidade fortificada, com seu próprio rei.

Josué tornou Jerico e atemorizou os cananeus. Na segunda tentativa cai Hai. Os homens de Gabaon não perderam tempo, tentando obter paz. Envolveram os israelitas num tratado de paz fraudulento o que deu origem à próxima fase da guerra. Josué obteve uma série de vitórias no sul e depois voltou para o norte, onde derrotou a aliança do rei de Hasor. Os filisteus continuaram em suas cidades na planície costeira. Os cananeus ainda controlavam muitas cidades no interior, mas os israelitas puderam estabelecer-se.

O país foi sorteado e algumas tribos estabeleceram-se no lado oriental do Jordão e as demais repartiram entre si a terra de Canaã. Os levitas não tinham território tribal próprio. Em compensação receberam certas cidades para morar. Seis cidades foram declaradas cidades-refúgios, onde as pessoas culpadas de homicídio estavam a salvo de vinganças.

### 3 JUÍZES

As tribos estabeleceram-se nas áreas que lhes couberam por sorte. Estavam agora dispersas e cercadas por vizinhos hostis. Começava parecer impossível conseguir o controle completo do país. Pouco a pouco os israelitas esqueceram-se de que Deus combatia a seu lado e, por amor à paz, passaram a assumir compromissos com os povos limítrofes e a adotar os seus deuses. Os inimigos aproveitaram-se da sua fraqueza. O livro dos Juízes conta essa triste história.

### 4 REIS

A Bíblia conta a história dos reis nos livros 1 e 2 de Samuel e 1 e 2 dos Reis, os principais motivos para a presença de um rei vieram de dentro da vida dos clãs e das tribos, principalmente as necessidades econômicas.

O último e maior de todos os juízes foi Samuel que, além de profeta, ungiu dois reis. Quando Samuel estava velho, o povo pediu um rei para governá-lo, como tinham as outras nações. Samuel advertiu que um rei significaria recrutamento militar obrigatório, trabalho forçado e opressão. Mas os israelitas insistiram e ele acabou cedendo à vontade do povo. O primeiro rei foi Saul da tribo de Benjamim; não foi um bom rei; mas já era um bom passo para se chegar, um dia à monarquia.

Ainda em vida de Saul, Deus mandou Samuel ungir Davi como o próximo rei de Israel. Mais tarde Davi é reconhecido também pelas tribos do norte, unindo assim todas as tribos.

Livrou as tribos das ameaças dos filisteus. Conquistou as cidades que estavam no meio do território das tribos, refazendo o relacionamento entre a cidade e o campo e facilitando o comércio.

Inaugurou uma nova administração, e uma nova capital, Jerusalém. Criou assim as bases para um estado tributário.

Convenceu os camponeses a apoiá-lo, em troca de defesa militar e não exigiu tributo ou trabalho forçado. Sua administração respeitou a divisão territorial das tribos. Foi um rei que fez um bom pacto com as tribos. Sustentou seu reinado com as contribuições dos camponeses e com o tributo e trabalho forçado exigidos dos países dominados por ele.

Colocou-se em sintonia com as aspirações das tribos. Fez tudo em nome de Javé e levou a Arca da Aliança para a capital. A memória popular recorda Davi como um grande defensor dos pobres.

Antes da morte de Davi, a luta pela sucessão provocou uma crise que revelou a fragilidade da união entre as tribos do norte e do sul. Quem conseguiu assumir foi Salomão, filho da esposa preferida de Davi, Bersabéia.

Salomão estruturou e consolidou as conquistas de Davi, tornando seu reino organizado e rico.

O reinado de Salomão resultou numa mudança nas relações de trabalho, dividindo a sociedade em classes, privando os camponeses dos frutos da terra. Deixou o povo do campo sem proteção. Este pagava tributo e trabalhava forçado. A classe alta da cidade tinha uma vida de luxo e mordomia. Os camponeses indefesos resistiram ao poder cen-

tral. Também as tribos mais ricas, as do norte contestaram o domínio do sul e se retiraram do reino unificado.

Salomão incentivava a cultura, o que lhe deu fama de um homem de grande sabedoria. Coube a Salomão construir o Templo e muitas grandes obras. Um reino forte e seguro lhe permitiu enriquecer através de alianças comerciais. Sua sabedoria era legendaria. Na sua corte floresceu a cultura e a beleza. Seu reino marcou a idade de ouro de Israel. Mas havia também do outro lado a introdução de pesados tributos, de trabalhos forçados e de deuses estrangeiros o que lançou as sementes que deram origem à divisão do reino, depois da sua morte (1Rs 11).

Em função de toda essa situação, o reino unido se divide após a morte de Salomão: o reino de Israel ao norte e o reino de Judá ao sul.

## 5 DIVISÃO DO REINO

A consequência das lutas internas e externas, de governos mal sucedidos e mistura com as religiões vizinhas foi causa do gradual empobrecimento espiritual e material dos camponeses.

No auge da opressão dos camponeses, surgiram movimentos de resistência liderados pelos profetas, que chegaram até a colocar um rei no trono, porém, esta experiência não produziu bons resultados.

O reino do norte foi enfim ocupado pela superpotência da Assíria. Sua classe alta foi exilada. Os camponeses continuaram na terra que passou a ser província da Assíria.

A retirada do norte deixou o sul com um território e uma população pequena numa terra árida e pouco produtiva. A preocupação do reino de Judá, então, foi de garantir a sua própria sobrevivência.

Os profetas, por estarem ligados a movimentos de resistência eram a expressão mais autêntica das aspirações dos camponeses. Tentavam influir na política nacional, para conseguir reis mais justos, conforme o modelo que eles tinham: Davi.

O pequeno reino de Judá foi ocupado pelo império da Babilônia e suas lideranças deportadas para o exílio. Terminou assim a independência do povo israelita. A Neo-Babilônia passou a exercer a sua dominação sobre o reino de Judá, substituindo a Assíria.

Judá tenta reagir, enfrentando a nova superpotência. Num primeiro tempo, o rei de Judá foi levado preso com sua família e funcionários para a Babilônia (2Rs 24, 8-17).

Num segundo tempo, Jerusalém foi destruída e houve nova leva de deportados para o exílio. Foi um tempo de grande repressão contra o povo. Caiu a dinastia de Davi. O Templo foi destruído. Foi o fim do reino de Judá, e começou o grande cativeiro (2Rs 25).

## 6 O EXÍLIO

Se na Bíblia a Assíria significa opressão, Babilônia era sinônimo de poder. O rei Josias de Judá tentou combater a Babilônia, mas foi morto e Judá subjulgado ao Egito (2Rs 23, 29). A guerra continuou por muitos anos e o rei Joaquim e outros líderes do país foram deportados para Babilônia. A política dos babilônios era de não apenas saquear e destruir, mas também enfraquecer as nações subjulgadas e prevenir novas rebeliões, exilando os líderes (2Rs 24, 10-17).

Apesar disso, dez anos depois, Sedecias, rei fantoche colocado no trono de Judá por Nabucodonosor, pediu a ajuda dos egípcios. Os babilônios invadiram Judá e sitiaram Jerusalém. O assédio durou dezoito meses. Finalmente abriram uma brecha nos muros e Jerusalém foi tomada. Sedecias foi feito prisioneiro e teve os olhos vazados. Os objetos de valor, inclusive o tesouro do Templo, foram levados para Babilônia. Jerusalém e seu Templo foram destruídos e os cidadãos deportados. Só foram deixadas as pessoas mais pobres para cultivar a terra (2Rs 25, 1-21).

O Exílio foi uma experiência central de crise na vida do povo. Na Babilônia os exilados, e na Palestina o povo da terra faziam revisões; sua análise crítica da história, de Salomão até o Exílio.

A escravatura não era tão opressiva quanto à dos Assírios. Os que foram escravizados por motivo de dívidas teoricamente eram livres depois de três anos de trabalho gratuito, mas nem sempre isso era respeitado.

Os senhores autorizavam os escravos a trabalharem por conta própria, geralmente no artesanato ou na agricultura, sob condição de que repassassem anualmente para eles parte da sua produção seja em produtos, seja em moeda. Mandavam seus escravos aprender um ofício

qualquer e, depois os ajudavam a abrir uma loja. O escravo ali trabalhava entregando cada ano uma renda em moeda ou produto. Os escravos podiam assim se enriquecer e obter a possibilidade de libertarem-se. Os judeus que foram deportados para a Babilônia viveram nestas condições.

A medida que crescia o número de escravos, intensificava-se a sua luta pela liberdade; as fugas aumentavam.

Mais que as deportações de exilados para a Babilônia, a fuga em massa da população, provocada pelas guerras foi causa da dispersão dos judeus pela Babilônia, Pérsia e Egito.

As colônias do Egito vão se tornar cada vez mais importantes.

Apesar de terem dificuldades em manter a fé e o culto a Javé como Deus único e verdadeiro, eles vão exercer notável influência no desenvolvimento da religião do Judaísmo que ia se estruturando.

O povo pobre da terra em Judá sustentou o culto junto às ruínas do Templo de Jerusalém, mas precisou reorganizar o culto e as celebrações.

No exílio o povo começou a revisar a sua própria história. Na obrigação de trabalhar para sobreviver, os sacerdotes se aproximaram dos seus irmãos exilados. As celebrações nas casas e nos centros comunitários deram origem às casas de oração que mais tarde foram chamadas sinagogas. O mesmo ocorreu com os judeus que ficaram na Palestina e os que fugiram.

Em busca da identidade religiosa e cultural, as famílias exiladas se juntavam nas sinagogas e faziam suas orações e leituras da Bíblia, geralmente de uma passagem da lei e dos profetas, que, ajudavam a manter a esperança de se tornar de novo um povo livre. Usavam ainda as sinagogas como lugar de escola e de catequese e como sede de governo local.

Com o exílio, o povo conviveu com outras religiões, maneiras novas de pensar, de viver, e de expressar sua fé em Deus.

Mas a Babilônia foi entrando em decadência, faltou-lhe administração e lhe sobrava intransigência, os persas assumiram o controle com grande organização, tendo como chefe o rei Ciro, o qual fez um decreto ao povo, deixando Israel voltar, contanto que na Palestina pudesse cobrar impostos.

Dividiram o grande império, mostraram-se benevolentes, enfim o povo liberto e agradecido se tornou dependente.

Além disto o povo persa inovou a economia, criou nova moeda facilitando o comércio tanto no campo como na cidade.

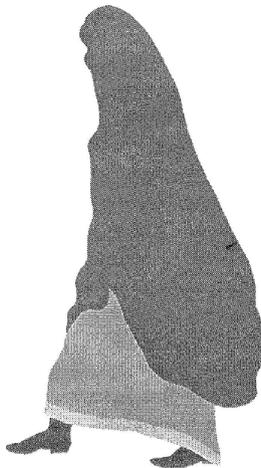
O exílio chegou ao fim com o decreto de Ciro permitindo o retorno dos Judeus à sua pátria e a reconstrução do Templo.

## REFLEXÃO ~~~~~

1. Qual a sua atitude diante de Deus quando você passa por dificuldades?
2. Você vê os acontecimentos de sua vida como marcos da sua História Pessoal de Salvação?

## VIVÊNCIA ~~~~~

1. Leia 1Reis 3, 5-14. Copie. Reflita e faça suas as palavras de Salomão. Sinta as palavras do Senhor como se fossem dirigidas a você.
2. Que o grupo se organize para levar uma mensagem de esperança a pessoas que, por diversas razões, saibam que estão fracas na fé.





## 16

# A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO NOVO TESTAMENTO (Parte IV)

### EXPOSIÇÃO

#### 1 ANUNCIAÇÃO

A Virgem Maria realiza da maneira mais perfeita a obediência da fé (Rm 1,5). Na fé, Maria acolheu o anúncio e a promessa trazida pelo anjo Gabriel acreditando que “nada é impossível a Deus” (Lc 1,37), e dando o seu assentimento: “Eu sou a serva do Senhor; faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc 1,38). Isabel a saudou: “Bem-aventurada a que acreditou, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido” (Lc 1,45). É em virtude desta fé que todas as gerações a proclamam bem-aventurada.

Jesus quer dizer, em hebraico: “Deus salva”. No momento da Anunciação, o anjo Gabriel dá-lhe como nome próprio o nome de Jesus, que exprime ao mesmo tempo identidade e missão. Uma vez que só Deus pode perdoar os pecados (Mc 2,7), é ele que, em Jesus, seu Filho eterno feito homem, salvará o seu povo dos pecados (Mt 1,21). Em Jesus, portanto, Deus recapitula toda a história da salvação em favor dos homens.

A Anunciação à Maria inaugura a plenitude dos tempos (Gl 4,4), isto é, o cumprimento das promessas. Maria é convidada a conceber aquele no qual “habitará corporalmente toda a plenitude da divindade (Col 2,9). A resposta divina a sua pergunta “como se fará isto, se não conheço homem algum?” (Lc 1,34) É dada pelo poder do Espírito: “O Espírito Santo virá sobre ti” (Lc 1,35).

Ao anúncio de que conceberia o Filho do Altíssimo pela virtude do Espírito Santo, Maria respondeu com a obediência da fé (Rom 1,5), certa de que nada é impossível a Deus: eu sou a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a Tua palavra (Lc 1, 37-38). Assim, dando à Palavra de Deus o seu consentimento, Maria se tornou Mãe de Jesus e, abraçando de todo coração, sem que nenhum pecado a retivesse, a vontade divina de salvação, entregou-se ela mesma totalmente à pessoa e à obra de seu Filho, para servir, na dependência Dele e com Ele, pela graça de Deus, ao Ministério da Redenção.

## 2 NASCIMENTO DO MESSIAS

“Hoje, na cidade de Davi, nasceu-vos um Salvador que é o Cristo Senhor” (Lc 2,11). Desde o início ele é aquele que o Pai consagrou e enviou ao mundo (Jo 10,36), concebido como Santo (Lc 1,35) no seio virginal de Maria. José foi chamado por Deus a receber Maria, sua mulher, grávida daquele que foi gerado nela pelo Espírito Santo (Mt 1,21), para que Jesus, que se chama Cristo, nascesse da esposa de José na descendência messiânica de Davi.

A vinda do Filho de Deus à terra é um acontecimento de tal imensidão que Deus quis prepará-lo durante séculos: anuncia-o pela boca dos profetas que se sucedem em Israel, Desperta no coração dos pagãos a obscura expectativa desta vinda.

Os profetas tinham pregado: o reino de Deus está próximo. Deus começará o seu reinado e salvará o mundo. Os poucos bons em Israel esperavam ansiosamente que se manifestasse o reino de Deus. Homens sábios tinham descoberto nas profecias que o Messias estava para chegar. E estando para se completar os tempos, foi ouvida a palavra do Senhor no deserto por João, filho de Zacarias.

Jesus nasceu na humildade de um estábulo, em uma família pobre; as primeiras testemunhas do evento são simples pastores. E nesta pobreza que se manifesta a glória do Céu.

Realmente com Cristo começou uma nova era na história da humanidade. Ele é a grande Luz que brilha nas trevas, é a esperança dos povos, a salvação do mundo. O seu aparecimento marca o centro de

toda a história do mundo. É o maior acontecimento da história humana.

Ao celebrar cada ano a liturgia do Advento, a Igreja atualiza esta espera, à espera do Messias: comungando com a longa preparação da primeira vinda do Salvador, os fiéis renovam o ardente desejo da Sua segunda vinda.

### 3 JOÃO BATISTA ANUNCIA O SALVADOR

João Batista é o precursor imediato do Senhor, o Profeta do Altíssimo, enviado para preparar-lhe o caminho (Lc 1,76), ele supera todos os profetas, E o último, inaugura o Evangelho, saúda a vinda de Cristo desde o seio de sua mãe e encontra sua alegria em ser o amigo do esposo (Jo 3,29), que designa como “o Cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo” (Jo 1,29). “Precedendo a Jesus com o espírito e o poder de Elias” (Lc 1,17), dá-lhe testemunho pela sua pregação, seu batismo de conversão e, finalmente, por seu martírio.

Houve um homem enviado por Deus, seu nome era João (Jo 1,6). João é cheio do Espírito Santo, ainda no seio de sua mãe (Lc 1,15-41) por obra do próprio Cristo que a Virgem Maria acabava de conceber do Espírito Santo. A visitação de Maria a Isabel tornou-se assim visita de Deus ao seu povo (Lc 1,68).

João, o último dos profetas, vivendo no deserto da Judéia, vestido de pele de camelo, comendo gafanhoto, teve a honra e a felicidade de apresentar ao mundo o Salvador esperado (Jo 1,29-34).

### 4 JESUS ANUNCIA A BOA NOVA

Jesus é enviado para evangelizar os pobres, curar os doentes, libertar os cativos (Lc 4, 18). Declara os pobres bem-aventurados, pois o Reino dos Céus é deles (Mt 5,3). Foi aos pequenos que o Pai se dignou revelar o que permanece escondido aos sábios e aos entendidos. Jesus compartilha a vida dos pobres, desde o estábulo até a cruz; conhece a fome, a sede e a indigência. Mais ainda: identifica-se com os pobres de todos os tipos e faz do amor ativo para com eles a condição para se entrar no seu Reino.

Jesus convida os pecadores à mesa do Reino: “Não vim chamar os justos, mas os pecadores” (Mc 2,17). Convida-os à conversão, sem a qual não se pode entrar no Reino, mas mostrando-lhes, com palavras e atos, a misericórdia sem limites do Pai e a imensa alegria no céu por um único pecador que se arrepende (Lc 15,7). A prova deste amor será o sacrifício da sua própria vida em remissão dos pecados (Mt 26,28).

Jesus convida a entrar no Reino através das parábolas, traço típico do seu ensinamento (Mt 13). Por elas, convida ao festim do reino, mas exige também uma opção radical: para adquirir o reino, é preciso dar tudo; só palavras não bastam, é preciso atos (Mt 8,18-21 e Lc 18,18-22).

Jesus acompanha as palavras com numerosos milagres, prodígios e sinais (At 2,22) que manifestam que o Reino está presente nele.

Jesus operou sinais messiânicos; não veio, no entanto, para abolir todos os males da terra, mas para libertar os homens da mais grave das escravidões: a do pecado, que emperra sua vocação de filhos de Deus e causa todas as escravidões humanas.

Jesus tinha uma preocupação central: revelar o Amor libertador de Deus-Pai a toda e qualquer pessoa, inaugurando o Reino de Justiça, Misericórdia e Reconciliação entre todos os seres humanos.

Assim Jesus como Homem, descobriu as suas raízes históricas e a partir da sua condição de trabalhador, aprendeu a se situar na realidade histórica da Galileia, da Palestina e do mundo romano; Jesus entrou na nossa história, sem medo de enfrentar conflitos sócio-políticos e com a consciência de que pertencia à classe dos excluídos e procurando o caminho certo para salvar o povo.

Quando Jesus começou a percorrer a Palestina, anunciando a Boa Nova, o povo ia atrás dele e sua fama crescia. Jesus era encontrado em muitos lugares: nas casas de oração ou nas praças, nas aldeias, à margem do lago da Galileia ou do rio Jordão; era visto no Templo de Jerusalém, ou em algum deserto da região.

Junto com Jesus caminhava um grupo de homens e mulheres, atraídos pelo que ele dizia ou fazia. No início, o povo e os próprios discípulos mais próximos, não entendiam bem o objetivo profundo da mensagem de Jesus. Mas havia nele algo que os fascinava: o acolhimento que

dava aos que sofrem, as curas dos leprosos, a expulsão de demônios, a recuperação da vista aos cegos; a consciência que ele tinha da vida sofrida do povo, a sua atitude firme frente às autoridades e ao poder opressor; a novidade da palavra de Deus, e a esperança de vida nova que deixava no coração de cada pessoa.

Jesus chamou a atenção na pregação da Boa Nova pela nova maneira de se relacionar com Deus, pela nova maneira de se relacionar com o povo, primazia da vida sobre a morte; tratamento corajoso com os sacerdotes do Templo e autoridades locais e imperiais (Jo 4,5-42; 3,1-21); nova maneira de se comportar em relação às mulheres e uma nova linguagem.

A finalidade da sua pregação era propor uma religião baseada no Amor a Deus e ao próximo. Por sua palavra e seus milagres Cristo prega o reino de Deus.

## 5 ESCOLHA DOS APÓSTOLOS E DOS SACRAMENTOS

A fim de que este chamado ressoasse pela terra inteira, Cristo enviou os apóstolos que escolhera, dando-lhes o mandato de anunciar o Evangelho: “Ide, fazei que todas as nações se tornem discípulos, batizando-as em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo e ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei. E eis que eu estou convosco todos os dias até à consumação dos séculos” (Mt 28, 19-20). Fortalecidos com esta missão, os apóstolos saíram a pregar por toda parte, agindo com eles o Senhor, e confirmando a palavra por meio dos sinais que a acompanhavam (Mc 16,20).

Cristo Senhor, em quem se consuma toda a revelação do Sumo Deus, ordenou aos Apóstolos que o Evangelho, prometido antes pelos profetas, completado por ele e por sua própria boca promulgado, fosse por eles pregado a todos os homens como fonte de toda a verdade salvífica e de toda a disciplina de costumes, comunicando-lhes dons divinos.

Jesus confiou a Pedro uma autoridade específica: “Eu te darei as chaves do Reino dos Céus o que ligares na terra será ligado nos Céus, e o que desligares na terra será desligado nos Céus” (Mt 16, 19). O

poder das chaves designa a autoridade para governar a casa de Deus, que é a Igreja. Jesus, o Bom Pastor, confirmou este encargo depois da sua ressurreição: “Apascenta as minhas ovelhas” (Jo 21, 15-17). O poder de ligar e desligar significa a autoridade para absolver os pecados, pronunciar juízos doutrinários e tomar decisões disciplinares na Igreja. Jesus confiou esta autoridade à Igreja pelo ministério dos Apóstolos e particularmente de Pedro, o único ao qual confiou explicitamente as chaves do Reino.

Jesus expressou de modo supremo a oferta de si mesmo na refeição que tomou com os Doze Apóstolos na noite em que foi entregue (1Cor 11,23). Na véspera de sua Paixão, quando ainda estava em liberdade, Jesus fez desta última ceia com seus apóstolos o memorial da sua oferta voluntária ao Pai: ‘Isto é o meu corpo que é dado por vós (Lc 22,19). “Isto é o meu sangue, o sangue da Nova Aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados” (Mt 26,28). A Eucaristia que instituiu naquele momento será o memorial (1Cor 11,25) do seu sacrifício. Jesus incluiu os apóstolos na sua própria oferta e lhes pede que a perpetuem. Com isso instituiu seus apóstolos sacerdotes da Nova Aliança: “Santifico-me por eles para que também eles sejam santificados pela verdade” (Jo 17, 19).

Assim como Cristo foi enviado pelo Pai, da mesma forma enviou os apóstolos, cheios do Espírito Santo, não só para pregarem o Evangelho a toda criatura, anunciarem que o Filho de Deus, pela Morte e Ressurreição, nos libertou do poder de Satanás e da morte e nos transferiu para o reino do Pai, mas ainda para levarem a efeito o que anunciavam: a obra da salvação, através do Sacrifício e dos Sacramentos, em torno dos quais gravita toda a vida da Igreja.

## REFLEXÃO

---

1. Por que a vinda do filho de Deus à terra é o maior acontecimento da História da Humanidade?
2. Como você acolhe em sua vida a Boa Nova anunciada por Jesus?

## VIVÊNCIA



1. Observe suas ações e reações na família, no trabalho, na vida social e veja se correspondem a uma vida de “obediência à fé”.
2. Coloque-se em disponibilidade para servir os que necessitarem de você em todos os ambientes que frequenta.



17

## HISTÓRIA DA SALVAÇÃO (Parte V)

### EXPOSIÇÃO

#### 6 INSTITUIÇÃO DOS SACRAMENTOS

Os sacramentos da nova lei foram instituídos por Cristo e são sete: Batismo, Confirmação, Eucaristia, Reconciliação, Unção dos Enfermos, Ordem e Matrimônio.

##### 6.1 Batismo

O Batismo é o sacramento da entrada no plano da graça, por ele nascemos da água e do Espírito Santo para a vida nova em Cristo e nos tornamos membros da Igreja. Todas as prefigurações da Antiga Aliança encontram a sua realização em Cristo Jesus, Ele começa a sua vida pública depois de ter feito se batizar por João Batista no Jordão e, após a sua ressurreição confere esta missão aos apóstolos: “ide, pois, fazei que todas as nações se tornem meus discípulos, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, e ensinando-as a observar tudo quanto vos prescrevi” (Mt 28, 19-20 e Mc 16,15).

##### 6.2 Confirmação

Por várias vezes Cristo prometeu a efusão do Espírito Santo, promessa que realizou primeiramente no dia da Páscoa (cf. do 20, 22) e em seguida de maneira mais marcante, no dia de Pentecostes (At 2, 1-4), Repletos do Espírito Santo, os apóstolos começam a proclamar as maravilhas de Deus (At 2, 11), e Pedro começa a declarar que esta efusão do Espírito é o sinal dos tempos messiânicos. Desde então, os

apóstolos, para cumprir a vontade de Cristo, comunicaram aos neófitos (recém-convertidos), pela imposição das mãos, o Dom do Espírito que leva a graça do Batismo à sua consumação. A imposição das mãos é com razão reconhecida pela tradição católica como a origem do sacramento da Confirmação que perpetua, de certo modo, na Igreja, a graça de Pentecostes.

### 6.3 Eucaristia

A Sagrada Escritura nos conta que na noite, antes de ser traído, Jesus tomou o pão, agradeceu, partiu-o e deu-o aos discípulos com as palavras: tomai e comei todos vós, isto é o meu corpo, que é entregue por vós. Tornou o cálice com vinho e disse: Tomai e bebei, isto é meu sangue, o sangue da nova e eterna aliança, que será derramado por vós para remissão dos pecados (ICor 11,24; Lc 22,19; Mt 26,26 e Mc 14,22-24). Com estas palavras Jesus instituiu a Eucaristia, que é banquete e sacrifício ao mesmo tempo. Corpo que é imolado e oferecido a comer. Sangue que é derramado e oferecido a beber. É o memorial da morte e da ressurreição de Cristo. Encarregou os apóstolos de fazerem em sua memória o que ele tinha feito. Eles cumpriram esta ordem e a transmitiram aos seus sucessores. Assim a Igreja celebra continuamente a Eucaristia em memória do Senhor até Sua volta no fim dos tempos.

### 6.4 Reconciliação

Cristo veio restabelecer a amizade entre Deus e os homens. Nos trouxe o perdão. Deus é Amor. Amor que não tem fim, que tudo compreende e perdoa. Amor que não se esquece de ninguém, nem do mais ingrato pecador. Deus é o amor que crê e confia na pessoa humana; mesmo que esta se afaste da sua lei e de sua casa, Ele vai em busca do que está perdido e oferece misericórdia (Lc 15,1-10). Deus é o Pai que espera ansiosamente a volta do filho rebelde (Lc 15, 11-32). O Amor que nos amou a tal ponto que não poupou o seu Filho único, mas o entregou à morte na cruz para nos salvar.

Conhecemos o amor de Deus para com os pecadores, através das atitudes de Jesus. Lembramos apenas algumas: A mulher adúltera, (Jo 8,1-11), a samaritana, (Jo 4,1-41); o paralítico, (Mt 9, 1-7); o ladrão, (Lc 23, 39-43).

Institui o sacramento do perdão, o sacramento da salvação para os que caíram. Recebei o Espírito Santo, a quem perdoardes os pecados, ser-lhes-ão perdoados (Jo 20, 22-23). Isto não era apenas para a Igreja nos tempos dos apóstolos. Cristo quer que o sacramento do perdão perdure para sempre na sua Igreja; que o poder de perdoar os pecados, dado aos apóstolos seja transmitido a seus sucessores, que até hoje o exercem em nome de Cristo.

## 6.5 Unção dos Enfermos

Os apóstolos expulsavam demônios e ungiendo com óleo, curavam muitos enfermos (Mc 6, 13).

A compaixão de Cristo para com os doentes e as numerosas curas de enfermos de todo tipo, são um sinal evidente de que Deus visitou o seu povo (Lc 7, 16) e que o Reino de Deus está bem próximo. Jesus não só tem poder de curar, mas também de perdoar os pecados: ele veio curar o homem inteiro, alma e corpo; é o médico de que necessitam os doentes. Sua compaixão para com todos aqueles que sofrem é tão grande que ele se identifica com eles: “Estive doente e me visitastes (Mt 25,36)”,

Muitas vezes Jesus pede aos enfermos que creiam. Serve-se de sinais para curar: saliva e imposição das mãos, lama e ablução. Os doentes procuram toca-lo porque dele saía uma força que a todos curava (Lc 6,19). Também nos sacramentos Cristo continua a nos tocar para curar-nos, “Curai os enfermos” (Mt 10, 8). Esta missão, a Igreja a recebeu do Senhor e esforça-se por cumpri-la tanto pelos cuidados aos doentes quanto pela oração de intercessão com que os acompanha. Ela crê na presença vivificante de Cristo, da alma e do corpo, A Igreja apostólica conhece um ritmo próprio em favor dos doentes, atestado por S Tiago: “Alguém dentre vós está doente? Mande chamar os presbíteros da Igreja para que orem sobre ele, ungiendo-o com óleo em nome do

Senhor. A oração da fé salvará o doente e o Senhor o porá de pé, e se tiver cometido pecados, estes lhe serão perdoados” (Tg 5, 14-15).

A tradição reconheceu neste ritmo um dos sete sacramentos da Igreja, o qual ela crê e confessa ser um sacramento destinado a reconfortar aqueles que são provados pela enfermidade: a *Unção dos enfermos*.

## 6.6 Ordem

No novo Testamento existe um só Sacerdote, Jesus Cristo, e um só sacrifício, o da Cruz. Os Ministros da Nova aliança participam desse único sacerdócio como se fosse a mão estendida de Cristo através dos séculos. “Quem vos ouve, a Mim ouve” (Lc 10, 16). Cristo escolheu os apóstolos e discípulos e lhes ordenou que continuassem sua obra no mundo: pregar, batizar, consagrar e perdoar os pecados. Fazei isto em memória de mim. Ide e pregai a todos os povos e batizai-os. Recebei o Espírito Santo: a quem perdoares os pecados eles serão perdoados (Mt 18, 18 e 28, 18-20; Mc 16, 15; Lc 24, 47; Jo 20, 21-23).

O povo de Deus não é um povo disperso, amorfo, (sem forma definida) mas é estruturado numa hierarquia definida que se encontra esboçada nos textos do Evangelho. Jesus escolheu os doze apóstolos para serem seus íntimos colaboradores (Mc 3, 13-16). Destacou Pedro entre eles (Mt 16, 13-19) e os preparou para exercerem essa missão. Os doze apóstolos obedecendo ao mandato de Cristo instituíram outros conforme se vê nos Atos dos Apóstolos (At 1, 15-23; 6, 1-6).

Na Igreja, Cristo, através dos seus sacerdotes, continua sua função sagrada, pois é Ele quem prega e administra os sacramentos. No seu Sacerdócio Eterno que recebeu do Pai, Ele continua celebrando o sacrifício santo e imaculado que é a missa, continua tirando o pecado do mundo nos sacramentos do batismo e da penitência, continua curando os doentes no sacramento dos enfermos, abençoando as famílias no sacramento do matrimônio. Ele continua pregando a palavra de Deus, ajudando, aconselhando e consolando o seu povo.

Todas as refigurações do sacerdócio da antiga aliança encontram seu cumprimento em Cristo Jesus “Único mediador entre Deus e os

homens” (1 Tm 2, 5). “Melquisedec, sacerdote do Deus Altíssimo” (Gn 14, 18), é considerado pela Tradição cristã como uma prefiguração do sacerdócio de Cristo, porque Deus o proclamou sacerdote segundo a ordem de Melquisedec (Hb 5, 10; 6, 20; 7, 17), “santo, imaculado” (Hb 7, 26), que “com uma única oferenda levou à perfeição, e para sempre, os que ele santifica” (Hb 10, 14), isto é, pelo único sacrifício de sua cruz.

## 6.7 Matrimônio

“A aliança matrimonial, pela qual o homem e a mulher constituem entre si uma comunhão da vida toda, é ordenada por sua índole natural ao bem dos cônjuges e à geração e educação da prole, e foi elevada, entre os batizados, à dignidade de sacramento, por Cristo Senhor”.

Deus que criou a Pessoa Humana por amor, também a chamou para o amor, vocação fundamental e inata de todo ser humano, pois ele foi criado à imagem e semelhança de Deus que é amor. Tendo-os Deus criado homem e mulher, seu amor mútuo se torna uma imagem do amor absoluto e indefectível de Deus pela pessoa humana. Esse amor é bom, muito bom, aos olhos do criador. E este amor abençoado por Deus é destinado a ser fecundo e realizar-se na obra comum de preservação da criação: “Deus os abençoou e lhes disse: sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e submetei-a” (Gn 1, 28).

Que o homem e a mulher tenham sido criados um para o outro, a sagrada Escritura o afirma: “Não é bom que o homem esteja só” (Gn 2, 18). A mulher carne de sua carne, isto é, seu próprio rosto, igual a ele, bem próxima dele, lhe foi dada por Deus como um auxílio, representando assim “Deus, em quem está o nosso socorro”. Por isso um homem deixa seu pai e sua mãe, une-se à sua mulher, e eles se tornam uma só carne” (Gn 2, 18-25). Que isto significa uma unidade indefectível de suas vidas, o próprio Senhor no-lo mostra lembrando qual foi, na origem, o desígnio do Criador. “De modo que já não são dois, mas uma só carne” (Mt 19, 6).

Examinando a aliança de Deus com Israel sob a imagem de um amor conjugal exclusivo e fiel, os profetas prepararam a consciência

do povo eleito para uma compreensão mais profunda da unicidade e indissolubilidade do matrimônio. Os livros de Ruth e de Tobias dão testemunho comovente do sentido elevado do casamento, da fidelidade e da ternura dos esposos. A tradição sempre viu no Cântico dos Cânticos uma expressão única do amor humano, puro reflexo do amor de Deus, amor forte como a morte, que as águas da torrente jamais poderão apagar (Can 8, 6-7).

A aliança nupcial entre Deus e o povo escolhido preparou a nova e eterna aliança na qual o Filho de Deus, encarnado-se e entregando sua vida, se uniu com toda a humanidade salva por ele, preparando assim as núpcias do Cordeiro (Ap 19, 7-9).

No limiar de sua vida pública, Jesus opera seu primeiro sinal, a pedido de sua mãe, por ocasião de uma festa de casamento. A Igreja atribui grande importância à presença de Jesus nas núpcias de Caná. Vê nela a confirmação de que o casamento é uma realidade boa e o anúncio de que, daí em diante, o casamento será um sinal eficaz da presença de Cristo.

Em sua pregação, Jesus ensinou sem equívoco o sentido original da união do homem e da mulher, conforme quis o Criador desde o começo, à permissão de repudiar a própria mulher, concedida por Moisés, era uma concessão devida à dureza do coração; a união matrimonial do homem e da mulher é indissolúvel: Deus mesmo a consumou: “O que Deus uniu, o homem não deve separar” (Mt 19, 6).

A graça do matrimônio cristão é um fruto da Cruz de Cristo, fonte de toda vida cristã; torna-se sinal eficaz, sacramento da aliança de Cristo e da Igreja.

## REFLEXÃO

1. Qual dos sacramentos mais lhe chama atenção? Por quê?
2. A seu ver, de quais sacramentos o mundo de hoje é mais necessitado?

## VIVÊNCIA

---

1. Leia os livros de Ruth e Tobias e anote os versículos que mais lhe chamaram a atenção.
2. Procure anunciar as graças que trazem os sacramentos aos que o rodeiam e ainda não conhecem essa realidade dos que vivem com fé.





## 18

# A HISTÓRIA DA SALVAÇÃO: Parte 6

## EXPOSIÇÃO

### 1 O NOVO MANDAMENTO

Segundo a Escritura, a lei é uma instrução paterna de Deus que prescreve ao homem os caminhos que levam à felicidade prometida e os preserva dos caminhos do mal.

Cristo é a finalidade da lei, Ele veio aperfeiçoá-la (Mt 5,17). Somente Ele ensina e concede a justiça de Deus. A lei natural é imutável, permanece através da história. As regras que a exprimem são sempre válidas. É uma base necessária à edificação das regras morais e para a lei civil.

A antiga Lei é o primeiro estágio da lei revelada. Suas prescrições se acham resumidas nos Dez Mandamentos.

A Lei de Moisés contém diversas verdades naturalmente acessíveis à razão. Deus as revelou porque os homens não as conseguiram ler no próprio coração. A antiga Lei é uma preparação para o Evangelho ou Nova Lei.

A Nova Lei é a graça do Espírito Santo, recebida pela fé em Cristo, operando pela

caridade. Exprime-se particularmente no Sermão da Montanha (Mt 5, 3-12) e usa os sacramentos para comunicar-nos a graça.

A Lei evangélica leva a pleno cumprimento, ultrapassa e conduz à perfeição a antiga Lei e as suas promessas, através das bem-aventuranças do Reino dos Céus e sus mandamentos, através da transformação da fonte de suas ações, ou seja, o coração.

A Nova Lei é uma lei de amor, uma lei de graça, uma lei de liberdade. Além dos seus preceitos, a Nova Lei comporta os conselhos evangélicos. De modo especial favorecem igualmente a santidade da Igreja os múltiplos conselhos que no Evangelho o Senhor propõe à observância dos seus discípulos.

## 2 PAIXÃO E MORTE

Cristo morreu pelos nossos pecados Segundo as Escrituras (1Cor 15,3). A nossa salvação deriva da iniciativa do amor de Deus para conosco, pois foi Ele quem nos amou e enviou seu Filho como vítima de expiração pelos nossos pecados (1Jo 4,10). Foi Deus que em Cristo reconciliou o mundo consigo (2Cor 5,19).

Jesus ofereceu-se livremente pela nossa salvação. Este Dom, ele o significa e o realiza por antecipação durante a última ceia: “Isto é meu corpo, que será dado por vós” (Lc 22, 19).

Nisso consiste a redenção de Cristo: Ele veio para dar a sua vida em resgate por muitos (Mt 20,28), isto é, “amar os seus até ao fim” (Jo 13,1), para que “sejais libertados da vida fútil que herdastes dos seus pais” (1Pd 1, 18).

Pela sua obediência de amor ao Pai, até “à morte de cruz” (FI 2,8), Jesus realizou a missão expiadora do Servo Sofredor “que justificará a muitos e levará sobre si as suas transgressões” (Is 53, 11).

## 3 RESSURREIÇÃO

Não temais! Sei que procurais Jesus que foi crucificado. “Não está aqui, ressuscitou como disse” (Mt 28,5). “E verdade, o Senhor ressuscitou e apareceu a Simão” (Lc 24,34). “Cristo ressuscitou dos mortos, primícias dos que adormeceram” (1Cor 15,20).

A fé na ressurreição tem por objetivo um acontecimento ao mesmo tempo historicamente atestado pelos discípulos que encontraram verdadeiramente o Ressuscitado, e misteriosamente transcendente enquanto entrada da humanidade de Cristo na glória de Deus.

O sepulcro vazio e os panos de linho no chão significam por si mesmos que o corpo de Cristo escapou da morte e da corrupção pelo

poder de Deus. Ele preparou os discípulos para o reencontro com o Ressuscitado.

Cristo, “primogênito dentre os mortos” (Col 1,18), é o princípio da nossa própria ressurreição, desde já pela nossa fé, mais tarde pela vivificação do nosso corpo.

A ressurreição dos mortos prova que Cristo é realmente o Filho de Deus. É a garantia da nossa ressurreição futura.

“Se Cristo não ressuscitou, vã é nossa pregação, vã também é a nossa fé” (1Cor 15,14). Ele destruiu o poder da morte e pela sua ressurreição nos deu uma nova vida. “Como todos morrem em Adão, em Cristo todos ressuscitarão” (1Cor 15,22).

#### 4 PROMESSA DA VINDA DO ESPÍRITO SANTO E O ENVIO DOS APÓSTOLOS

Toda a missão do Filho e do Espírito Santo, na plenitude do tempo, está contida no fato de o Filho ser o Ungido do Espírito do Pai, desde a sua encarnação: Jesus é o Cristo, o Messias. Toda a obra de Cristo é missão conjunta do Filho e do Espírito Santo.

Jesus não revela plenamente o Espírito Santo enquanto Ele mesmo não tiver sido glorificado por sua morte e ressurreição.

Foi somente quando chegou a hora em que ia ser glorificado que Jesus prometeu a vinda do Espírito Santo, pois a sua Morte e Ressurreição serão o cumprimento da promessa feita aos nossos pais: o Espírito de verdade, o outro Paráclito, será dado pelo Pai a pedido de Jesus; Ele será enviado pelo Pai em nome de Jesus; Jesus o enviará de junto do Pai, pois, ele nasceu do Pai. O Espírito Santo virá, nós o conheceremos, Ele estará conosco para sempre, ele permanece conosco; Ele nos ensinará tudo e nos lembrará tudo o que Cristo nos disse, e Ele dará testemunho; conduzir-nos-á à verdade inteira e glorificará a Cristo. Quanto ao mundo, confundi-lo-á em matéria de pecado, de justiça e de julgamento (Jo 15, 26-27; 14, 16; 14, 26; 16, 7-15).

Finalmente chega a hora de Jesus: Jesus entrega o seu espírito nas mãos do Pai no momento em que por sua morte é vencedor da morte, de maneira que, ressuscitado dos mortos pela Glória do Pai (Rm 6,4),

dá imediatamente o Espírito Santo soprando sobre seus discípulos. A partir dessa hora, a missão de Cristo e do Espírito passa a ser a missão da Igreja: “Como o Pai me enviou, também eu vos envio” (Jo 20,21).

Jesus enviou do Pai o Espírito Santo aos Apóstolos para que Ele infundisse na jovem Igreja a força e a vida divina. Pois os Apóstolos e seus discípulos somente iluminados e fortalecidos pela luz do alto, tornaram-se capazes de realizar a obra que lhes foi confiada pelo seu fundador. O Paráclito que eu mandar do Pai vos ensinará toda a verdade (Jo 14,26).

Deste Paráclito eles receberam a graça para entenderem a palavra de Cristo em toda a sua profundidade e anunciá-la aos povos sem erro e sem temor.

## 5 PENTECOSTES - NASCIMENTO DA IGREJA

No dia de Pentecostes, pela efusão do Espírito Santo, a Igreja é manifestada ao mundo. O Dom do Espírito inaugura um tempo novo na História: o tempo da Igreja, durante o qual Cristo manifesta, torna-se presente e comunica a sua obra de salvação pela liturgia, até que Ele venha (1Cor 11, 26), Durante este tempo Cristo vive e age na sua Igreja e com ela, de uma forma nova, própria deste tempo novo. Age pelos sacramentos; é isto que a Tradição comum do Oriente e do Ocidente chama de economia sacramental; esta consiste na comunicação ou dispensação dos frutos do Mistério Pascal de Cristo na celebração da liturgia sacramental da Igreja.

Desde Pentecostes, é através dos sinais sacramentais da sua Igreja que o Espírito Santo realiza a santificação. Os sacramentos da Igreja não abolem ou substituem, antes purificam e integram toda a riqueza dos sinais e dos símbolos do cosmos e da vida social. Além disso, realizam os tipos e as figuras da antiga aliança, significam e realizam a salvação operada por Cristo, prefiguram e antecipam a glória do céu.

Por várias vezes Cristo prometeu esta efusão do Espírito, promessa que realizou primeiramente no dia da Páscoa (Jo 20,22), e, em seguida, de maneira mais marcante, no dia de Pentecostes. Repletos do Espírito Santo, os Apóstolos começam a proclamar as maravilhas de Deus (At

2,11), e Pedro começa a declarar que esta efusão do Espírito é o sinal dos tempos messiânicos. Os que então creram na pregação apostólica e que se fizeram batizar, também receberam o Dom do Espírito Santo.

No dia de Pentecostes, o Espírito da promessa foi derramado sobre os discípulos, reunidos no mesmo lugar (At 2,1), esperando-o “unânimes, perseveravam na oração” (At 1,14). O Espírito que ensina à Igreja e lhe recorda tudo o que Jesus disse, vai também formá-la para a vida de oração.

Na oração do Senhor trata-se principalmente da vinda final do Reinado de Deus mediante o retorno de Cristo. Mas, esse desejo não desvia a Igreja de sua missão neste mundo, antes a empenha. Pois, a partir de Pentecostes a vinda do Reino é obra do Espírito do Senhor para santificar todas as coisas, levando à plenitude a sua obra.

## 6. A EUCARISTIA

A Eucaristia é o “coração e o ápice da vida da Igreja” (LG 11), pois nela Cristo associa sua Igreja e todos os seus membros a Seu sacrifício de louvor e de ação de graças oferecido de uma vez por todas, na cruz, ao Pai. Pelo sacrifício, Ele derrama as graças da salvação sobre o seu corpo místico, que é a igreja.

A Eucaristia é o memorial da páscoa de Cristo: isto é, da obra da salvação realizada pela sua Vida, Morte e Ressurreição, obra essa tornada presente pela ação litúrgica.

E Cristo mesmo, sumo sacerdote eterno da nova aliança, que, agindo pelo ministério dos sacerdotes, oferece o Sacrifício Eucarístico e é também o mesmo Cristo, realmente presente sob as espécies do pão e do vinho, que é a oferenda do Sacrifício Eucarístico.

Somente os sacerdotes validamente ordenados podem presidir a Eucaristia e consagrar o pão e o vinho para que se tornem o Corpo e o Sangue do Senhor.

Enquanto sacrifício, a Eucaristia é também oferecida em reparação dos pecados dos vivos e dos defuntos, e para obter de Deus benefícios espirituais ou temporais.

A santa comunhão do Corpo e do Sangue de Cristo aumenta a união do comungante com o Senhor, perdoa os pecados veniais e o

preserva dos pecados graves. Por serem reforçados os laços de amor entre o comungante e Cristo, a recepção desse sacramento reforça a unidade da Igreja, corpo místico de Cristo.

Tendo Cristo passado deste mundo ao Pai, dá-nos na Eucaristia o penhor da glória junto Dele: a participação no Santo Sacrifício nos identifica com o seu coração, restaura nossas forças ao longo da peregrinação nesta vida terrena e nos une já a Igreja do céu.

## 7 CAMINHADA IGREJA (O POVO DE DEUS)

O Povo de Deus tem características que o distinguem nitidamente de todos os agrupamentos religiosos, étnicos, políticos ou culturais da história: Deus adquiriu para si um povo, dentre os que outrora não eram um povo: “uma raça eleita, um sacerdócio régio, uma nação santa” (1Pd 2,9).

A pessoa torna-se membro deste Povo não pelo nascimento físico, mas pelo nascimento “do alto, da água e do Espírito” (Jo 3, 3-5), isto é, pela fé em Cristo e pelo Batismo.

Esse Povo tem por chefe (cabeça) Jesus Cristo (Ungido, Messias): pelo fato de que a mesma Unção, o Espírito Santo, deriva da cabeça para o corpo. Ele torna-se o povo messiânico.

A condição desse Povo é de dignidade e de liberdade de filhos de Deus: nos corações deles, como em um templo, reside o Espírito Santo (1Cor 6, 12 e 19). Sua lei é o mandamento novo de amar como Cristo nos amou (Jo 15,12). E a lei nova do Espírito Santo (Rm 8, 2; Gl5, 5; 4, 6).

Sua missão é ser o sal da terra e a luz do mundo (Mt 5,13; Mc 9,50; Lc 14,34). Ele constitui para todo o gênero humano o mais forte germe de unidade, esperança e salvação. Sua meta é o Reino de Deus, iniciado na terra por Deus mesmo, reino a ser estendido sempre mais, até que, no fim dos tempos, tudo seja consumado em Deus.

Jesus Cristo é aquele que o Pai ungiu com o Espírito Santo e que constituiu Sacerdote, Profeta e Rei. O Povo de Deus, inteiro, participa destas três funções de Cristo e assume as responsabilidades de missão e serviço que daí decorrem.

Ao entrar no Povo de Deus pela fé e pelo Batismo, recebe-se participação na vocação única desse povo: na sua vocação sacerdotal: Cris-

to Senhor, Pontífice nascido dentre os homens, fez do Novo Povo um reino e sacerdotes para Deus Pai, pois os batizados, pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados como casa espiritual e sacerdócio santo.

O Povo Santo de Deus participa também da função profética de Cristo. Tal se verifica de modo particular pelo sentido sobrenatural da fé de todo o povo: leigos e hierarquia, apegando-se à fé que uma vez para sempre foi transmitida aos santos, aprofunda sua compreensão e torna-se testemunha de Cristo neste mundo.

O Povo de Deus participa finalmente da função régia de Cristo. Cristo exerce sua realeza atraindo a si todos os homens pela sua morte e ressurreição. Cristo, Rei e Senhor do universo, fez-se servidor de todos, «não veio para ser servido, mas para servir e para dar sua vida em resgate por muitos” (Mt 20,28). Para o cristão reinar é servir, particularmente aos pobres e aos sofredores, nos quais a Igreja reconhece a imagem do seu fundador, pobre e sofredor. O Povo de Deus realiza sua dignidade régia vivendo em conformidade com a vocação de servir com Cristo.

## REFLEXÃO

1. Leia a Carta aos Hebreus e compare com a História da Salvação
2. Leia e reflita o texto abaixo: ‘A História do Amor’. Comente com o grupo suas descobertas.

## VIVÊNCIA

1. Para quem crê na ressurreição, a fé é que dá todo sentido à vida. Dar o seu testemunho glorificando a Deus cada dia é, portanto, a missão de quem vive o Evangelho.
2. Examine-se diariamente para crescer mais no dia seguinte, buscando com sinceridade o discernimento da vontade de Deus e, desse modo, viver com serenidade e paz.

## A HISTÓRIA DO AMOR

“Antes que na terra desabrochasse um sorriso de criança;  
Antes que no mundo brotasse a ternura de mãe;  
Antes que no firmamento brincassem as estrelas brilhantes;  
Antes que nos prados aparecesse o traje colorido das flores;  
Antes de tudo isso o *Amor* já existia.  
Ele sempre foi, sempre existiu.  
Mas, o Amor queria uma casa mais linda para si, só para si.  
E fez a terra;  
E na terra fez a carne;  
E na carne soprou a vida;  
E na vida imprimiu a imagem de sua semelhança,  
E a chamou de *Homem*.  
E, dentro do coração do *Homem*, o *Amor* construiu a sua casa.  
E o Amor foi morar no coração do Homem;  
E coube todinho lá dentro, porque o coração do *Homem* foi feito para o infinito.  
O *Homem* sentiu inveja do Amor.  
Queria para si a casa do Amor, só para si;  
Queria para si a felicidade do Amor, Como se o *Amor* *pu-  
desse viver só*.  
E o *Homem* sentiu uma fome torturante e comeu...  
Comeu do fruto proibido!  
O *Amor* foi-se embora do coração do *Homem*!  
O *Homem* começou a encher o seu coração:  
Encheu-o com todos os amores da terra, - e ainda ficou vazio!  
Encheu-o com todos os prazeres da terra, - e ainda ficou vazio!  
Encheu-o com todas as riquezas da terra, - e ainda ficou vazio!  
E o *Homem*, triste, derramou suor para ganhar a comida,  
(ele sempre tinha fome!)  
E continuava com o coração vazio!  
O *Amor* soube!  
Vestiu-se de carne e veio também receber o coração do *Homem*.  
Mas o *Homem* não reconheceu o *Amor* e O *pre-  
gou numa cruz*!  
O *Amor* então teve uma ideia;

Vestiu-se de comida, se disfarçou de pão e ficou quietinho  
Quando o *Homem* faminto ingeriu a comida,  
O Amor voltou à sua casa, no coração do *Homem*; E o coração do *Homem* se encheu de plenitude!”

## BIBLIOGRAFIA

ATLAS da Bíblia. São Paulo: Edições Paulinas.

A História do Povo de Deus (1, 2, 3 volumes). Ação católica operaria e Comissão Nacional de Pastoral Operária.

BÍBLIA Tradução Ecumênica (TEB). São Paulo: Edições Loyola.

Caderno Franciscano. Belo Horizonte: Centro Franciscano de Formação, 1982.

Catecismo da Igreja Católica.

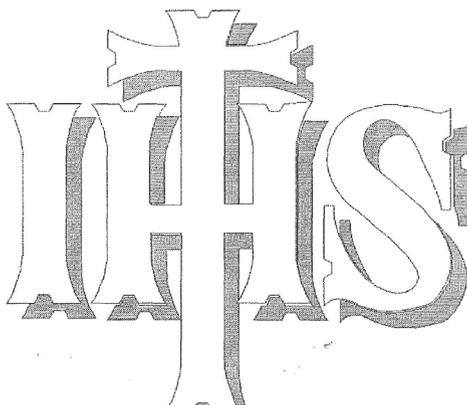
CONSTITUIÇÃO DOGMÁTICA LUMEN GENTIUM. **Documentos do Concílio Vaticano II.** São Paulo: Paulus, 1997.

RAHNER, Karl. **Curso fundamental da fé.** São Paulo: Edições Paulinas.

RUBIO, Alfonso García. **Unidade na pluralidade.** São Paulo: Edições Paulinas.

TEOLOGIA Dogmática. Escola Mater Ecclesiae. Rio de Janeiro.

Síntese da doutrina Cristã para Adultos (O Caminho). São Paulo: Loyola.





## 19

# O CAMINHO DE CONVERSÃO

### EXPOSIÇÃO

“Naqueles dias apareceu João Batista pregando no deserto da Judéia e dizendo: convertei-vos, porque o Reino dos Céus está próximo” (Mt 3,1-2). O chamado à penitência e ao arrependimento proclamado por João Batista, foi retomado por Jesus Cristo.

A partir do momento em que ouviu dizer que João Batista tinha sido preso, “começou a pregar: Convertei-vos, porque o Reino de Deus está próximo” (Mt 4,17).

### 1 O QUE É A CONVERSÃO OU A METANOIA DO EVANGELHO?

#### 1.1. É mudança de sentimentos

Designa a renúncia ao pecado.

Significa uma mudança moral, pela qual alguém renuncia a sua conduta anterior, ao seu egoísmo, a sua vontade própria e volta-se para Deus procurando adequar sua vida aos valores do Evangelho.

Arrependimento e conversão constituem a condição necessária para receber a salvação trazida pelo Reino de Deus (At 2,38).

Na realidade, metanóia exprime mais que um simples arrependimento que lamenta o passado. Significa uma mudança no pensar e sentir, como que um novo nascimento.

Metanóia significa, pois, o processo de uma mudança interior, em que a vida precedente começa a desfazer-se para refazer-se numa unidade harmoniosa em um nível mais elevado.

No Novo Testamento a conversão é descrita como o apelo e a passagem das trevas para a luz; da morte para a vida; do pecado para a graça (At 26,18).

## 1.2 A iniciativa da conversão é de Deus

A iniciativa é da graça de Deus como aparece na Parábola do Bom Pastor que vai em busca da ovelha que se perdeu até encontrá-la (Lc 15,4).

Jesus veio chamar os pecadores à penitência (Lc 5,32; Mt 4,17). Ai está o essencial do Evangelho do Reino.

Também no Antigo Testamento são constantes os apelos à conversão através dos profetas: “Lavai-vos, purificai-vos! Tirai vossa maldade da minha vista! Deixai o mal, aprendei a fazer o bem... buscai o direito, fazei justiça... então vossos pecados serão perdoados” (Is 1,16-18).

“Converte-nos a Ti, Senhor, e seremos convertidos” (Lm 5,21).

## 1.3 A conversão é um processo

Na parábola do filho pródigo aparecem bem as três etapas deste processo de conversão, que são também as três etapas da confissão:

- a) o filho reconhece que é pecador: “Pai, pequei contra o céu e contra Ti” (Lc 15,18);
- b) decide voltar, converter-se: “Levantar-me-ei e irei ao meu Pai” (Lc 15,18); e,
- c) encontro com o Pai: “Estreitou-o nos braços e beijou-o” (Lc 15,20)

## 2 CONVERSÃO EM SÃO FRANCISCO E NA LITERATURA FRANCISCANA

### 2.1 São Francisco, um exemplo de conversão

Deus preparou São Francisco como instrumento de conversão dos homens, chamando-o primeiro para a sua própria conversão.

Na vida de São Francisco aparece bem o itinerário ou a caminhada de sua conversão, sempre num processo crescente.

Em 1204, com 22 anos, São Francisco é atingido por uma enfermidade misteriosa, que serviu para abrir-lhe os olhos e mostrar-lhe a futilidade dos bens terrenos (1Cel 3 e 5).

Em 1205, com 23 anos, numa expedição guerreira, no caminho de Apúlia, ouve a voz do Senhor, em sonhos, que lhe sugere a troca de valores: da cavalaria terrena para o serviço do Senhor. São Francisco pergunta: “Senhor, que queres que eu faça?” (2Cel 6).

Em 1206, com 24 anos, acontece o encontro com o leproso, a sua abertura para a caridade. É preciso enfrentar e vencer a repugnância da própria natureza. Convite ao heroísmo. São Francisco aceita e beija o leproso (2Cel 9).

Em 1207, com 25 anos, é Jesus Crucificado na Igreja de São Damião que lhe fala: “Francisco, vai e repara a minha casa que, como vês, está em ruínas” (2Cel 10).

Francisco vai tornando-se cada vez mais livre dos obstáculos do mundo, da família e do próprio eu, para poder servir ao Reino de Cristo. Em 1208, enfim, no dia 24 de fevereiro, ouve o Evangelho numa missa na Porciúncula, sobre a missão apostólica e recebe a missão de evangelizador na pobreza, na humildade e na penitência.

É o início da pregação apostólica. É o início da Ordem Franciscana (1Cel 22 e LM 3,1).

De passo em passo, de crise em crise, São Francisco percorreu um longo caminho, operando-se nele uma transformação radical, mudando mesmo de lugar social, como um meio de seguir Jesus Crucificado.

Renunciou ao dinheiro e à propriedade, à glória do mundo, à admiração dos amigos. “Abandonou o mundo” (Test 1,3), isto é, os valores e os vícios do mundo, como condição indispensável para seguir melhor o Evangelho de Cristo.

## **2.2 Santa Clara é uma convertida para Deus pelos conselhos de São Francisco” (1Cel 18)**

Antes da sua conversão ainda, já desde a primeira infância, no meio do século, desejava passar sem manchar-se, por este mundo pecador. Sempre guardou com pudor imaculado o tesouro precioso da

virgindade. Francisco “começou a exortá-la, induzindo-a a servir a Cristo com toda a perfeição” (BC, 18).

Santa Clara escreveu no testamento: “Depois que o Altíssimo Pai Celestial, por sua misericórdia e graça, se dignou iluminar o meu coração, comecei a viver em penitência, conforme o exemplo e o ensinamento de nosso Pai São Francisco, pouco depois de sua conversão. E juntamente com poucas irmãs, que o Senhor me tinha dado, logo após a minha conversão, lhe prometi livremente obediência” (RSC VI, 1).

### 2.3 Conversão na linguagem franciscana

Converter-se na linguagem franciscana, não significa tão somente sair do pecado, mas dar uma nova direção a vida, pondo como centro Deus e os seus interesses, superando os obstáculos. Há uma primeira conversão, que consiste em voltar a Deus, conviver com Ele na amizade, e participar de sua vida como filho. É o estado de graça que se dá para os cristãos desde o Batismo.

Mas não basta ser batizados. Somos chamados a nos voltar sempre mais para Deus. É a conversão em crescimento, que São Francisco bem compreendeu. Ainda no fim da vida, ele se considerava o maior pecador do mundo. Isto porque compreendeu o amor de Deus “O Amor não é amado”. “Irmãos, vamos começar de novo, dizia ele, pois até agora pouco ou nada fizemos” (1Cel 103 e LM 14,1). É a conversão de crescimento, que jamais chega ao fim, pois a medida que Jesus apresenta é: “Sede perfeitos como o vosso Pai do Céu é perfeito” (Mt 5,48). E “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei” (Jo 15,12).

A Regra da OFS em seu número 7, pede aos irmãos que, impulsionados pela dinâmica do Evangelho, conformem seu modo de pensar e agir ao de Cristo. E isto deve ser feito mediante uma radical transformação interior que o próprio Evangelho denomina pelo nome de conversão.

E acrescenta que essa conversão deve ser realizada todos os dias.

Não é, pois, uma vez na vida que a gente se converte. Mas é um chamado constante de Cristo na vida, cada vez mais exigente, levando ao radicalismo evangélico no seguimento de Cristo.

### 3 . TODA A IGREJA TEM NECESSIDADE DE CONVERSÃO

A Igreja da América Latina reunida em Puebla proclamou que toda a Igreja necessita de conversão. “A própria comunidade cristã, seus leigos, seus pastores, seus ministros e seus religiosos devem converter-se cada dia mais ao Evangelho, para poderem evangelizar os outros” (Pb 973).

“A Igreja colabora por meio do anúncio da Boa Nova e mediante uma radical conversão à justiça e ao amor, para transformar, a partir do seu íntimo, as estruturas da sociedade”, (Pb 1206).

A nossa conversão para a justiça evangélica exige:

- a) revisão da nossa participação e comunhão com os pobres, humildes, os pequenos (Pb 974);
- b) necessidade de os escutar e estar ao lado deles;
- c) mais abertura a Palavra de Deus, despojamento dos nossos privilégios, de nosso modo de pensar, maior simplicidade de vida;
- d) maior compromisso e comunhão cristã dos bens materiais e espirituais e
- e) colaboração em ações comunitárias de promoção humana, obras de caridade, cujo mínimo a se exigir é a justiça (Pb 975).

“Afirmamos a necessidade de conversão de toda a Igreja para uma opção preferencial pelos pobres, no intuito de sua integral libertação» (Pb 1134).

“O serviço do pobre exige, de fato, uma conversão e purificação constante, em todos os cristãos para conseguir-se uma identificação cada dia mais plena com Cristo pobre e com os pobres” (Pb 1140).

Trata-se de uma conversão “efetiva”, que traz consigo uma exigência de um estilo de vida austero e uma total confiança no Senhor, contando mais com o ser e poder de Deus do que com o “ter mais” e o poder secular (Pb 1157/1158).

## CONCLUSÃO

A verdadeira conversão é uma mudança radical de identidade. “Já não sou eu que vivo, é Cristo que vive em mim” (Gl 2,20). “Quem perder a sua vida, ganhá-la-á” (Mt 16,25).

Ora, é natural que se resista à conversão como se resiste à morte física. Na verdade, a conversão é uma morte para nós mesmos, a fim de podermos viver para Deus.

O processo da vida espiritual consiste em ir morrendo aos poucos, a fim de assumirmos aos poucos a vida de Deus em nós.

## REFLEXÃO

1. O que mais chamou sua atenção no processo de conversão de São Francisco?
2. Releia 1Cel 103. Na sua opinião, por que São Francisco disse que pouco ou nada tinha feito?

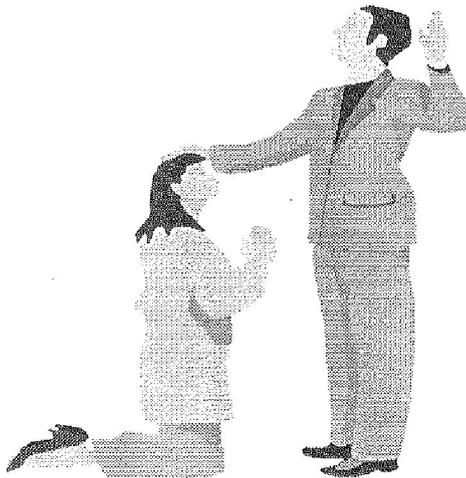
## VIVÊNCIA

1. Observe sua vivência e veja onde você mais precisa de conversão.
2. Reflita e viva a espiritualidade desta oração de São Francisco: “Eterno Deus onipotente, justo e misericordioso, concedei-nos a nós míseros praticar por vossa causa o que reconhecermos ser a vossa vontade e querer sempre o que vos agrada, a fim de que, interiormente purificados, iluminados e abrasados pelo fogo do Espírito Santo, possamos seguir as pegadas do vosso Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo, e por vossa graça unicamente chegar até vós, o Altíssimo, que em Trindade perfeita e Unidade simples viveis e reinais na glória como Deus onipotente por toda a eternidade”. (Ord 50 a 52).

## BIBLIOGRAFIA

Documento de Puebla

BECKHÄUSER, Frei Alberto (OFM). **Comentário espiritual a Regra da Ordem Franciscana Secular**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes.





## 20

# CRISTO: Sacerdote, Profeta e Rei

### EXPOSIÇÃO

A Igreja anuncia a salvação no tempo cronológico do homem. A salvação humana comporta em reconhecer o Cristo como Senhor e Deus. E nessa mesma esperança todos os outros profetas anunciaram que o Messias viria para redimir a humanidade.

Jesus Cristo é aquele que o Pai ungiu com o Espírito Santo e que constituiu “Sacerdote, Profeta e Rei”. O Povo de Deus inteiro participa dessas três funções de Cristo e assume as responsabilidades de missão e de serviço que daí decorrem.

Ao entrar no Povo de Deus pela fé e pelo Batismo, recebe-se participação na vocação única deste povo, em sua vocação sacerdotal: «Cristo Senhor, Pontífice tomado dentre os homens, fez do novo povo ‘um reino de sacerdotes para Deus Pai’. Pois os batizados, pela regeneração e unção do Espírito Santo, são consagrados para ser morada espiritual e sacerdócio santo”.

“O povo santo de Deus participa também da função profética de Cristo”. Isso se verifica de modo particular pelo sentido sobrenatural da fé, que é de todo o povo: leigos e hierarquia, apegando-se “indefectivelmente à fé uma vez para sempre transmitida aos santos”, aprofundada a compreensão da mesma e torna-se testemunha de Cristo no meio deste mundo.

O povo de Deus participa finalmente da função régia de Cristo. Cristo exerce sua realza atraindo para si todos os homens por sua morte e Ressurreição. Cristo, Rei e Senhor do universo, se fez servidor de todos, não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida

em resgate por muitos “(Mt 20,28). Para o cristão, “reinar é servir”, particularmente “nos pobres e sofredores, nos quais a Igreja reconhece a imagem de seu Fundador pobre e sofredor”. O povo de Deus realiza sua “dignidade régia” vivendo em conformidade com esta vocação de servir com Cristo.

Todos os que renasceram em Cristo obtiveram, pelo sinal da cruz, a dignidade real e, pela unção do Espírito Santo, receberam a consagração sacerdotal. Por isso, não obstante o serviço especial do nosso ministério, todos os cristãos foram revestidos de um carisma espiritual que os torna membros desta família de reis e deste povo de sacerdotes. Não será, na verdade, função régia o fato de uma alma, submetida a Deus, governar seu corpo? E não será função sacerdotal consagrar ao Senhor uma consciência pura e oferecer no altar do coração a hóstia imaculada de nossa piedade (CIC 783 a 786)?

## 1 O SACERDÓCIO NA ANTIGA ALIANÇA

O povo eleito foi constituído por Deus como “um reino de sacerdotes e uma nação santa” (Ex 19,6). Mas dentro do povo de Israel, Deus escolheu uma das doze tribos, a de Levi, reservando-a para o serviço litúrgico, Deus mesmo é sua herança. Um rito próprio consagrou as origens do Sacerdócio da Antiga Aliança. Os Sacerdotes são aí “constituídos para intervir em favor dos homens em suas relações com Deus, a fim de oferecer dons e sacrifícios pelos pecados”.

Instituído para anunciar a palavra do Deus e para restabelecer a comunhão com Deus pelos sacrifícios e pela oração, esse sacerdócio continua, não obstante, impotente para operar a salvação. Precisa, por isso repetir sem cessar os sacrifícios, e não é capaz de levar a santificação definitiva, que só o sacrifício de Cristo poderia esperar.

Entretanto, a liturgia da Igreja vê no sacerdócio de Aarão e no serviço dos levitas, como também na instituição dos setenta “anciãos”, prefigurações do mistério ordenado da nova aliança.

Todas as prefigurações do sacerdócio da Antiga Aliança encontram seu cumprimento em Cristo Jesus, “único mediador entre Deus e os homens” (I Tm 2,5). Melquisedec, “sacerdote do Deus Altíssimo”

(Gn 14,18), e considerado pela Tradição cristã como uma prefiguração do Sacerdócio de Cristo, único «sumo sacerdote segundo a ordem de Melquisedec» (Hb 5,10, 6,20), “santo, inocente, imaculado” (Hb 7,16), que “com uma única oferenda leva à perfeição, e para sempre, os que ele santifica” (Hb 10,14), isto é, pelo único sacrifício de sua cruz.

## 2 O SACERDÓCIO DE CRISTO

Que paradoxo: Jesus, o sumo sacerdote, nunca foi chamado de “pai” pelos seus; contemporâneos! Não nasceu em uma família de sacerdotes. Não desempenhou funções culturais. Sua existência foi até o oposto da que caracterizava os sacerdotes judeus: homem entre os homens, exerceu, durante anos a fio, o ofício de carpinteiro, e, em sua vida pública, encontrou tanto mulheres como homens, tanto samaritanos como judeus, e até pagãos, como o centurião romano ou a cananeia.

Ele está presente, por certo, às festas litúrgicas do povo de Israel, vai ao templo, frequenta as sinagogas, participa das orações, mas, em face das prescrições legalistas, que liberdade! E, no modo de se apresentar, que desenvoltura! Não lava as mãos antes das refeições, frequenta os publicanos e os pecadores sem se preocupar com a impureza legal contraída; sobretudo, torna suas precauções em relação ao sábado, declarando que “o sábado foi feito para o homem, e não o homem para o sábado” (Mc 2,27).

Longe de se apresentar como um personagem sagrado, um “separado”, mistura-se à multidão, vive como os outros e com eles, pensem e digam o que quiserem. É homem, plenamente homem, “provado em tudo como nós, com exceção do pecado” (Hb 4,15). Mas este homem e também o filho de Deus, em quem o Pai pôs toda a sua complacência. Esta dupla natureza divina e humana do Verbo Encarnado faz dele, pois, o mediador perfeito, o pai por excelência.

Seu sacerdócio não se define com base em funções culturais, mas pela sua própria pessoa. A mediação que ele realiza entre Deus e os homens, o faz ministro da reconciliação e da comunhão. Todas as suas ações são sacerdotais. Jesus não é mais sacerdote quando ensina as

multidões do que quando trabalha em Nazaré. Seu sacerdócio, porém, revela-se de maneira fulgurante no momento de seu mistério pascal. No mistério pascal Jesus e seu Pai dão-se totalmente.

Cristo, Sumo Sacerdote e único mediador, fez da Igreja “um Reino de sacerdotes para Deus seu Pai” (Ap 11,6). Portanto, a Igreja inteira e sacerdotal, ou melhor, é a Igreja como Corpo de Cristo, que lhe permite prosseguir seu sacerdócio entre os homens. Não há, no sentido estrito do termo, senão um só sacerdote, Jesus Cristo, cujo papel continua através dos séculos. Filho de Deus e irmão dos homens, o Ressuscitado realiza a mediação perfeita. Agora, porém, realiza-se por intermédio da Igreja, como fez outrora por meio de sua humanidade terrestre.

Os franciscanos seculares, portanto, procurem a pessoa vivente e operante do Cristo nos irmãos, na Sagrada Escritura, na Igreja e nas ações litúrgicas. A fé de São Francisco, que ditou estas palavras: “Nada vejo corporalmente neste mundo do altíssimo Filho de Deus, senão o seu santíssimo Corpo e o seu santíssimo Sangue”, seja para eles a inspiração e o caminho da sua vida eucarística (Regra da OFS 5).

### 3 CRISTO PROFETA

A palavra “Cristo” vem da tradução grega do termo hebraico “Messias”, que quer dizer ‘ungido’. Com efeito, em Israel eram ungidos em nome de Deus os que lhe eram consagrados para uma missão vinda dele. Era o caso dos reis, dos sacerdotes e, em raros casos, dos profetas. Esse devia ser por excelência o caso do Messias que Deus enviaria para restaurar definitivamente seu Reino. O Messias devia ser ungido pelo Espírito do Senhor ao mesmo tempo como rei e sacerdote, mas também como profeta.

Devido ao seu caráter único, é difícil integrar Jesus numa das figuras carismáticas e dos guias religiosos de Israel. Mais do que a qualquer outra figura do hebraísmo, ele assemelha-se a um profeta: fala em nome de Deus, situa-se fora das estruturas culturais e políticas. Não se utiliza das fórmulas proféticas, mas fala com a autoridade que lhe é própria.

A representação do Messias profeta, que vem anunciar a seu povo a boa nova e guiá-lo no caminho da redenção, está ligada especialmente imagem do servo de Javé. O que parece evidente, porém, e que aos judeus agrada mais a ideia da redenção à do redentor. Repudiam a visão do Messias sofredor, humilhado e pobre, preferindo a imagem do rei vitorioso.

Os traços do Messias são revelados nos cantos do Servo. Esses cantos anunciam o sentido da Paixão de Jesus, e indicam assim a maneira como derramará o Espírito Santo para iluminar a multidão: não partindo de fora, mas desposando a nossa “condição de escravos” (Fl 2,7), tornando sobre si a nossa morte, ele pode comunicar-nos o seu próprio Espírito de vida.

#### 4 CRISTO REI

Nos evangelhos sinóticos o termo reino de Deus é frequentemente usado para designar o tema central da missão de Jesus. O anúncio consiste em proclamar que o reino do Deus está próximo ou que chegou. Ao mesmo tempo a vinda do reino é algo por que Jesus pede a seus discípulos que rezem. O reino é um mistério que os homens não percebem e que Jesus revela a seus discípulos.

Jesus diz a seus discípulos que procurem o reino do Deus e sua justiça. Ora o projeto era a justiça do Reino em que não se cometera injustiça e em que todos serão santos. Jesus recusou o prestígio e o sucesso, porque isso purificaria completamente o seu projeto. Foi como um homem comum que Jesus se empenhou para realizar a sua missão, encorajando todos a acreditarem no seu próprio valor e a lutar, de pé no chão, pela conquista da liberdade e da vida.

A vida oculta de Cristo se passa dentro da maior simplicidade, a ponto de seus contemporâneos se assustarem, quando, pela primeira vez ele vai à sinagoga e fala com a segurança de um doutor sobre a sua missão. “O Espírito do Senhor está sobre mim, por que me ungiu; e enviou-me para anunciar a boa nova aos pobres, para sarar os contritos de coração, para anunciar aos cativos a redenção, aos cegos a restauração da vista, para por em liberdade os cativos e para publicar o ano da graça do Senhor” (Lc 4,18-27).

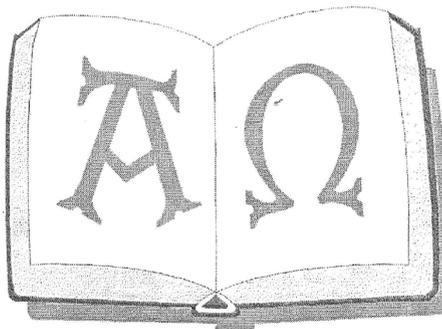
A espiritualidade do franciscano secular é um projeto de vida centrado na pessoa de Cristo e no seu seguimento, mais do que um programa detalhado a pôr-se em prática (CCGG, 9.1). Isso supõe o conhecimento e a comunhão pessoal de cada um com Nosso Senhor Jesus Cristo, por meio da Sagrada Escritura, oração, contemplação e vida sacramental.

## REFLEXÃO

1. Como venho assumindo minha missão de modo coerente com minha dignidade de cristão?
2. Posso dizer para mim mesmo que já conheço Nosso Senhor Jesus Cristo?

## VIVÊNCIA

1. Glorificar a Cristo com uma vida alegre e confiante na presença de Deus.
2. Visitar em equipe um hospital ou uma instituição que abriga crianças carentes, procurando levar Jesus a quem necessita, à maneira de Francisco de Assis, isto é, sendo fraterno/a, humilde, aberta para ouvir e praticar a caridade, conforme a inspiração do Espírito Santo.





## 21

# A VIDA ECLESIAL

### EXPOSIÇÃO

#### 1 A IGREJA

A Igreja de Cristo pode ser vista de maneira ampla, como Reino de Deus e como Corpo místico de Cristo. Nesta compreensão fazem parte dela todos os homens de boa vontade, que buscam sinceramente a Deus, ou o bem. Mas neste processo de busca de Deus ou de conversão a Deus, muitas pessoas recebem a vocação especial de constituírem uma comunidade visível de amor dos que creem em Cristo, acolhem sua palavra, vivem os sacramentos que Ele nos deixou, guiados por seus Pastores como sinais e garantia da verdade e da unidade. Eles constituem então, a Igreja, Sacramento de Jesus Cristo e da Comunidade Trinitária. A Igreja é a reunião do Povo de Deus. Começa-se a fazer parte desta comunidade eclesial pelo Batismo, a primeira conversão, a mais fundamental e decisiva de nossa vida. A Igreja e o Povo de Deus a caminho da definitiva Libertação.

#### 2 IGREJA TEMPLO E INSTITUIÇÃO

A Igreja Templo, local onde se presta culto público a Deus, já era conhecido no Antigo Testamento como Tabernáculo ou Templo (Ex 25,8; 1Rs 6), hoje representada pelas construções das igrejas e capelas, sendo estas construções uma exigência do culto público que deve ser prestado a Deus, pela verdadeira Igreja-Comunidade formada de pessoas batizadas, onde se vive o amor de Deus e os conselhos evangélicos, formando o povo de Deus (At 2,42-47).

Não podemos também confundir a Igreja-Comunidade pessoas, com a Igreja Instituição, que vinha sendo formada desde o século I e sobreviveu durante os séculos II e III sob a perseguição romana até 313 dC, quando o imperador Constantino declarou livre a religião cristã. O Imperador Teodósio, o Grande (379 a 395 dC) instituiu o cristianismo como religião oficial do Estado. Como consequência, a Igreja constituída de pequenas comunidades, que geralmente se reuniam nas casas dos cristãos, passou a reunir-se publicamente nos grandes templos oferecidos pelos romanos, fazendo aparecer os problemas administrativos e de governo, o que exigiu pessoal próprio para sua administração.

Paralelamente, desde os primeiros séculos organizou-se a Cúria Romana, Dioceses e Paróquias, com direção exclusiva do clero, que através do tempo criou inúmeros problemas, nem sempre cristãos e evangélicos. Esta Igreja assim organizada se tornou poderosa e em nome de Cristo exercia grande poder sobre nações e pessoas e muitas vezes por este poder associado ao poder civil praticava injustiças, desviando-se dos ensinamentos de Cristo, que a instituiu para ser uma Igreja servidora e comprometida com a prática da justiça e do bem comum. No decorrer dos séculos vemos que ela foi muitas vezes fiel e outras, infiel ao seu esposo Jesus Cristo. É santa e pecadora. Apesar das implicações, às vezes não muito evangélicas existentes na Igreja como uma Instituição, São Francisco teve total respeito pela mesma. Acentuava Francisco que, em tudo e acima de tudo era preciso, venerar, amar a fé na Igreja Romana dentro da qual os homens podem obter a sua salvação.

Venerava os sacerdotes e abraçava na mesma ardente caridade, todos os graus da hierarquia eclesiástica. Convidava por seu lado o clero a tomar, como preceito e regra de vida, os mandamentos do Senhor e os da Santa Mãe Igreja. Exortava os frades mais encarecidamente ainda, a observarem à risca o Santo Evangelho e a Regra que tinham prometido, e a demonstrar particular devoção pelos ofícios e mandamentos da Igreja (2 RB 1,2 e Test 3,6-9).

### 3 IGREJA COMUNIDADE DE VIDA FRATERNA

O amor de Deus, o Reino de Deus, a fé em Jesus Cristo, o nosso Batismo, precisa acontecer e ser vivido de maneira concreta em nossa vida, aí então aparece a verdadeira Igreja-Comunidade, onde seus membros, conhecendo e participando da vida dos outros, partilhando os Dons recebidos do Espírito Santo no Batismo, praticam o grande mandamento de Cristo, “que vos ameis uns aos outros, como eu vos amei” (Jo 15,12).

A Igreja-Comunidade é o melhor lugar para se viver este preceito de Cristo. “Para os próprios cristãos, a Igreja deveria transformar-se num lugar em que aprendem a viver a fé experimentando-a e descobrindo-a encarnada nos outros” (Pb 274). Isto significa o nosso assumir e engajar nos problemas dos irmãos e da comunidade.

A Fraternidade Franciscana é o lugar ideal para se viver este tipo de Igreja-Comunidade, porque o ideal de vida evangélica de Francisco de Assis era para ser vivido em Fraternidade, onde os irmãos nada possuíam de próprio, mas partilhavam em comum todos os bens da comunidade. Guardando as devidas proporções e as exigências do mundo moderno, os franciscanos seculares procuraram viver este ideal de Igreja-Comunidade, fazendo das Fraternidades o lugar ideal para se viver a verdadeira Igreja de Cristo.

### 4 A IGREJA É SINAL VIVO DE JESUS CRISTO NO MUNDO

A presença viva de Cristo na história, na cultura e em toda a realidade humana é manifestada pela Igreja, porque é através dela que o Evangelho de Jesus Cristo foi anunciado e vivido no mundo inteiro.

Cristo que sobe até o Pai e se oculta aos olhos da humanidade, continua evangelizando visivelmente através da Igreja, sacramento de comunhão dos homens no único Povo de Deus, peregrino na história, construindo o Reino de Deus aqui na terra. A este povo Cristo envia o seu Espírito (At 2,14), que impele a cada um a anunciar o Evangelho e que no fundo da consciência faz aceitar e compreender a palavra de salvação (Pb, 220).

A Igreja é inseparável de Cristo, porque Ele mesmo a fundou, por um ato expresso de sua vontade, sobre os doze Apóstolos, cuja cabeça é Pedro (Mt 16,18 e 28,19), constituindo-a sacramento (sinal) universal e necessário de salvação (Pb, 221), porque é na Igreja (comunidade) que as pessoas vivem o amor de Deus, a fé em Jesus Cristo e a prática dos conselhos evangélicos, condição para que esta salvação aconteça.

Além de sinal vivo de Jesus Cristo, a Igreja tem como tarefa anunciar e estabelecer o Reino de Deus, porque o Senhor Jesus iniciou sua Igreja pregando a Boa Nova, isto é, o advento do Reino de Deus prometido nas Escrituras há séculos: Porque completou-se o tempo, e o Reino de Deus está próximo (Mc 1;15; Mt 4,17). Este Reino manifesta-se lucidamente aos homens na palavra, nas obras e na presença de Cristo (LG, 5).

## 5 IGREJA CORPO MÍSTICO DE CRISTO

Jesus Cristo morto e ressuscitado já não pode permanecer corporalmente no meio dos homens, porque a sua missão salvífica aqui na terra era anunciar o Reino do Pai, através da Boa Nova (Evangelho) o que foi cumprido fielmente por Ele. Subindo ao Pai Ele deixa na terra a sua presença na Igreja que fundou na pessoa de Pedro e dos Apóstolos. A vinda do Espírito Santo no dia de Pentecostes confirma a fundação da Igreja e fortalece a fé dos discípulos, para continuarem a obra de Jesus Cristo, tornando, assim, a Igreja o seu Corpo Místico, do qual a cabeça é o próprio Cristo. O Filho de Deus, na natureza humana unida a si, vencendo a morte por sua morte e ressurreição, remiu e transformou o homem numa nova criatura (2Cor 5,17). Ao comunicar o seu Espírito, fez de seus irmãos, chamados de todos os povos, misticamente os componentes de Seu próprio Corpo (LG 7; 1Cor 12,12-30; Rm 12,4-5; Ef 4,4-6; Gal 3,28).

Se somos o Corpo Místico de Cristo, estamos comprometidos com Ele através de sua Igreja. Além disso, Cristo aponta a sua Igreja como caminho normativo para os homens. Não fica, pois, ao interesse do homem o aceitá-lo ou não, sem consequência por esta recusa: “quem vos ouve a mim ouve; quem vos rejeita e a mim que rejeita” (Lc 10,16).

Foi o que disse o Senhor aos seus discípulos. Por isto aceitar o Cristo exige aceitar a sua Igreja. Esta é parte do Evangelho, do legado de Jesus Cristo e objeto de nossa fé, de amor, de nossa lealdade. É isto que manifestamos ao rezar: “Creio na Igreja, Una, Santa, Católica e Apostólica” (do Credo rezado nas Missas; Pb, 223; Mt 16,18; Mt 28,19; Ef 5,25-27 e At 15,16-17).

## 6 A MISSÃO ECLESIAL

“Sepultados e ressuscitados com Cristo no Batismo, que os torna membros vivos da Igreja e a ela mais fortemente ligados pela Profissão, tornem se testemunhas e instrumentos da sua missão entre os homens, anunciando Cristo pela vida e pela palavra. Inspirados por São Francisco e com ele chamados a restaurar a Igreja, empenhem-se em viver em comunhão plena com o Papa, os Bispos e os Sacerdotes, promovendo um confiante e aberto diálogo de fecundidade e de riqueza apostólica” (Regra da OFS 6).

A Regra diz aos franciscanos seculares para tornarem-se testemunhas e instrumentos da missão da Igreja entre os homens, anunciando Cristo pela vida e pela palavra. Qual é esta missão? Acolher Cristo em sua vida, a exemplo de Maria, acolhendo a sua palavra, vivendo segundo o Santo Evangelho na Igreja e dando ou comunicando Cristo aos homens. Conforme diz Paulo VI na “*Evangelii Nuntiandi*”, trata-se de se deixar evangelizar e evangelizar os outros. Evangelizar como? Tornando-se testemunhas e anunciando Cristo pela vida e pela palavra.

Dar testemunho de Cristo. Este é o primeiro apostolado de todo cristão e, por isso mesmo, do franciscano secular. Assim, sendo Igreja, eles participam da missão da Igreja. Não adianta falar do que não se vive. O mundo de hoje necessita mais de testemunhas que de mestres. Dai a importância da forma de vida dos franciscanos seculares, viver segundo o santo Evangelho: na vida familiar, na vida social, na vida profissional, sendo sal da terra e luz do mundo por seu modo de ser e de agir. Lembro aqui a vela acesa do Batismo.

O segundo modo de dar testemunho de Cristo é pela palavra. Trata-se daquilo que São Francisco chama de palavras de santa exortação,

não impondo coisa alguma a ninguém, mas propondo, afirmando a mensagem do Evangelho.

Quantas vezes nós, cristãos, somos omissos, calando-nos quando deveríamos falar. Para esta forma de apostolado ou de participação na missão da Igreja não precisamos participar de nenhum ministério especial da Igreja. Aqui se trata do uso da palavra no nosso relacionamento de seculares com o próximo, onde quer que estejamos.

Primeiramente, deixando Deus purificar os nossos lábios e a nossa língua, para que evitemos palavras inconvenientes, ociosas ou de crítica destrutiva. Depois, falando de modo positivo com o próximo, fazendo com que nossa conversa seja útil e construtiva. As palavras dos franciscanos seculares deverão expressar aquelas mensagens tão típicas do Evangelho, realçadas por Francisco. Uma palavra de incentivo, de paz, de reconciliação, de esperança e de fraternidade, em suma, de amor. E quantas vezes temos ocasião de falar com as pessoas sobre a religião, sobre o Evangelho, sobre coisas da Igreja, de Maria e dos Santos, de Jesus Cristo e de Deus. Isso, a começar na família, no ambiente de trabalho, no lazer, junto a um necessitado, a um enfermo, a alguém que esta sofrendo. E vejam, que a palavra nem sempre é falada. Muitas vezes ela se transmite por um gesto, um olhar, uma escuta. Quantos modos de darmos testemunho de Cristo.

O terceiro modo é se ligar mais fortemente à Igreja pela Profissão. Se no sentido vasto, todos os homens de boa vontade, que sinceramente buscam a Deus, fazem parte do corpo místico de Cristo ou do Reino de Deus, Jesus Cristo quis também que o seu serviço de salvação dos homens se prolongasse na terra através da Igreja visível, comunidade dos que creem em Cristo, e, ouvindo sua Palavra, vivam os sacramentos deixados por Ele e são conduzidos pelos Pastores, o Papa e os Bispos, sinal e garantia da unidade e da verdade.

E nesta Igreja visível que a Regra pede que os franciscanos seculares vivam sua vocação e missão batismal, amem esta Igreja concreta e, a exemplo de São Francisco, se esforcem por restaurá-la. Como? “Vivendo em plena comunhão com o Papa, os Bispos e os Sacerdotes, num confiante e aberto diálogo de fecundidade e de riqueza apostólica” (Regra da OFS, 6).

Até aqui aparecem na Regra três modos de participar da missão da Igreja, sendo suas testemunhas e instrumentos: pela vida, pela palavra, e pela participação em sua ação apostólica através de um diálogo franco e aberto com os pastores. Hoje mais do que antes, os leigos estão despertando para sua missão na Igreja. Multiplicam-se os ministérios leigos nas comunidades eclesiais. Sem negar ou descurar suas obrigações tipicamente seculares na família e na sociedade, os franciscanos seculares vão assumindo em toda parte esses serviços de evangelização. Sendo uma das instituições leigas mais antigas na Igreja, a OFS está presente em toda parte, colaborando com os pastores, investindo, sobretudo, na formação de seus membros para que possam cumprir com sua vocação e missão.

## 7 A TOTALIDADE DA VIDA DA IGREJA

Se os franciscanos seculares são chamados por uma vocação especial a reconstruírem a Igreja de Cristo, participando ativamente da missão apostólica de toda a Igreja, e importante que conheçam sua ação evangelizadora na realidade concreta em que vivem. Assim, no Brasil, os franciscanos seculares são chamados a integrar-se na Ação Apostólica da Igreja encarnada nesta parte do mundo. Importa conhecer as Diretrizes Gerais de sua Ação Pastoral, como são propostas pela Conferência Nacional dos Bispos. Assim, para o franciscano secular, ser Igreja é ser engajado, atuante e comprometido com os irmãos e a comunidade, pois do contrário não tem sentido ser batizado e franciscano.

## REFLEXÃO

---

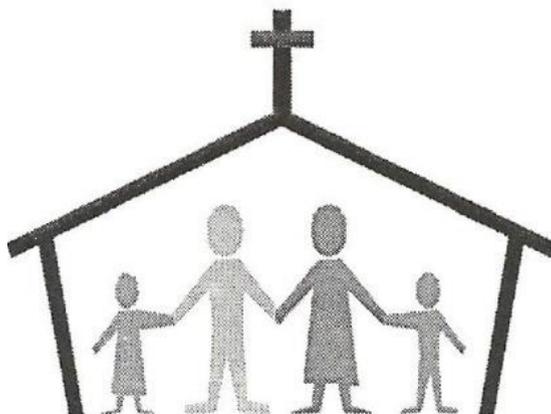
1. Leia RnB 1,2 e Test 3,6-10. Comente a atitude de São Francisco. Nossa atitude se assemelha à dele?
2. Leia atentamente os artigos 14; 17; 20, e 100 das nossas CCGG; descreva as atividades de sua vida eclesial e relacione com o texto.

## VIVÊNCIA

1. Coloque os dons que possui a serviço de sua fraternidade e comunidade.
2. Como franciscano/a secular faça o bem a todos, conforme sua disponibilidade.

## BIBLIOGRAFIA

BECKHAUSER, Frei Alberto (OFM). **Comentário espiritual à Regra da Ordem Franciscana Secular**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.





## 22

# A DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

## EXPOSIÇÃO

### 1 DEFINIÇÃO E OBJETIVO

Os bispos da América Latina reunidos em Puebla definiram a Doutrina Social da Igreja como sendo o conjunto de orientações doutrinárias e critérios de ação que tem sua fonte na Sagrada Escritura, na Doutrina dos Santos Padres e dos grandes teólogos da Igreja e no Magistério, especialmente dos Últimos Papas (Puebla 472).

A Doutrina Social tem como objetivo a dignidade pessoal do homem, imagem de Deus, e a tutela de seus direitos inalienáveis. A Igreja explicitou seus ensinamentos nos diversos campos da vida: social, econômico, político, cultural, segundo as necessidades. Portanto a finalidade desse ensino da Igreja é sempre a promoção e libertação total da pessoa humana, em sua dimensão terrena e transcendente, contribuindo assim para a construção do Reino último e definitivo, sem confundir, contudo, progresso terreno e crescimento do Reino de Jesus Cristo (Puebla 475).

Embora a missão evangelizadora da Igreja não se destine a propor programas temporais em assuntos técnicos para os quais lhe faltam competência e meios e seja, na verdade, de caráter religioso, a Igreja, no entanto, considera que corresponde a sua missão iluminar com a luz da fé o trabalho temporal de construir estruturas de justiça no campo social, econômico e político.

O ensino social quer refletir a luz do Evangelho que ilumina também as realidades temporais. Cristo, que é luz, verdade, vida e caminho, ilumina a existência do ser humano, como pessoa em solidariedade com os outros, no encontro com Deus que se dá na vida temporal e eterna.

O Concílio Vaticano II afirmou: “A missão própria que Cristo confiou a sua Igreja por certo não é de ordem política, econômica ou social. Pois a finalidade que Cristo lhe prefixou é de ordem religiosa.” (GS 42).

Mas o encontro com Deus afeta a vida inteira e não apenas determinados momentos “religiosos” de culto ou oração. Nada que é humano e alheio a este encontro, sobretudo sabendo que o Filho de Deus, através de sua Encarnação, veio ao encontro da vida humana na sua totalidade. Por esse motivo o mesmo texto conciliar continua dizendo: “Mas, na verdade, dessa mesma missão religiosa decorrem benefícios, luzes e forças que podem auxiliar a organização e fortalecimento da comunidade humana segundo a lei de Deus.”

O conteúdo da Doutrina Social da Igreja gira sempre em torno do direito a propriedade privada, trabalho e salário, participação dos cristãos na vida econômica-social, posição diante dos vários sistemas sócio-econômico-político, etc.

Se a missão da Igreja não é especificamente propor programas temporais, por que então ela interfere em assuntos sociais? Esta é uma pergunta que está na cabeça de muitos cristãos. Para responder a esta pergunta e a outros questionamentos, colocamos aqui quatro razões fundamentais que levam a Igreja a falar de temas sociais:

1. **Os problemas sociais** não se reduzem apenas a aspectos técnicos no campo social, econômico ou político. Como problema humano, o social, tem também dimensões éticas. A fé forma a consciência humana para assumir suas tarefas históricas, mas com abertura ao transcendente. Por isso a fé apoia a ordem social, robustecendo o sentido moral das pessoas.
2. **Os problemas sociais** têm sua origem e raiz no pecado dos homens, na descristianização da sociedade, no esquecimento dos valores espirituais; a organização econômica ignora e até contradiz as exigências morais.
3. **As consequências** dos problemas sociais também interessam a Igreja, porque as condições desumanas da vida impedem a realização da pessoa, a sua vocação de desenvolvimento e de salvação integral.

4. **A Igreja**, através do Magistério, tem a obrigação de propor um conceito cristão da vida, o qual exige, correlativamente, um dever de escutar esses ensinamentos; as notas essenciais da evangelização incluem a interpretação recíproca entre Evangelho e vida social (Evangelii Nuntiandi, 2939).

O Ensino Social da Igreja é antes de tudo um serviço à fé e deve ser compreendido a partir da fé. Pela fé nos encontramos com o Redentor, com seu ensinamento e com sua obra salvífica; pela mesma fé reconhecemos na Igreja sua obra e vontade de fazer dela o sinal ou sacramento de salvação da humanidade.

A Doutrina Social da Igreja situa-se no campo que trata dos valores naturais da vida pessoal e social. Cabe aqui, portanto, fazer uma distinção entre documentos doutrinários e pastorais. Nos primeiros o Magistério quer propor uma doutrina como verdadeira e rechaçar outra como falsa. Nos outros o Magistério situa-se no plano pastoral.

Quando se refere ao ensino social da Igreja o Magistério situa-se no nível pastoral. Por isso o nome “doutrina” não pode ser entendido como ensinamento dogmático, mas num sentido menos rigoroso, como ensinamento que parte da fé e é feito com autoridade pelo Magistério da Igreja, mas não como exercício de infalibilidade.

A Doutrina Social da Igreja deve ser vista como um processo permanente de iluminação da realidade que esta em constante mudança. Por isso ela tem um caráter dinâmico, não é algo monolítico, afirmado de uma vez para sempre. Não é tampouco universal para todas as situações e circunstâncias. Impõe-se, portanto um discernimento como tarefa das próprias comunidades cristãs confrontadas com seus processos irrepetíveis e particulares.

## 2 FONTES DA DOCTRINA SOCIAL DA IGREJA

Quando definimos anteriormente a Doutrina Social da Igreja, falamos que ela tem sua fonte na Sagrada Escritura, nos Santos Padres e no Magistério da Igreja. Vejamos agora um pouco destas fontes.

## 2.1 Bíblia

Na Bíblia a vida aparece como um todo, onde não há divisão entre dimensão religiosa e dimensão social. O Deus da Bíblia atua em todas as dimensões do viver humano. Ele está presente em todos os desafios enfrentados pelo povo, sejam eles religiosos, políticos, econômicos ou sociais.

Dos textos do Antigo Testamento, os profetas têm importância particular para a doutrina social porque mostram a unidade entre justiça e o culto a Deus. No momento em que no meio do povo eleito, irmão começa a explorar irmão, a mensagem dos profetas torna-se mais incisiva. Esta mensagem quer mostrar ao povo que o culto a Deus só tem sentido quando se vive à justiça.

Todos os profetas não cessam de recordar as exigências da justiça e solidariedade e de formular um juízo extremamente severo sobre aqueles que oprimem os pobres. Eles tomam abertamente a defesa da viúva e do órfão. Proferem ameaças contra os poderosos. Isto porque não se concebe a fidelidade a aliança sem a prática da justiça. A justiça em relação a Deus e a justiça em relação aos homens são inseparáveis. “Deus é o defensor e libertador do pobre” (Libertatis Nuntium, IV,6).

No Novo Testamento, na pessoa de Jesus Cristo, acontece a plenitude do encontro da pessoa humana com Deus. O encontro com o irmão, sobretudo com o irmão necessitado, o desprender-se das riquezas para o exercício da partilha e da autêntica relação de amor de Deus estão unidas na mesma experiência do Deus Pai de Jesus Cristo.

cio da partilha e da autêntica relação de amor de Deus estão unidas na mesma experiência do Deus Pai de Jesus Cristo.

Há no Novo Testamento uma crescente evolução que vê no pobre não mais o castigado por Deus pelos pecados, mas a pessoa completamente fiel a Deus. O pobre é o escolhido de Javé. Há nele uma predileção que o mundo não pode entender.

Os Evangelhos revelam a predileção de Jesus pelos pobres. Lucas 16 nos diz que os pobres são os cidadãos do Reino. O Evangelho dá ainda ao pobre uma categoria nova: a de ser identificado com Jesus Cristo, a de ser em certo sentido seu sacramento, a tal ponto que o juízo definitivo da existência cristã «se mede pelo amor, serviço e cuidado aos pobres” (Mt 25, 31-46).

## 2.2 Os Santos Padres

A linha de pensamento dos Santos Padres está marcada por um verdadeiro “direito do **pobre**”. O direito do pobre nasce de sua própria existência, de sua realidade interpelante que obriga o homem a fazer uma opção entre fraternidade e riqueza. Quem pratica a esmola deve fazê-lo com atitude interior, não apenas de ascese, mas também de comunhão com o pobre.

Ainda mais, o direito do pobre se baseia na justiça de seus direitos olvidados. Geralmente foi a injustiça que criou a situação dos pobres. Embora às vezes haja causas naturais (terremotos, secas, etc), a maioria da população marginalizada sofre consequências de estruturas econômicas injustas.

A radicalidade de alguns Padres da Igreja leva a questionar a própria permanência do direito da propriedade se o uso que se faz dela não é legítimo. S. Agostinho diz que se perde o direito de possuir quando se usa este direito injustamente.

Eis algumas frases que mostram o pensamento dos Padres da Igreja nas questões sociais:

- Todos os bens da criação se destinam a todos os homens (Lactancio, Ambrosio, Agostinho).
- Não é o acaso que fez ricos e pobres, mas a rapina e a acumulação de riquezas (Crisóstomo).
- A propriedade privada sem a solidariedade nem respeito pelo destino universal de todos os bens por todos os homens é fonte de egoísmo, divisões, exploração (Didaqué, Tertuliano, Basílio, Crisóstomo e Ambrósio).
- Amar o pobre é romper o jugo que o oprime e para isso é preciso ver o drama social em si (Ambrósio).
- Não se pode praticar a caridade sem primeiro ter praticado a justiça (Crisóstomo).

O recurso aos Padres da Igreja permite aos Sumos Pontífices se apoiarem na Tradição da fé para formular seus ensinamentos atuais.

### 3 AS ENCÍCLICAS SOCIAIS

O Magistério social remonta de forma particular a encíclica *Rerum Novarum* de Leão XIII, de 1891. Este é o primeiro documento papal que se dedica exclusivamente a questão social, por isso esta encíclica é conhecida como a “mãe da Doutrina Social da Igreja”. Depois da *Rerum Novarum* vários outros documentos, sobre o mesmo assunto, foram publicados. Se pegarmos as encíclicas papais que tratam da questão social, veremos que elas trazem à tona os problemas que afligem a sociedade naquele momento histórico em que foram elaboradas.

As principais encíclicas do Magistério Social da Igreja são:

- *Rerum Novarum*, de Leão XIII -1891
- *Quadragesimo Anno*, de Pio XI - 1931
- *Mater et Magistra*, de João XXIII – 1961
- *Populorum Progressio*, de Paulo VI – 1967
- *Octogesima Adveniens*, de Paulo VI - 1971
- *Laborem Exercens*, de João Paulo II - 1981
- *Sollicitudo Rei Socialis*, de João Paulo II - 1987
- *Centesimus Annus*, de João Paulo II - 1991.

Além destas encíclicas papais temos ainda a Constituição *Gaudium et Spes* do Concílio Vaticano II, que trata, entre outras coisas, da destinação universal de todos os bens e também da propriedade.

Na América Latina temos ainda as duas Conferências Episcopais de grande valor teológico e pastoral: Medellín (1968) e Puebla (1979) que abordam diretamente as questões sociais dos povos latino-americanos.

### REFLEXÃO

---

1. Leia 1Cel 76 e 77 e reflita sobre a atitude de Francisco em relação ao pobre.
2. A espiritualidade e a reflexão franciscana têm lhe ajudado a defender o direito daqueles que são oprimidos e marginalizados?

## VIVÊNCIA

1. Como cristão batizado e comprometido com o Reino, observe como tem sido assumida a dimensão profética de lutar pela justiça em sua vida e verifique se nesse aspecto há necessidade de conversão.
2. A partir do exemplo de Jesus Cristo e de Francisco, busque, no dia-a-dia, a identificação com o pobre e o reconhecimento dos direitos dele.

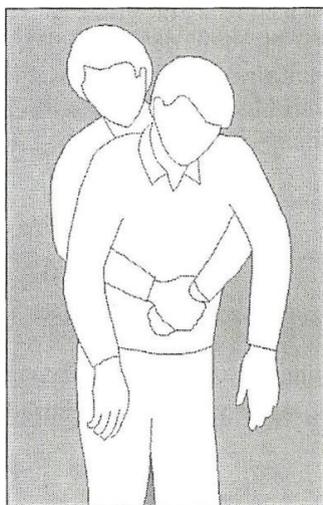
## BIBLIOGRAFIA

ANTONICH, Ricardo; SANS, Jose Miguel. **Ensino social da Igreja e coleção teologia da libertação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1992.

BIGO, Pierre. **A doutrina social da Igreja**. São Paulo: Edições Loyola (Documento de Puebla).

MOSER, Frei Antônio. Os ensinamentos Sociais da Igreja: reflexão a partir de um centenário. Volume XLV. Grande Sinal. Petrópolis. Editora Vozes. Atualidade da Doutrina Social da Igreja e Teologia da Libertação. **Perspectiva Teológica**, v. 23, n. 60, maio./ago. 1999.

DIEGO, R. M. Doutrina social da Igreja: cem anos de história. *In*: Grande Sinai volume XLV. Petrópolis. Editora Vozes.





## 23

# LEITURA ORANTE DA BÍBLIA

## EXPOSIÇÃO

### 1 ESCUTAR DEUS HOJE

Nos últimos trinta ou quarenta anos vem tomando corpo na América Latina um jeito de ler e estudar a Bíblia que articula entre si a realidade, a comunidade e o texto sagrado. Articulando entre si estes três elementos visam o mesmo objetivo: escutar Deus hoje.

Esta maneira de ler e meditar a Bíblia está presente desde o início da Igreja e reapareceu nos últimos tempos sem rótulo e sem nome sobretudo no meio dos pobres que começaram a ler a Bíblia em comunidade.

Este método que nasceu sem nome é baseado nos quatro degraus da “Lectio Divina”: leitura, meditação, oração e contemplação. A “Lectio Divina” é um método de meditação, feito especialmente em grupo, a partir da leitura da Palavra de Deus.

### 2 UM POUCO DE HISTÓRIA

Como dissemos este método é tão antigo quanto a Igreja e prolonga uma tradição das comunidades do Antigo Testamento, mas como o conhecemos hoje, foi organizado por volta do século XII. Lá neste século, este método, foi exercitado e divulgado, sobretudo, pelas ordens mendicantes, entre elas a Ordem Franciscana.

### 3 PRINCIPIOS QUE NORTEIAM O METODO

A Leitura Orante da Bíblia supõe alguns princípios. Estes princípios estão presentes na leitura cristã da Palavra de Deus:

### **3.1 A unidade da escritura:**

A Bíblia apesar de ser uma coleção de livros, possui uma unidade na qual cada livro, cada capítulo e cada versículo procura nos revelar o projeto de Deus.

### **3.2 A atualidade ou a encarnação da Palavra:**

Ao lermos a Escritura Sagrada devemos trazê-la para dentro de nós, para dentro da vida. Assim descobriremos que a Palavra de Deus, ontem e hoje ilumina a caminhada de seu povo.

### **3.3 A fé em Jesus Cristo:**

A fé em Jesus Cristo é a chave principal da leitura que fazemos da Bíblia. Ela nos ajuda a perceber a presença de Jesus vivo e presente no meio da comunidade. A leitura feita em comunidade faz com que a Bíblia, tradição e vida formem uma unidade viva.

## **4 OS QUATRO DEGRAUS DA LEITURA ORANTE**

Como método de leitura bíblica, a Leitura orante possui quatro degraus: leitura, meditação, oração e contemplação. Durante o exercício nem sempre é fácil distinguir um do outro. Isto é próprio da leitura orante. Ela é um processo dinâmico de leitura em que várias etapas nascem uma da outra.

É conveniente a invocação ao Espírito Santo. Escrita no Espírito, só nele a Bíblia pode ser compreendida.

### **4.1 Leitura**

A leitura é o primeiro degrau que vamos subir. Este degrau é muito importante porque nos coloca em contato direto com a palavra de Deus, nos faz conhecê-la e amá-la. Ela nos faz íntimos da Palavra de Deus, por isso é importante ler mais de uma vez para que a possamos assimilar bem. Esta leitura deve ser desinteressada e gratuita em vista do Reino de Deus e do bem do seu povo. Pela leitura descobrimos o

que o texto está dizendo. Pela leitura vamos nos preparando para o diálogo da meditação. Feita a leitura e tendo se apropriado dela, é hora de passar para a meditação. É bom lembrar que neste passo vamos apenas ouvir o que diz o texto.

## 4.2 Meditação

A leitura respondeu à pergunta: o que diz o texto? E a meditação pergunta: o que diz o texto para nós? Ela o atualiza. No método, a meditação ocupa um lugar central. Pela meditação entramos em diálogo com o texto tentando descobrir as semelhanças e diferenças entre a Bíblia e a Vida; entre a Palavra de Deus e a nossa. Ela aprofunda a dimensão pessoal da Palavra de Deus. Através da meditação o Espírito Santo cria em nós os sentimentos de Jesus Cristo (Fil. 2,5ss); ajuda-nos a experimentar que sem ele nada podemos fazer. A meditação é sempre de oração. Basta praticá-la e ela, por si mesma, se transforma em oração.

## 4.3 Oração

A atitude orante está presente desde o início da leitura. Pois começamos invocando o Espírito Santo e a meditação prolonga esta atitude. Nos degraus anteriores, Leitura e Meditação, perguntamos: o que diz o texto e o que o texto nos diz? Na oração somos nós que falamos: o que o texto nos faz dizer a Deus? A atitude de oração diante da Palavra de Deus deve ser como aquela de Maria que disse: “Faça-se em mim segundo a tua palavra” (Lc. 1,38). A oração nos abre ao Espírito Santo, à vontade de Deus. Purifica o nosso olhar e o nosso coração. Faz a ligação concreta com a vida. A oração cria o espaço para que a Palavra de Deus se torne vida. Prepara para o agir.

## 4.4 Contemplação

É o último degrau da leitura Orante. A partir dela se começa a olhar o mundo com os olhos de Deus. Através dela, você mergulha dentro dos fatos da vida para descobrir e saborear neles a presença

ativa e criativa da Palavra de Deus. Procura comprometer-se com o processo de transformação que esta Palavra provoca dentro da sua história. A contemplação leva ao testemunho. Como ponte de chegada provoca uma nova caminhada. É o ponto onde a Palavra de Deus e a nossa se misturam. Ela é a nossa resposta à Palavra de Deus.

#### 4.5 A ação

A ação que nasce da “Lectio Divina” é todo dia nova, todo dia um pouco mais evangélica.

O momento forte da “Lectio Divina”, totalmente dedicada a Deus, é o que faz o dia todo Ser permeado, e aos poucos, transformado pela sua Palavra, até manter meu coração sempre mais unido a Ele, através de uma oração difundida em todo meu agir. Tornamo-nos então (e só então), contemplativos na ação.

### 5. VAMOS EXERCITAR?

Apresentamos de forma resumida A Leitura Orante da Bíblia. Agora é hora da gente procurar exercitar este método. Cada fraternidade, de acordo com a sua realidade, pode criar as condições necessárias para o exercício.

Aqui propomos os seguintes passos: escolher o texto com antecedência; cada participante deve ler individualmente o texto; isto prepara melhor o encontro da fraternidade; iniciar invocando o Espírito Santo; fazer uma leitura coletiva, se necessário repeti-la; é bom ler mais uma vez silenciosamente.; procurar partilhar o que o texto diz, depois o que o texto nos diz e em seguida o que o texto nos faz dizer a Deus: suplicar? Agradecer? Louvar? Pedir perdão? Concluir com um salmo apropriado. Marcar o encontro seguinte bem como planejar a tarefa de cada um no próximo encontro.

Isto tudo supõe um ambiente bem preparado para um encontro orante.

## REFLEXÃO

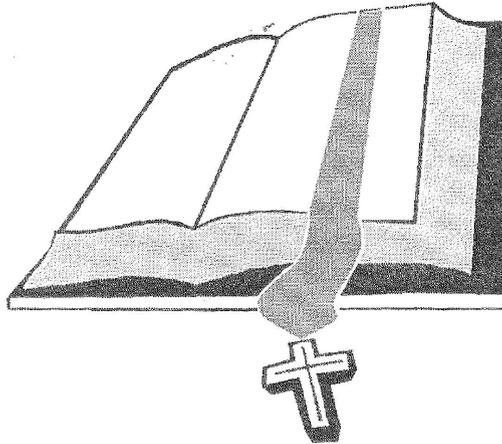
1. Escolha um texto da Sagrada Escritura, leia e responda à pergunta: o que diz o texto? Em seguida faça uma pequena meditação e responda: o que diz o texto para nós hoje?
2. Que requisitos necessito para que a leitura orante da Bíblia dê frutos em minha vida?

## VIVÊNCIA

1. Colocar em prática no cotidiano, o que aprendeu nesta reunião.

## BIBLIOGRAFIA

CRB. **A leitura orante da Bíblia**. São Paulo: Edições Loyola, 1990. (Coleção Tua Palavra é Vida 1).





## 24

# DIMENSÃO TRINITÁRIA DA ESPIRITUALIDADE FRANCISCANA

### EXPOSIÇÃO

A Igreja convida com insistência a todos os cristãos a darem graças à Santíssima Trindade pelo Dom da Encarnação do Deus Filho, Jesus Cristo, através de uma vivência mais intensa do sacramento da Eucaristia.

Se este é um convite a toda a Igreja, os que trilham a Escola de Espiritualidade de São Francisco têm motivos especiais para se aprofundarem nesta proposta a toda a Igreja, pois possuem como grande modelo São Francisco de Assis, homem trinitário, imitador perfeito de Jesus Cristo e homem eucarístico por excelência.

### 1A ESPIRITUALIDADE DO (A) FRANCISCANO (A) SECULAR

Chamamos espiritualidade o processo da busca de comunhão com Deus, animado pelo Espírito Santo, através de Jesus Cristo. Esta busca de santidade, o ser semelhante ao modo de ser de Deus, a busca da perfeição, este processo do relacionamento no tu a tu com Deus, realiza-se através de exercícios. Também o conjunto destes exercícios é chamado *espiritualidade*.

Daí surgem várias escolas de espiritualidade, que se distinguem conforme o modelo seguido. Temos primeiramente, a espiritualidade cristã em geral, centrada na prática de Jesus Cristo de se relacionar com o Pai, herdada pela Igreja. Seu centro está na escuta da Palavra de Deus, na vida de oração, na vivência dos sacramentos e na ação da caridade, Ela é necessariamente trinitária: Ao Pai, por Cristo, no Es-

pírito Santo; ela é litúrgica, ela tem um aspecto secular, pois se realiza também através do próximo e através de todas as realidades criadas.

Através dos tempos, surgiram vários modelos ou escolas de espiritualidade. Por exemplo: a beneditina, baseada no “ora et labora”, “oração e trabalho», a carmelitana que acentua a meditação, a oração e a contemplação; a franciscana, tendo como modelo São Francisco de Assis, acentuando a dimensão fraterna, nesta busca de Deus.

Como já disse, a espiritualidade franciscana é profundamente eclesial, trinitária, cristocêntrica, fraterna e cósmica, tendo como fonte a vivência do mistério do Deus Trino e Uno, a exemplo e no seguimento de Cristo. Assim, a espiritualidade do franciscano e da franciscana secular também terá essas características.

## 2 A SANTÍSSIMA TRINDADE, FONTE E CENTRO DA ESPIRITUALIDADE DE SÃO FRANCISCO

Sem escrever tratados sobre a Santíssima Trindade e sem fazer teorias sobre Ela, Francisco foi um homem de profunda vivência do Deus Trino e Uno. Isso aparece claramente nos seus Escritos e no seu modo de viver segundo o Santo Evangelho.

Em Francisco irrompe um jeito terno e fraterno de compreender Deus como comunidade, um conglobante mistério (associando ideias da mesma natureza), que unifica sua vida e o faz perceber a Trindade viva em tudo o que existe; ele olha o Filho numa relação íntima com o Pai e numa abertura total ao Espírito, uma relação interpessoal, viva, transbordante.

Francisco não fica preso ao linguajar do monoteísmo pré-trinitário, como no Antigo Testamento, que fala simplesmente de Deus. Ele sempre qualifica sua fala em termos trinitários, Pai, e Filho e Espírito Santo. Bastaria lembrar aqui entre os seus escritos, a *Admoestação número 1*, as *Orações de louvor a serem recitadas em todas as Horas Canônicas*, a *Regra Não-Bufado*, a *Regra Bulada*.

Contudo, há um ponto importante a ser considerado. Em geral se fala em Deus Uno e Trino, nomeando primeiro o Deus Uno e depois o Trino. Francisco faz o contrário; ele sempre coloca primeiro o Deus Trino. Basta lembrar expressões como estas: “adorai o Senhor Deus to-

do-poderoso, em Trindade e Unidade” (RnB 21, 2); “em nome da suprema Trindade e da santa Unidade do Pai e do Filho e do Espírito Santo” (Ord 1). Com isso Francisco se coloca no coração da experiência cristã de Deus, experiência de comunhão entre divinas pessoas.

A espiritualidade trinitária é evidente em São Francisco. Ele começa seus escritos em nome da Santíssima Trindade. Quase não há escrito ou oração em que ele não expresse sua relação com as três pessoas da Santíssima Trindade. Basta ver as Orações de louvor a serem recitadas em todas as Horas canônicas, onde o refrão é o Glória ao Pai. A grande Oração de ação de graças do capítulo 23 da Regra Não-Bulada, a Saudação à Mãe de Deus e a Antífona de Nossa Senhora do Ofício da Paixão, onde se diz: “Santa Virgem Maria, não há mulher nascida no mundo semelhante a vós, filha e serva do Altíssimo Rei e Pai celestial, Mãe de nosso Santíssimo Senhor Jesus Cristo, Esposa do Espírito Santo”. Tanto nesta Antífona como na saudação à Mãe de Deus, Francisco insere a figura de Maria Santíssima no mistério da Santíssima Trindade.

Francisco cultivava o seu Deus em sua vida, mas o Deus Trino e Uno, Pai e Filho e Espírito Santo, um só Deus. Exclamava, enamorado, noites adentro: “Meu Deus e meu tudo! Tu és o Bem, o sumo Bem, o Bem universal”!

Via-o, contemplava-o e o amava como Pai, que escolhera em lugar de seu pai terreno. O Pai nos deu seu Filho como irmão. E como ele amava, respeitava e imitava o Deus Filho, feito homem, Jesus Cristo! Amava-o sobretudo nos mistérios em que mais se manifestava o amor do Pai: na Encarnação, inventando o presépio; na paixão, compondo o Ofício da Paixão, que, mais tarde, inspirou a devoção da Via-Sacra. Era arrebatado pelo amor de Deus, pensando na cruz de Cristo, a ponto de debulhar-se em lágrimas. O Espírito Santo, por sua vez, era Seu esposo. Dizia que o Espírito Santo era o Ministro Geral da Ordem. Por isso, a celebração do Capítulo Geral na Festa de Pentecostes. Queria que os irmãos se deixassem guiar pelo Espírito Santo, conforme exorta na Regra: “Que os irmãos cuidem que, antes de tudo, devem desejar o Espírito do Senhor e seu santo modo de operar”.

A vocação de Clara, Francisco a vê também mergulhada no mistério da Santíssima Trindade. Na Forma de vida para as Irmãs de Santa

Clara, ele escreve: “Desde que, por inspiração divina, vos fizestes filhas e servas do altíssimo e sumo rei celestial, e tomastes o Espírito Santo por esposo, optando por uma vida conforme com a perfeição do santo Evangelho [...]”.

Vale a pena contemplar o que Francisco escreve na Carta aos fiéis, colocada como Prólogo da Regra renovada da OFS: “Como é honroso ter no céu um Pai santo e grandioso! Como é santo ter um tal esposo, consolador, belo e admirável! Como é santo e amável ter um tal irmão e um filho agradável, humilde, pacífico, doce, amável e sobre todas as coisas desejável: Nosso Senhor Jesus Cristo que entregou sua vida por suas ovelhas!”

Francisco foi um homem de uma espiritualidade profundamente trinitária. Buscava o Pai, por Cristo, no Espírito Santo. Nisso, ele é um autêntico herdeiro da espiritualidade eclesial litúrgica, que lança a Igreja sempre neste mistério da Trindade: Ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo.

### 3 A DIMENSÃO TRINITÁRIA EXPRESSA NA REGRA RENOVADA

A dimensão trinitária da espiritualidade franciscana, proposta a todos os irmãos e irmãs da penitência, encontra-se de modo maravilhoso expressa em toda a Regra.

O texto central está no número 4: “Cristo, dom do Amor do Pai, é o caminho para Ele, é a verdade na qual o Espírito Santo nos introduz, é a vida que Ele veio dar em superabundância”.

Quase sempre que se fala de Jesus Cristo, fala-se também do Pai. A menção do Espírito Santo está menos presente no texto da Regra, mas faz-se referência a ele em pontos essenciais. As famílias espirituais são suscitadas na Igreja pelo Espírito Santo (Nm 1). Na união orgânica de todas as fraternidades, os irmãos e irmãs são impulsionados pelo Espírito a conseguir a perfeição da caridade (Nm 2). O Espírito Santo nos introduz na verdade que é Jesus Cristo (Nm 4).

Esta dimensão trinitária está bem presente no Prólogo, onde Francisco fala *dos que fazem penitência*. Fazer penitência consiste em amar a Deus sobre todas as coisas e ao próximo como a si mesmo; odiar o próprio corpo com seus vícios e pecados e receber o Corpo do Senhor e fazer

dignos frutos de penitência. “Quão felizes e benditos são aqueles e aquelas que assim fazem e assim perseveram, porque “sobre eles repousará o Espírito do Senhor que neles fará morada. Estes são filhos do Pai celeste, fazem as obras do Pai, são esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo. Somos esposos, quando por virtude do Espírito Santo, a alma fiel se une a Nosso Senhor Jesus Cristo. Somos irmãos de Cristo, quando fazemos a “vontade do Pai que está nos céus”, e somos mães, quando o levamos em nosso coração e em nosso corpo por virtude do amor divino e de uma pura e sincera consciência; nós o geramos por uma vida santa, que deve brilhar como exemplo para os outros.”

#### 4 DIMENSÃO TRINITÁRIA DA EUCARISTIA

Francisco foi um homem eucarístico, por excelência. E a melhor maneira de glorificarmos a Santíssima Trindade é justamente pela Celebração Eucarística, tomando sempre mais consciência de sua dimensão trinitária. Sim, trata-se do Sacrifício de Ação de graças. Toda a Missa é marcada pela presença e ação da Santíssima Trindade, Pai e Filho e Espírito Santo, desde o início até o fim.

O Centro da Eucaristia é constituído de uma ação de graças a Deus Pai, pela maravilhas operadas por Jesus Cristo, no Espírito Santo. Nas Orações eucarísticas, a Igreja louva, bendiz, dá graças ao Pai, comemora o Filho, Jesus Cristo e invoca o Espírito Santo.

Tudo isso é sintetizado na grande doxologia (louvor) final da Oração eucarística, proclamada pelo sacerdote em nome de toda a assembleia: Por Cristo, com Cristo e em Cristo, a vós Deus Pai, todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre.

Ao proclamar as maravilhas da bondade de Deus Trino e Uno na história da humanidade, proclamamos também a ação da Trindade Santa na vida pessoal de cada um. Damos graças, por aquilo que em nós existe de Pai (de Mãe), o que existe de Filho e o que existe de Espírito Santo: nossa origem, nossa existência (Pai), o que criamos o que fazemos (Filho) e a unidade do nosso ser e agir, pelo amor (Espírito Santo).

Aprofundar-nos na compreensão e vivência do Mistério eucarístico é também aprofundar e intensificar a nossa espiritualidade trinitária.

## 5 A MENSAGEM DO DEUS TRINO E UNO

O Deus dos cristãos não é solidão, isolamento. Ele é o Bem, todo o Bem. O Bem não pode existir isoladamente. O Bem é comunicação, é relacionamento. É próprio do Bem, o comunicar-se, o ser com, o ser para. Por isso, no dizer de São Boa ventura, Deus não pode ser somente Uno. Nele deve haver também a diversidade de pessoas, onde uma Pessoa não existe sem a outra. Cada uma das pessoas se realiza na outra; ama a outra, está na outra, formando, todavia, neste amplexo de amor eterno, a Unidade: Três Pessoas, um só Deus, Trino e Uno, Pai e Filho e Espírito Santo.

Se Deus se revela e age na história como Trino e Uno não é para ser aos humanos um quebra-cabeça. Esta revelação transmite uma mensagem: a busca da comunhão no respeito e acolhimento da diversidade.

Tudo é criado como vestígio, como imagem do Deus Trino e Uno. Sobretudo o ser humano é criado à imagem e semelhança de Deus. É imagem e semelhança de Deus como varão (homem), como mulher e como casal humano.

A mensagem do modo de ser e de agir de Deus é justamente esta vocação do ser humano de buscar em tudo a unidade no respeito à diversidade:

A busca da unidade em si mesmo: corpo, alma e espírito; inteligência, vontade e memória; no entanto, uma só pessoa, um só eu; a busca da unidade no outro ou na outra como feminino ou masculino; nos outros, na vivência da fraternidade; e com todo o criado, buscando sempre acolher a todos e a tudo, conforme o plano de Deus, na confraternização universal.

O que significa, hoje, para nós viver uma espiritualidade trinitária? Se Deus se revela e age como Pai e Filho e Espírito Santo, existe também em cada ser humano algo que é uno e algo que é trino: uma unidade e uma diversidade ou multiplicidade.

Em tudo existe algo de Pai, ou Mãe, se quisermos: fonte, origem, ação geradora. Existe em nós algo de Filho: o gerado, o realizado pelo

ser humano. Existe algo de Espírito Santo, que é comunhão, que é por assim dizer, o selo da unidade. O mistério de Deus Trino e Uno em nossa vida leva-nos a buscar sempre a unidade na diversidade em nossa própria pessoa, como nos outros e com toda a natureza criada.

Quem é a porta, o caminho, para esta unidade na diversidade? É Jesus Cristo, dom do Amor do Pai, caminho para Ele, e verdade na qual o Espírito Santo nos introduz, e é a vida (Regra da OFS 6). O elo desta comunhão é o Espírito. Ele nos revela e nos conduz ao Filho; o Filho é o caminho que nos revela e nos conduz ao Pai. Sim, ao Pai, por Cristo, no Espírito Santo. É Jesus o nosso caminho, a esperança; a verdade, nossa fé, é a vida, o amor na sua plenitude. Temos sugeridas aqui as três virtudes teologais, vividas em Deus, através do seu Filho, Jesus Cristo, no Espírito Santo. Daí, aquela belíssima doxologia da piedade cristã: *Glória ao Pai que nos criou*, – e devemos sempre acrescentar no pensamento, e continua a nos criar, a nos manter na existência, - *glória ao Filho que nos salvou*, e continua a nos salvar, - *glória ao Espírito Santo que nos santificou* e continua a nos santificar. Atribuímos este modo de agir da Trindade a cada uma das Pessoas, sabendo que Deus age sempre como Trino e Uno.

## 6 E NÓS?

Não começamos o dia em nome de Deus Trino e Uno, fazendo o sinal da cruz e dizendo: *Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*? Não terminamos o dia em nome da Santíssima Trindade? Em seu nome começamos o trabalho, as atividades importantes de nossa vida. Em seu nome fomos batizados e nos tornamos seus filhos e suas filhas. Em seu nome iniciamos e terminamos a celebração dos Sacramentos, principalmente, da Eucaristia. Em seu nome, enfim, somos encomendados a Deus ao terminar a nossa existência terrestre.

Toda a nossa vida será um reflexo do Deus Trino e Uno: a permanente busca da unidade no respeito e acolhimento da diversidade. Isso se manifestará na oração, no nosso relacionamento com Deus Pai, como filhos e filhas; isso se manifestará no nosso relacionamento com o feminino ou, respectivamente, com o masculino em nós e nos outros,

particularmente, na vivência do amor conjugal; e se manifestará na nossa vivência de irmãos e irmãs do Irmão maior, que se tornou menor em Jesus Cristo, concretamente nas nossas Fraternidades. Finalmente, como senhores e senhoras da criação, acolheremos, na atitude de pobreza, a todo ser criado na grande confraternização universal. Assim vai-se gerando a nova criação, o novo céu e a nova terra.

## REFLEXÃO

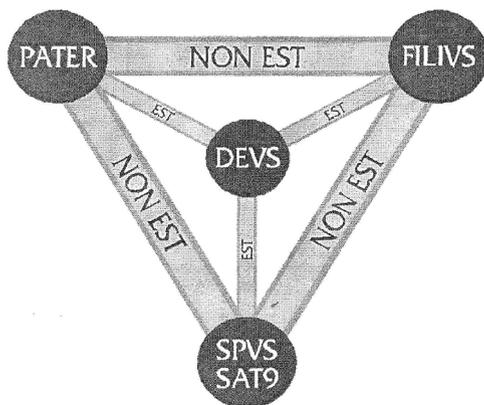
1. Quais as características da espiritualidade franciscana secular?
2. Cite a dimensão trinitária expressa no Prólogo da Regra da OFS.

## VIVÊNCIA

1. Até a próxima reunião, faça uma experiência concreta de ser mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo.

## BIBLIOGRAFIA

Texto de Frei Alberto Beckhäuser (OFM)





## 25

# MARIA SANTÍSSIMA

### EXPOSIÇÃO

Maria Santíssima a Mãe de Jesus sempre esteve presente na vida dos franciscanos, que não se poderiam dizer sinceramente filhos e herdeiros dos ideais de São Francisco de Assis, sem expressarem sua devoção à Mãe de Nosso Senhor Jesus Cristo, porque Francisco tinha por ela uma profunda devoção, e isto, por causa do seu imenso amor por seu Filho Jesus Cristo. Esta mulher simples, escolhida por Deus Pai com sublime dignidade, para ser geradora e Mãe do Salvador do mundo, pelo seu SIM se tornou a corredentora da humanidade.

### 1 MARIA NO PLANO DE DEUS

Depois que a criatura humana representada por Adão e Eva, obra prima da criação de Deus se rebelou contra o seu Criador, cometendo o pecado original, interrompendo a ligação existente entre o Criador e a criatura humana, o homem e a mulher foram expulsos do convívio com Deus no paraíso, Deus Pai e Criador no seu infinito amor pela criatura humana, planeja uma maneira divina de reparar o mal cometido pelo humano, que seria através da redenção ser realizada por seu Filho, e aí, aparece a figura de uma mulher, Maria, quando Ele diz para a serpente: “Porei inimizade entre ti e a mulher, e entre a tua posteridade e a posteridade dela, Ela te pisará a cabeça, e tu armarás traição ao seu calcanhar” (Gn 3,15).

A mulher citada, somente poderá ser Maria, que se tornará Mãe do Filho de Deus, Jesus Cristo o Salvador, que virá restabelecer o vínculo

de amor divino de Deus com a humanidade pecadora, rompido por Adão e Eva no paraíso. Assim, o Criador elege uma mulher para ser a sua colaboradora na obra da redenção humana. A Igreja ensina que, o Filho de Deus viria ao mundo revelar o Pai e seu Reino, mesmo que o homem não houvesse pecado, urna mulher, Maria, estaria presente no plano de Deus, como Mãe de seu Filho. “Deus Pai, desde toda a eternidade, escolheu Maria como Mãe toda santa de seu Filho Jesus Cristo” (Paulo VI em *Marialis Cultus* 25).

Quando os Profetas falam da redenção que seria realizada pelo Messias, Isaías profetiza: “Uma virgem conceberá e dará a luz um filho e o seu nome será Emanuel” (Is 7,14). A palavra Emanuel quer dizer “Deus Conosco”, assim sendo, é o próprio Deus que se revelará aos homens através de seu Filho Jesus Cristo, e este grande Dom Divino, vai acontecer com a colaboração da Virgem Maria, que para isto foi predestinada pelo próprio Deus Criador. Também o Profeta Sofonias fala: “Alegra-te, filha de Sião, rejubila, Israel, alegra-te, filha *de* Jerusalém! O Senhor em teu seio é o rei de Israel” (Sof 3,14-15b). Sua importância no plano de Deus é que faz aparecer documentos da Igreja a seu respeito. “Predestinada desde a eternidade junto com a Encarnação do Verbo Divino, como Mãe de Deus, por desígnios da Providência Divina, a Bem-Aventurada Virgem foi nesta terra a sublime Mãe do Redentor” (LG 61). “Por graça de Deus foi exaltada depois do Filho acima de todos os anjos e homens, como Mãe Santíssima de Deus” (LG 66). “Na Santa Igreja Maria ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e o mais perto de nós” (LG 54).

Somente alguém predestinada por Deus poderia gozar de tantos privilégios, reservadas a uma pessoa humana, aquela que seria a Mãe do Filho de Deus e nosso Salvador, e esta pessoa é Maria que se oferece para colaborar na obra da redenção.

## 2 MARIA NA VIDA PÚBLICA DE JESUS

Sabemos pouco sobre Maria durante a vida pública de seu Filho Jesus Cristo, e isto se deve, em decorrência da condição da mulher na cultura e costumes judaicos. Muitos dos fatos relatados nos Evangelhos, referem-se à infância de Jesus, mesmo assim, não deixam de

ressaltar a importância dada a Maria pelos evangelistas e devem ser consultados: “Ela é chamada cheia de graça (Lc 1,28). A apresentação do menino Jesus no Templo e o ritual da purificação da Mãe (Lc 2,21-24). Depois de perdido, Jesus é encontrado entre Doutores no templo (Lc 2,48-49). O Evangelho de Mateus cita Maria na infância de Jesus (Mt 1,18-21; Mt 2,10-13.19-20).

E lógico que Maria tenha participado da vida pública de Jesus; mesmo com as restrições dos costumes judaicos, ela é citada como sua Mãe: “Foram ter com ele sua Mãe e seus irmãos” (Lc 8,19). “Aconteceu que, enquanto ele dizia estas palavras, uma mulher, levantando a voz do meio da multidão, disse-lhe: Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os seios em que fostes amamentado” (Lc 11,27). O evangelista fala também da presença de Maria no Dia de Pentecostes: “perseveravam unanimemente na oração, com as mulheres, e com Maria, Mãe de Jesus e com os irmãos dele” (At 1,14).

João nos relata sobre a interferência de Maria pedindo a seu filho, em favor dos nubentes nas Bodas de Caná: “Faltando vinho, a Mãe de Jesus disse-lhe: Não tem mais vinho” (Jo 2,1-5). Novamente vai falar de Maria na crucificação e morte de Jesus, quando Ele entrega sua Mãe como Mãe da humanidade, ao Apóstolo João: “Mulher, eis aí teu filho” (Jo 19, 25-27). Se Maria estava aos pés da cruz, na morte de Jesus, é certo também, que tenha participado e estado presente em outros momentos importantes de sua vida pública.

Mateus também nos fala da presença de Maria nas atividades evangélicas de Jesus: “Tua mãe e teus irmãos estão aí fora” (Mt 12,46-50). “Porventura não é este o filho do carpinteiro? Não se chama sua mãe Maria?” (Mt 13,55). Além do mais, o evangelista Marcos nos fala que Jesus contava com o auxílio de diversas mulheres que serviam a Ele e seus discípulos, e uma dessas mulheres deveria ser Maria, a sua mãe (Mc 15,40-41).

### 3 MARIA NA VIDA IGREJA

A Igreja iniciou sua caminhada histórica no dia de Pentecostes. Nesse dia os primeiros discípulos de Jesus estavam reunidos em Jerusalém com Maria, a Mãe de Jesus (At 1,14). A presença da Mãe de

Jesus, nesse momento, mostra que a igreja está em gestação a partir da primeira comunidade e que a Mãe de Jesus continuará a sua missão na Igreja de Cristo.

Desde que Jesus no alto da cruz nos deixou sua Mãe para ser nossa mãe, “Eis aí a tua mãe” (Jo 19,27), João, representando todos nós, a acolheu em sua casa. Com João todos nós a recebemos como mãe, e a missão de Maria nunca teve interrupção, Mãe de Deus, Mãe do Cristo histórico pelo “sim” da Anunciação, é Maria Mãe da Igreja, porque é mãe da cabeça do Corpo Místico. “Desde o momento da Anunciação ela foi inserida na história da salvação e da missão da Igreja” (João Paulo II).

O Papa Paulo VI, durante o Vaticano II, quis proclamar Maria “Mãe da Igreja”. E o mesmo Papa afirmou na Exortação Apostólica *Marialis Cultus*, numa forma concisa: “Não se pode falar em Igreja, sem que esteja presente Maria” (*Marialis Cultus*, 28). O mesmo Vaticano II no estudo e aprovação do documento “*Lumen Gentium*”, insere um capítulo sobre a Bem-Aventurada Virgem Maria onde diz: “Por isso a Bem Aventurada Virgem Maria é invocada na Igreja sob os títulos de Advogada, Auxiliadora, Adjutriz, Medianeira” (LG 62). “Por certo a Igreja, contemplando-lhe a arcana santidade, imitando-lhe a caridade e cumprindo fielmente a vontade do Pai, mediante a palavra de Deus recebida na fé, torna-se também ela mãe” (LG 64). Enquanto na Beatíssima Virgem a Igreja já atingiu a perfeição, pela qual existe sem mácula e sem ruga (Ef 5,27), os cristãos ainda se esforçam para crescer em santidade vencendo o pecado (LG 65).

A Igreja na sua sábia inspiração, e no seu Magistério, sabendo que o povo, de uma forma geral, precisa de algo devocional concreto, para ajudar a sustentar a sua fé, sem que a mesma sobreponha a importância da salvação realizada por Jesus Cristo, apresenta Maria sua mãe, para aqui na terra exercer esta missão devocional. Assim também em Puebla, quando se discutiam os efeitos das devoções sobre a vida da Igreja e das pessoas, Maria aí aparece. “O povo fiel reconhece na Igreja, a família que tem por mãe a Mãe de Deus” (Pb 285). “O cristão que descobriu Maria como mãe, não abandonará jamais a Igreja. Deus se

fez carne por meio de Maria, começou a fazer parte de um povo, constituiu o centro da história. Ela é o ponto de união entre o céu e a terra. Sem Maria desencarna-se o Evangelho, desfigura-se e transforma-se em ideologia, em racionalismo espiritualista” (Pb 304).

#### 4 DEVOÇÃO A MARIA

Os cristãos sempre devotaram a Maria Santíssima uma devoção bastante profunda, principalmente na América Latina. Os costumes familiares ressaltam a figura da mãe generosa, e pronta para atender aos problemas dos filhos. Isto fez com que a Mãe de Jesus fosse cultuada de forma bastante marcante, através dos tempos, sob os mais variados títulos, com igrejas e capelas espalhadas por todo continente, com feitos milagrosos, que vem ao encontro das necessidades de seus devotos, e por esta razão a devoção à Maria tem um destaque especial. “Esta devoção faz parte da identidade própria dos povos da América Latina” (Pb 283). Essas devoções sempre foram aprovadas pela Igreja em seus documentos: Por graça de Deus exaltada depois do Filho acima de todos os anjos e homens, como Mãe Santíssima de Deus, Maria esteve presente aos mistérios de Cristo e é merecidamente honrada com culto especial pela Igreja. “Com efeito, desde remotíssimos tempos a Bem-Aventurada Virgem é venerada sob o título de Mãe de Deus, sob cuja proteção os fiéis se refugiam e suplicam em todos os perigos e necessidades” (LG 66).

O culto a Maria de nenhuma maneira sobrepõe ou obscurece o valor da salvação realizada por seu Filho e o culto a Ele devido, porque as mães sempre querem o melhor para seus filhos, e é isto o que a Igreja ensina sobre o culto a Maria. “Esse culto, tal como sempre existiu na Igreja, embora seja inteiramente singular, difere essencialmente do culto de adoração que se presta ao Verbo Encarnado e igualmente ao Pai e ao Espírito Santo, e o favorece poderosamente” (LG 66).

“A devoção a Maria é um elemento qualificador e intrínseco da genuína piedade da Igreja e do culto-cristão. Estamos conscientes, diz o Papa Paulo VI de que existem não leves discordâncias entre o pensamento de muitos irmãos de outras igrejas e comunidades eclesiais,

e a doutrina católica acerca da função de Maria, na obra da salvação” (Paulo VI). “Maria deve encontrar-se em todos os caminhos da vida cotidiana. Mediante a sua maternal presença a Igreja ganha a certeza de que vive verdadeiramente a vida de seu Mestre” (João Paulo II).

Muitos santos Padres e escritores eclesiásticos fizeram afirmações bem fortes a respeito da necessidade da devoção a Maria. Os santos Agostinho, Ambrósio, Efrém, Bernardo, Tomás, Boaventura, Afonso, Luiz Maria de Monfort, São João Damasceno e outros afirmaram que a devoção a Maria é necessária para a salvação. “Ser vosso devoto ó Virgem Santíssima, é uma arma de salvação que Deus dá aqueles que quer salvar” (São João Darnasceno).

A Igreja reconhece na devoção à Virgem Maria, um auxílio poderoso para a humanidade em marcha para a conquista de sua plenitude e um modelo a imitar: a mulher “nova” que está ao lado de Cristo, o homem “novo”. Ela é toda de Cristo e com Ele, toda servidora da humanidade. Ela é oferente no templo e orante na comunidade apostólica, exemplo de fortaleza no exílio e no sofrimento. “Destas virtudes de mãe podemos nos revestir, se soubermos imitar seus exemplos, para depois traduzir na própria vida” (Marialis Cultus 57).

## 5 . DEVOÇÃO DE SÃO FRANCISCO A MARIA

São Francisco não era um teólogo no sentido que se dá hoje ao termo. Ele foi em tudo, filho do seu tempo e aceitou plenamente os ensinamentos vivos da Igreja sobre Maria, a quem venerava com grande piedade. “Tinha um amor indizível a Mãe de Jesus, porque se fez nosso irmão o Senhor da Majestade. Consagrava-lhe louvores especiais, orações e afetos, tantos e tais que urna língua humana não pode contar’ (2Cel 198; LM 9,3).

### 5.1 A imagem de Maria segundo São Francisco

O inefável amor de São Francisco para com Maria nascia em seu coração, ao considerar a íntima relação da Santíssima Virgem com a obra da redenção: “por ela ter convertido em irmão nosso o próprio

Rei e Senhor da Glória e por ela ter merecido alcançar a divina misericórdia” (LM 9,3). Na Saudação à Mãe de Deus, composta por São Francisco, a parte principal da oração é dedicada à Maternidade de Maria, expressa com títulos sugestivos: “palácio, tabernáculo, morada, manto e serva do Senhor” (SM).

Francisco nunca vê Maria isolada do Mistério da Encarnação. E o Vaticano II recomendará mais tarde: “Evitar a propósito de Maria, um discurso autônomo, desligado do resto da Teologia; insistir, pelo contrário, sobre a função primária da pessoa da Virgem, da sua ação e de seus privilégios. Sempre ver Maria ao serviço do Redentor e da Trindade” (LG 56 e 59).

## 5.2 Maria e a Trindade

Tudo o que é de Maria vem de Deus. Francisco nunca separa o louvor Maria do louvor à Trindade, que a escolheu e enriqueceu de graças acima de toda criatura. E o que podemos ver na Saudação à Mãe de Deus: “Ó Maria, sois Virgem feita Igreja, eleita pelo Santíssimo Pai Celestial, que vos consagrou por seu santíssimo e dileto Filho e o Espírito Santo Paráclito”.

Para Francisco, Maria é toda relacionada com as três pessoas divinas: “Filha e serva do Altíssimo Rei e Pai Celestial; Mãe do nosso Santíssimo Senhor Jesus Cristo; Esposa do Espírito Santo” (Antífona do Ofício da Paixão).

## 5.3 Maria e a missão do Espírito Santo

Francisco não só recorre a Maria, mas sua oração a Maria é constante. Bernardo via-o em oração a noite inteira, dormindo raramente, louvando a Deus e a sua gloriosa Mãe (1Cel 24). Mais ainda, ele assume suas próprias atitudes diante de Deus: como ela concebe e gera, acolhe e dá a luz à Palavra de Deus, dando-lhe vida e forma.

Na célebre Carta aos Fiéis, Francisco escreve: “Todos os que fazem penitência são: esposos, irmãos e mães de Nosso Senhor Jesus Cristo pelo Espírito Santo. Somos seus irmãos quando fazemos a vontade do

Pai que está no Céu. Somos suas mães, se com amor e consciência pura e sincera o trazemos em nosso coração e em nosso seio e o damos à luz por obras santas” (2Fi, 50-53).

## 5.4 Piedade Mariana de São Francisco

A devoção de São Francisco para com Maria manifesta-se bíblica e se desenvolve diante de episódios da vida de Cristo em vista do mistério da salvação; daí sua conversão contínua a Deus, desapego das forças egocêntricas, pobreza na alegria, Maria é a Senhora Pobre, que participa da pobreza de Cristo e de todos os pobres. As suas atitudes características são: “A escolha de Maria como Advogada junto ao Senhor” (2Cel 198). “A predileção pelo Santuário da Santa Maria da Porciúncula” (2EP 82). “Colocou a sua Ordem sob a sua proteção” (LM 9,3; 2Cel 198).

“A Virgem Maria, humilde serva do Senhor, disponível à sua palavra e a todos os seus apelos, foi cercada por Francisco de indizível amor e foi por ele designada protetora e advogada da sua família. Que os franciscanos seculares testemunhem a ela seu ardente amor pela imitação de sua incondicionada disponibilidade e pela prática de uma oração confiante e consciente” (Regra da OFS 9).

Aplicando a Regra da OFS, diz o artigo 16 das Constituições Gerais:

1. Maria, mãe de Jesus, é modelo na escuta da Palavra e na fidelidade à vocação: nela, como Francisco, vemos realizadas todas as virtudes evangélicas.

Os irmãos cultivem amor intenso à Virgem Santíssima, mediante a imitação, a oração e o abandono filial. Manifestem a própria devoção com expressões de fé genuína nas formas aceitas pela Igreja (Regra 9).

2. Maria é o modelo de amor fecundo e fiel para toda a comunidade eclesial. Os franciscanos seculares e as Fraternidades procurem viver a experiência de Francisco, que fez da Virgem a guia da própria obra; com ela, como os discípulos no Pentecostes, acolham o Espírito para que se realizem como comunidade de amor.

## REFLEXÃO

1. Reflita o contido em Marialis Cultus 28, Lumen Gentium 62, 64, relacionando-o com o respectivo texto da Regra e CCGG da OFS.
2. É essa a realidade da Igreja? Como você vê o culto à Maria?

## VIVÊNCIA

1. Observe bem no seu íntimo, o lugar que Maria ocupa em sua vida, o que você tem feito para demonstrar-lhe seu amor e o que precisa mudar a esse respeito, se for o caso.
2. Reze e medite: Santa Virgem Maria, não há mulher nascida no mundo semelhante a vós, filha e serva do altíssimo Rei e Pai Celestial, Mãe de nosso santíssimo Senhor Jesus Cristo, esposa do Espírito Santo: Rogai por nós com São Miguel Arcanjo e todas as Virtudes do céu e todos os santos junto a vosso santíssimo e dileto Filho, Nosso Senhor e Mestre.

## BIBLIOGRAFIA

Documento de Puebla  
Exortação Apostólica  
Lumen Gentium





## 26

# ORAÇÃO E CONTEMPLAÇÃO

### EXPOSIÇÃO

Rezar é dialogar com Deus. É ter uma conversa muito amiga com o Deus que habita em nós. A oração é, pois, um íntimo, afável, quente colóquio com Deus nosso Pai, por quem sabemos que somos amados.

Tradicionalmente, define-se a oração como sendo a elevação da mente para Deus. Podemos dizer que é um diálogo com Deus. Mas a oração é algo muito profundo; constitui uma experiência de vida. A Regra fala de alma do próprio ser, do próprio agir. Por isso, é difícil dizer em poucas palavras o que seja a oração. De modo bem abrangente, diria que a oração é uma experiência de comunicação com o divino em nós, diretamente, ou através do próximo ou através da natureza criada.

A oração deve ser compreendida e inserida na vocação integral do ser humano, pois ela aparece como contínua procura dessa vocação, uma constante resposta a ela e como sua realização mais perfeita neste mundo. A vocação integral do homem é ser “santo e irrepreensível diante de Deus” e “servir à celebração de sua glória” (Ef 1,3-14).

“Assim como Jesus foi o verdadeiro adorador do Pai, façam da oração e da contemplação a alma do próprio ser e do próprio agir.”

Participem da vida sacramental da Igreja, principalmente da Eucaristia, e se associem à oração litúrgica em uma das formas propostas pela mesma Igreja, revivendo assim os mistérios da vida de Cristo (Regra da OFS 8).

As nossas Constituições Gerais dizem: “Amem os irmãos o encontro filial com Deus e façam da oração e da contemplação a alma

do próprio ser e do próprio agir. Procurem descobrir a presença do Pai no próprio coração, na natureza e na história dos homens, na qual se realiza o seu plano salvífico. A contemplação deste mistério os tornará dispostos a colaborar neste projeto de amor” (Regra 8 e CCGG 12, 3).

“Os irmãos e as Fraternidades se atenham às indicações do Ritual com respeito às diversas formas de se associarem à oração litúrgica da Igreja, privilegiando a celebração da Liturgia das Horas.”

Em qualquer lugar e a qualquer tempo é possível aos verdadeiros adoradores do Pai prestar-lhe culto e a Ele se dirigir em oração; todavia, procurem os irmãos encontrar momentos de silêncio e de recolhimento para os dedicar exclusivamente à oração” (CCGG 14, 4 e 5).

E ainda nos pede que:

- ✓ manifestemos a Virgem Maria nossa devoção com expressões de fé genuína nas formas aceitas pela Igreja (Regra da OFS 9 e CCGG 16, 1);
- ✓ rezemos pela Fraternidade (CCGG 30, 2);
- ✓ valorizemos todas as ocasiões de oração (CCGG 103).

## 1 POR QUE REZAR?

### 1.1 Porque Deus é o nosso Criador e Pai e nós somos simples criaturas:

- ✓ Sem Ele nada podemos fazer (Jo 15,5).
- ✓ Não podemos nos salvar. “Eu sou a tua salvação” (Sl 34,3; At 4,12).
- ✓ Tudo o que é bom vem de Deus (Tg 1,17).

Neste mundo somos como os discípulos naquela noite no mar de Genesaré, agitado, levado pelas ondas contrárias e só podemos apelar para o Senhor: “Salvai-nos, estamos perecendo” (Mt 8,25).

## 1.2 É preceito divino. Nas orações de Jesus multiplicam-se os imperativos:

- ✓ “Vigiai e orai” (Mt 26,41).
- ✓ “É preciso orar em todo o tempo e não cessar” (Lc 18,1).
- ✓ “Pedi... Buscai... Batei...” (Mt 7,7).
- ✓ “Orai... Levantai-vos e orai” (Lc 22,39-46).

## 1.3 Jesus nos deu o exemplo

- ✓ Ninguém pode pretender viver o Evangelho sem tomar a sério o que Jesus disse sobre a oração e os exemplos que deixou a este respeito.
- ✓ “Tendo despedido as multidões, Jesus subiu ao monte, a fim de orar a sós” (Mt 14,23).
- ✓ “De madrugada, estando ainda escuro, Jesus se levantou e retirou-se para um lugar deserto. E ali orava” (Mc 1,35).
- ✓ “Contou-lhes uma parábola para mostrar a necessidade de orar sempre, sem jamais esmorecer” (Lc 18,1).

Nenhuma prática foi tão recomendada por Jesus como a oração.

## 1.4 Os documentos da Igreja continuam a recomendar a oração

- ✓ “A Igreja deve seguir o exemplo de Cristo orante” (Pb 933).
- ✓ “Todos os dias devemos orar: Perdoai-nos as nossas ofensas” (LG 40).

## 1.5 Nos leva à conversão.

“A oração deflagra em nós um processo de continua conversão. Minha oração destrói o meu orgulho, minha inveja, minha preguiça, minha impiedade, meu egoísmo, meu rancor, minha mesquinhez, minha hipocrisia, minha inautenticidade” (Pe. Mohana).

Acreditamos que Deus pode intervir diretamente na marcha dos acontecimentos da vida de uma pessoa. Se assim não for, não tem sen-

tido rezar. Se nós, criaturas, podemos modificar o curso dos acontecimentos sem transtornar as leis da natureza e sem fazer milagres, por que Deus, nosso Criador, não pode fazer outro tanto?

Sugere o bom senso que se deve admitir:

- ✓ que Deus, de fato, atua diretamente no mundo com ou sem milagres;
- ✓ que Deus, conhece e ama a cada mulher e homem individualmente;
- ✓ que nossa relação com Deus é estritamente individual.

Se assim é, então Deus não só pode, mas de fato, intervém diretamente na pessoa quando esta lhe pede ou lhe permite (Finckler).

## 2 COMO REZAR?

Vendo Jesus sempre a rezar, um dia os discípulos pediram: “Senhor, ensina-nos a rezar” (Lc 11,1). E Jesus ensinou pelo seu exemplo, parábolas e por formulas, como o Pai Nosso. Pelo Evangelho sabemos que a oração e “toda-poderosa”, é a grande força que está a nossa disposição, capaz de transportar montanhas (Mt 17,20). Tudo o que pedirdes ao meu Pai em meu nome, eu o farei (Jo 16,23). Mas, para ser tão eficaz a nossa oração tem que ter certas quantidades, porque podemos pedir mal e não ser atendidos (Tg 4,3).

Jesus nos ensinou a rezar.

### 2.1 Com fé

- ✓ “Tudo o que pedirdes ao rezar, crede que o recebereis e vos será dado” (Mc 11,24).
- ✓ “Onde está a vossa fé” (Lc 8,25).
- ✓ “Filha a tua fé te curou, vai em paz” (Lc 8,48).

O Evangelho está cheio de curas maravilhosas operadas por Jesus e obtidas pela fé.

## 2.2 Com humildade

- ✓ O publicano no templo, pela sua atitude humilde –“Ó Deus tem piedade de mim, pecador”: voltou para casa justificado (Lc 18,14).
- ✓ “O leproso de joelhos, suplica: “Senhor, se quiseres, poderás limpar-me”. Jesus não resiste a tanta humildade, compadecendo-se dele: “Eu quero, fica limpo” (Mc 1,40).

## 2.3 Com simplicidade e confiança

- ✓ “Quando rezares, entra no quarto, fecha a porta e reza ao Pai que está no oculto... não faleis muitas palavras... o Pai já sabe das vossas necessidades” (Mt 6,6ss).
- ✓ “Se um filho pede um pão, que pai dentre vós vai lhe dar uma pedra? Se vós, que sois maus, sabeis dar boas coisas aos filhos, quanta mais o Pai Celeste saberá dar o Espírito Santo aos que lhe pedirem” (Lc 11, 1ss).

## 2.4 Com perseverança

Jesus, no Horto do Getsemani, caído por terra pede ao Pai: “Abba, Pai, tudo é possível: afasta de mim este cálice, mas não seja o que eu quero, senão a que tu queres” (Mc 14,36ss). Depois do diálogo com os discípulos, afastou-se de novo e orou dizendo as mesmas palavras.”(Mc 14,39). Para demonstrar a necessidade da perseverança Jesus contou diversas parábolas, sendo uma a do amigo que vai pedir um pão emprestado a meia noite e insiste até conseguir (Lc 11,5-8) Vejam Lc 18,1-5 e Mt 15,21-28.

## 2.5 Em nome de Jesus

Nossa oração deve chegar ao Pai por Nosso Senhor Jesus Cristo.

Em verdade, em verdade vos digo, se pedirdes ao Pai alguma coisa em meu nome, Ele vo-lo dará. Até agora nada pedistes em meu nome. “Pedi e recebereis...” (Jo 16, 23-24).

Pedro e João curam o paralítico, à porta do Templo, em nome de Jesus. Pedro ordena: “Em nome de Jesus Cristo Nazareno põe-te a caminhar!” (At 3,6).

São Paulo afirma: “Todo aquele que invocar o nome do Senhor, será salvo” (Rm 10,13).

### 3 FORMAS DE ORAÇÃO

**3.1 Oração individual:** esta oração realiza-se na meditação, na leitura espiritual, no silêncio e pode ser: maneira

- a) espontânea: consiste em manifestar a Deus, com nossas próprias palavras, de maneira livre e pessoal o quanto o amamos, somos agradecidos, o que desejamos, o que sentimos, o que somos;
- b) formulada: serve-se de fórmulas já existentes e conhecidas.

**3.2 Oração comunitária:** é a oração de todos os irmãos e irmãs que se reúnem para juntos louvarem e agradecerem ao Pai, e pode ser sacramental, ou seja, através de um dos sete sacramentos e em formas não sacramentais.

Ex: celebrações da Palavra de Deus, peregrinações, exéquias, coroa franciscana, Via-Sacra, e outras formas e ainda a Liturgia das Horas.

### 4 REZAR FRANCISCANAMENTE

Junto com o dom da conversão, São Francisco recebeu a graça da oração. Não precisava de nenhuma técnica especial para entrar em comunicação com Deus. Seu refúgio seguro era a oração, oração longa pelo espaço empregado, e proveitosa pela devoção, serena pela humildade (1Cel 71).

Transformado não só em orante, mas na própria oração, deixava impressionados os que o observavam. Quando rezava nos lugares desertos enchia os bosques gemidos, derramava lágrimas, batia no peito, conversava muitas vezes em voz alta com o seu Deus (2Cel 95).

Diz Celano que Francisco não era simplesmente um orante, mas um homem feito oração. A oração de Francisco caracteriza-se como um cavalheirismo seráfico, ou um amor apaixonado, diante da descoberta da grandeza e do amor de Deus, manifestados aos homens. Onde ele descobria essa grandeza, esse amor, ele vibrava. Vibrava diante do mistério de Deus, que se revela como Pai, como Filho e como Espírito Santo, no mistério da Santíssima Trindade. Vibrava, procurando dar uma resposta de amor ao amor Deus, manifestando em Jesus Cristo, sobretudo no mistério da encarnação, da paixão e da eucaristia. Vibrava com o amor de Deus revelado em Maria, na Igreja, nos sacerdotes. Vibrava, enfim, pela manifestação da grandeza e do amor de Deus na natureza criada. A oração de Francisco caracterizava-se, sobretudo, por três aspectos: era ação de graças, era trinitária e constituía uma resposta de amor no amor de Deus.

Para Francisco todo ser e todo o agir humano podia transformar-se em oração, em experiência de Deus ou comunhão com o mistério. Sim, todas as dimensões do ser humano podem transformar-se em comunicação com Deus. Assim, o homem religioso, o homem orante, através do exercício da oração, ou da oração-exercício, comunica-se com Deus. Importa que essas orações realmente sejam comunicação com Deus. Depois, temos o homem que trabalha. O trabalho, sendo graça, imitando Jesus Cristo, que trabalhou com suas mãos. Importa trabalhar com devoção. O estudo e a reflexão também podem transformar-se em oração-devoção. O lazer vivido como celebração do homem, senhor da criação, libertado por Cristo, pode transformar-se em oração-devoção. É o homem que brinca e pode brincar porque foi salvo por Cristo Jesus. Depois, o homem solidário. Todo o apostolado pode transformar-se num meio de comunicação com Deus em Jesus Cristo. A mulher ou o homem que sofre unirá o seu sofrimento ao sofrimento de Cristo pela salvação do mundo.

Agora, sem o exercício da oração, ou sem a oração-exercício, dificilmente todas estas outras dimensões da vida se transformarão em oração-devoção, ou em contemplação. Uma tal vida de oração e contemplação realmente será a alma do próprio ser e do próprio agir.

## 5 SÃO FRANCISCO PEDE QUE REZEMOS E ENSINA A REZAR

Na Regra, São Francisco pede que seus frades “orem sempre a Deus com um coração puro” (RB 10,10). Queria que os trabalhos dos frades, de maneira alguma, extinguissem o espírito de oração e devoção, ao qual todas as outras coisas temporais devem servir (RB 5,2).

“Derramai ante Ele os vossos corações! Humilhai-vos para que Ele vos exalte. Portanto, nada de vós retenhais para vós mesmos, para que totalmente vos receba quem totalmente se vos dá” (Ord 28-29).

Esta orientação aparece expressa na REGRA DA OFS: “Façam da oração e da contemplação a alma do próprio ser e do próprio agir” (Regra da OFS, 8).

Deus deve ocupar a primazia na vida. “Outra coisa não desejemos, nem queiramos, nem nos agrade, nem nos alegre senão o nosso Criador, Redentor e Salvador” (RnB 23, 27). “Todos os meus irmãos,.... temei e honrai, louvai e bendizeis, agradecei e adorai ao Senhor Deus.....” (RnB 21,1-2).

“Rogaram-lhe os frades, nesse tempo, que os ensinasse a rezar, porque vivendo na simplicidade, ainda não conheciam o ofício eclesiástico. Respondeu-lhes: “Quando orardes, dizei: “Pai Nosso” e “Nós vos adoramos, ó Cristo, em todas as vossas Igrejas que estão pelo mundo inteiro, e vos bendizemos, porque por vossa santa cruz remistes o mundo” (1Cel 45).

A oração de São Francisco centraliza-se no Evangelho ou mais precisamente, na pessoa de Cristo.

- ✓ É afetiva: vibra mais com o coração do que com a inteligência.
- ✓ É penitencial: está muito ligada ao Mistério da Encarnação e Paixão de Cristo.
- ✓ É contemplativa: maravilha-se com a grandeza e bondade de Deus manifestada pela obra que Ele realiza em todos os tempos e lugares.

- ✓ É espontânea e criativa: inventa-se o próprio modo de rezar. É feita de palavras simples, mas no ardor do amor. Deixa-se conduzir pelo Espírito do Senhor e sua santa operação.
- ✓ É cósmica: canta a criação como sacramento de Deus. (LM 8,9).
- ✓ É unida a Igreja: recomendou vivamente a celebração da Liturgia das Horas (Ord 3,1-4).
- ✓ É equilibrada entre o trabalho e a devoção (Ord 5,1-2).
- ✓ É principalmente oração de louvor, adoração e agradecimento que abrange tudo (Cnt).

## 7. O QUE É CONTEMPLAÇÃO

Contemplar vem de templo. O templo é o lugar onde habita Deus: o espaço de Deus. Templar significa morar no templo e contemplar é morar com Deus, estar no espaço de Deus, habitar com Deus, ou viver na intimidade de Deus. Compreende-se que para contemplar não é preciso um lugar ou um tempo especial. Pode-se contemplar a toda hora e em todos os lugares, pois contemplar é respirar em Deus, é viver em Deus, e fazer da oração “alma de todo o nosso ser e agir”.

## REFLEXÃO

---

1. Partilhe sua experiência de oração pessoal. Responda:
  - a) qual horário e duração?
  - b) usa a Bíblia?
  - c) E a oração com a Igreja?
  - d) Quais são as suas devoções?
  - e) De que modo: fórmulas, meditações, silêncio, espontânea, ...?
2. Releia 2Cel 71 e 2Cel 95 e medite sobre a forma de oração de São Francisco

## VIVÊNCIA

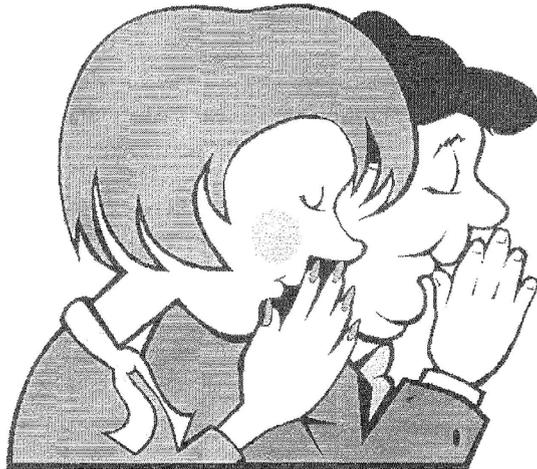
1. Ao avistar ou visitar uma Igreja, adore o Senhor como São Francisco nos ensinou. Decore esta oração:  
“Nos vos adoramos, Santíssimo Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas igrejas que estão no mundo inteiro e vos bendizemos porque pela vossa Santa Cruz remistes o mundo.”
2. Tem conseguido rezar bem diariamente?  
Medita 1Tes 5,17-18.

## BIBLIOGRAFIA

BECKHÄUSER, Frei Alberto (OFM). **Comentário espiritual a Regra da Ordem Franciscana Secular**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

IRIARTE, Frei Lazaro. **Vocação franciscana**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1976.

SCHNITKER, Frei Fernando. **OFS, Espírito e Vida**. Cefepal, 1994.





27

## FRANCISCO, O HOMEM EUCARÍSTICO

### EXPOSIÇÃO

A Regra da OFS apresenta São Francisco como modelo de homem eucarístico. Ele foi homem eucarístico não tanto no sentido que costumamos entender a devoção eucarística. A devoção eucarística de Francisco foi uma consequência de sua compreensão e da sua vivência eucarística.

### 1. AS ORAÇÕES DE FRANCISCO EXPRESSAM UM HOMEM EUCARÍSTICO

Praticamente todas as orações de Francisco são orações de ação de graças. Lembramos aqui o Cântico das Criaturas, os Louvores a Deus, o Ofício da Paixão, a grande ação de graças do capítulo 23 da Regra Não Bulada. Todas elas são orações de ação de graças, onde Deus está no centro, onde ele atribui tudo a Deus, porque tudo é de Deus e tudo vem de Deus. Na última estrofe do Cântico das Criaturas: “Louvai e bendizei a meu Senhor. E dai-lhe graças. E servi a Ele com grande humildade”. E uma passagem da Regra Não Bulada, capítulo 17: “Atribuíamos ao Senhor Deus Altíssimo todos os bens; reconheçamos que todos os bens lhe pertencem; demos-lhes graças por tudo, pois d’Ele procedem todos os bens. E Ele, o Altíssimo e Soberano, o único e verdadeiro Deus, os possua como sua prosperidade. E a Ele se deem, e Ele receba toda honra e reverência, todo louvor e exaltação, toda ação de graças e toda glória, Ele a quem pertence todo bem, e que ‘só Ele é bom’ (Lc 18,19)”.

## 2 . FRANCISCO DESCOBRE A JESUS COMO SERVIDOR NA EUCARISTIA

Outro aspecto que Francisco descobre na Eucaristia é a atitude de doação e serviço de Jesus Cristo, descrita na Carta a toda a Ordem:

“Considerai a vossa dignidade, irmãos sacerdotes, e ‘sede santos porque Ele é santo’ (Lv 11, 44)” E assim como o Senhor Deus vos honrou acima de todos, por causa desse mistério, assim também vós, mais que todos, amai-o, reverenciái-o, honrai-o. É uma grande desgraça e uma lamentável fraqueza se vós, tendo-o assim presente, ainda vos preocupais com qualquer outra coisa no mundo inteiro. Pasmé o homem todo, estremeça a terra inteira, rejubile o céu em altas vozes quando, sobre o altar, estiver nas mãos do sacerdote o Cristo, Filho de Deus vivo. Ó grandeza maravilhosa, ó admirável condescendência. Ó humildade sublime, ó humilde sublimidade. O Senhor do universo, Deus e Filho de Deus, se humilha a ponto de se esconder, para o nosso bem, na modesta aparência de pão. Vede, irmãos, que humildade a de Deus. Derramai ante Ele os vossos corações (Sl 61,9). Humilhai-vos para que Ele vos exalte (1Pd 5,6). Portanto, nada de vós retenhais para vós mesmos, para que totalmente vós receba quem totalmente se dá a vós.”

Francisco, como sabemos, extasiava-se diante do mistério da encarnação e inventou o presépio. Apaixonava-se diante do mistério da cruz, expressão do amor de Cristo aos homens e inventou o Ofício da Paixão, surgindo depois a Via Sacra. Mas, talvez, Francisco se tenha extasiado mais ainda diante do mistério da Eucaristia. Percebe que na Eucaristia Jesus dá um passo além da Encarnação e da Paixão e Morte. Na Eucaristia, ele toma a humilde aparência de pão para o nosso bem. Ora, a conclusão para Francisco é uma só: Se Cristo se torna pão para o nosso bem, também nós devemos nos tornar pão, alimento, vida para o bem dos nossos irmãos e irmãs. Não basta que celebremos a Eucaristia; é preciso que também nos tornemos Eucaristia: graça, bênção para o(a) próximo(a), a exemplo de Jesus Cristo.

Esta compreensão da Eucaristia torna a mulher e o homem livres, desapegados como Jesus Cristo. Coloca-os a serviço dos irmãos e das irmãs como Jesus Cristo; desprende-o dos bens que os/as impedem

em sua caminhada para Deus. Dessa forma, a Eucaristia leva as pessoas a se tornarem menores, a se colocarem a serviço dos outros. Esta vivência da Eucaristia gera a fraternidade por ser vivência do amor, da caridade. Esta vivência da Eucaristia nos leva a superar o egoísmo, a sair de nós mesmos, a não nos escravizar às estruturas opressoras e injustas; leva a pessoa ao encontro do próximo para torná-lo(a) mais pessoa.

### 3 DEVOÇÃO TUDO QUE SE REFERE À EUCARISTIA

O respeito e devoção por tudo quanto está intimamente ligado à Eucaristia era para Francisco uma consequência normal de sua compreensão e de seu amor por esse mistério. Na Eucaristia, Cristo se apresenta a nós em aparência humilde. Importa que, confessados, o recebamos de coração puro. Importa deixar que o Espírito do Senhor em nós receba o Corpo do Senhor para que seja recebido de modo digno. É na Eucaristia que Ele permanece conosco até o fim dos tempos. Daí sua devoção pelas igrejas, pelos sacerdotes, que consagram e administram o Corpo do Senhor (2C 201).

“Vede, irmãos, que humildade a de Deus”. Se ele se deu a nós por primeiro, somos chamados e chamadas a seguir os seus passos, a doar-nos também ao nosso próximo e a nossa próxima, a exemplo de Jesus Cristo. Isso sim é sermos pessoas eucarísticas.

A Eucaristia é o centro da vida da Igreja. Nela, Cristo nos une a si e entre nós como um único corpo. Por isso, seja a Eucaristia o centro da vida da Fraternidade; participem os irmãos da Eucaristia com a maior frequência possível, lembrando do respeito e do amor de São Francisco que na Eucaristia viveu todos os mistérios da vida de Cristo (Regra da OFS 8; CCGG 14, 2).

### REFLEXÃO

---

1. Por que Francisco e o modelo de homem eucarístico?
2. Como deve ser a vida eucarística do(a) franciscano(a) secular?

## VIVÊNCIA

1. Procurar comungar com major frequência.
2. Buscar formas de fazer crescer o amor à Eucaristia.

## BIBLIOGRAFIA

BECKHAÜSER, Frei Alberto (OFM). **Comentário Espiritual à Regra da Ordem Franciscano Secular**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.





28

## A POBREZA DO FRANCISCANO SECULAR

### EXPOSIÇÃO

A pobreza constitui a marca registrada de Francisco de Assis, chamado “o pobrezinho de Assis”. Com essa marca ele atravessa os séculos. A pobreza esta no centro de sua vida de conversão evangélica. Ela é fonte iluminadora e animadora dos demais aspectos da vida de conversão evangélica, como a oração, a fraternidade e o apostolado.

Se a pobreza foi uma das principais características e mesmo a alma da vida de penitência de Francisco, deverá sê-lo também para aqueles homens e mulheres que se sentem chamados e chamadas pelo Espírito a viver o Santo Evangelho, à maneira de Francisco de Assis.

Por outro lado, os “irmãos e irmãs da penitência” são chamados a viver a pobreza evangélica, na sua condição secular, não exatamente como Francisco. Os irmãos menores e as irmãs da altíssima pobreza (as Clarissas), fazem voto não simplesmente de pobreza, mas de “sem nada de próprio’

A pobreza segundo o Evangelho não é sinônimo de indigência, de miséria. A pobreza material em si não constitui nenhum ideal de vida. Ela não ajuda o desabrochar de uma pessoa em todas as suas potencialidades. As realidades terrenas são consideradas bens, pois Deus, tendo criado o universo, viu que tudo era bom (cf. Gn 1,31). Estamos diante do mistério da pobreza ou da pobreza como mistério.

Por isso, ao tratar da pobreza evangélica em geral, e da pobreza franciscana, devemos ir ao encaicho do mistério da pobreza: a pobreza

material em busca da riqueza espiritual, o Reino de Deus, o próprio Cristo Jesus.

Francisco de Assis se apresenta como mestre nesse caminho, ele que se apaixonou por sua “dama Pobreza”, a senhora santa Pobreza, Jesus Cristo pobre e crucificado. São Francisco de Assis, conhecido e reconhecido pela Igreja e por todo o mundo como o pobrezinho de Assis, continua dando ao mundo um testemunho de pobreza livremente abraçada, símbolo da maior riqueza, o Reino dos Céus, o próprio Deus.

## 1 A POBREZA NA COMPREENSÃO DE FRANCISCO

Francisco quis ser pobre simplesmente porque Jesus Cristo foi pobre. Ele queria ser semelhante a Jesus Cristo em sua pobreza no mistério da Encarnação, no mistério da Paixão e Morte e no mistério da Eucaristia.

Francisco encontra-se com a Dama Pobreza em vários níveis: em Deus mesmo, no mistério da Encarnação, no mistério da Paixão e Morte de Cristo e na Eucaristia.

O mistério da pobreza como que se encontra no próprio mistério da Trindade, onde nenhuma pessoa divina retém algo para si, mas existe um dom mútuo, uma intercomunhão de amor.

### 1.1 A pobreza do Verbo Encarnado, Jesus Cristo

Pobreza e o próprio Deus no seu grande amor pelo mundo manifestado em Cristo Jesus no seu despojamento, no mistério da Encarnação do Filho de Deus.

Em comunhão com a Trindade Santa, no seu amor pela humanidade, o Filho assume a forma humana, assume um corpo humano.

Francisco meditou este mistério da pobreza na Carta de São Paulo aos Filipenses: *“Haja entre vós o mesmo sentir e pensar que no Cristo Jesus. Ele, existindo em forma divina, não considerou coma presa a agarrar o ser igual a Deus, mas despojou-se, assumindo a forma de escravo e tornando-se semelhante ao ser humano”* (Fl 2,5-7). Deus despoja-se da forma divina,

despoja-se de sua riqueza, pois, *“sendo rico, se fez pobre por vós, a fim de vos enriquecer com sua pobreza”* (2Cor 8,9).

A linguagem simbólica do mistério da Encarnação é o corpo. Deus toma corpo, Deus assume a condição humana. Este tomar corpo constitui uma expressão de pobreza, do despojar-se da condição divina que, no entanto, se torna riqueza para a humanidade.

O corpo ocupa tempo e espaço; o corpo pode ser sentido, pode ser experimentado, ele pode ser tocado e apalpado. Para sempre de novo meditar e melhor viver a Cristo pobre no mistério da Encarnação, Francisco inventa a presépio de Greccio e, mais tarde, seus filhos praticam a devoção do *“Angelus”*.

## 1.2 A pobreza de Deus no mistério da Cruz

O segundo passo do despojamento de Jesus Cristo, Francisco o descobre no mistério da Cruz. Cristo despoja-se da forma humana, do seu corpo, no mistério do seu extremado amor pela humanidade por sua Paixão a Morte de Cruz: *“Encontrado em aspecto humano, humilhou-se, fazendo-se obediente até a morte, e morte de cruz! (Fl 2,7-8), na certeza de que, “por isso, Deus o exaltou acima de tudo e lhe deu o Nome que está acima de todo nome, para que, em Nome de Jesus, todo joelho se dobre no céu, na terra e abaixo da terra, e toda língua confesse: ‘Jesus Cristo é o Senhor’, para a gloria de Deus Pai” (Fl 9-11). Por esta pobreza de Jesus Cristo, o Pai concede a humanidade a máxima riqueza.*

Francisco identificava Jesus Cristo com a Pobreza e a pobreza com o Senhor, com Jesus Cristo. Isto aparece claramente no Capítulo VI da Regra dos Frades Menores: *“Esta é aquela sumidade da mais elevada pobreza que a vós, meus caríssimos irmãos, instituiu herdeiros e príncipes do reino dos céus e, fazendo-vos pobres de bens, vos cumulou de virtudes. Seja esta a vossa parte, que conduz a terra dos vivos. Pelo que, meus diletíssimos irmãos, apegando-vos inteiramente a ela, não queirais, por amor ao nome de Nosso Senhor Jesus Cristo, possuir outra coisa, debaixo do céu”*. Possuir, sim, *“a sumidade da mais elevada pobreza.”*

A cruz torna-se para Francisco sinal do amor de Deus à humanidade, expressão da pobreza divina que ele queria amar de todo o coração. Con-

templando o amor de Deus a humanidade na Paixão do Senhor, não sentia vergonha de chorar a Paixão do seu Senhor. Compôs a Ofício da Paixão para, a cada hora do Ofício Divino, contemplar o amor de Cristo. Andando pelas campinas de Assis, exclamava: “O amor não é amado, o amor não amado”. Procurava assim identificar-se com o seu Amado, a Cristo pobre e crucificado. Jesus não se apossou do seu corpo humano, dando-nos o exemplo para que também nós não nos apropriemos do nosso.

### 1.3 A pobreza de Jesus Cristo no mistério da Eucaristia

O Filho de Deus não se despojou somente da forma divina. Despojou-se também da forma humana, assumindo para a nosso bem a humilde forma de pão. Francisco faz a mais intensa experiência do mistério de Deus através da experiência do Corpo do Senhor. Ele vê, no Corpo do Senhor, o Filho, que se despoja da imagem divina e da imagem humana. Na pobreza do Corpo de Deus, tornando a humilde forma de pão, Francisco experimenta o mistério do Deus da vida, da riqueza, do Deus amor e misericórdia para com a humanidade.

Contemplando o Corpo do Senhor na Eucaristia, Francisco, apaixonado de amor pelo seu Amor, escreve na Carta a toda a Ordem: *“Pasmem o homem todo, estremeça a terra inteira, rejubile o céu em altas vozes quando, sobre o altar, estiver nas mãos do sacerdote o Cristo, Filho de Deus vivo! Ó grandeza maravilhosa, ó admirável condescendência! Ó humildade sublime, ó humilde sublimidade! O Senhor do universo, Deus e Filho de Deus, se humilha a ponto de se esconder, para nosso bem, na modesta aparência do pão. Vede, irmãos, que humildade a de Deus! Derramai ante Ele os vossos corações. Humilhai-vos para que Ele vos exalte! Portanto, nada de vós retenhais para vós mesmos, para que totalmente vos receba quem totalmente se vos dá!”*

Desta contemplação amorosa da presença de Deus na humilde aparência do pão, brota seu grande respeito e amor pelo Corpo do Senhor, não só na Eucaristia, mas também na sua Palavra e no próximo. Deixa transformar sua vida numa resposta de amor a Deus que nos amou primeiro.

O seguimento de Jesus Cristo pobre e crucificado contemplado na Encarnação, na Cruz e na Eucaristia, levou Francisco a encontrar o Cris-

to vivo no leproso, nos pobres, nos excluídos do convívio humano. Vive entre eles, serve a eles de todo o coração, partilha com eles o seu ser, o seu amor; solidariza-se com eles, quer ser menor entre os menores da sociedade e servidor de todos. Torna-se pão, alimento, vida para eles.

## 2 O SENTIDO DA POBREZA EXTERNA

Para manifestar seu amor à altíssima Pobreza, a mais alta Riqueza, isto é, Deus que se manifesta ao mundo, que partilha o seu amor, Francisco faz uso de uma linguagem simbólica, linguagem do mistério da pobreza, símbolos do mistério da pobreza, do “sem nada de próprio”, na posse do seu Deus e Tudo.

A pobreza externa, a pobreza material, o desprendimento das coisas, têm para Francisco caráter religioso, constitui um memorial, uma celebração do mistério do Cristo pobre. Trata-se de não se apropriar das coisas, para dar espaço ao tesouro do Reino dos Céus, ao próprio Cristo Jesus. O que importa é possuir o Senhor, que se deu aos seres humanos como riqueza, como tesouro, em fazendo-se pobre.

Esta linguagem simbólica da pobreza é a mais forte linguagem do mistério de Deus que se apresenta como o Tudo: “Meu Deus e Tudo”. O Tudo não está em nós, não somos nós, mas é Deus mesmo, o Altíssimo, onipotente e bom Senhor.

## 3 SÍMBOLOS DO MISTÉRIO DA POBREZA

Na espiritualidade da altíssima Pobreza ou na mística da altíssima Pobreza de Francisco, podemos identificar uma série de símbolos, como o desprendimento dos bens materiais, o jejum, o quarto do frade, o hábito religioso e o silêncio.

### 3.1 O desprendimento dos bens materiais

Para Francisco não se trata de desprezo dos bens, pois todo o criado é um bem, todas as criaturas são irmãs, dignas de amor e consideração.

Trata-se do não apropriar-se desses bens. Não permitir que eles ocupem o espaço do coração, da mente e do afeto. Que eles não ocu-

pem o lugar de Deus, o Sumo Bem, o Tudo. Não prender-se a bens materiais, quaisquer que eles sejam, pode significar fazer espaço para Deus, fazer espaço para o Corpo do Senhor, é tornar-se mãe do Senhor.

Este desprendimento, este esvaziamento de bens materiais torna a pessoa livre para acolher a Deus e o próximo no amor; torna a pessoa menor, sem nada de próprio. Ela poderá assim ficar repleta de Deus.

### 3.2 O jejum

Estamos diante de um símbolo da pobreza muito apreciado por Francisco. Antes de tudo, Francisco queria jejuar para também nisto identificar-se com Jesus Cristo. Estamos novamente diante da linguagem do vazio, do espaço para Deus; quase diria, de um espaço para o Corpo de Deus.

No desprendimento, na renúncia do alimento, Francisco sabe criar espaço para o Corpo do Senhor, que é concebido e gerado e dado à luz, conforme ele diz na Carta aos Fiéis.

### 3.3 O quarto do franciscano secular

Certamente o franciscano secular também tem necessidade de momentos para estar a sós consigo mesmo e com seu Deus. Como o fará no meio das agitações da vida secular, estando no mundo sem ser do mundo? Na história da Ordem Franciscana Secular temos muitos santos e santas franciscanos eremitas. Só poucos, porém, são chamados a esta forma de vida. Também o franciscano secular terá seu quarto no santuário de sua casa, onde se recolherá para a meditação da Palavra de Deus, para estar com seu Deus e Tudo. Daí partirá diariamente para a construção de um mundo sempre mais justo e fraterno. Quem sabe, encontrará este espaço mesmo no seu lugar de trabalho ou até no espaço do seu coração.

### 3.4 A veste secular

Os (As) franciscanos (as) seculares também podem testemunhar a pobreza, a simplicidade de Cristo através do uso das vestes. Em princípio, por procurarem a perfeição evangélica vivendo nas realidades do

mundo, hão de vestir-se conforme os costumes da sociedade. Evitarão, porém, usar as vestes simplesmente por vaidade ou como expressão de poder econômico, de posição social ou de dominação.

É significativo que os (as) franciscanos (as) seculares tenham adotado o uso do TAU, como distintivo de sua profissão de vida de conversão evangélica, à maneira de São Francisco de Assis. Lembram assim a forma da veste que Francisco adotou para si, uma veste de penitência em forma de cruz. Desejam testemunhar que todos os cristãos são chamados pelo Batismo a se revestirem do Cristo morto e ressuscitado.

### 3.5 O silêncio

O silêncio constitui uma expressão da altíssima Pobreza. Silenciar é fazer espaço para Verbo, para a Palavra, para Jesus Cristo.

Como isso é importante para os nossos dias, quando a mente humana é bombardeada por uma infinidade de estímulos, de sons, o mais das vezes, sem sentido, sem mensagem, ocupando apenas com vaidades o espaço da mente e do coração.

Fazer silêncio tem muito a ver com o claustro, espaço fechado, defendido por muros que impedem a invasão dos ruídos, do som, do estrepito, que ocupam o espaço interior da pessoa, reservado e dedicado à Palavra, O silêncio constitui a clausura mais íntima no âmbito do corpo humano, A mensagem, a Palavra se aninha no coração, procurando aí seu espaço de ressonância.

Fazer silêncio, no sentido religioso, é acolher a Palavra, o Verbo de Deus, Fazer silêncio é fazer espaço à Palavra de Deus. É deixar que a Palavra se aninhe no seio da pessoa e aí nidifique. É conceber o Verbo de Deus, é tomar-se útero do Verbo de Deus, Jesus Cristo, a exemplo da Virgem Maria. É ressoar o Evangelho, Jesus Cristo, pelo próprio ser, é ser caixa de ressonância de Cristo em nós.

O silêncio assim compreendido constitui também para os franciscanos seculares um apostolado, mensagem de salvação. Eles são chamados a oferecer ao mundo de hoje, poluído por tanta palavra vazia, o tesouro da Palavra, fazendo silenciar a “riqueza” das palavras para deixar ressoar a Palavra que se fez pobre para enriquecer a muitos,

pela linguagem da ação da caridade, por uma vida de total entrega à Palavra, no amor a Deus e no amor ao próximo.

Em resumo, na linguagem simbólica, ritual e comemorativa, o amor à pobreza evoca e torna presente o mistério da Pobreza: o tesouro do Reino dos Céus, o próprio Deus, a divina Riqueza, o Bem, todo o Bem, o Bem universal, as núpcias do Amor eterno com sua amada criatura humana.

O amor à pobreza realiza aquele ideal de vida evangélica proposto por Jesus e acolhido por Francisco de Assis: *“Se queres ser perfeito, vai, vende tudo que tens, dá aos pobres, e terás um tesouro nos céus; depois vem e segue-me”*, Trata-se de encontrar o tesouro do Reino dos Céus, desfazer-se de bens, mas com algum ganho, pois se vende para dar aos pobres, para fazer o bem e depois se adquire o tesouro, segue-se o Cristo.

#### 4 . A VIDA EM POBREZA DO FRANCISCANO SECULAR

O franciscano secular é chamado a viver a pobreza evangélica, a exemplo de Francisco. Viverão a pobreza segundo o santo Evangelho como irmãos e irmãs da penitência no próprio estado de vida, na sua vocação de buscar através das realidades do mundo, a perfeição da caridade, consagrando as realidades terrestres a Deus.

Na vivência da pobreza evangélica, à maneira de São Francisco, são orientados pela Regra renovada, que diz:

*Cristo, pondo toda a sua confiança no Pai, embora apreciasse atenta e amorosamente as realidades criadas, escolheu para Si e para sua Mãe uma vida pobre e humilde; assim, os franciscanos seculares procurem, no desapego e no uso um justo relacionamento com os bens temporais, simplificando as próprias exigências materiais; estejam, pois, conscientes de que, segundo o Evangelho, são administradores dos bens recebidos em favor dos filhos de Deus”. Assim, no espírito das “Bem-aventuranças”, se esforcem para purificar o coração de toda inclinação e avidez de posse e de dominação, como “peregrinos e forasteiros” a caminho da casa do Pai (n. 11).*

Como Francisco, encontrarão e servirão o Cristo pobre no leproso, nos pobres e marginalizados, nos excluídos, enfim, em todo aquele que se encontra necessitado do seu amor, da sua solidariedade.

### A Regra da OFS recomenda:

*Assim como o Pai vê em cada ser humano os traços do seu Filho primogênito entre muitos irmãos, os franciscanos seculares acolham todos os homens com espírito humilde e benevolente, como um dom do Senhor e imagem de Cristo, O sentido da fraternidade os tornará dispostos e igualar-se com alegria a todos os homens, especialmente aos mais pequeninos, para os quais procurarão criar condições de vida dignas de criaturas remidas por Cristo (n. 13).*

Para a aplicação da Regra, assim diz o artigo 15 das Constituições Gerais da OFS:

- 1) Empenhem-se os franciscanos seculares em viver o espírito das Bem-aventuranças e de modo especial o espírito de pobreza. A pobreza evangélica manifesta a confiança no Pai, põe em ação a liberdade interior e dispõe a promover uma mais justa distribuição das riquezas”.
- 2) Os franciscanos, que mediante o trabalho e os bens materiais devem prover a família e servir à sociedade, têm um modo peculiar de viver a pobreza evangélica. Para compreendê-lo e pô-lo em prática, requer-se um forte empenho pessoal e o estímulo da Fraternidade mediante a oração e o diálogo, revisão comunitária de vida, a escuta das indicações da Igreja e das exigências da sociedade.
- 3) Os franciscanos seculares se empenhem em reduzir as exigências pessoais para melhor poderem partilhar os bens espirituais e materiais com os irmãos, sobretudo com os mais carentes. Deem graças a Deus pelos bens recebidos, usando-os, como bons administradores e não como proprietários.

Tomem posição firme contra o consumismo e contra as ideologias e as práticas que antepõem a riqueza aos valores humanos e religiosos e que permitem a exploração do homem.”

Neste sentido, o franciscano secular será pequenino entre os pequenos e pequeno entre os grandes. Será o último, o servidor de todos.

Sua pobreza evangélica manifestar-se-á também fazendo uso dos bens para fazer o bem. Será mensageiro da Paz e do Bem!

## REFLEXÃO

1. Para Francisco o que significa a Encarnação, a Paixão e a Eucaristia?
2. Na espiritualidade franciscana o que quer dizer a expressão “sem nada de próprio”?

## VIVÊNCIA

1. Releia todo o texto que fala dos símbolos do mistério da pobreza, reflita e descubra em qual deles você está mais necessitado de crescimento. O que você pode fazer para se aperfeiçoar.
2. Vivendo a pobreza, organize com o grupo a assistência a um pobre ou a uma família pobre. Não seja, no entanto, apenas o exercício da caridade no plano material, mas descubram um modo de servir no plano humano e também espiritual.

## BLEOGRAFIA

Texto de Frei Alberto Beckhäuser (OFM)



## 29

# OS CONSELHOS EVANGÉLICOS

### EXPOSIÇÃO

Todo e qualquer cristão, elevado pelo batismo à dignidade de filho de Deus, deve ouvir e levar a sério a palavra de Jesus: “Sede perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt. 5,48).

Jesus dá este conselho. Não obriga. Ele bem sabia que somos pecadores. João em sua carta (1Jo 1, 8) diz que é mentiroso quem afirma não ter pecado. Paulo em Romanos 3, 23 diz que todos pecaram. Difícil ser perfeito como o é o Pai! “Anda diante de mim e seja perfeito...” (Gn 17,1).

Mesmo sendo pecadores, e como o somos! Reconhecendo humildemente a impossibilidade de sermos perfeitos, procuraremos, como franciscanos seculares, nos aperfeiçoar, até porque, para nossa alegria, somos semelhantes ao Pai. Ousadia? Presunção? Não. Façamos o homem à nossa imagem e semelhança, disse o Pai (Gn 1,26).

O franciscano secular, ao professar, se compromete solenemente, perante Deus, a Igreja e a Fraternidade, “a viver o Evangelho à maneira de São Francisco” (Regra da OFS 2). Não promete, nem garante que nunca mais pecará. Está resolvido, isto sim, a ser um cristão resoluto, decidido, fiel ao Evangelho e conseqüentemente a Cristo Jesus e à sua Igreja. Dentre as promessas emitidas se destacam os Conselhos Evangélicos.

Estudando, refletindo, aprofundando-nos no conteúdo doutrinário dos Evangelhos descobrimos que há mandamentos e conselhos.

Dos mandamentos ninguém pode se eximir. Os termos que impõem os preceitos ou mandamentos são incisivos, categóricos. Não

permitem subterfúgios. Assim: não matarás (Mt 5,21); vigiai e orai (Mt 26,41); amai-vos uns aos outros (Jo 15,12); e outros mais.

As palavras que indicam conselhos, entretanto, são menos incisivas, como estas: se queres ser perfeito... (Mt 19,21); ...vá, não peques mais. (Jo 8,11);... tudo o que fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes. (Mt 25,40); Marta, estás preocupada... (Lc 10,41). Há muita meiguice nestas palavras do Mestre.

Nota-se perfeitamente a diferença entre a obrigatoriedade dos mandamentos e o caráter opcional dos conselhos que nos incentivam a andarmos com largos passos para buscarmos o: “Sede perfeitos, como vosso Pai celeste é perfeito” (Mt 5,48).

E o franciscano, cumprindo por obrigação os preceitos, aceita livremente os conselhos.

São Francisco se refere àqueles que assumiram a observância dos conselhos enquadrando-os na palavra de Jesus: “São muitos os chamados e poucos os escolhidos” (Mt 20, 16-22). Realmente são selecionados, escolhidos os que almejam ser “perfeitos”... e como são poucos! O Evangelho fala de pequeno rebanho!

## 1 VOTOS

Os (As) franciscanos (as) da Primeira, Segunda e Terceira Ordem Regular, fazem os votos solenes de pobreza, obediência e castidade.

Pelo voto de pobreza renunciam ao direito de possuir bens temporais, e assim se tornam disponíveis à Deus, à Igreja e aos irmãos e irmãs.

Pela obediência imitam Cristo obediente e fiel à vontade do Pai e devem se sujeitar às ordens dos superiores hierárquicos.

Pelo voto de castidade, não podem contrair matrimônio, vivem o amor sem exclusividade, sendo sinal do mundo futuro que há de vir.

Evidentemente, os (as) franciscanos (as) seculares não emitem os votos dos (as) religiosos (as) da I, II ou III Ordem Regular, ou dos membros dos Institutos Seculares.

O Papa Bento XV, em 6 de janeiro de 1921 na *Acta Ap. Sedes*, define bem a estrutura da OFS “[...] uma verdadeira Ordem, a dos terceiros, não ligada, como as duas primeiras pelos votos religiosos, mas ornada

de semelhante simplicidade de costumes e desejo de penitência [...]”. Não devemos identificar os conselhos evangélicos da Regra da OFS com os três votos emitidos pelos religiosos.

## 2. OS CONSELHOS EVANGÉLICOS

A Regra da OFS nos números 10,11 e 12 fala dos três conselhos evangélicos: a obediência, a pobreza e a pureza de coração. Para o franciscano secular são de uma importância ímpar para a vivência segundo o Santo Evangelho à maneira de São Francisco de Assis. “Eles mostram como os franciscanos seculares são chamados a viver o espírito dos conselhos evangélicos da obediência, da pobreza e da pureza de coração nas realidades terrestres, ou seja, no seu estado secular. Eles não fazem votos, mas comprometem-se, pela profissão, a viver obedientes na busca da vontade de Deus, pobres, procurando no desapego um justo relacionamento com os bens materiais, e puros de coração, livres para o amor a Deus e aos irmãos.”

### 2.1 Obediência

Pela obediência o franciscano secular realiza sua vocação de filho de Deus na virtude da fé. Busca descobrir a vontade de Deus e colocar em prática o que o número 10 da Regra recomenda: “Unindo-se à obediência redentora de Jesus, que depôs sua vontade nas mãos do Pai, cumpram fielmente as obrigações próprias da condição de cada um nas diversas situações da vida, e sigam o Cristo, pobre e crucificado, testemunhando-o, mesmo nas dificuldades e perseguições” (Regra da OFS 10).

O franciscano secular deve obedecer, embora às vezes discorde, às determinações do Conselho, seja o local, o regional ou nacional e o geral. Obedecer com humildade e não comentar, com certas críticas, as ordens e regulamentos aprovados.

### 2.2 Pobreza

Os franciscanos seculares são chamados a viverem o espírito de pobreza, na sua condição de secular, não exatamente como Francisco,

Clara, os frades menores, clarissas e outros (as) religiosos (as), não tendo nada de próprio. Os seculares podem e devem ter bens e usá-los, atentos ao que diz a Regra: Cristo, pondo toda a sua confiança no Pai, embora apreciase atenta e amorosamente as realidades criadas, escolheu para Si e para sua Mãe uma vida pobre e humilde'; assim, os franciscanos seculares procurem, no desapego e no uso, um justo relacionamento com os bens temporais, simplificando as próprias exigências materiais; estejam, pois, conscientes de que, segundo o Evangelho, são administradores dos bens recebidos em favor dos filhos de Deus.

Assim, no espírito das "Bem-aventuranças", se esforcem para purificar o coração de toda inclinação e avidez de posse e de dominação, como "peregrinos e forasteiros" a caminho da casa do Pai (Regra da OFS 11).

### 2.3 Pureza de coração

Para São Francisco a pureza de coração tem uma significação toda especial. A pureza para ele não significava simplesmente "aseio exterior" ou ausência do pecado contra o sexto mandamento. Significava estar livre de todo apego a este mundo passageiro e estar transbordante de desejo das coisas celestiais, cheio de Deus. Ser puro quer dizer ainda ordenar todos os desejos, aspirações, não para satisfazer o eu, mas para Deus. A pureza de coração esvazia o próprio coração do egoísmo para dar lugar a Deus, ao próximo e a toda a natureza animada e inanimada. "Testemunhas dos bens futuros e empenhados pela vocação abraçada em adquirir a pureza do coração, desse modo tornar-se-ão livres para o amor de Deus e dos irmãos" (Regra da OFS 12).

## CONCLUSÃO

Existem na pessoa humana três dinamismos fundamentais: as forças do amor, a necessidade de possuir e a liberdade de orientar a própria vida. Elas são muito preciosas para todo homem e mulher. A nossa Regra e as Constituições Gerais nos orientam no cultivo destes valores dentro da nossa secularidade. Vejamos em CCGG 12, 2 e 15 1 a 4:

“Com Jesus, obediente até a morte, procurem conhecer e cumprir a vontade do Pai. Deem graças a Deus pelo dom da liberdade, pela revelação da lei do amor. Aceitem a ajuda que, para cumprir a vontade do Pai, lhes é oferecida pela mediação da Igreja, por parte dos que nela estão constituídos em autoridade e da parte dos coirmãos. Assumam com serena firmeza o risco de opções corajosas na vida social” (Regra da OFS 10).

“Empenhem-se os franciscanos seculares em viver o espírito das Bem-aventuranças e de modo especial o espírito de pobreza. A pobreza evangélica manifesta a confiança no Pai, põe em ação a liberdade interior e dispõe a promover uma mais justa distribuição das riquezas” (Regra da OFS 11).

Os (As) franciscanos (as), que mediante o trabalho e os bens materiais devem prover a própria família e servir à sociedade, têm um modo peculiar de viver a pobreza evangélica. Para compreendê-lo e pô-lo em prática, requer-se um forte empenho pessoal e o estímulo da Fraternidade mediante a oração e o diálogo, revisão comunitária da vida, a escuta das indicações da Igreja e das exigências da sociedade.

Os (As) franciscanos (as) seculares se empenhem em reduzir as exigências pessoais para melhor poderem partilhar os bens espirituais e materiais com os irmãos, sobretudo com os mais carentes. Deem graças a Deus pelos bens recebidos, usando-os, como bons administradores e não como proprietários.

Tomem posição firme contra o consumismo e contra as ideologias e as praxes que antepõem a riqueza aos valores humanos e religiosos e que permitem a exploração do homem.

“Amem e pratiquem a pureza do coração, fonte da verdadeira fraternidade.”

## REFLEXÃO

1. Qual a diferença entre votos e conselhos evangélicos?
2. Leia este texto das CCGG 24.1-b. Com qual conselho evangélico ele está relacionado?

Os casados encontram na Regra da OFS um válido auxílio no seu caminho de vida cristã, conscientes

de que, no sacramento do Matrimônio, o seu mútuo amor participa do amor que Cristo tem pela sua Igreja. O amor dos esposos e a afirmação do valor da fidelidade são um profundo testemunho para a própria família, para a Igreja e para o mundo (Regra 17).

## VIVÊNCIA

---

1. Verifique como você tem sido obediente à vontade de Deus. Ao descobrir pontos onde ainda é desobediente, proponha-se a obedecer.
2. Reze com os irmãos e irmãs a Oração da Obediência de São Fidelis de Sigmaringa: Jesus, Tu és o Mestre da obediência. Por Tua palavra e Tua obra queres motivar-nos para a obediência. Em Teu seguimento e na imitação dos santos, faze-me verdadeiramente obediente. Sem olhar para expectativas ou receios humanos, considerando unicamente Teu mandamento e confiando em Teu auxílio, realize-se em mim a obediência; quero ser continuamente obediente e considero isto como um serviço prestado a Ti. Tal obedecer se desenvolva em Tua honra e para a salvação do mundo, pois a obediência eleva a dignidade humana.

## BIBLIOGRAFIA

Texto elaborado por Frei Luciano Maciel Pinheiro e Terezinha Alves de Mello. BECKHAUSER, Frei Alberto (OFM). **Comentário espiritual Regra da Ordem Franciscana Secular**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.





## 30

# O OFÍCIO DIVINO E O PAI NOSSO

## EXPOSIÇÃO

### 1 OFÍCIO DIVINO: ORAÇÃO LITÚRGICA DOS IRMÃOS E IRMÃS DA OFS

“[...] associem-se (os irmãos) à oração litúrgica em uma das formas propostas pela mesma Igreja, revivendo assim os mistérios da vida de Cristo” (Regra da OFS 8). Sobre isto temos uma boa notícia a dar aos irmãos e irmãs. Descobrimos no Ritual da Ordem Franciscana Secular, apêndice III, aprovado pela Santa Se no dia 9 de março de 1984, uma definição sobre a Oração Litúrgica dos Irmãos e Irmãs da OFS. Dora-vante poderão escolher uma entre as cinco modalidades seguintes:

- a) Oração da Manhã (Laudes) Oração da Tarde (Vésperas) em comum ou a sós, Estas celebrações devem ser preferidas nas reuniões da Fraternidade. Liturgia das Horas da Igreja Local em formas abreviadas e adaptadas;
- b) Ofício Parvo de Nossa Senhora;
- c) Ofício da Paixão, de São Francisco de Assis;
- d) Recitação do Ofício dos doze Pai-nossos, enriquecido de alguns breves textos bíblicos, ou adaptados à Liturgia das Horas, sobretudo nas numerosas regiões onde ainda é usado, e seja considerada uma forma proveitosa de rezar em certas circunstâncias concretas.

Se o franciscano secular rezar por uma dessas formas propostas, ele estará rezando em comunhão com toda a Igreja.

## 1.1 Oração da Igreja

O Concílio Vaticano II aconselha a Liturgia das Horas para todos os cristãos conscientes. A Liturgia das Horas, na Introdução, insiste bastante na participação dos leigos na Liturgia das Horas da Igreja. A Liturgia das Horas não é só para o clero e para os religiosos; é uma oração de toda a Igreja: clérigos, religiosos e leigos. São Francisco deseja que seus seguidores na vida segundo o Evangelho também imitem a Jesus Cristo, o orante por excelência, tornando-se homens e mulheres de oração. É o meio que ele propunha era o Ofício Divino, segundo a Igreja de Roma, e para os que não soubessem ler, a oração dos doze Pai Nossos.

## 1.2 O que é a Liturgia das Horas

A Liturgia das Horas, ou Ofício Divino, tem suas origens no Antigo Testamento. Duas vezes por dia, de tarde e de manhã, o povo de Deus suspendia suas atividades e, voltando para Jerusalém, dava graças pelos benefícios recebidos de Deus em sua história.

À tarde, os motivos de louvor e agradecimento eram, sobretudo, as maravilhas da Páscoa da libertação do Egito. De manhã, louvava e agradecia a Deus por mais um dia, pelos benefícios realizados por Deus nas diversas alianças: a criação, a escolha do povo eleito, as alimentações de cada dia.

No novo Testamento, o conteúdo da oração é novo, e a nova Páscoa, Jesus Cristo. E enfim, mistério de Cristo, o Reino de Deus nele realizado. Este conteúdo está expresso, sobretudo, na oração do Pai Nosso ensinado pelo próprio Cristo.

Já no fim do século I depois de Cristo, nos conta a Didaqué, uma espécie de Catecismo dos Cristãos, que os fieis rezavam o Pai Nosso três vezes por dia.

Mais tarde foram-se organizando dois tipos de orações diárias. Um da Igreja Local, inspirado no ritmo de oração dos judeus no Antigo Testamento, outro, inspirado no ritmo das vigílias, ou seja, uma oração a cada três horas durante o dia. No primeiro caso temos a Oração da Manhã e Oração da Tarde, chamadas também Laudes e Vésperas. No

segundo tipo, temos a Liturgia das Horas dos monges com as seguintes horas de oração: Laudes, Terças, Sextas, Noas, Vésperas, Completas e os três Noturnos que mais tarde se chamaram Matinas e, hoje Ofício das Leituras.

### 1.3 O sentido das horas

As Laudes e as Vésperas, ou a Oração da Manhã e a Oração da Tarde são as principais do dia.

A Oração do manhã é o louvor da Igreja pelo dom da vida em Cristo ressuscitado. A luz, o sol que desponta, o levantar-se leva a ressurreição de Cristo e a nossa ressurreição com ele. A luz do sol dá forma e beleza a todas as coisas; ao nascer do sol tudo revive. O louvor matinal evoca benefícios a Deus, da criação, da vida nova em Cristo. O novo dia é dom de Deus e o homem quer transformar este novo dia, o seu trabalho, suas atividades, o seu amor numa oferta agradável a Deus. Por isso invoca de Deus as forças para consagrar a Ele o novo dia.

A Oração da Tarde é celebrada ao cair da tarde. Diria que é feita na hora das Ave-Marias. Qual o sentido das Vésperas ou Oração da Tarde? Também a Oração da Tarde celebra o mistério de Cristo. Celebra, porém os mistérios da Tarde. A Igreja dá graças a Deus pelos benefícios recebidos durante o dia e pelos benefícios que pode realizar. Dá graças pelos benefícios realizados por Cristo à tarde. O sacrifício redentor da Cruz; a instituição da Igreja, do sacerdócio, da Eucaristia e do mandamento. Dando graças por tudo isso, a Igreja se volta para o próximo e intercede pelos diversos grupos de pessoas com suas funções na Igreja: O Papa, os Bispos, os Sacerdotes, os Governantes, os Religiosos, os Leigos, os Artistas, os Legisladores, os Esposos, as Famílias, os Jovens, os Necessitados e assim por diante. Pede que a salvação que brota do sacrifício da Cruz se derrame sobre todos os homens.

Estas duas horas principais nos faz lembrar duas coisas: Nelas se reza o Pai Nosso; lembra a oração da manhã e da noite que todo cristão aprendeu a rezar no Catecismo, com a expressão necessária de sua vocação de filho de Deus. Por estas duas orações o cristão vive diariamente a Páscoa de Cristo no ritmo da experiência do tempo.

Por isso se entende que São Francisco propôs os Pai Nossos aos irmãos e irmãs iletrados, que não soubessem ler. Assim eles se uniriam à grande oração da Igreja. Seria bom, pois, ligar os Doze Pai Nossos às principais horas do dia. Por exemplo: três de manhã ao levantar-se; três ao meio dia; três no anoitecer e três no deitar-se.

*A Oração Durante o Dia* - Temos ainda três horas de Oração durante o dia. A oração das Nove Horas (terça), Oração das Doze Horas (sexta) e a Oração das Quinze Horas (Noa). Desde os tempos dos Apóstolos estas horas estão relacionadas com os acontecimentos da Paixão de Jesus Cristo e os inícios da Igreja. Assim a terça está ligada à condenação de Jesus Cristo e ao Pentecostes. A sexta está relacionada com a crucifixão, e a Noa está ligada à hora da morte de Cristo na Cruz. A Igreja louva e agradece a Deus pelo amor de Cristo aos homens, manifestado nos passos da Paixão a pela fundação e a vida da Igreja animada pelo Espírito Santo. Une-se ao mesmo tempo aos sofrimentos da Igreja, Solidariza-se, sobretudo através dos salmos, com a paixão dos irmãos e irmãs no mundo inteiro, solidariza-se com Cristo que continua a sofrer a paixão nos homens e mulheres de hoje. Hoje, os clérigos, os religiosos e leigos são convidados a celebrarem ao menos uma das Horas durante o dia para que “se conserve a tradição de orar durante o dia, em meio aos trabalhos.”

Temos ainda as Completas ou Oração da Noite, como última oração do dia, antes do repouso. “Com ela, os cristãos concluem a obra de Deus” antes de se deitarem, e a Deus se encomendam.”

## 1.4 Conclusão

A Liturgia das Horas ou Ofício Divino pode, pois, ser considerado como o Louvor da Igreja pelo mistério de Cristo, a partir da luz, para santificação especial do tempo.

A Liturgia das Horas constitui um ótimo meio para os cristãos viverem o sentido último de sua vida, o louvor de Deus, que já antecipa neste mundo a vocação última do homem de ser para sempre “celebrante da glória do Pai. O ritmo da oração diária vai formando em cada cristão o homem de Deus. É isto o que deseja o nosso pai São Francisco. Por isso os Irmãos e Irmãs da Penitência esforçar-se-ão por participar diariamente da Oração da Igreja, numa das formas por ela propostas.

## 2 O PAI-NOSSO, UMA SÍNTESE DO EVANGELHO

Se olharmos para a história da salvação, descobrimos que as grandes experiências religiosas são sintetizadas em forma de oração, como resposta orante às maravilhas de Deus. Assim a páscoa do povo de Israel foi celebrada pelo Cântico de Moisés. Pensemos nos Cânticos de Ana, de Ester, de Tobias, dos três jovens na fornalha ardente, de Isaías ou Jeremias. Enfim, todos os benefícios de Deus em favor do povo eleito são expressos através dos Salmos.

No Novo Testamento temos o Cântico de Nossa Senhora, de Zacarias, do Velho Simeão, os cânticos das Cartas de São Paulo e do Apocalipse.

Nesta linha podemos ver também que o Cântico das Criaturas na experiência religiosa de São Francisco de Assis constitui uma síntese orante de sua mística, resumo do seu carisma.

Assim também Jesus Cristo quis deixar aos seus discípulos uma síntese orante de toda a sua mensagem, caminho para o seu seguimento. O Pai Nosso se apresenta como um resumo de todo o Evangelho em forma de oração.

### 2.10 Pai Nosso, uma síntese da vocação humana integral

No Pai-nosso encontramos a expressão das três virtudes teológicas, a fé, a esperança e a caridade. Ele expressa a vocação do ser humano como sacerdote em relação a Deus, como profeta em relação ao próximo, e como rei, em relação ao mundo criado. Nele, somos convidados a dar uma resposta de obediência, de pobreza e de castidade. Na fé, ele constitui uma comunicação direta com Deus, que é a essência da oração; na esperança, entramos, por ele, numa atitude de jejum em relação aos bens materiais, não nos deixando escravizar por eles; e, na caridade, abrimos o nosso coração ao próximo, partilhando o amor como esmola na comunidade conjugal, familiar e social.

Na primeira parte, na virtude da fé, dirigimo-nos a Deus como Pai, fonte comum de vida no amor, na condição de filhos. Sendo filhos do mesmo Pai, nós nos reconhecemos como irmãos e irmãs. Santificamos o seu nome, isto é a Deus mesmo. Santificamos o nome de Deus, dei-

xando que se realize o seu Reino. E seu Reino se realizará se entrarmos no seu plano, na sua vontade, e a obedecermos em todas as coisas.

O segundo momento abre nosso coração ao mundo criado. Na virtude da esperança, pedimos pão de cada dia. Não riquezas, mas “o pão de cada dia”, a vida, para realizarmos o plano de Deus, que assim se realize e participemos do seu Reino, para a santificação do nome de Deus em todas as coisas, ele que é nosso Pai.

Num terceiro momento, na virtude da caridade, a oração nos leva a pedir que vivamos realmente como irmãos e irmãs. Todos os seres criados, com a mesma origem no Pai comum, são irmãos e irmãs por natureza, por criação. Mas os seres humanos, para subsistirem como irmãos são chamados a imitarem o próprio Deus, a se doarem como o próprio Deus. Isso exige o perdão. Os filhos de Deus são também pecadores. Por isso, precisam do perdão permanente de Deus. E, por sua vez, deverão perdoar como Deus os perdoa.

Por fim, o único impedimento para que se realize o Reino de Deus é o mal e o único verdadeiro mal é o pecado. Dai, que a oração nos manda pedir que Deus não nos deixe cair em tentação e nos livre do mal. A tentação em si ainda não é um mal. Apenas a queda, o pecado.

## REFLEXÃO



1. Partilhe sua experiência de celebração da Liturgia das Horas. Responda:
  - a) Você tem consciência plena de que celebrar a Liturgia das Horas é rezar em comunhão com a Igreja?
  - b) Você celebra todas as Horas principais do dia? Se não, por que?
  - c) Qual hora você celebra?
  - d) Qual livro voce usa?
  - e) Sua Fraternidade sempre celebra a Liturgia das Horas nas reuniões?
  - f) Se não celebra o que você pode fazer para despertar o interesse para essa oração?
2. Já tinham pensado no Pai Nosso como síntese do Evangelho e da nossa vocação humana integral?

## VIVÊNCIA

### 1. Leia e medite o texto.

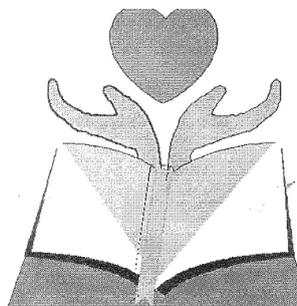
Embora tenha sido importunado pelas enfermidades acima referidas por muitos anos, era tão devoto e fervoroso na oração e no ofício divino que, enquanto rezava ou recitava as horas canônicas, nunca se apoiava ao muro ou a parede; mantinha-se sempre ereto, com a cabeça descoberta, por vezes de joelhos, sobretudo porque passava em oração a maior parte do dia ou da noite. Além disso, quando andava a pé, sempre interrompia a caminhada, quando queria recitar as horas; se, por causa da doença, andava a cavalo, sempre desmontava para rezar o ofício.

Uma vez chovia torrencialmente, e ele, por causa da doença e da grande necessidade, andava a cavalo. Mesmo estando já todo molhado, quando quis recitar as horas, desceu do cavalo e, permanecendo de pé e chovendo continuamente sobre ele, rezou o ofício com tanto fervor, devoção e reverência como se estivesse na igreja ou cela. E disse a seu companheiro: “Se o corpo quer tomar em paz e tranquilidade o seu alimento, que, com o próprio corpo, se tornará alimento dos vermes, com quanta paz e tranquilidade, com quanta reverência e devoção deve a alma tomar seu alimento, que é o próprio Deus” (2EP 94).

### 2. Procure conhecer e rezar em situações especiais, o Ofício da Paixão composto por São Francisco.

## BIBLIOGRAFIA

Artigo escrito por Frei Alberto Beckhäuser





## 31

# MENSAGEIROS DE PAZ

## EXPOSIÇÃO

Em nosso mundo cheio de esperanças e aspirações, encontramos um anseio de comunhão, de paz, de justiça e de promoção da dignidade humana. Francisco soube responder aos anseios do seu tempo.

Provavelmente não há outra solicitude de Francisco que seja mais atual do que seu empenho pela paz. Em toda parte onde se fala de paz, seu nome é mencionado. Muitos dos que se engajam para promover a justiça e a paz no mundo se referem à pessoa de Francisco que, no século XIII, foi, por excelência, um homem de paz. Atualmente há “franciscanos pela paz” em muitos países. São irmãos e irmãs que se unem e se organizam para servir à causa da paz e da justiça.

É necessário compreendermos corretamente qual é o sentido da palavra “paz”, pois em todos os tempos e lugares fala-se de paz, mas entende-se situações e sentimentos diferentes.

Paz, não é somente a ausência de guerra. Para nós o mais importante é compreendermos a «paz» tal qual São Francisco a entendeu e viveu. Concebeu sua família como um movimento de paz, enviada para proclamar a conversão e trazer a paz. Uma vez que é impossível haver paz sem justiça, precisamos analisar que tipo de conclusões Francisco deduzia do conceito da paz;

- ✓ O que Francisco deseja é “a verdadeira paz do céu e sincera caridade no Senhor” (2Fi 1).
- ✓ Para Francisco a paz é um dom do céu, ligado essencialmente a Jesus Cristo (Ef 2). A bem-aventurança dos pacíficos é men-

cionada na Admoestação número 15; “Bem aventurados os pacíficos, porque eles serão chamados filhos de Deus. São verdadeiramente pacíficos os que, no meio de tudo quanto padecem neste mundo, se conservam em paz, interior e exteriormente, por amor de Nosso Senhor Jesus Cristo.” Em tal contexto, é preciso considerar tanto a paz da alma quanto do corpo. Esta fórmula bastante geral pode ser explicada quando comparada com a Admoestação número 11, onde Francisco lembra o caso de um irmão atingido no amor a Deus pelo pecado de outro. Neste caso, “não deve perder a paz da alma, nem irar-se”.

- ✓ A Admoestação número 14 menciona que, a paz da alma pode vir a ser perdida se os irmãos se escandalizam. Ensina aos frades que por mais legítimos e normais que sejam seus sentimentos, não podem consentir neles. Têm a obrigação de não se deixarem perturbar e conservar a paz da alma e do corpo e despeito de tudo que possa provocar perturbação da parte do mundo. Trata-se de um esforço de dominar atitudes naturais ou simplesmente humanas que questionariam a vida daqueles que fizeram profissão de viver segundo o Evangelho.
- ✓ A verdadeira paz é experimentada por quem vive para Deus. Por isso, Francisco, diz que a paz deve ser “conservada”. A penúltima estrofe do Cântico do Irmão Sol composto por Francisco para fazer com que o bispo de Assis e o podestá da cidade fizessem as pazes, diz: “Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por teu amor e suportam enfermidades e tribulações. Bem-aventurados os que as sustentam em paz, que por ti, Altíssimo, serão coroados” (Cnt 10-11).

Se a Admoestação número 15 apresentava-se como um claro comentário da bem-aventurança, a alusão é melhor colocada no Cântico do Irmão Sol. Neste, trata-se de perdoar, de suportar provações e doenças; na Admoestação e questão do sofrimento padecido no mundo. As intenções são as mesmas, exceto na questão do perdão [**misericórdia**]. Compreende-se que, devido às circunstâncias tenha havido este acrés-

cimo. Num caso trata-se de defender a paz e no outro de conservá-la, o que equivale à mesma coisa.

Pelo fato de ser um homem reconciliado com Deus, consigo mesmo, com os homens e toda a natureza e com a própria morte, Francisco tornou-se mensageiro de paz, de alegria, de esperança. Mais pela atitude que por palavras, ele se relaciona como irmão de todos os homens. Tornou-se assim, também, o homem do ecumenismo, o homem da reconciliação, o homem da unidade e da paz. Francisco considerava e apreciava mais aquilo que unia os homens em Deus e em Jesus Cristo do que aquilo que os separava. Por isso a Legenda dos Três Companheiros, 58 diz:

Admoestava também os irmãos para que não julgassem nenhum homem nem desprezassem aqueles que vivem delicadamente e se vestem elegantemente e de maneira supérflua: pois Deus é Senhor nosso e deles, podendo chamá-los a si e justificar os que foram chamadas (Rm 8,30). Dizia também que queria que os irmãos reverenciassem tais homens como seus irmãos e senhores, porque são irmãos à medida que foram criados pelo único Criador, são senhores à medida que ajudam os bons a fazerem penitência, ministrando-lhes as coisas necessárias ao corpo; dizendo estas coisas também acrescentava: “O modo de vida dos irmãos entre as pessoas deveria ser tal que quem os ouvir ou os vir glorificassem o Pai celeste (Mt 5,16) e o louvasse devotamente.

Pois tinha o grande desejo de que tanto ele como os seus irmãos transbordassem em tais obras pelas quais Deus fosse louvado e dizia-lhes: “Assim como proclamais a paz com a boca, assim em maior medida a tenhais nos vossos corações. Ninguém por meio de vós seja provocado à ira ou ao escândalo, mas todos sejam provocados pela vossa mansidão à paz, à benignidade e à concórdia. Pois para isto fomos chamados, para cuidar dos feridos, enfaixar os que têm fraturas (Ez 34,4) e chamar de volta os que erram. Pois muitos que nos parecem ser membros do demônio ainda serão discípulos de Cristo.”

## 1 O QUE DIZEM NOSSOS DOCUMENTOS

A primeira Regra para os penitentes trazia uma proibição expressa ao porte e uso de armas: “Estão proibidos de levantar arma fatal contra alguém e de portá-la” (Mernoriale Propositi 5,3). O não portar armas foi um meio eficaz de estabelecer a paz. Historiadores afirmam que guerras civis ou entre as cidades ficaram esvaziadas por falta de participantes. A nossa Regra atual diz: “Como portadores de paz e lembrando-se de que ela deve ser construída incessantemente, procurem os caminhos da unidade e dos entendimentos fraternos mediante o diálogo, confiantes na presença do germe divino que existe no homem e na força transformadora do amor e do perdão” (Regra da OFS 19).

Três são os instrumentos, propostos por nossa Regra para a construção da paz:

- ✓ o diálogo;
- ✓ a confiança na presença do germe divino que existe na pessoa humana;
- ✓ a força transformadora do amor e do perdão.

Jesus agia assim. Na samaritana ele encontrou algo de bom: a sua sinceridade, e a partir desse ponto positivo, desenvolve-se o processo de conversão. Francisco acompanhou os cruzados para reconquistar a Terra Santa, Mas, enquanto eles foram armados, Francisco preferiu o diálogo, o encontro humano, a fraternidade. O amor atrai, o amor gera a vida. Finalmente, o perdão, é a expressão maior do amor. E aceitar o outro na sua realidade, com seu pecado, com suas fraquezas, reconhecendo nele o Filho de Deus, o irmão e a irmã em Jesus Cristo. Atitude a ser cultivada não apenas na Fraternidade ou em família, mas em relação a todos os homens, a todas as crenças.

As nossas Constituições Gerais no artigo 23 dizem: A paz é obra da justiça e fruto da reconciliação e do amor fraterno.

Os franciscanos seculares são chamados a ser portadores de paz na própria família e na sociedade:

- ✓ procurem propor e difundir ideias e atitudes pacíficas;
- ✓ desenvolvam iniciativas próprias e colaborem, individualmente e como Fraternidade, com as iniciativas do Papa, das Igrejas particulares e da Família Franciscana;
- ✓ colaborem com os movimentos e as instituições que promovem a paz no respeito aos seus autênticos fundamentos (Regra da OFS 19). Embora reconhecendo direito, tanto pessoal quanto nacional, à autodefesa, tenham apreço pela opção daqueles que, por objeção de consciência, se recusam a “portar armas”.
- ✓ Para salvaguardar a paz na família, os irmãos, no devido tempo, façam o testamento dos seus bens.

## 2 CONCLUSÃO

Para cumprirmos nossa missão de Mensageiros de Paz, tornando compreensível a saudação “Paz e Bem!”, precisamos integrar em nossa personalidade atitudes fundamentais como: confiança na vida, respeito ao outro nas suas culturas e religiões, busca comum da verdade pelo diálogo, oração e conversão diárias e autêntica vida fraterna manifestada através do perdão, da tolerância, da ausência de mágoas e ressentimentos.

A Paz é fruto de uma atitude interior de confiança total no amor de Deus e exercício da justiça e da ética em nossa realidade social.

A saudação da paz, forjada à imitação do Evangelho, como primeira palavra que os franciscanos dirigem aos outros, tem o objetivo de abrir os corações à paz, isto é, força espiritual interior, princípio de renovação moral e civil. Esta primeira palavra visa colocar o desígnio de renovação diante dos homens, através do aprofundamento interior e do Evangelho. A Ordem Franciscana oferece ao mundo um testemunho desse desígnio.

No passado, como vem documentado pelas Fontes Franciscanas, os franciscanos se fizeram, concretamente, agentes e portadores da “paz”, entre Igreja e reis, entre príncipes e povos, entre cidadãos e cidadãs, Assim também hoje se volta para a paz a presença dos franciscanos seculares no seio da sociedade, mediante a colaboração em todos os níveis, para promover a justiça, a caridade e a paz.

## REFLEXÃO

1. Como franciscano (a) você está empenhado (a) em ser mensageiro (a) de paz? Por que?

## VIVÊNCIA

1. Leia atentamente os dois textos: Ad 15 e Cnt 10 e 11. Elabore a partir deles alguns mandamentos para seu uso e o cultivo da paz à maneira de São Francisco.
2. Partilhe sua experiência como portador de paz: na família, no trabalho; no seu grupo social; na sua paróquia e na Fraternidade.

## BIBLIOGRAFIA

BECKHAUSER, Frei Alberto (OFM). **Comentário espiritual Regra da Ordem Franciscana Secular**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

CEFEPAL. **Dicionário Franciscano Verbetes sobre a paz**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

FFB. **Curso básico sobre o carisma missionário franciscano**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. Lição 23.





## 32

# A SECULARIDADE

“De fato o leigo se situa, por vocação, na Igreja e no mundo. Membro da Igreja, fiel a Cristo, acha-se comprometido na construção do Reino em sua dimensão temporal. A fidelidade e coerência com as riquezas e exigências do seu ser lhe conferem a identidade de homem de Igreja no coração do mundo e de homem do mundo coração da Igreja” (Pb 786).

Quem são os leigos? A palavra leigo vem do grego, do substantivo Laos que significa povo. A Lumen Gentium diz: “Pelo nome de leigos aqui são compreendidos todos os cristãos, exceto os membros de ordem sacra e do estado religioso, aprovado na Igreja” (LG 31). Já sabemos que a vocação à santidade é universal, mas que na Igreja há caminhos diferentes para a santificação: vida sacerdotal, religiosa ou leiga. Portanto, pode-se dizer que ser leigo é uma determinada maneira de ser fiel na Igreja.

A palavra secular vem do latim saeculum, que significa mundo. O cristão secular é aquele “que está no mundo”. Portanto, secularidade é a condição própria dos cristãos que estão no mundo, neste “vasto e complexo mundo de hoje”. A secularidade é o modo de ser do leigo cristão “que está no mundo sem ser do mundo”.

Os franciscanos seculares vivem no mundo, sem serem do mundo, no sentido pejorativo da palavra mundo, conforme São João.

É através das coisas, ou das realidades do mundo que os franciscanos seculares são chamados a buscar a perfeição evangélica, a santidade. As coisas do mundo, ou as realidades terrestres, como a família, a sociedade, a política, o trabalho, a ecologia, constituem o caminho espiritual próprio para chegarem a Deus.

Paulo VI na Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* diz: “Os leigos, a quem sua vocação específica colocou no meio do mundo e à frente de tarefas as mais variadas na ordem temporal, devem também eles, através disso mesmo, atuar numa singular forma de evangelização”.

A sua primeira e imediata tarefa não é a instituição e o desenvolvimento da comunidade eclesial – esse é o papel específico dos pastores – mas sim o pôr em prática todas as possibilidades cristãs e evangélicas escondidas, mas já presentes e operantes, nas coisas do mundo. O campo próprio de sua atividade evangelizadora é o mesmo mundo vasto e complexo da política, da realidade social e da economia, como também o da cultura, das ciências e das artes... da família, da educação das crianças e dos adolescentes, o trabalho profissional e o sofrimento. Quantos mais houver leigos impregnados do Evangelho, responsáveis em relação a tais realidades e comprometidos claramente com as mesmas, competentes para promovê-las e conscientes de que é necessário fazer desabrochar a sua capacidade cristã muitas vezes escondida e asfixiada, tanto mais essas realidades, sem nada perder ou sacrificar do próprio coeficiente humano, mas patenteando uma dimensão transcendente, para o além, não raro desconhecida, se virão a encontrar ao serviço da edificação do Reino de Deus e, por conseguinte, da salvação em Jesus Cristo» (EN 70).

É neste sentido que falamos de uma espiritualidade secular. Ela cultiva o que é próprio da comunidade eclesial, como a vida sacramental, a oração e a participação na pastoral. Mas, sua espiritualidade passa, sobretudo, pelas realidades terrestres.

Para isso, a educação franciscana secular deverá formar para a cidadania. Da educação franciscana secular própria e dos filhos devem resultar cidadãos e cidadãs responsáveis e participantes na construção de uma sociedade justa e fraterna. Basta lembrar aqui os números 14 a 19 da Regra da OFS: “Para construir um mundo mais fraterno e evangélico, assumam as próprias responsabilidades com competência e em espírito cristão de serviço” (cf. 14). “Estejam presentes pelo testemunho da própria vida humana, bem como por iniciativas cora-

josas, quer individuais, quer comunitárias, na promoção da justiça, particularmente no âmbito da vida pública, comprometendo-se com opções concretas e coerentes com sua fé” (cf. 15). “Estimem o trabalho. no serviço da comunidade humana” (cf 16). “Em sua família vivam o espírito franciscano de paz, de fidelidade e de respeito a vida...” (cf 17). Tenham respeito pelas outras criaturas, animadas e inanimadas...” (cf 18). Sejam portadores de paz, ... mediante o diálogo... e sejam mensageiros da perfeita alegria” (cf 19).

Ser um bom cidadão, viver como cidadão responsável e participante, constitui o primeiro apostolado, o apostolado prioritário do franciscano secular, do fiel leigo cristão. Fazer perpassar do “Espírito do Senhor e do seu santo modo do operar” todas estas realidades humanas, eis o que significa a espiritualidade franciscana secular. Neste sentido nossas Fraternidades devem ser escolas de santidade e cidadania.

## REFLEXÃO

1. Quem são os leigos? Quem são os cristãos seculares? Qual a diferença existente entre eles.  
Leiam Jo 15, 18 e 17,13-19 e descubra o sentido da palavra mundo.

## VIVÊNCIA

1. Verificar como está vivendo “a fidelidade e coerência com as riquezas e exigências do seu ser, lhe conferem a identidade de homem de Igreja no coração do mundo e de homem do mundo no coração da Igreja”.
2. Seu desempenho na família, e/ou na Fraternidade, e/ou no trabalho e/ou na sociedade é um instrumento da glória de Deus no meio do mundo. Viva essa realidade com alegria!

## BIBLIOGRAFIA

BECKHAÜSER, Frei Alberto (OFM). **Uma espiritualidade secular**: artigo publicado na revista Paz e Bem n° 5. 1998.

PLENTZ, Frei Urbano (OFM). A secularidade. Cadernos Franciscanos do Centro de Formação de Minas. A Teologia da Secularidade. Cadernos Franciscanos n° 2. 1997





## 33

# A PROFISSÃO NA ORDEM FRANCISCANA SECULAR

A Regra da OFS fala várias vezes da Profissão. Professar significa atestar, testemunhar, proclamar em público. Qual o sentido da Profissão na Ordem Franciscana Secular? Qual o seu valor?

## 1 O QUE NOS DIZEM A REGRA, AS CONSTITUIÇÕES GERAIS E O RITUAL DA OFS

### 1.1 A Regra nos diz que:

Em “...fraternidades católicas espalhadas pelo mundo e abertas a todos os grupos e fieis..., os irmãos e as irmãs, “impulsionados pelo Espírito a atingir a perfeição da caridade no próprio estado secular, são empenhados pela Profissão a viver o Evangelho à maneira de São Francisco e mediante esta Regra confirmada pela Igreja” (Regra 2).

“Sepultados e ressuscitados com Cristo no Batismo, que os torna membros vivos da Igreja, e a ela mais fortemente ligados pela profissão, tornem-se testemunhas e instrumentos da sua missão entre os homens, anunciando Cristo pela vida e pela palavra” (Regra 6).

“A profissão, por sua natureza, é um compromisso perpétuo”. Constitui, pois, um projeto para toda a vida (Regra 23).

### 1.2 As CCGG nos dizem que:

1.2.1 pela Profissão nos comprometemos, a viver o Evangelho à maneira de São Francisco, no próprio estado secular, observando a Regra aprovada pela Igreja (Regra 2 e CCGG 1. 3).

1.2.2 “Chamados a colaborar na construção da Igreja, como sacramento de salvação para todos os homens, e constituídos pelo Batismo e pela Profissão ‘testemunhas e instrumentos da sua missão’, os franciscanos seculares anunciam Cristo pela vida e pela palavra” (Regra 6 e CCGG 17).

1.2.3 “A incorporação na Ordem se efetua mediante um período de iniciação, um tempo de formação e a Profissão da Regra” (Regra 23 e CCGG 37,1).

1.2.4 “O candidato, terminada a etapa de formação inicial, pede ao Ministro da Fraternidade Local para emitir a Profissão. O Conselho da Fraternidade, ouvido o responsável pela formação e o Assistente, decide em votação secreta sobre a admissão a Profissão e dá conhecimento da decisão ao candidato e a Fraternidade (cf. Regra 23 e CCGG 41,1).

1.2.5 São necessárias as seguintes condições para a Profissão:

- ✓ o alcance da idade estabelecida pelo Estatuto Nacional;
- ✓ a participação ativa no tempo de formação, ao menos, durante um ano;
- ✓ o consentimento do Conselho da Fraternidade Local (CCGG 41, 2).

1.2.6 “A Profissão é o ato eclesial solene pelo qual o candidato, lembra do chamamento recebido de Cristo, renova as promessas batismais e afirma publicamente o próprio compromisso de viver o Evangelho no mundo, segundo o exemplo de São Francisco e seguindo a Regra da OFS” (CCGG 42,1).

1.2.7 “A profissão incorpora o candidato à Ordem e é por si mesma um compromisso perpétuo” (Regra 23.3 e CCGG 42,2).

1.2.8 “A Profissão é recebida pelo Ministro da Fraternidade Local ou por um seu delegado, em nome da Igreja e da OFS. O rito se realiza segundo as disposições do Ritual” (CCGG 42,3).

1.2.9 “A Profissão não compromete unicamente os professos para com a Fraternidade, mas igualmente compromete a Fraternidade a se ocupar do bem estar humano e religioso deles” (CCGG 42,4).

1.2.10 “O ato de Profissão é registrado e conservado no arquivo da Fraternidade” (CCGG 42,5).

1.2.11 A idade mínima para Profissão não poderá ser inferior a 18 anos completos (cf. Regra 23 e CCGG 43).

### 1.3 Ritual:

Falando da profissão, diz o Ritual: “Muitos homens e mulheres, casados e solteiros, e muitos sacerdotes diocesanos, são chamados por Deus a trilhar o caminho da perfeição evangélica, seguindo o exemplo e a maneira de viver de São Francisco de Assis, participando no seu carisma e tornando-o presente no mundo. Para isso, prometem seguir a Jesus Cristo e viver o Evangelho em Fraternidade, ingressando na Ordem Franciscana Secular” (Introdução, 1, numero 1).

“Os franciscanos seculares, congregados em Fraternidade e em união de espírito com todo o Povo de Deus, celebram o mistério da Salvação, que lhes foi revelado e comunicado em Cristo. Fazem-no com as suas orações, ações de graças e a renovação das suas promessas de vida nova” (Introdução, 1, numero 3).

Mais adiante o Ritual (Introdução, III, número 14), caracteriza a natureza do compromisso de vida evangélica, chamada Profissão:

1.3.2 A renovação da consagração e das promessas do Batismo e da Confirmação. Isto significa: uma consagração a Deus, no seu Povo, com todas as consequências daí resultantes relativamente à vida de união com Deus e a adesão ao seu plano salvífico, por uma consagração a ser vivida no meio do mundo,

1.3.3 A vontade de viver o Evangelho, no seguimento de São Francisco de Assis.

1.3.4 A incorporação na Ordem Franciscana Secular, que consiste numa harmoniosa união de todos os irmãos e irmãs, que prometem viver o Evangelho maneira de São Francisco de Assis, permanecendo em sua vocação secular.

1.3.5 A vontade de viver no mundo e para o mundo. Com efeito, sob este aspecto, a Profissão pretende ser fermento evangélico e compromisso de colaborar na construção de um mundo mais fraterno.

Por seu lado, os sacerdotes diocesanos, ela Profissão, confirmam as obrigações e promessas relativas à sua própria e específica vocação presbiteral.

1.3.6 A vontade de viver o Evangelho por toda a vida. Atitude que é expressão de generosidade, nascida de íntimas aspirações, e aceitação das dificuldades e crises inerentes a todas as opções humanas, de caráter permanente ou transitório.

1.3.7 A confiança do candidato, que tem o apoio da Regra da OFS e da Fraternidade. Com efeito, o candidato sentir-se-á conduzido e ajudado pela Regra aprovada pela Igreja e experimentará a alegria de participar numa caminhada de vida evangélica, em companhia de muitos irmãos, dos quais poderá receber e aos quais também poderá dar algo. Incorporado na Fraternidade Local, que é uma célula da Igreja, dará o seu contributo para a restauração de toda a Igreja.”

## 2 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A Profissão é caracterizada como um compromisso de vida evangélica, por toda a vida, a exemplo de São Francisco e conforme a Regra. Constitui um modo de viver a consagração batismal. É caracterizada também pelo seu caráter secular.

Por isso, a profissão, ou compromisso de vida evangélica, distingue-se da profissão religiosa, pelo fato de os irmãos e irmãs seculares não fazerem votos de obediência, pobreza e castidade. Prometem sim, viver estas virtudes, no espírito das bem-aventuranças e dos conselhos

evangélicos, conforme a Regra, números 10 ao 12. Os seculares não fazem votos, mas comprometem-se com Deus e com a Igreja a viverem o Evangelho, segundo a Regra. Comprometem-se a viver como profissionais da vida segundo o Evangelho, segundo Francisco e a Regra. O profissional deve manifestar publicamente competência na profissão, ser reconhecido como tal e responder pelo que faz diante da comunidade e da fraternidade.

Comprometem-se ainda, a buscar a perfeição da caridade, vivendo esta forma de vida segundo o Evangelho, durante toda a vida. Daí a importância de saber o que se vai prometer e cultivar permanentemente a forma de vida professada.

Por isso, “através do sacerdote e do ministro, que representa a Fraternidade, a Igreja recebe o compromisso e a Profissão daqueles que abraçam a vida e a REGRA DA OFS. Por sua oração pública pede para os professandos o auxílio e a graça de Deus; invoca sobre eles sua bênção e une seu compromisso ou Profissão ao sacrifício eucarístico” (Introdução, III, número 9).

### 3 A PROFISSÃO

A Profissão deve ser um ato bem consciente. Para que isto aconteça é necessário uma boa preparação. Deve-se estudar no Ritual toda a cerimônia da Profissão detendo-se especialmente na fórmula da Profissão, pois ela contém as palavras sagradas que vão nos tornar franciscanos seculares por toda a vida.

### 4 REFLEXÃO SOBRE A FÓRMULA DA PROFISSÃO NA OFS

Fórmula da Profissão

Eu.....ten-  
do recebido do Senhor a graça de professar, renovo as minhas promessas do Batismo e me consagro ao serviço do seu Reino. Prometo, pois, viver no meu estado secular por todo o tempo de minha vida, o Evangelho de Jesus Cristo na Ordem Franciscana Secular, observando a sua Regra. A graça do Espírito Santo, a intercessão da bem-aventura-

da Virgem Maria e de São Francisco, e a comunhão fraterna me ajudem sempre a conseguir a perfeição da caridade cristã.

#### **4.1 Eu**

A Profissão é feita individualmente, cada um se identifica dizendo o próprio nome, reconhecendo que Deus o chamou pessoalmente, e se Ele me chamou só eu posso responder ao chamado.

#### **4.2 Tendo recebido do Senhor a graça de professar**

Reconheço que a vocação franciscana é dada por Deus, que sou “impulsionado pelo Espírito” (Regra nº 2).

#### **4.3 Renovo as minhas promessas do batismo**

No meu Batismo renunciei ao pecado, me uni a Cristo, tornei-me filho de Deus e membro da Igreja. A Profissão fortalece e me faz mais consciente destas opções (Regra nº 6).

#### **4.4 E me consagro ao serviço do seu reino**

Consagrar é tornar sagrado, é oferecer-se a Deus através do voto ou promessa. O franciscano secular se consagra, isto é, se entrega voluntariamente a Deus pela Profissão,

#### **4.5 Prometo viver**

Prometer é obrigar-se; asseverar; assegurar previamente. Prometo viver, isto é, prometo transformar-me em Evangelho vivo colocando tudo que sou e tenho a serviço do Reino de Deus (Regra nº 7).

#### **4.6 No meu estado secular**

“Cumprir fielmente as obrigações próprias da condição de cada um nas diversas situações da vida”. Vou permanecer no mundo e em favor do mundo (Regra nº 10).

## **4.7 Por todo o tempo da minha vida**

Não só nos dias que posso ou quero, mas sempre e mesmo diante das circunstâncias incertas da vida. É uma expressão da nossa confiança e generosidade diante de Deus e dos homens e uma opção permanente, total e sempre renovada pelo Reino (Regra n° 23).

## **4.8 O Evangelho de Jesus Cristo**

O Evangelho será a minha norma, viverei “passando do Evangelho à vida e da vida ao Evangelho” (Regra n° 4).

## **4.9 Na Ordem Franciscana Secular**

É dentro da Fraternidade, “célula primeira de toda a Ordem” que vou viver minhas promessas (Regra n°22 e 23).

## **4.10 Observando sua Regra**

Observar a REGRA DA OFS é o modo de viver o Evangelho à maneira de São Francisco de Assis. Não vou viver dentro das normas que eu traçar para mim, mas prometo observar uma “Regra confirmada pela Igreja” (Regra n<sup>os</sup> 2 e 4).

## **4.11 A graça do Espírito Santo, a intercessão da bem aventurada Virgem Maria e de São Francisco**

Sempre serão os meus auxílios para que eu possa cumprir as promessas feitas (Regra n° 9).

## **4.12 A comunhão fraterna me sirva de auxílio**

Não é sozinho que vou viver, mas apoiado no auxílio de muitos irmãos e irmãs que também sentem a alegria de participarem da caminhada evangélica, dos quais vou receber e aos quais darei o apoio necessário. Incorporado na Fraternidade Local, estarei mais intimamente ligado à Igreja e trabalharei na sua permanente reedificação e na sua

missão entre os homens. Unidos vamos conseguir a perfeição da caridade cristã que é a santidade (Regra n<sup>os</sup> 6, 22 e 24).

#### 4.13 Para conseguir a perfeição da caridade cristã

Esta é a meta que almejo, e vou alcançá-la com a graça de Deus, a intercessão dos santos e a ajuda dos irmãos e irmãs. Reconheço que sou imperfeito(a), pertenço a uma fraternidade imperfeita, mas busco com fé e perseverança, a perfeição da caridade (Regra n<sup>o</sup> 2).

#### REFLEXÃO ~~~~~

1. Qual o sentido, o valor da Profissão na OFS?
2. Você ainda tem dúvidas a respeito da Profissão?  
Qual?

#### VIVÊNCIA ~~~~~

1. Recordar as promessas batismais.
2. Viver no cotidiano, em todos os ambientes, a Profissão na OFS.

#### BIBLIOGRAFIA

BECKHAÜSER, Frei Alberto (OFM). O valor da profissão na OFS. Cadernos Franciscanos n<sup>o</sup> 6. A atualidade da OFS. CEFEPAL de Minas. 1985. Ritual da Ordem Franciscana Secular



## 34

# RITO DA PROFISSÃO DEFINITIVA

### RITO DE ENTRADA

**Presidente:** Em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo. **Todos:** Amém,

**Presidente:** A graça de nosso Senhor Jesus Cristo, o amor do pai e a comunhão do Espírito Santo estejam convosco.

**Todos:** Bendito seja Deus que nos reuniu no amor de Cristo.

### EXORTAÇÃO (feita por um irmão ou irmã)

Reunimo-nos em Fraternidade para participar do Sacrifício Eucarístico. Nesta celebração, vão professar definitivamente a vida evangélica, na Ordem Franciscana Secular, os irmãos e irmãs... (mencionar os nomes): Na ação de graças a ser elevada hoje ao Pai, por Cristo, temos este novo motivo de gratidão: o Dom que Ele concede a estes irmãos e irmãs, chamando-os a viver, no meio do mundo, o espírito das bem-aventuranças, e o Dom que Ele nos faz, enriquecendo a Fraternidade com novos membros. Chamados a seguir Cristo, que se ofereceu ao Pai como hóstia viva para a vida do mundo, somos instantaneamente convidados, e hoje de um modo especial, a unir a nossa oferta à oblação de Cristo.

### ATO PENITENCIAL

#### LITURGIA DA PALAVRA, CHAMADA DOS PROFESSANDOS

*(Após a proclamação do Evangelho faz-se a chamada dos(as) professandos(as))*

**Mestre(a) de Formação:** Apresentem-se os candidatos que vão fazer seu compromisso definitivo de vida evangélica.

*(É chamado cada um(a) pelo nome)*

*(O(a) professando(a), levantando-se e dando um passo à frente diz:)*

**Professando(a):** Vós me chamastes, Senhor, para a vida segundo o Santo Evangelho, à maneira de São Francisco de Assis. Eis-me aqui.

**Ministro(a):** Caríssimos irmãos e irmãs, qual é o vosso pedido?

**Professandos(as):** Pedimos a admissão à Profissão Definitiva da Regra da Ordem Franciscana Secular. A experiência do tempo de formação confirmou em nós a convicção de que o Senhor nos chama a viver o Evangelho seguindo os passos de São Francisco de Assis.

**Ministro(a):** A Fraternidade aceita o vosso pedido e une-se à vossa oração, para que o Espírito Santo confirme em vós a obra que Ele mesmo começou.

## HOMILIA

### DIÁLOGO

*(Terminada a homília, o(a) mestre(a) de formação convida os(as) professandos (as) a se levantarem)*

**Mestre(a):** Fiquem de pé os irmãos e irmãs que vão professar

*(O sacerdote interroga-os)*

**Presidente:** Irmãos e irmãs caríssimos, perante a Fraternidade aqui reunida e outros irmãos em Cristo, quereis abraçar aquela forma de vida evangélica que se inspira nos exemplos e nas palavras de Francisco de Assis e se apresenta na Regra da Ordem Franciscana Secular?

**Professandos(as):** Sim, eu quero.

**Presidente:** Chamados a dar testemunho do Reino de Deus e a edificar com os homens de boa vontade um mundo mais fraterno e evangélico, quereis ser fiéis a esta vocação e cultivar o espírito de serviço próprio dos franciscanos seculares?

**Professandos(as):** Sim, quero.

**Presidente:** Feitos membros do Povo de Deus pelo batismo, fortalecidos na Confirmação pelo novo Dom do Espírito, para que sejais testemunhas de Cristo pela vida e pela palavra, quereis ligar-vos mais intimamente à Igreja e trabalhar na sua permanente reedificação e na sua missão entre os homens?

**Professandos(as):** Sim, quero.

**Ministro(a):** A Fraternidade local é um sinal visível da Igreja e a Igreja é comunidade de fé e de amor. Vós prometeis colaborar com todos os irmãos e irmãs para que a Fraternidade seja um núcleo eclesial autêntico, uma comunidade franciscana viva.

## INVOCAÇÃO DA GRAÇA DIVINA

*(Os (as) professando(as)s tomam nas mãos suas velas, acendendo-as, se possível, no Círio pascal, mantendo-as acesas até o momento em que se aproximam para fazer a profissão diante do(a) ministro(a)),*

**Presidente:** Oremos

*(Os(as) professandos(as) se ajoelham, e o sacerdote diz:)*

Senhor, lançai o vosso olhar sobre estes vossos filhos e filhas e derramai em seus corações o Espírito do vosso amor, para que, ajudados pela vossa graça, possam guardar o compromisso de, nosso Senhor.

**Todos:** Amém

*(Os(as) professandos(as) se erguem, apagam as velas e diante do(a) Ministro(a) ladeado por duas testemunhas, individualmente lê a fórmula da Profissão).*

**Professando(a):** Eu, ... (*menciona o próprio nome*), tendo recebido do Senhor a graça de professar, renovo as minhas promessas do Batismo e me consagro ao serviço do seu Reino. Prometo, pois, viver no meu estado secular por todo tempo de minha vida, o Evangelho de Jesus Cristo na Ordem Franciscana Secular, observando a sua Regra. A graça do Espírito Santo, a intercessão da bem-aventurada Virgem Maria e de São Francisco e a comunhão fraterna me ajudem a conseguir a perfeição da caridade cristã.

**Ministro(a):** Graças a Deus! Como Ministro(a), eu te recebo nesta Fraternidade da Ordem Franciscana Secular. A tua incorporação é motivo de alegria e esperança para todos os irmãos e irmãs.

*(Emitida a profissão, o(a) neoprofesso(a) dirige-se ao altar, onde, assistido pelo(a) secretário(a) da Fraternidade, assina o livro.)*

**Presidente:** Em nome da Igreja, confirmo as vossas resoluções. O próprio Seráfico Pai vos exorta com as palavras do Testamento: “Se isto observardes sereis no céu cumulados com a bênção do altíssimo Pai, e sereis cumulados na terra com a bênção de seu dileto filho, em unidade com o Espírito Santo Paráclito, com todas as virtudes do céu e todos os santos”.

## ENTREGA DAS INSÍGNIAS

*(O sacerdote benze com o sinal da cruz o Crucifixo e o TAU, o neoprofesso se ajoelha diante do Sacerdote para recebê-los)*

**Presidente:** Recebe este emblema para seres assinalado pelo TAU dos eleitos e usa-o sempre como lembrete de tua conversão evangélica e distintivo externo entre os irmãos e irmãs.

*(O(a) Ministro(a) coloca o TAU no neoprofesso.)*

**Presidente:** Recebe a Cruz do Senhor como sinal da tua consagração batismal renovada. Ela seja o lembrete de que deves carregar a tua cruz todos os dias para viveres na graça até chegares à glória para sempre.

*(O professo beija o crucifixo)*

**Professo(a):** Assim seja!

## CONCLUSÃO

**Presidente:** Manifestamos nossa alegria por estes irmãos e irmãs que acabam de se unir definitivamente à Ordem. Saudai-vos em Cristo Jesus com a saudação franciscana de Paz e Bem!

*(Enquanto isso, entoa-se um canto apropriado)*

## ORAÇÃO DOS FIÉIS

**Presidente:** Invoquemos a Deus Pai, fonte de toda a santidade, para que, pelos exemplos e intercessão do bem-aventurado Francisco, nos conduza a uma vida santa.

**Leitor 01:** Pai santo, que tornastes vosso servo Francisco perfeito imitador do vosso Filho, fazei que também nós, seguindo seus passos, observemos fielmente o Evangelho de Cristo.

**Todos:** Nós vos rogamos, ouvi-nos.

**Leitor 02:** Pai santo, dirigi nossos passos pelo caminho da paz, mostrado a nós por nosso Pai Francisco, para que vivamos com sinceridade de coração, em espírito de obediência, no desprendimento dos bens materiais e na pureza do coração.

**Leitor 03:** Pai santo, que dispersais os soberbos e exaltais os humildes, fazer que sigamos o Pai seráfico na humildade.

**Leitor 04:** Pai santo, que assinalastes vosso servo Francisco com os sagrados estigmas da Paixão do Filho, ensinai-nos a gloriar-nos sempre com a verdadeira alegria da cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.

**Leitor 05:** Pai santo, que chamastes estes vossos filhos e filhas que hoje fizeram a sua Profissão definitiva, ao seguimento de Jesus Cristo, na escola de nosso Pai São Francisco, concedei-lhes a perseverança em sua vocação até o fim.

**Leitor 06:** Pai santo, que pelas preces do bem-aventurado pai Francisco concedestes o perdão aos pecadores, mostrai com bondade aos nossos irmãos falecidos a luz da vossa face.

**Presidente:** Eterno Deus onipotente, justo e misericordioso, concedei a nós míseros praticar por vossa causa o que reconhecermos ser a vossa vontade e querer sempre o que vos agrada, a fim de que, interiormente purificados, iluminados e abrasados pelo fogo do Espírito Santo, possamos seguir as pegadas de vosso Filho, nosso Senhor Jesus Cristo e por vossa graça unicamente chegar até vós, ó Altíssimo, que em Trindade perfeita e Unidade simples viveis e reinais na glória como Deus onipotente por toda a eternidade.

**Todos:** Amém

## LITURGIA EUCARÍSTICA

### RITOS FINAIS

*(Terminada a oração depois da comunhão, entoa-se o Magnificat).*

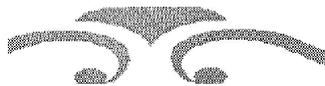
**Presidente:** O Senhor vos abençoe e vos guarde. **Todos:** Amém.

**Presidente:** O Senhor vos mostre a sua face e se compadeça de vós.  
**Todos:** Amém.

**Presidente:** O Senhor volte o seu rosto para vós e vos dê a paz.  
**Todos:** Amém.

**Presidente:** O Senhor vos abençoe, o Pai, o Filho e o Espírito Santo.  
**Todos:** Amém.

**Presidente:** Ide em paz e o Senhor vos acompanhe. **Todos:** Graças a Deus.







III

Temas  
Complementares



# Santa Clara



## APRESENTAÇÃO

Você tem em mãos uma brevíssima e muito simples biografia de Santa Clara. Ela não tem grandes pretensões. Não tem novidades. Não é para quem já conhece bem Santa Clara!

Pode servir também como uma pequena e muito limitada contribuição vocacional. O texto serve como primeiro encontro com Santa Clara.

Creemos que ela será útil neste sentido, porque já se apresenta algumas citações das Fontes Clarianas e até alguma literatura e estudos sobre ela. Nossa intenção é que isso desperte nos leitores a vontade de conhecê-la mais e procurar as Fontes e estudos mais completos.

Nossa intenção é apenas esta. Fazemos votos que o nosso trabalho consiga atingir essa meta muito despreziosa.

Frei Urbano Plentz, *(in memória)*



## 35

# A VIDA DE SANTA CLARA: Parte 1

## EXPOSIÇÃO

### 1 INFÂNCIA E JUVENTUDE DE CLARA

A cidade de Assis é uma pequena joia encravada na primeira encosta do monte Subásio. As casas, construídas com pedras naturais, de um belo tom rosado, dão-lhe uma característica muito própria. Foi nesta pequena cidade que, pelos anos de 1193 ou 1194, nasceu uma menina, a quem a cidade é grata até hoje. O motivo compreenderemos mais adiante.

Clara é filha de um casal da nobreza de Assis. Seu pai é Favarone de Ofredúcio, e sua mãe se chamava Hortolana. Eles moravam numa casa bonita, junto à Igreja de São Rufino, ao lado esquerdo de quem olha para a igreja. Mas a família tinha propriedades rurais, inclusive um castelo, nas redondezas de Assis.

A senhora Hortolana era piedosa e profundamente cristã. Fizera inclusive uma peregrinação à Terra Santa, antes da filha nascer. E também fora ao Santuário de São Miguel Arcanjo, no monte Gargano. E tinha também visitado as basílicas dos Apóstolos São Pedro e São Paulo, em Roma.

O pai, Favarone era militar graduado. Era de família com tradição entre os cavaleiros da nobreza. E, por isso, muitas vezes e em longos períodos, ausente de casa. Tinha que acompanhar a movimentação das tropas, especialmente em tempo de guerra.

Quando a mãe, Hortolana, estava chegando ao final do período da gravidez, já próxima de dar à luz, estava um dia orando diante do Crucificado, na igreja, para ser feliz no parto. De repente ouviu uma voz que lhe disse:

– Não temas, mulher, porque, salva, vais dar ao mundo uma luz, que vai deixar a própria luz mais clara” (LSC 2).

Hortolana ficou feliz e tranquila com estas palavras. E, de fato, o parto foi sem nenhuma complicação. Por isso a menina foi batizada com o nome de Clara, E o papa Alexandre IV, na Bula de Canonização, fez um belíssimo jogo de palavras com o nome de Clara. Infelizmente, na tradução é difícil manter a beleza do latim original: – “Clara, preclara por seus claros méritos, clareia no céu pela claridade de sua glória, e na terra pelo esplendor dos milagres sublimes” (BC, 2).

A mãe de Clara educou a filha com muito amor e carinho. Principalmente no amor para com Deus e para com o próximo. No entanto, não devemos formar uma ideia errada sobre a santidade da menina Clara. Ela foi meiga e carinhosa desde pequena, mas não foi santa caída do céu. A santidade é sempre uma conquista pessoal, colaborando com a graça de Deus. Há pessoas que são de fato generosas nesta colaboração desde pequenas. Isto, porém, não deve levar à ideia de que, desde crianças, já são santas quase perfeitas. É uma ideia errada de certos biógrafos exagerados.

Clara teve uma infância e adolescência normal, como as meninas da nobreza daquele tempo. O que sabemos é que sua mãe foi uma educadora da fé para as suas filhas. Também para as duas irmãs de Clara, Catarina e Beatriz. Ensinou a elas as verdades da fé, as orações mais simples, sobretudo o Pai nosso, e a ter carinho com os pobres.

O primeiro biógrafo de Santa Clara conta, que ela, já como adolescente, “privava seu próprio corpo dos alimentos mais delicados e, enviando-os às ocultas por intermediários, reanimava o estômago de seus protegidos. Assim cresceu a misericórdia com ela desde a infância e tinha um coração compassivo, movido pela miséria dos infelizes” (LSC, 3).

O mesmo biógrafo, Tomás de Celano também conta um detalhe sobre a oração de Clara-menina. Que “gostava de cultivar a santa oração... e como não dispunha de contas para repassar os Pai nossos, usava um monte de pedrinhas para numerar suas pequenas orações ao Senhor” (LSC, 4).

Clara teve também suas amiguinhas, com quem se divertia e a quem contava seus pequenos segredos e fazia suas confidências. Prin-

principalmente Bona e Pacífica Guelfúcio, duas irmãs que moravam no outro lado da praça.

Os pais começaram já a pensar no futuro da filha. Falaram-lhe de um casamento com um jovem da nobreza, à altura dessa “agraciada donzela” (LSC, 5) filha de cavaleiros. Mas ela nunca se entusiasmou com a ideia de casamento. Aos dezesseis ou dezessete anos já começava a pensar numa vida de entrega a Deus, como ouvia falar de outras moças da nobreza, e até princesas e rainhas. Eram os primeiros lampejos de uma vocação muito especial.

## 2 VOCAÇÃO DE CLARA

No fim de sua vida, a própria Clara vai dizer que a vocação é dos grandes dons que recebemos de Deus. “Entre outros benefícios que temos recebido, e ainda recebemos diariamente da generosidade do Pai de toda misericórdia... está a nossa vocação” (Test 2-3).

Mas Clara passou por um bem longo período de maturação e discernimento de sua vocação. O que é normal para a maioria dos jovens.

Inclusive também Francisco tivera um bem longo processo de ‘buscas, para definir sua vocação. A vantagem de Clara foi poder contar com a ajuda e orientação do jovem Francisco. Quando se começava a falar, em toda a Assis, sobre a inesperada conversão do filho de Pedro Bernadone, Clara contava com uns treze anos. E sentia vontade de conhecer mais de perto este jovem corajoso, que abandonara a riqueza, beijara um leproso e começava a pregar em Assis, até nas igrejas.

E, por sua parte, Francisco sentia uma estranha atração pela jovem Clara. Uma atração diferente, toda espiritual. Tentou encontrar-se com ela, para conversarem. “Ele a visitou, e ela o fez mais vezes ainda... O pai Francisco a exortava a desprezar o mundo, mostrando com vivas expressões que a esperança do século é seca e sua aparência enganadora. Instilou (Insinuou) em seu ouvido o doce sponsal com Cristo” (LSC, 5).

Desde esse momento começou a nascer uma amizade toda especial entre os dois. Uma amizade profunda, diferente. Uma amizade que não dá para entender dentro dos critérios humanos. “É difícil separar os nomes de Francisco e Clara. Há entre eles uma coisa profunda, que

não dá para compreender, senão através dos critérios da espiritualidade franciscana, cristã e evangélica; que não pode ser compreendida com os critérios humanos” (João Paulo II, 12/03/82).

Francisco teve um papel decisivo na vocação de Clara. Ela sabia que sua família nunca compreenderia essa vocação. E que iria opor-se totalmente ao desígnio de Deus em sua vida. Por isso não havia possibilidade para falar sobre o assunto em casa. Assim o papel do amigo foi decisivo.

Então Francisco e Clara combinaram que ela fugiria de casa. Era praticamente a única solução. Mais ainda, sabendo que a família já tinha feito planos para o casamento dela, não aprovariam outra ideia!

A jovem Clara já tinha agora quase dezoito anos. Sua decisão estava tomada. Francisco havia conversado com o bispo de Assis sobre o caso. Ele concordara plenamente com o plano dela de consagrar-se totalmente a Deus. E que Francisco a receberia, em nome da Igreja, para viver “segundo a forma do santo Evangelho”.

O plano todo estava pronto. Seu biógrafo, Tomás de Celano, conta como tudo aconteceu. “Aproximava-se a solenidade de Ramos, quando a jovem, de fervoroso coração, foi ter com o homem de Deus, para saber o que e como devia fazer para mudar de vida. Ordenou-lhe o pai Francisco que, no dia da festa, bem vestida e elegante, fosse receber a palma no meio da multidão e que, de noite, deixando a casa paterna, trocasse o gozo mundano pelo luto da paixão do Senhor. Quando chegou o domingo, a jovem entrou na igreja com os outros, brilhando na festa no grupo das senhoras. Aconteceu então um presságio: os outros se apressaram a ir pegar os ramos, mas Clara ficou parada em seu lugar e o bispo desceu os degraus, aproximou-se dela e colocou-lhe a palma nas mãos. De noite, dispondo-se a cumprir a ordem do santo, empreendeu a ansiada fuga em discreta companhia. Não querendo sair pela porta habitual, com as próprias mãos abriu outra, obstruída por pesados troncos e pedras, com uma força que lhe pareceu extraordinária. E assim, abandonando o lar, a cidade e os familiares, correu à Santa Maria da Porciúncula, onde os frades, que diante do altar de Deus faziam uma santa vigília, receberam com tochas a virgem Clara. Nesse lugar ...deu ao mundo o libelo de repúdio: com os cabelos cortados pela mão dos frades, abandonou seus ornatos variados” (LSC, 7-8).

Logo em seguida Francisco levou a jovem Clara ao mosteiro das monjas beneditinas de São Paulo, de Bastia. De lá ela se mudou, poucos dias depois, para o mosteiro de Santo Angelo de Panzo. Mas nem aí “encontrou a plena paz; então a conselho do bem-aventurado Francisco, mudou-se para a igreja de São Damião” (LSC 10). Ai encontrou a sua “gruta do silêncio” onde passou toda sua vida, até a morte. O pequeno mosteiro, conforme Francisco havia profetizado, quando reformou a igreja, tornou-se um centro de oração e contemplação silenciosa. Um grupo de cinquenta irmãs reuniu-se ao redor de Clara, que foi a mãe, formadora e guia segura de suas filhas espirituais. Por insistência de seu pai e “plantador”, aceitou ser a abadessa do mosteiro e foi, por sua personalidade forte e tranquila ao mesmo tempo, que soube conduzir as Irmãs para formarem uma verdadeira fraternidade, unida no amor e no silêncio contemplativo.

## REFLEXÃO

---

1. Por que Clara recebeu este nome?
2. O que Clara diz sobre vocação?

## VIVÊNCIA

---

1. Tomando como exemplo a atitude de Clara, procure firmar-se nas suas convicções e transmitir segurança e fé aos que lhe são próximos.  
Você já viveu uma situação em que teve de desobedecer a alguém a quem devia obediência? A atitude de fidelidade a Deus e a sua consciência diante de situações de conflito, demonstram diante de nós mesmos e de outros, nossa grande dignidade de filhos de Deus. Como Clara, procure ver como está sua maturidade nesse aspecto e ajude também os outros no seu crescimento interior.



## 36

# A VIDA DE SANTA CLARA: Parte 2

## EXPOSIÇÃO

### 1 O HOMEM PROPÕE DEUS DISPÕE

É muito conhecido o provérbio dizendo que «o homem propõe e Deus dispõe». Quer dizer que muitas vezes, nós planejamos alguma coisa, mas Deus entra no plano e o derruba. Foi o que se deu na família de Clara. Haviam planejado para ela um futuro, de acordo com os planos humanos da família. Mas Deus entrou no meio e atraiu Clara para um plano bem diferente. Mas os familiares não aceitaram o plano de Deus sobre o futuro dela. Não se conformaram com a ideia de perderem a chance de um casamento brilhante para ela e, assim, aumentarem o sucesso da família entre a nobreza de Assis. E não ficaram somente na não aceitação do fato. Tomaram providências imediatas: “Mal voou a seus familiares a notícia, eles, com o coração dilacerado, reprovaram a ação e os projetos da moça. Juntaram-se e correram ao lugar para tentar conseguir o impossível. Recorreram à violência impetuosa, ao veneno dos conselhos, ao agrado das promessas, querendo convencê-la a sair dessa baixeza, indigna de sua linhagem e sem precedentes na região. Mas ela segurou as toalhas do altar e mostrou a cabeça tonsurada, garantindo que jamais poderiam afastá-la do serviço de Cristo... e os parentes, derrotados, se acalmaram” (LSC, 9).

E, apenas dezesseis dias depois, a família teve outro choque. A irmã de Clara, Catarina, seguiu o mesmo caminho, foi também viver a sua consagração a Deus. Francisco a recebeu e trocou o nome dela, chamando-a de Inês.

Os familiares de Clara e Inês, mais furiosos ainda, foram “com doze homens acesos em fúria”, para trazê-la de volta. E um daqueles homens lançou-se sobre ela e a esmurrou com socos e pontapés. Então os outros também ajudaram, arrastando-a pelos cabelos. Ela suplicou à irmã Clara: “Ajude-me, irmã querida, não deixem me separarem de Cristo Senhor” (LSC, 25).

No entanto aqueles homens seguiram arrastando Inês pela rua. Aí chegaram ainda alguns trabalhadores do campo para ajudar a puxar a moça. Mas, de repente, o corpo dela ficou tão pesado que aqueles homens todos não a aguentaram mais. Então, decepcionados e em tom de brincadeira, foram dizendo: “Passou a noite comendo chumbo, não é de admirar que esteja tão pesada” (LSC, 26).

Vendo que nada conseguiam, desistiram e, derrotados, voltaram para casa. E “quando eles se retiraram, amargados pelo fracasso da empresa, Inês levantou-se jubilosa e, já gozando da cruz de Cristo, por quem travara essa primeira batalha, consagrou-se para sempre ao serviço divino. Então o bem-aventurado Francisco a tonsurou com as próprias mãos e, junto com sua irmã, instruiu-a nos caminhos do Senhor” (LSC, 26).

O exemplo de Clara foi muito forte. Influenciou muitas moças de todas as camadas sociais, a entrarem para a vida religiosa. Muitas da alta nobreza, até princesas e rainhas, foram viver a vida reclusa. “Foram os homens para as Ordens e as mulheres para os mosteiros. A mãe convidava a filha para Cristo, a filha à mãe; a irmã atraía as irmãs e a tia às sobrinhas. Todas, com fervorosa emulação (sentimento que as estimulava a imitar Clara), desejavam servir a Cristo. Todas queriam uma parte nessa vida angélica que Clara fez brilhar” (LSC, 10).

Arrastada por essa onda de entusiasmo, a graça de Deus tocou ainda o coração da irmã mais nova de Clara, Beatriz. Ela também se fez “clarissa”. E, por fim; a própria mãe dela, Hortolana, seguiu o mesmo caminho.

Assim se compreende o rápido crescimento da comunidade de São Damião. Em pouco tempo chegaram a uma comunidade de cinquenta irmãs. O exemplo da vida de Clara impressionava e atraía irresistivelmente a muitas pessoas.

## 2 . FRANCISCO E CLARA

Francisco e Clara são duas pessoas tão profundamente ligadas, que não é possível falar de uma sem a outra. Tornou-se conhecida a expressão: almas gêmeas. Eles viveram uma união tão profunda, que até hoje os autores escrevem sobre essa amizade, praticamente sem compreendê-la. Uns exageram, e imaginam entre os dois um estranho “amor platônico”, outros acham que foi uma espécie de “namoro espiritual romântico,” e outros, finalmente, percebem neles um trabalho maravilhoso da graça, difícil de ser expresso em palavras.

Os estudos mais recentes retomaram o tema da amizade entre Francisco e Clara. E todos eles acentuam o mistério do Espírito Santo, claramente presente nesta união espiritual entre os dois. Um dos autores mais conhecidos diz: -“Existia, entre Francisco e Clara, um amor profundo, cordial, nobre, ardente, inspirado pelo Espírito de caridade (ágape). Um ama o outro intensamente “no Espírito”, num amor que, sem perder nada de sua riqueza humana, havia-se acendido em seus corações, desde o primeiro instante, pelo toque da graça” (Optato v. Asseldonk, “Affetto, Amicizia”, em *Lettera e lo Spirito*, II 188-189).

Estão surgindo outros estudos além do que aqui citamos. Os autores, praticamente todos, falam sobre a amizade entre Francisco e Clara. No entanto, não surgiu muita novidade sobre o assunto. Todos acabam chegando à mesma conclusão: - a amizade entre Francisco e Clara é, essencialmente, um trabalho da graça de Deus. Não é possível explicá-la em categorias humanas.

O Papa João Paulo II é quem talvez tenha falado de maneira mais simples e, por isso, de maneira mais profunda sobre o assunto: “É verdadeiramente difícil separar estes dois nomes: Francisco e Clara. Estes dois fenômenos: Francisco e Clara. Estas duas legendas: Francisco e Clara. É difícil separar os nomes de Francisco e Clara. Há entre eles alguma coisa profunda, que não dá para compreender senão através dos critérios de espiritualidade franciscana, cristã e evangélica, que não pode ser compreendida com os critérios humanos. O binômio Francisco e Clara é uma realidade que só se compreende através de categorias

crists, espirituais, celestes; mas   também uma realidade desta terra, desta cidade, desta Igreja” (João Paulo II, 12/3/82).

Francisco e Clara são um dos exemplos mais eloquentes de amizade, em toda a história da Igreja. Amavam-se profundamente, para se plenificarem virginalmente. Sem um deles, a espiritualidade franciscana estaria incompleta. Só se entende plenamente a figura de Clara na visão franciscana da vida; e só se compreende plenamente Francisco na espiritualidade vivida por Clara. Francisco viveu a dimensão masculina do carisma franciscano; e a plenitude deste carisma s  aconteceu com a contribui o feminina de Clara.

“São Francisco era um homem de paz; Santa Clara foi por excelência uma mulher de ora o... Francisco e Clara são exemplos de paz: com Deus, consigo mesmo, com todos os homens e mulheres deste mundo” (João Paulo 11,27/10/86).

## REFLEXÃO

---

1.   luz do texto, como você responderia: por que, nos dias atuais a Igreja tem tão poucas voca es leigas, religiosas e sacerdotais?
2. Como e com que podemos contribuir para o surgimento de voca es na Igreja, na Família Franciscana?

## VIVÊNCIA

---

1. Viva fielmente suas amizades, respeitando a individualidade de cada pessoa, sem apossar-se e ver  quantas riquezas espirituais o Senhor lhe conceder . Mostre a quem você conhece a riqueza de uma amizade sincera, com atitudes coerentes.



## 37

# A VIDA DE SANTA CLARA: Parte 3

## EXPOSIÇÃO

### 1 CLARA: MÃE E IRMÃ

Os primeiros dias de sua vida de entrega a Deus, Clara os passou em dois mosteiros de beneditinas: primeiro em São Paulo de Bastia e, depois, em Santo Angelo de Panzo. Mas não foi por muito tempo. Ela não se sentiu “em casa” em nenhum desses dois mosteiros. Neles “não encontrou a paz, por isso mudou-se, finalmente para a Igreja de São Damião, a conselho do bem-aventurado Francisco” (LSC, 10).

São Damião tornou-se o pequeno espaço geográfico, onde Clara se encontrou na paz com Deus, onde encontrou o deserto para seu silêncio e onde ela preparou o canteiro místico de sua Ordem. Nesse canteiro a primeira “plantinha” foi ela mesma. Ao redor dela floresceu uma fraternidade, que iluminou a Igreja e o mundo. Parece até impossível que, de dentro dessa pequena casa, o mundo inteiro percebesse que uma luz nova saía de lá: “Esta luz ficava fechada no segredo do claustro, mas emitia raios brilhantes para fora. Recolhia-se no estreito convento, e se espalhava pelo amplo mundo. Guardava-se lá dentro, emanava para fora. Pois Clara se escondia, mas sua vida se manifestava: Clara se calava, mas sua fama clamava; trancava-se na cela e era conhecida pelas cidades afora” (BC, 12 a 14-).

Ao redor de Santa Clara foi crescendo, rapidamente, a sua fraternidade de Irmãs. Irmãs que eram, para ela, a delicadeza do dom de Deus. Cada Irmã era recebida como mais uma graça, pois era o Espírito que as chamava e as fazia nascer neste pequeno rebanho de São Damião.

A casa, em si, era pequena e secundária, o mais importante era a fraternidade, que crescia constantemente em número. Clara era a “mãe” que acolhia e formava as Irmãs que vinham; a “irmã” que convivía e se alegrava com elas; a “serva” que não se cansava de ajudá-las. Ela mesma se auto denomina de “serva, irmã e mãe” (BCL, 6).

Clara criou em São Damião, uma forma de vida ao seu estilo próprio. Era bem diferente do modo de vida existente nos outros mosteiros daquele tempo. A sua fraternidade era democrática e alegre. Aconselho de Francisco, Clara aceitou o título de “abadesa”, mas não para estar acima das irmãs e mandar. Ela era sempre a “mãe” solícita e a “irmã” carinhosa com todas as suas irmãs.

Para a abadesa Clara, não havia diferença entre Irmã Hortolana (sua mãe carnal) e Irmã Inês (sua irmã carnal) e todas as outras irmãs. Ela mesma é «mãe e irmã» de todas, independente da origem delas. O que ela via em cada uma delas era a vocação que Deus suscitara nelas. A mesma vocação as tornava plenamente iguais, quer viessem de família nobre ou bem pobre: – “Se uma mãe ama e nutre sua filha carnal, quanto mais diligentemente deve uma Irmã amar e nutrir sua irmã espiritual” (RSC, VIII,16).

Portanto, sem ter planos de fundadora, mas sempre dócil às inspirações do Espírito Santo, Clara criou uma realidade nova na vida monástica daquele tempo. Pode-se dizer que ela criou uma nova modalidade de vida religiosa contemplativa, deslocando seu lugar geográfico para a fraternidade. E a fraternidade é estruturada numa base democrática, dentro de um contexto social monárquico. A Regra diz que a abadesa pode até ser deposta: – “Se alguma vez parecer à totalidade das Irmãs que a abadesa não é suficiente para o serviço e a utilidade comum delas, as referidas Irmãs sejam obrigadas a eleger, o quanto antes, uma outra, para ser a abadesa e mãe” (RSC, IV,7).

O que garante a firmeza dessa nova estrutura não é primeiramente, um conjunto de leis. É o verdadeiro amor fraterno. A abadesa será “mãe, irmã e serva”; todas as Irmãs serão “esposa, mãe e irmã do Senhor Jesus Cristo” (1 In 12).

Para Clara, a boa vida fraterna é o fundamento e a garantia de uma boa vida religiosa. “Para ela, a vida fraterna é critério de verdade da própria oração e, ao mesmo tempo, premissa para a oração... A caridade é base para tudo, para a oração, para o silêncio, para a pobreza material, para a penitência e para a clausura” (Clara de Assis, Mulher Nova, 52)

## 2 CLARA: MULHER FEITA ORAÇÃO

Quando Clara entrou em São Damião, mergulhou na experiência do silêncio. E entrou no silêncio, não porque se fechou. Justamente porque se abriu, Abriu-se plenamente a Deus e ao mundo. O silêncio é necessário para conseguir profundidade interior em sua própria vida. E é necessário para buscar a intimidade com Deus. Deus não está na agitação e no barulho; ele vem e fala no silêncio e com a linguagem do silêncio. “O coração da oração de Clara é o silêncio” (“Entern” Dietrich Coelde Verlag, 1978).

Quem estuda a vida de Clara, compreende logo que a sua grande lição de vida é a vida de oração e contemplação. “Ela foi uma mulher de oração intensa” (ZAVALLONI, 1993). Mesmo encerrada em São Damião, sua luz brilhou para fora dos muros do mosteiro. Brilhou pelo mundo afora.

Clara é contemplativa por vocação. “A contemplação é a essência da sua vida, é a razão de ser da sua existência, vive só para ser de Deus e com Deus. Mas isso não exclui o outro aspecto da experiência de Francisco, o apostolado, o comunicar aos outros a riqueza do amor que a arrastou. No entanto, de maneira diferente do que o fez Francisco” (MARINI, 1992).

Era muito viva em Clara, a sua consciência apostólica. Evidentemente, um apostolado em sentido bem especial. Sempre unida, ela e suas irmãs, a Francisco e seus irmãos. “O apostolado de Clara não é itinerante pelo mundo; o seu apostolado é o da oração, é o falar a Deus sobre seus irmãos, e é ajuda a todos que a rodeiam” (MARINI, 1992).

Pode-se fazer uma comparação entre Francisco e Clara. Vale dizer: Francisco é contemplativo na ação; Clara é ativa na contemplação!

Nem Francisco e nem Clara eram pessoas para comporem um manual de oração e contemplação. Ambos ensinam por sua vida. O próprio Papa diz, na Bula de Canonização, que “a sua vida era instrução e doutrina para as outras. Nesse livro da vida as outras aprenderam a regra do bem viver. Nesse espelho da Vida as Irmãs contemplaram os caminhos da vida” (BC, 10).

O autor da Legenda (vida) de Santa Clara explica bem como era a vida de oração que Clara levava. E explica também como ela influenciava e formava suas Irmãs para a mesma atitude de oração: “Rezava muito tempo com as suas Irmãs... E depois que elas iam repousar...ela mesma ficava rezando, ...Muitas vezes, prostrada em oração, com o rosto em terra, regava o chão com suas lágrimas e o acariciava com beijos: parecia ter sempre o seu Jesus entre as mãos, derramando aquelas lágrimas em seus pés, que ela beijava” (LSC, 19).

O mesmo biógrafo também explica que os efeitos da oração eram visíveis em seu rosto. E isto era uma lição viva para as Irmãs: “Quando voltava toda alegre, da santa oração, trazia, do fogo do altar do Senhor, palavras ardentes, que acendiam também os corações das Irmãs. Admiravam a doçura que vinha da sua boca e o rosto parecendo mais claro que de costume” (LSC, 20).

Clara é considerada, na literatura espiritual, uma das grandes mestras da vida mística, Sua vida, como diz muito bem o Papa Alexandre IV, “era um livro, em que as irmãs aprenderam a regra do bem viver”. E vários autores lembram o silêncio de Clara como a sua melhor lição de vida, tanto para o século XIII como para o nosso tempo atual: “Se Clara não tivesse apresentado, em sua vida, nenhuma outra coisa além do silêncio e quietude transparente, e sua solidão orante, então, sem dúvida nenhuma, já teria cumprido uma missão significativa e teria representado um sinal enorme; ela colocou sua mão numa ferida grave do nosso tempo, desse tempo que está doente em seu coração e com seu barulho. E a mulher silenciosa de São Damião, Irmã Clara, indica o silêncio, e indica o coração de todo o silêncio, a oração” (MARINI, 1992).

E podemos concluir, tranquilamente com Gabriele Marini, parafraseando Tomás de Celano: “Clara já não era mais uma mulher que rezava, mas a própria mulher feita oração.”

## REFLEXÃO ~~~~~

1. Como ela influenciava e formava as irmãs para a oração?
2. Como ela vai te influenciar e formar para a vida de oração?

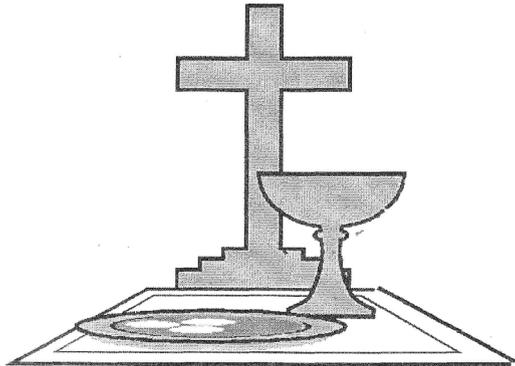
## VIVÊNCIA ~~~~~

1. A exemplo de Santa Clara cultivar a oração silenciosa.
2. Viva de modo que sua vida sirva à glória de Deus.

## BIBLIOGRAFIA

MARINI, G. *Chiara d'Assisi*. Ed. Porziuncola, 1992.

ZAVALLONI, Roberto. *“La personalit  de Chiara d'Assisi”*. Ed. Antonianun, 1993.





## 38

# A VIDA DE SANTA CLARA: Parte 4

## EXPOSIÇÃO

### 1 CLARA TRAZ A IGREJA EM SEU CORAÇÃO

No tempo de Santa Clara a Igreja viveu um período difícil, de grande decadência. E muitos movimentos, que surgiram nesta época, se colocaram em atitude de rejeição à Igreja. Fizeram-no por críticas e atitudes negativas.

Clara optou pela única atitude válida para quem ama a Igreja. Renovou radicalmente a sua própria vida e esperou pacientemente pela renovação da própria Igreja, que vem sempre de baixo para cima.

E no século XIII, com influência decisiva de Francisco e Clara a Igreja toda se renovou. Sem que nenhum dos dois fizesse uma única crítica. A nova Igreja, pelo contrário, foi fruto do amor de Francisco e Clara e seus seguidores,

Clara, em sua Regra, faz uma corajosa profissão de fé pela Igreja: “Clara, serva indigna de Cristo e plantinha do bem-aventurado Francisco, promete obediência e reverência ao senhor Papa Inocêncio e aos seus sucessores, canonicamente eleitos, e à Igreja Romana” (RSC, I, 3).

E termina a sua Regra reafirmando a sua firme adesão de fé à Igreja de Cristo: -- “Sempre submissas e subordinadas aos pés da mesma santa Igreja, firmes na fé católica, observemos para sempre a santa pobreza e humildade de Nosso Senhor Jesus Cristo e de sua santíssima Mãe e o Santo Evangelho, que firmemente prometemos” (RSC XII, 13).

Mas o desafio mais difícil para Clara foi outro. Quando ela iniciou a sua forma de vida, em São Damião, seguia uma pequena “regra

de vida”, dada por Francisco. Esta pequena Forma de Vida não fora submetida à aprovação pontifícia. Nem Francisco e nem Clara tinham pressa para essa garantia jurídica.

No entanto, em 1215, surgiu uma dificuldade inesperada. A Igreja convocou e realizou um concílio universal, o quarto Concílio do Latrão. Nele tornou-se uma decisão séria: de que agora em diante, se fosse feita uma nova fundação, esta não podia escrever uma nova Regra. Devia adotar uma Regra já existente e aprovado.

Ora, a forma de vida de Clara ainda não fora aprovada. Portanto, ela precisou adotar uma Regra já existente. E adotou a Regra das monjas beneditinas.

Aí começou a grande luta de Clara. Ela queria ser fiel à sua espiritualidade franciscana, mas sem ser infiel à Igreja. Por isso tomou logo uma primeira providência: pediu ao Papa um documento para poder viver a “medula” da sua forma de vida, recebida de Francisco. Pediu o famoso *Privilégio da Pobreza*. Era para ter direito de viver “sem propriedade nenhuma, aderindo em tudo aos passos daquele que por nós se fez pobre e é o Caminho, a Verdade e a Vida” (PrivIn. 3).

O Papa, em nome da Igreja, aprovou-lhe este “Privilégio da Pobreza”. Assim ela podia continuar observando a Regra beneditina, sem deixar de ser franciscana. Mas continuou lutando até o fim de sua vida, para conseguir que a Igreja lhe aprovasse a sua Regra própria.

A santa sustentou, corajosamente, esta luta, desde 1215 até 1253. Na antevéspera de sua morte o Papa Inocêncio aprovou a sua Regra. Foi sua grande vitória final.

Clara foi absolutamente fiel a Francisco, na vivência do seu carisma; e foi plenamente obediente à Igreja, esperando e lutando pela confirmação do seu ideal. Ela sempre viu a inspiração em Francisco, e a instituição no Papa. Conseguiu a façanha inimaginável de não trair o ideal franciscano e de não falhar em sua fidelidade filial à Igreja.

## 2 CLARA VOLTA À CASA DO PAI

A verdadeira sabedoria de vida nos ensina a viver bem e a bem morrer. Vida e morte são dois momentos que se interpenetram cons-

tantemente. A vida humana é mortal desde o princípio, e a morte é vital até o fim. Tanto o viver como o morrer é aprendido na própria experiência da vida.

Clara soube viver intensamente todas as experiências de sua vida. Soube ser sempre alegre: – “Clara vivia sempre alegre no Senhor, e jamais era vista perturbada; a sua vida era toda angélica” (PC Testemunha, 6).

Mesmo durante os períodos de seus jejuns prolongados, passando as segundas, quartas e sextas feiras sem comer nada, não perdia a expressão alegre do seu rosto– “Ficava sempre de cara festiva e alegre em suas mortificações, parecendo que não sentia ou que se ria dos apertos corporais” (LSC 18).

A grande provação de sua vida, realmente uma cruz pesada, foi a doença que a prostrou por 29 anos no seu leito de dor. Com pouco mais de trinta anos a doença apareceu e não a deixou mais. Também esta cruz ela soube carregar com coragem e serenidade. “Mesmo na doença, Clara não deixou de pensar nos outros; sua atenção não se concentrou em si mesma e em suas dores, mas conservou-se tranquila” (ZAVALLONI, 1993).

Os biógrafos, desde Tomás de Celano, se perguntam qual teria sido a doença ou doenças que Clara teve. Uma resposta muito exata, até hoje, é difícil. Geralmente, em tese, os autores concordam com Celano, que as mortificações muito duras enfraqueceram o seu corpo e lhe diminuíram a resistência, Com isso tornou-se presa fácil da doença (LSC 17).

O que admira é que, apesar de estar limitada e presa à sua cama, continuou sendo animadora da fraternidade de São Damião. Orientava e formava as suas irmãs, era-lhes apoio e força nos momentos difíceis e até curou várias Irmãs doentes, traçando o sinal da cruz sobre elas.

No início ela mesma chegou a ter receio de que viesse a morrer antes do próprio “pai e fundador”, São Francisco. Mas Deus ainda lhe confiou uma longa missão depois da morte de São Francisco. Restava a grande batalha de sua vida: conseguir aprovação de sua Regra. Esta confirmação da sua “forma de vida”, o Papa lhe concedeu dois dias antes de sua morte, em 1253.

Em reconhecimento por esta sua grande vitória, as Irmãs fizeram logo uma cópia da Regra e enterraram Clara junto com o texto original da mesma, que enrolaram em seu manto. E só em 1893, quando o seu corpo foi exumado, descobriu-se o original da Regra, no meio de suas roupas.

A morte de Clara foi edificante e tranquila. O seu biógrafo conta tudo em detalhes: – “Sabendo que ela tivera uma piora na doença, o Cardeal Reinaldo correu de Perusa para visitá-la... Alimentou a enferma com o sacramento do Corpo do Senhor... De repente juntou-se nova fraqueza a seus membros sagrados, gastos pela velha doença, indicando sua próxima chamada para o Senhor e lhe preparando o caminho da salvação eterna.”

O próprio Papa, Inocêncio IV, foi também visitar a serva de Cristo, junto com os seus cardeais... Ela pediu ao sumo Pontífice, com rosto angelical, a remissão dos seus pecados... Quando o momento da morte chegava, ela se volta para si mesma e diz, baixinho, à sua alma: “Vai segura, que você tem boa escolta para o caminho. Vai, porque aquele que a criou, também a santificou e, guardando-a sempre como uma mãe guarda o filho, amou-a com terno amor. Bendito sejais, Senhor, porque me criastes” (LSC, 46).

No dia 11 de agosto de 1253 Clara partiu para a casa do Pai. “No dia seguinte a São Lourenço, aquela alma muito santa foi receber o prêmio eterno: dissolveu-se o templo da carne e o espírito foi feliz para o céu” (LSC, 46).

E no dia 12 realizou-se o enterro, presidido pelo Papa, junto com toda a sua corte pontifícia. Houve urna grande multidão participando da celebração fúnebre. Para o povo Clara já era «a santa»!

Com efeito, apenas dois anos depois, no dia 15 de agosto de 1255, o Papa Alexandre IV celebrou a solene canonização de Clara, colocando-a na lista dos santos da Igreja.

## FRANCISCO E CLARA

Francisco nasceu rico, num berço de ouro. Clara nasceu nobre da alta nobreza de Assis.

Francisco sonhava tornar-se herói na cavalaria. Clara é filha querida de um nobre cavaleiro.

Francisco compunha e cantava em francês como um trovador.  
Clara é “Madonna” sonhada e cantada por poetas e nobres senhores.  
Francisco se encontra com Deus no caminho da vida beijando um leproso. Clara se encontra com Cristo em sua ternura com os fracos e pobres.  
Francisco se torna modelo acabado de contemplação.  
Clara se torna a lâmpada acesa em silêncio em São Damião.  
Francisco é pai que planta a roseira no Reino de Deus.  
Clara é a bela plantinha que cresce no místico chão desse Reino.  
Francisco se torna o “arauto do grande Rei”.  
Clara se torna “espelho e líder de muitas e santas mulheres”.  
Francisco, chagado e pobre, se torna a cópia viva do Cristo.  
Clara, a esposa de Cristo, se torna um vivo sacrário da Eucaristia.  
Francisco, o santo, se torna o modelo dos Frades Menores.  
A vida de Clara é sempre um livro aberto para as filhas que a seguem.  
Francisco e Clara são almas gêmeas para sempre inseparáveis,  
Francisco e Clara comprovam a santa unidade do gênero humano.

## REFLEXÃO

---

1. Como Clara demonstrou seu amor pela Igreja e pelo ideal franciscano?
2. Por que Clara pediu o Privilégio da Pobreza?

## VIVENCIA

---

1. Na reunião, invocar uns sobre os outros a bênção de Santa Clara.
2. Visitar as Irmãs Clarissas levando-lhes presentes, se possível, mas procure manter amizade com elas.

## BIBLIOGRAFIA

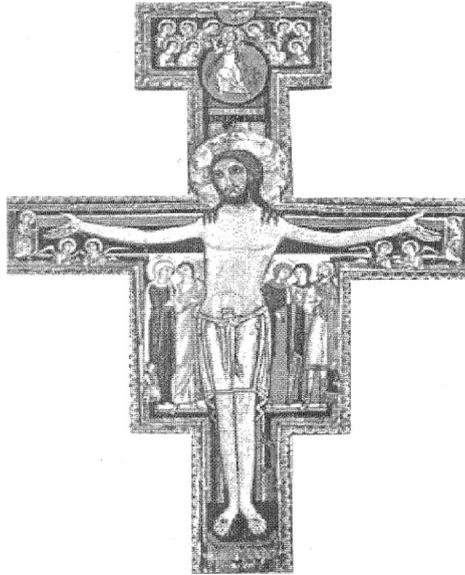
ZAVALLONI, Roberto. “La personalidad de Chiara d’Assisi”. Ed. Antonianun, 1993.





39

## CRUCIFIXO DE SÃO DAMIÃO



### EXPOSIÇÃO

Não há dúvida de que a experiência de São Damião foi um dos marcos mais importantes da conversão de São Francisco,

Foi aí que ele se surpreendeu com esse Cristo luminoso e fez a primeira oração que conhecemos: “Altíssimo e glorioso Deus, iluminai as trevas do meu coração, dai-me uma fé reta, esperança certa, caridade perfeita, bom senso e conhecimento, Senhor, para que eu cumpra o vosso santo e verdadeiro mandamento.”

Foi em São Damião que ele recebeu a missão de “restaurar a Igreja”,

Menos conhecido é o fato de que ele passou longos períodos enfiado na cripta que havia nesse tempo na igreja. Ele dizia a um amigo que ia procurar um tesouro.

Nessa cripta ele teve uma experiência decisiva. A de sentir dentro dele “um espírito novo, que o levava a orar ao Pai.”

Teve um duro trabalho de pedreiro para “restaurar” São Damião e, por isso, ia à cidade pedir pedras de esmola. Santa Clara conta que, um dia, quando trabalhava em São Damião, ele se sentiu todo tomado pelo Espírito do Senhor, subiu a uma parede e começou a cantar em francês. Quando se juntaram os pobres da redondeza, ele pediu ajuda para construir o mosteiro de São Damião, onde iriam viver umas mulheres de vida santa, cujo exemplo seria uma luz para toda a Igreja.

Foi aí que ele acolheu Clara e suas Irmãs, cuidando da sua “plantinha” e trocando muitas experiências de Deus com essa Irmã santa.

Aí ele fez o sermão das cinzas. Aí doente e assistido por Santa Clara, ele acabou ditando o “Cântico de Frei Sol”, além do cântico “Ouvi, pobrezinhas”.

Clara formou nesse local um novo estilo de vida religiosa, teve uma experiência profunda do Crucificado, escreveu sua Regra, Testamento, Bênção e Cartas. Dai partiu para a casa do Pai, em agosto de 1253 (Frei José Carlos Pedroso).

O Crucifixo de São Damião é um tesouro franciscano, Foi através dele que Jesus falou: “Francisco reconstrói a minha Igreja”, uma artista desconhecida natural da Urbria pintou o crucifixo no século XII.

Ele foi pintado em um pano que foi colado sobre a madeira (no-gueira). Tem 1,9m de altura, 1,2 m de largura e 12 cm de espessura. O mais provável é que ele foi pintado para ser colocado sobre o altar da Igreja de São Damião.

Em 1257 as Clarissas deixaram a Igreja de São Damião e foram para a de São Jorge levando o crucifixo com elas. A cruz cuidadosamente conservada por todos esses anos, foi mostrada ao público pela primeira vez, na semana santa de 1957, sobre o novo altar da Capela de São Jorge na Basílica de Santa Clara de Assis.

## **A FIGURA, DO CRISTO**

A figura central do ícone é o Cristo, não só pelo seu tamanho, mas também por ser o Cristo a figura luminosa que domina a cena e transmite luz para as demais figuras. “Eu sou a luz do mundo; aquele que me segue não andar­á em trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12). Os olhos de Jesus estão abertos: Ele olha para o mundo que salvou. Ele vive e é eterno. A veste de Jesus é um simples pano sobre o quadril – um símbolo tanto de Sumo Sacerdote como de Vítima. O tórax e o pescoço são muito fortes. Atrás dos braços esticados do Cristo está seu túmulo vazio, representado pelo retângulo preto.

### **O MEDALHÃO E O ESCRITO EMBAIXO**

A ascensão é retratada no círculo vermelho: Cristo está saindo dele segurando uma cruz dourada que, agora é seu símbolo de realeza. As vestimentas são douradas, um símbolo de majestade e vitória. A estola vermelha é um sinal de sua autoridade e dignidade suprema exercidas no amor. Anjos lhe dão boas-vindas no Reino dos Céus. IHS são as três primeiras letras do nome de Jesus. NAZARÉ é o Nazareno.

### **A MÃO DO PAI**

De dentro do semicírculo, na extremidade mais alta da cruz, Ele, que nenhum olho viu, se revela numa bênção. Esta bênção é dada pela mão direita de Deus com o dedo estendido.

### **A VIDEIRA MÍSTICA**

Em torno da cruz há ornamentos caligráficos que podem significar a videira mística, “Eu sou videira, vós os ramos.” (Jo 15,5), e faz relação com “ninguém tem mais amor do que aquele que dá a sua vida por seus amigos” (Jo 15,13). Na base da cruz há algo que parece ser uma pedra – o símbolo da Igreja. As conchas do mar são símbolos de eternidade – um mistério guardado no vasto e infinito mar da eternidade nos é revelado.

## MARIA E JOÃO

Como no Evangelho de São João, Maria e João são colocados lado a lado. O manto de Nossa Senhora é branco significando vitória (Ap 3,5), purificação (Ap 7,14) e boas obras (Ap 19,8). As pedras preciosas no manto dizem respeito às graças do Espírito Santo.

O vermelho escuro usado indica intenso amor, enquanto o vestido interno na cor purpúrea lembra a Arca da Aliança (Ex 26,1-4). A mão esquerda de Maria está no rosto retratando a aceitação do amor de João, e sua mão direita aponta para João, enquanto seus olhos proclamam a aceitação das palavras de Cristo “mulher, eis aí teu filho” (Jo 19,26). O sangue goteja em João neste momento. O manto de João é cor de rosa que indica sabedoria eterna, enquanto a túnica dele é branca – pureza. A posição dele é entre Jesus e Maria, o discípulo amado por ambos. Ele está olhando para Maria, aceitando as palavras de Jesus “eis aí tua mãe” (Jo 19,27).

## NÚMEROS

Há trinta e três figuras no ícone: duas imagens de Cristo, uma mão do Pai, cinco figuras maiores, duas figuras menores, catorze anjos, dois desconhecidos nas mãos de Jesus, um menino pequeno, seis desconhecidos ao fundo da Cruz e um galo. Há trinta e três cabeças em torno da cruz, dentro das conchas, e sete ao redor da auréola.

## AS OUTRAS FIGURAS MAIORES

### *Maria Madalena*

Que era considerada por Jesus de uma forma muito especial, está junto à cruz. Sua mão está no seu queixo indicando um segredo “Ele ressuscitou”. Sua veste tem cor escarlata, que simboliza o amor e seu manto azul intensifica este símbolo.

### *Maria de Cleófas*

Usa vestes de cor marrom símbolo de humildade e o seu manto verde claro é esperança. Sua admiração por Jesus é demonstrada no gesto de suas mãos,

### *O Centurião de Cafarnaum.*

Ele segura um pedaço de madeira na mão esquerda representando sua participação na construção de uma sinagoga (Lc 7,1-10). A criança ao lado é o seu filho curado por Jesus. As três cabeças atrás do menino mostram “e creu tanto ele, como toda a sua casa” (Jo 4, 45-54). Tem três dedos estendidos, símbolo da Trindade, e os outros dois fechados, simbolizando o mistério das duas naturezas de Jesus Cristo (divina e humana). “Este homem era verdadeiramente o Filho de Deus” (Mc 15,39).

### **AS FIGURAS MENORES**

#### *Longinus*

O soldado romano que feriu o lado de Jesus com uma lança.

#### *Estefanio*

A tradição dá este nome ao soldado que ofereceu a Jesus uma esponja encharcada com vinagre após Ele ter dito “tenho sede” (Jo 19, 28-30).

### **OS SANTOS DESCONHECIDOS**

Embaixo dos pés de Jesus há seis santos desconhecidos que estudiosos afirmam serem São Damião, São Rufino, São Miguel, São João Batista, São Pedro e São Paulo, todos patronos de Igrejas na área de Assis. São Damião era o patrono da Igreja que alojou a cruz e São Rufino o patrono de Assis, Essa parte da pintura está muito danificada e não permite uma adequada identificação.

### **OS ANJOS ATÔNITOS**

Há dois grupos de anjos animadamente discutindo as cenas que se desenrolaram diante deles. “Com efeito, de tal modo Deus amou o mundo, que lhe deu seu Filho único, para que todo o que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna” (Jo 3,16).

### **O SEPULCRO**

Como foi mencionado anteriormente, atrás de Cristo está seu túmulo aberto. Cristo está vivo e venceu a morte. O vermelho do amor supera o negro de morte.

Os gestos de mãos indicam fé, a fé dos santos desconhecidos. Seriam Pedro e João junto ao sepulcro vazio? (Jo 20,3-9).

### O GALO

Em primeiro lugar, a inclusão do galo recorda a negação de Pedro, que depois chorou amargamente. Em segundo, o galo proclama o novo despertar do Cristo ressuscitado, Ele que é a verdadeira luz (1Jo 2,8). “Mas sobre vós que temeis o meu nome, levantar-se-á o Sol de Justiça que traz a salvação em seus raios» (Malaquias 3,20).

### O FORMATO DA CRUZ

O formato tradicional da cruz foi alterado para permitir ao artista a inclusão de todos aqueles que participaram da Paixão de Jesus Cristo.

### REFLEXÃO

---

1. Sabendo que o Cristo do Crucifixo de São Damião foi o que falou com Francisco, comente o episódio.
2. Das diferenças com as outras imagens do Crucificado em relação ao Crucifixo de São Damião, o que julga mais importante observar?

### VIVÊNCIA

---

1. Leia e medite o texto da LM 2,1 e a Oração da São Francisco diante do Crucifixo de São Damião.  
E porque o servo do Altíssimo não tinha nestas coisas nenhum mestre a não ser o Cristo, a clemência, deste ainda, como acréscimo, visitou-o na suavidade da graça. Pois, num certo dia, saindo a meditar no campo (Gn 24,63), ao andar por perto da igreja de São Damião, que devido à excessiva velhice ameaçava ruir, e como - instigando-o o Espírito - tivesse entrado nela para rezar, prostrado, diante da imagem

do Crucificado, enquanto rezava, ficou repleto de não pouca consolação do espírito. E, como com olhos lacrimosos estivesse atento à cruz do Senhor, ouviu com seus ouvidos corporais uma voz vinda (2Pd 1,17) da própria cruz que dizia por três vezes: “Francisco, vai e restaura minha casa que, como vês, está toda destruída!” Francisco, a tremer, como estivesse sozinho na igreja, fica estupefato por ter ouvido tão admirável voz e, percebendo com o coração a força da palavra divina, fica fora de si, entrando em êxtase. Voltando finalmente a si, prepara-se para obedecer, recolhe todas as forças ao mandato de restaurar a igreja material, embora a principal intenção da palavra se referisse àquela (Igreja) que Cristo adquiriu com seu sangue (At 20,28), como o Espírito Santo o instruiu e ele depois revelou aos irmãos (LM 2,1).

## BIBLIOGRAFIA

FRADES Franciscanos Capuchinhos da Austrália. Tradução de Cid Roberto Alves. *Revista Cavaleiro da Imaculada*, v. 20, n. 9, p. 253, out. 1998.

PEDROSO, Frei José Carlos (OFM Cap.). *O crucifixo de São Damião*. Piracicaba, SP: Centro Franciscano de Espiritualidade, 1998.

Texto preparado pelo Irmão Jim Cronly OFM Cap 1995.





## 40

# A BÊNÇÃO DE SÃO FRANCISCO E A SAUDAÇÃO FRANCISCANA DE PAZ E BEM

### EXPOSIÇÃO

#### 1 A BÊNÇÃO DE SÃO FRANCISCO

São Francisco deu a “bênção” a Frei Leão no Monte Alverne, depois de ter sido elevado à união mística com Jesus crucificado.

O companheiro mais íntimo do seráfico pai sentia-se desanimado e tentado. O Senhor revelou isto a São Francisco e este disse a Frei Leão: “Traz-me pergaminho e tinta (2Jo 12), porque quero escrever as palavras do Senhor e os seus louvores, que meditei em meu coração (SI 78,7). Trazidas imediatamente as coisas que pedira, ele escreve de próprio punho os louvores de Deus e as palavras que quis e, por fim, a bênção para o irmão, dizendo: “Recebe este pergaminho para ti (Gn 28,2) e guarda-o diligentemente até o dia de tua morte.” Imediatamente é expulsa toda tentação; a carta é conservada e posteriormente fez coisas admiráveis (2Cel 49).

Este documento se conserva até hoje e nele se vê aquela fórmula de bênção que Deus, segundo Números 6,24-26, ditou a Moisés para ser usada pelos sacerdotes.

“O Senhor te abençoe e te proteja.

Mostre-te a sua face e se compadeça de ti.

Volva para ti o seu rosto e te dê a paz.”

Em vez de uma assinatura, São Francisco riscou um TAU, e acrescentou: “Frei Leão, o Senhor te abençoe”.

Na bênção há uma alusão ao Mistério da Santíssima Trindade. É o Pai a quem se atribui a bênção e a proteção do mal.

É o Filho que mostrou a sua face na encarnação e se compadeceu de nós derramando o seu preciosíssimo Sangue Redentor.

E o Espírito Santo que volve para nós o seu rosto, comunicando-nos a graça e a paz.

Os franciscanos valorizam essa bênção e sempre a usam, não só por ser uma tradição, mas porque São Francisco estava sempre pronto para abençoar e são inúmeros os textos que nos mostram esta atitude (1Cel 68, 108 e 109; 2Cel 45, 137, 155, 178, 208, 211 e 216 e outros).

## 2 DEUS É A FONTE DE TODA BÊNÇÃO

Deus é a fonte de toda bênção e porque nos ama nos abençoa fazendo-nos participantes de sua vida. Com este ato de amor mostra sua bondade em amparar o homem em suas necessidades. O homem, por sua vez, bendiz a Deus e invoca a sua graça para si e para todas as coisas.

Toda bênção se refere primeiro a Deus e depois aos homens ou às coisas. Deus nos abençoa, nos santifica, e nós o glorificamos por sua bondade. A maior bênção de Deus para os homens foi ter enviado seu filho Jesus Cristo. É por ele que recebemos todos os benefícios de Deus-Pai.

## 3 A SAUDAÇÃO FRANCISCANA

É difícil dizer quando a fórmula «Paz e Bem» foi introduzida como saudação. Faz parte da tradição franciscana, pois, literalmente, não se encontra nos escritos de São Francisco. No capítulo terceiro da Regra dos Frades Menores, encontramos o seguinte, ao tratar do modo dos irmãos irem pelo mundo: “Ao entrarem em qualquer casa digam antes: Paz a esta casa!” E no testamento Francisco diz: “Como saudação, revelou-me o Senhor que disséssemos: “O Senhor te dê a paz!” Os frades são chamados a serem mensageiros de paz, de maneira afável e mansa para com todos.

## 4 BEM

E o Bem? Não é difícil extrair este elemento da vida e dos ensinamentos de São Francisco.

Mais do que qualquer outro, Francisco descobriu e cultuava a Deus como o Bem. Em suas orações, vemos que ele contempla dois aspectos em Deus: a grandeza ou majestade e o bem. Lembremos, aqui, o início do Cântico das Criaturas: “Altíssimo, Onipotente, Bom Senhor, teus são o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.”

Nos Louvores a Deus, depois de proclamar o Deus que opera maravilhas, o Deus forte, grande, altíssimo. Rei onipotente, Pai santo, Rei do céu e da terra, Francisco introduz e desenvolve o tema do Bem: “Vós sois o Bem, o Bem universal, o sumo Bem. Senhor e Deus vivo e verdadeiro!” E desdobra de múltiplas formas, o tema do Bem.

No Ofício da Paixão, ao final das Orações de Louvor a serem recitadas em todas as Horas Canônicas, ele expressa, magistralmente, sua compreensão de Deus como o Bem: “Onipotente, santíssimo, altíssimo e soberano Deus, que sois todo o bem, o sumo bem, a plenitude do bem, que só vós sois bom, nós vos tributamos todo o louvor, toda a glória, toda a ação de graças, toda a exaltação e todo o bem!”. Sem apresentar todas as passagens, onde Francisco fala de Deus como o Bem, gostaria de mencionar um trecho do capítulo 17 da Regra Não Bulada, onde se fala dos pregadores: “Atribuíamos ao Senhor Deus altíssimo todos os bens; reconheçamos que todos os bens lhe pertencem; demos-lhe graças por tudo, pois dele procedem todos os bens. E ele, o altíssimo e soberano, o único e verdadeiro Deus, os possui como sua propriedade. E a ele se dê toda honra e reverência, todo louvor e exaltação, toda ação de graças e toda glória. Ele, a quem pertence todo bem, e que “só ele é bom” (Lc 18,19). De nossa parte, quando vemos ou ouvimos alguém amaldiçoar, abençoemos; fazer o mal, façamos o bem; blasfemar, louvemos o Senhor, que é bendito por toda a eternidade. Amém.

## 5 A MÍSTICA DA SAUDAÇÃO FRANCISCANA

Eis a mística da saudação franciscana: Abençoar, fazer o bem, na imitação de Deus, na imitação de Cristo. Ser reflexo do bem, que é Deus, para todos os homens, seus irmãos. O franciscano, religioso ou secular, é chamado a viver o Evangelho como irmão ou irmã. Os irmãos e irmãs amam-se, fazem-se o bem, desejam o bem uns aos outros. Querem fazer o bem a exemplo de Jesus Cristo, seu irmão maior, que nos deu exemplo. Daí, a mensagem dos irmãos e irmãs franciscanos mais pela vida e ação do que pela palavra. “Paz e Bem!” Eu te desejo o Bem, todo o Bem que é Deus e o bem que procede de Deus. A paz! Sim, a paz verdadeira provém de Deus. É a salvação em Cristo Jesus, Esta paz, expressa-se na confraternização de todos os homens. Por isso, os irmãos e irmãs, franciscanos seculares, desde a primeira geração andavam desarmados: eram mensageiros da paz entre os homens.

## 6 A PAZ E O BEM NA REGRA E CONSTITUIÇÕES GERAIS

Os temas da Paz e do Bem estão muito presentes e como que resumem a REGRA DA OFS.

Viver em Cristo constitui o verdadeiro bem. A partir do número 12, mostra-se como os irmãos e irmãs podem ser o bem para o próximo: “Testemunhas dos bens futuros e obrigados, pela vocação que abraçaram a adquirir a pureza de coração, tornar-se-ão livres para o amor de Deus e dos irmãos”. Como? Acolhendo a todos (núm. 13), construindo um mundo mais fraterno no exercício competente das próprias responsabilidades, no espírito cristão de serviço (núm. 14), na promoção da justiça (núm. 15), estimando o rito cristão de serviço (núm. 16), vivendo o espírito franciscano de paz, de fidelidade e respeito à vida na família (núm. 17), no respeito às outras criaturas animadas e inanimadas (núm. 18).

Tudo isso é promover a paz, por isso o número 19 diz: “Como portadores da paz e conscientes de que ela deve ser construída, incessantemente, procurem os caminhos da unidade e do entendimento fraterno, mediante o diálogo, confiando na presença do germe divino que existe no homem e na força transformadora do amor e do perdão”.

1. A paz é obra da justiça e fruto da reconciliação e do amor fraterno. Os franciscanos seculares são chamados a ser portadores de paz na própria família e na sociedade:

- a) procurem propor e difundir ideias e atitudes pacíficas;
- b) desenvolvam iniciativas próprias e colaborem, individualmente e como Fraternidade, com as iniciativas do Papa, das Igrejas particulares e da Família Franciscana;
- c) colaborem com os movimentos e as instituições que promovem a paz no respeito aos seus autênticos fundamentos (Regra 19).

2. Embora reconhecendo o direito, tanto pessoal quanto nacional, à legítima defesa, tenham apreço pela opção daqueles que, por objeção de consciência, se recusam a «portar armas».

3. Para salvaguardar a paz na família, os irmãos, no devido tempo, façam o testamento dos seus bens (CCGG 23).

Assim, os irmãos e irmãs serão todos portadores de alegria e esperança.

Quando, então, os franciscanos se saúdam ou saúdam os outros com a saudação “Paz e Bem”, querem desejar tudo isso aos outros e se comprometem a ser realmente, no mundo, instrumentos da Paz e do Bem.

## REFLEXÃO

---

1. Por que Deus é a fonte de toda a bênção?
2. Leiam, reflitam e conversem a respeito do artigo 23 das CCGG da OFS.

## VIVÊNCIA

---

1. Decorar a bênção de São Francisco para invocá-la sobre os irmãos e irmãs nas reuniões da Fraternidade e sobre outras pessoas, quando for o caso.  
Habitue-se a saudar os irmãos e irmãs, desejando-lhes Paz e Bem



## 41

# PRINCIPAIS FESTAS DA ORDEM FRANCISCANA SECULAR

Na vida da Igreja e na vida da Família Franciscana há várias datas significativas que devem ser comemoradas de forma especial, e se possível nas reuniões da Fraternidade, pois revitalizam nossa fé e alegram nosso coração.

Eis algumas das principais festas para os franciscanos seculares:

## JANEIRO

**04 - Bem-Aventurada Ângela de Foligno** (Religiosa, da Ordem III).

Ângela nasceu na Úmbria em 1248. Deixando as vaidades do mundo, às quais por tempos se entregara, professou na Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência, levando consigo outras senhoras. Distinguiu-se por seu fervoroso amor a Deus, e ao próximo, sobretudo aos pobres, e por sua humildade, paciência e pobreza. Cumulada por Deus de dons celestes, entregou-se com extremos de piedade à contemplação dos mistérios da vida de Cristo, deixando alguns escritos de apreciada doutrina espiritual, pelos quais mereceu ser chamada de “Mestra dos Teólogos”. Morreu em Foligno, no ano de 1309.

**30 - Santa Jacinta de Mariscotti** (Virgem, da Ordem III).

Jacinta, de nobre família romana, nasceu perto de Viterbo, em 1585. Tendo professado ainda muito jovem na Ordem Terceira de São Francisco, descuidou-se por algum tempo do cumprimento de suas obrigações. Na convalescença de uma doença grave, caiu em si e aban-

donou de vez todas as vaidades do mundo. E castigando desde então seu corpo com aspérrima penitência entregou-se inteiramente a obras de caridade, merecendo que Deus a ornasse com dons celestes. Morreu em Viterbo, no ano de 1640.

## FEVEREIRO

**19 - São Conrado de Placença (Eremita, da Ordem III).**

Nascido em Placença, por motivo de um acidente durante uma caçada, vendeu tudo o que tinha e com sua esposa despediu-se do mundo. Tendo vestido o hábito da Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência, partiu para a Sicília, onde, por quase quarenta anos viveu uma vida de santidade e pobreza. Morreu em 1351.

## MARÇO

**02 - Beata Inês de Praga (Virgem, da Ordem II).**

Inês, filha de Premislau, rei da Boêmia, nasceu em Praga, pelo ano de 1205. Tendo recusado o casamento com o imperador, professou em 1236 entre as Clarissas do mosteiro que havia fundado e do qual por muitos anos foi abadessa. Santa Clara, que lhe consagrou singular amizade, escreveu-lhe várias cartas sobre assuntos de perfeição seráfica. Morreu entre os anos de 1280 e 1283.

## ABRIL

**16 - Profissão de São Francisco - Renovação devocional da Profissão,**

**28- Bem-Aventurado Luquésio (Bem-aventurado, Ordem III).**

Luquésio, nascido em Castro Bonício, na Etrúria, exercia a profissão de comerciante. Iluminado pela graça divina, distribuiu seus bens aos pobres, e, conforme a tradição, foi o primeiro a vestir o hábito da Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência. Brillou por sua caridade para com o próximo, pelo espírito de pobreza, por sua humildade e austeridade de vida, Morreu quase octogenário, pelo ano de 1260.

## MAIO

### 16 - *Santa Margarida de Cortona (Ordem III)*

Nasceu em Laviano, na Toscana, em 1247. Amasiada na juventude com certo homem, com ele viveu nove anos em Montepulciano. Tendo ele morrido, retirou-se para Cortona, vestiu o hábito da Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência e sob a orientação espiritual dos Frades Menores encetou novo caminho. Exercendo as obras de caridade, principalmente para com os doentes, e para melhor poder tratá-los, atraiu a si outras companheiras fundou um hospital; em tudo, porém, insistiu no espírito de oração, no jejum e nas piedosas meditações. Com zelo cultivou as virtudes da humildade e pobreza. Distinguiu-se por admirável amor para com o mistério da Eucaristia e a paixão de Jesus Cristo. Morreu a 22 de fevereiro de 1297.

### 28- *Santa Maria Ana de Jesus Paredes (Virgem, da Ordem III),*

Nasceu em Quito, no Equador, em 1614. Muito jovem e órfã de pai e mãe, consagrou-se a Deus na virgindade, mas não podendo entrar num mosteiro, entregou-se totalmente à oração, jejuns e outros exercícios de piedade. Admitida na Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência, de ânimo alegre e bondoso, dedicou-se a obras de caridade na ajuda e proteção dos índios e dos negros. Morreu no dia 24 de maio de 1644.

## JUNHO

### 13 - *Santo Antônio de Pádua (Presbítero e Doutor da Igreja, da Ordem I)*

Nasceu na cidade de Lisboa, em Portugal, no final do século XII. Professou entre os Cônegos regulares de Santo Agostinho, passando, pouco depois da ordenação sacerdotal, para os Frades Menores, a fim de se dedicar à pregação da fé entre os povos da África. Pregando com grande fruto na França e mais tarde na Itália, converteu muitos hereges e foi o primeiro a ensinar Teologia aos irmãos de sua Ordem. Escreveu sermões cheios de doutrina e unção. Morreu em Pádua no ano de 1231.

**24 - Aniversário da aprovação e confirmação da Regra da OFS em 1978, pelo Papa Paulo VI,**

**30 - Beato Raimundo Lula (Mártir, da Ordem III).**

Raimundo Lulo nasceu pelo ano de 1235, na cidade de Palma da ilha Maiorca, nas Baleares. Abandonando tudo o que é da terra, entrou na Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência. Inflamado de zelo pelas almas, tratou da fundação de um colégio em sua pátria, para a conveniente formação de missionários. Escreveu sobre quase todas as disciplinas humanas, sendo chamado de “Doutor Iluminado”. Tendo feito uma viagem para Bugia, na África, foi encarcerado e depois de muitos maus tratos, foi apedrejado. Recolhido, quase exânime, por um navio, expirou quando aportava à ilha de Maiorca, aos 29 de junho de 1315.

## JULHO

**15 São Boaventura, (Bispo e Doutor da Igreja, da Ordem I)**

Nasceu pelo ano de 1218, em Bagnoregio na Etrúria. Estudou Filosofia em Paris. Laureado Mestre, ensinou os seus confrades da Ordem dos Menores com grande competência e proveito. Eleito Ministro Geral de sua Ordem governou-a com sabedoria e prudência. Feito cardeal-bispo de Albano morreu em Lyon, na França, no ano de 1274. Escreveu muitas obras sobre assuntos de Filosofia e Teologia e uma biografia de São Francisco.

**30 - São Leopoldo Mandic (Presbítero, da Ordem I).**

Leopoldo Mandic nasceu em Castelnuovo de Cátaro na Iugoslávia, no dia 12 de maio de 1866. Morreu em Pádua, na Itália no dia 30 de julho de 1942. Entrou para a Ordem dos Frades Menores Capuchinhos e sendo ordenado sacerdote, passou 40 anos no confessionário com heróico sacrifício. Ofereceu-se a Deus como vítima para o retorno dos irmãos orientais à unidade da Igreja. Foi beatificado pelo Papa Paulo VI no dia 2 de maio de 1976.

## AGOSTO

### 02 - *Santa Maria dos Anjos da Porciúncula.*

O Seráfico Pai São Francisco, por uma singular devoção à Santíssima Virgem, consagrou especial afeição à capela de Nossa Senhora dos Anjos ou da Porciúncula. Aí deu início à Ordem dos Frades Menores, preparou a fundação das Clarissas e completou o curso dos seus dias sobre a terra. Foi também aí que o Santo Pai alcançou a célebre Indulgência da Porciúncula que os Sumos Pontífices confirmaram e estenderam a outras igrejas franciscanas. Para celebrar tantos e tão grandes favores ali recebidos de Deus, instituiu-se esta Festa Litúrgica, como aniversário da consagração da pequenina ermida.

### 11 - *Santa Clara de Assis* (Virgem, da Ordem II).

Clara nasceu em Assis, no ano de 1193. Era de família nobre. Tomando conhecimento da conversão de Francisco, desejou viver como ele. Revestida por ele do hábito da penitência, na Porciúncula, retirou-se depois para o mosteiro de São Damião, onde, orientada por São Francisco, fundou a Ordem II. Levou uma vida de pobreza heróica e oração constante. Ela realizou com suas Irmãs o ideal contemplativo de São Francisco. Após longa enfermidade, faleceu aos 11 de agosto de 1253. Seu corpo se conserva intacto, exposto em uma urna de vidro, na Basílica construída em sua homenagem, em Assis.

### 14 - *São Maximiliano Maria Kolbe* (Presbítero, da Ordem I).

Maximiliano Maria Kolbe, que no batismo recebera o nome de Raimundo, nasceu em Zdunska Wola, na Polônia, em 1894. Ainda jovem, entrou na Ordem dos Frades Menores Conventuais. Completou seus estudos filosóficos e teológicos em Roma. Ainda não sacerdote, voltou à Polônia, onde exerceu por algum tempo o múnus pastoral. Partiu, depois, como missionário para o Japão. Após diversos anos de atividade missionária, voltou à Polônia, onde fundou a cidade da Imaculada. Feito prisioneiro na Segunda Guerra Mundial foi levado, ao campo de concentração de Auschwitz, onde, em supremo ato de amor, deu sua

vida em troca da de um pai de família, seu companheiro de prisão. Morreu a 14 de agosto de 1941. Foi beatificado por Paulo VI em 1971 e canonizado por João Paulo II no dia 10 de outubro de 1982.

**25 - São Luís, Rei da França** (Padroeiro da Ordem III).

Nascido em 1214, foi feito rei da França aos 22 anos de idade. Casando, teve 11 filhos, aos quais ele mesmo deu ótima educação. Distinguiu-se pelo espírito de penitência e de oração, e por um grande amor pelos pobres. No seu governo, cuidou não apenas da paz dos povos e do bem temporal dos súditos, mas ainda do bem espiritual. Realizou expedições para a libertação do sepulcro de Cristo e morreu perto de Cartago, no ano de 1270.

## SETEMBRO

**1º Domingo - Dia do Assistente Espiritual da OFS no Brasil. 04 - Santa Rosa de Viterbo** (Virgem, da Ordem III).

Santa Rosa, nascida em Viterbo, no ano de 1223, abraçou ainda adolescente a Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência. Distinguiu-se pela pureza de vida, no exercício da caridade para com próximo e no zelo da fé e da piedade cristãs. Morreu em sua cidade natal aos 06 de março e seu corpo foi trasladado a 04 de setembro de 1258 para a igreja de Santa Maria das Rosas, que ficou sendo chamada também, por causa do seu nome, de igreja de Santa Rosa. Padroeira da JUFRA.

**17 - Impressão das Chagas de nosso pai São Francisco.**

O seráfico pai Francisco, desde o início de sua conversão, dedicou-se de uma maneira toda especial à devoção e veneração do Cristo crucificado, devoção que até a morte ele inculcava em todos por palavras e exemplo. Quando, em 1224, Francisco se abismava em profunda contemplação no Monte Alverne, por um admirável e estupendo prodígio, o Senhor Jesus imprimiu-lhe no corpo as chagas de sua paixão. O Papa Bento XI concedeu à Ordem dos Menores, que todos os anos, neste dia celebrassem a memória de tão memorável prodígio, comprovado pelos mais fidedignos testemunhos.

**26 - Santo Elzeário de Sabran e Bem-Aventurada Delfina** (Cônjuges, da Ordem III).

Elzeário, nascido na França, conde de Ariano de Herpinos, casou com Delfina de Glandéves, com quem, segundo se diz, viveu em perfeita virgindade. Entrou com a esposa na Ordem dos Irmãos e Irmãs da Penitência, ilustrando-a com suas exímias virtudes. Partilhavam generosamente com os pobres suas abundantes riquezas, preocupados ao mesmo tempo com a vida de oração e boas obras. Elzeário morreu em Paris, a 27 de novembro de 1323, e Delfina, perto da cidade francesa de Apt, a 26 de novembro de 1358.

## OUTUBRO

### **03 - Celebração do Trânsito de São Francisco.**

Um dia a irmã morte virá nos visitar como visitou a Francisco de Assis. Francisco estava muito doente, hospedado na casa do bispo de Assis. Quando seu estado se agravou, pediu que o conduzissem a Santa Maria dos Anjos a fim de exalar ali o seu último suspiro, onde vinte anos antes recebera tão abundantemente os dons do Espírito. “Correndo alegremente ao seu encontro, convidava-a com hospitalidade: ‘Bem-vinda seja minha irmã, a morte!’”. Tendo completado em si mesmo todos os mistérios de Cristo, voou feliz para Deus” em 3 de outubro de 1226.

### **04 - Nosso seráfico pai São Francisco**

(Diácono, Fundador de Três Ordens).

Nasceu em Assis, no ano de 1182. Ainda na juventude, converteu-se, renunciou aos bens paternos e entregou-se inteiramente a Deus. Tendo abraçado a pobreza, levou uma vida evangélica, pregando a todos o amor de Deus. Aos que o seguiram, formou-os com sábias normas, aprovadas pela Sé Apostólica. Deu início também a uma Ordem de religiosas e a uma Ordem de penitentes inseridos no mundo, bem como à pregação entre os infiéis.

**06- Santa Maria Francisca das Cinco Chagas** (Virgem, da Ordem III)

Maria Francisca nasceu em Nápoles, no ano de 1734. Vestindo o hábito da Ordem Terceira de São Francisco, castigava seu corpo com jejuns, vigílias e outras penitências. Com imensa caridade, socorreu aos pobres e doentes. Manifestou grande devoção à Mãe de Deus e brilhou pela humildade. Adormeceu no Senhor aos 6 de outubro de 1791.

**20- Beato Contardo Ferrini** (Ordem III).

Contardo Ferrini nasceu em Milão, a 04 de abril de 1859. Tendo entrado na Ordem Terceira de São Francisco ainda adolescente, conseguiu aliar à ciência humana, a sabedoria dos santos. Foi brilhante em seus escritos e magistério e mais ainda na integridade de costumes, na piedade, humildade e pobreza de espírito e na caridade para com o próximo. Morreu em Suna, junto ao lago de Verbano, a 17 de outubro de 1902.

**23 - São Pio de Pietrelcina** (Presbítero da Ordem I)

Pio de Pietrelcina, humilde frade capuchinho, durante cerca de cinquenta anos, viveu e realizou, no Convento de São João Rotondo, a sua consagração religiosa a Deus, quase exclusivamente na contínua, divina e fervorosa oração e no ministério da Reconciliação, acompanhando e dirigindo os fiéis, que procuravam o autêntico caminho da perfeição e da santidade cristãs. Faleceu em setembro de 1968, deixando duas grandes obras: os “Grupos de Oração” e a “Casa Alívio do Sofrimento” universalmente conhecida pelas suas benemerências no campo humanitário e social.

**25- Beato Frei Galvão** (Presbítero da Ordem I)

Frei Antonio de Sant’Anna Galvão nasceu em Guaratinguetá, Estado de São Paulo, Brasil, em 1739. Em 1760 entrou para o noviciado na Província Franciscana da Imaculada Conceição no convento de São Boaventura do Macacu na Capitania do Rio de Janeiro. Ordenado sacerdote aos 11 de julho de 1762, foi transferido para o convento de São Francisco em São Paulo. Em 1774 fundou o Recolhimento de

Nossa Senhora da Conceição da Divina Providência, hoje Mosteiro da Imaculada Conceição da Luz, das Irmãs Concepcionistas. Cheio do espírito de caridade, não media sacrifícios para aliviar os sofrimentos alheios.

Em 23 de dezembro de 1822 adormeceu no Senhor no Mosteiro da Luz em São Paulo e foi sepultado na Capela Mor da Igreja do Mosteiro. Foi beatificado pelo Papa João Paulo II em 25 de outubro de 1998.

## NOVEMBRO

*17 - Santa Isabel da Hungria (Padroeira da Ordem III).*

Filha de André, rei da Hungria, nasceu em 1207. Muito jovem ainda foi dada em casamento a Luís, landgrave da Turíngia, e dele teve três filhos. Dedicada à meditação das realidades celestes e tendo, depois da morte do marido, abraçado a pobreza, mandou construir um hospital, onde ela mesma servia os enfermos, pois sua principal característica foi o amor aos pobres, Morreu em Marburgo, no ano de 1231.

*25 Comemoração de todos os falecidos da Ordem Seráfica*

*29 - Comemoração de todos os Santos e Santas da Ordem Seráfica.*

## DEZEMBRO

*08 - Festa da Imaculada Conceição, Rainha e Protetora da Ordem Seráfica.*

### NOTA:

Cada membro da OFS deve conhecer esses dados importantes de sua Fraternidade:

Aniversário de fundação \_\_\_\_\_

Padroeiro(a) \_\_\_\_\_

Data da Festa \_\_\_\_\_

## REFLEXÃO ~~~~~

1. Como você celebra as festas franciscanas? O que elas significam em sua vida?
2. As festas franciscanas são celebradas por sua Fraternidade? Se não o são como você poderá contribuir para que isso possa mudar?

## VIVÊNCIA ~~~~~

1. Celebrar com a Fraternidade as datas festivas mais importantes do calendário franciscano.





## 42

# OS SISTEMAS POLÍTICOS E ECONÔMICOS

### EXPOSIÇÃO

Não é lícito aumentar a riqueza dos ricos e o poder dos fortes, confirmando a miséria dos pobres e tornando maior a escravidão dos oprimidos.

Numa sociedade em desenvolvimento, as riquezas não devem ficar nas mãos de um grupo, fazendo crescer a classe privilegiada. Os bens da Nação devem ser distribuídos para todos.

Existem várias políticas porque existem vários interesses. Mas, num país de poucos ricos e muitos pobres, acaba existindo somente a política que interessa à minoria. A elite quer continuar no poder e a maioria precisa se organizar para mudar a situação. A maioria resiste, reclama, pressiona e luta. As comunidades procuram se capacitar, se organizar, fazer propostas, cobrar, fiscalizar e denunciar. Os grandes não gostam da voz do povo. Mas o que os vence é a ação organizada do povo.

O ambiente de complexidade do mundo globalizado e dos sistemas políticos e econômicos que nele interagem, fornece o panorama para a discussão dos desafios que teremos que enfrentar no tocante à provisão e gestão das políticas sociais, dentre os quais se destaca, particularmente, a necessidade de se promover o desenvolvimento social.

## 1 OS SISTEMAS POLÍTICOS E ECONÔMICOS NO BRASIL

Desde o período colonial o povo brasileiro conheceu muitos sistemas políticos e econômicos. Contudo, nenhum deles, a não ser a monarquia e a ditadura, ficaram realmente claros aos olhos da população. Isto porque, quando se instalou a república, cada governo aproveitou do anterior o que lhe convinha e administrou o país a seu modo.

Definir cada sistema, pouco ajudaria neste tempo de formação, tendo em vista que os tipos de sistemas se misturam, considerando os diversos fatores que alteram a dinâmica de atuação dos governos.

Assim sendo, registramos aqui alguns aspectos do que vem ocorrendo na realidade atual, a fim de que possamos discernir e acompanhar o comportamento dos governantes e da sociedade diante do Mundo em que vivemos.

Com a chegada da globalização, observamos um progressivo enfraquecimento da capacidade de governo dos estados, sua diminuição, a transparência da crise fiscal e diversas reestruturações, principalmente nos gastos com pessoal e invocando a necessidade de aumento da eficiência(modos de atuar) e eficácia(resultados esperados e obtidos).

A partir de 1990, muitas das atividades realizadas pelo Estado passaram à iniciativa privada, por meio da terceirização dos serviços. O papel do Estado foi sendo suplantado pela exigência das reformas e transformações impostas pela economia globalizada.

Com o avanço da tecnologia muitos empregos desapareceram e as pessoas começaram a pensar em novas alternativas de subsistência. Isso contribuiu para que a sociedade criasse novos serviços para um setor público não lucrativo, justificando desse modo a necessidade do Estado “mínimo”. Contudo, ele continua com sua atividade reguladora em setores essenciais como educação, saúde, segurança e as relativas às atividades jurídicas que cuidam dos direitos e deveres das instituições e das pessoas.

No final do século XX e início do século XXI as *sociedades civis sem fins lucrativos* aumentaram muito e suas ações foram revitalizadas por inúmeras iniciativas autônomas no mundo todo. No cenário político,

em países desenvolvidos, elas respondem ao que se pode chamar de cultura cívica, enquanto nos de menor desenvolvimento econômico e social, faz-se passar a ideia de incapacidade do Estado de atender as demandas sociais.

A valorização dos ideais das comunidades é visto como uma possibilidade de fundar novas energias que promovam a auto-sustentação por parte da sociedade, através da produção de uma nova cultura política e uma nova qualidade de vida pessoal e coletiva. Assim, abre-se um campo imenso para uma participação tripartite: *Estado/mercado/sociedade civil*. Essa realidade aponta para a realização de *parcerias* face o baixo impacto que as ações isoladas tendem a produzir. Exemplo: *cooperativas* de prestação de serviços em todas as áreas. Essas entidades reúnem pessoas com interesses comuns, visando contribuir com o bem comum e ao mesmo tempo conseguir a própria subsistência de seus cooperados.

Estando ainda em processo de constituição, o sentido da esfera pública parece encontrar no *Terceiro Setor* um grande impulso. As organizações que o compõe têm origem privada, mas se definem pela sua finalidade que é orientada ao interesse público. A literatura aponta como noção de *Terceiro Setor* a presença de entidades, associações, atividades sem fins lucrativos, não governamentais, voluntárias, filantrópicas e altruístas que respondem à necessidade coletiva. Isso significa que a tensão entre o interesse privado e o interesse público está propiciando uma discussão sobre quem possui capacidade de representar interesses coletivos, questão essa que mostra que a atuação das entidades do *Terceiro Setor* têm demonstrado que o Estado não possui o monopólio de defesa do interesse público.

As formas de associação civil contribuem para a eficácia e a estabilidade dos governos democráticos, em vista do que produzem sobre o indivíduo e a sociedade. Nelas, é possível aos indivíduos aprenderem hábitos de cooperação, solidariedade, espírito público e construir consciência política, confiança social e participação política.

Embora as organizações do Terceiro Setor venham assumindo a responsabilidade de promover políticas sociais de forma autônoma,

mobilizando as empresas para financiar suas atividades, o Estado não pode se furtar de alocar recursos para a realização de projetos para essas entidades. O Estado possui condições mais adequadas para alocar recursos de forma racional, uma vez que possui as informações sobre o conjunto da sociedade que permitem, em princípio, compensar as desigualdades regionais de renda e riqueza, apontando as prioridades e evitando que estados e municípios, que possuam menor capacidade fiscal, menor crescimento econômico e menores investimentos de empresas no social, sejam prejudicados.

## 2 A MISSÃO DE JESUS E O PROJETO POLÍTICO

Na ação política, o importante, também, é ver sua motivação. Para os cristãos, a motivação vem da fé no projeto de Deus revelado por Jesus Cristo. Foi por isso que os Bispos, em Puebla, disseram: “Efetivamente, a necessidade da presença da Igreja no âmbito político, provém, do mais íntimo da fé cristã: do domínio de Cristo que se estende a toda a vida” (Puebla, 516).

Jesus, depois de ser tentado pelas riquezas e pelo poder do mundo, mostra que a sua opção é contra esse velho estilo de poder.

Jesus supera as tentações, fazendo a vontade do Pai. Seu projeto é o Reino de Deus que vem libertar e salvar os pobres e oprimidos. O Reino está na presença do espírito de amor que orienta todas as opções e leva a organizar a sociedade de modo fraterno e justo. Jesus, então, define a sua missão em termos de libertação dos pobres. Ele veio realizar o projeto de Deus. E a salvação que Ele traz é integral e salva os homens em todas as dimensões da vida. A Igreja deve continuar a mesma missão de evangelização e de libertação. A atividade política é a maneira de fazer com que essa realidade penetre em todos os níveis da vida humana na sociedade (Puebla, 226 – 231).

## 3 O QUE DIZEM A REGRA E AS CONSTITUIÇÕES GERAIS

“Estejam presentes pelo próprio testemunho da vida humana, bem como por iniciativas corajosas, quer individuais, quer comunitárias, na

promoção da justiça, particularmente no âmbito da vida pública, comprometendo-se com opções concretas e coerentes com sua fé” (Regra da OFS 15).

1. Os franciscanos seculares <estejam presentes... no campo da vida pública>; colaborem, quanto lhes seja possível, na elaboração de leis e de normas justas (cf. Regra 15).

2. No campo da promoção humana e da justiça, as Fraternidades devem empenhar-se com iniciativas corajosas, em sintonia com a vocação franciscana e com as diretrizes da Igreja. Tomem posições claras quando a pessoa humana é ferida na sua dignidade em virtude de opressão ou indiferença, qualquer que seja sua forma. Ofereçam seu serviço fraterno às vítimas da injustiça,

3. A renúncia ao uso da violência, característica dos discípulos de Francisco, não significa renúncia à ação; os irmãos, porém, cuidem que as suas intervenções sejam sempre inspiradas no amor cristão” (CCGG 22).

Este assunto é muito amplo e está sendo tratado com poucas informações. Contudo, o objetivo é para despertar o interesse para que, aqueles e aquelas que desejam aprofundar-se, pesquisem a literatura própria, habituem-se no interesse por notícias, artigos e livros específicos a fim de que possam viver sua cidadania com plena consciência do que ocorre em nosso cenário político, econômico e social, em vista da missão a que somos chamados conforme descrevem nossos documentos.

## REFLEXÃO

1. O fato de defender um partido político coerente com os princípios cristãos é suficiente para garantir que um governante desse partido promova um governo justo e desenvolva políticas apropriadas às necessidades do povo? Promovam um debate em grupo a esse respeito.
2. Porque é necessária a presença da Igreja no âmbito político?

## VIVÊNCIA

---

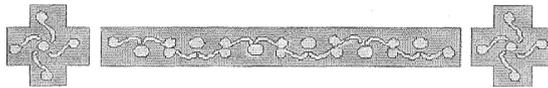
1. Ter consciência política e convicções formadas sobre a prática da justiça é um pressuposto importantíssimo para o exercício da cidadania. Procure dedicar-se a esse conhecimento fim de que possa dar seu testemunho concreto.
2. Procure manter-se atualizado(a) sobre a vida política de sua cidade, de seu Estado e do Brasil, para que seu voto seja realmente consciente.

## BIBLIOGRAFIA

EQUIPE de Formação da Região Sul 3 da OFS do Brasil. **Formar para uma nova sociedade**. Caxias do Sul: Editora São Miguel.

EQUIPE de Formação do NE II. Apostila elaborada pela- CE/PI.

FERRAREZI, Elizabeth. “Estado e setor público não estatal: perspectivas para a gestão de novas políticas sociais”.



***Impressão:***

Evangraf

Rua Waldomiro Schapke, 77 - POA/RS

Fone: (51) 3336.2466 - (51) 3336.0422

E-mail: [evangraf.adm@terra.com.br](mailto:evangraf.adm@terra.com.br)